

PATRÍCIA HELENA FREITAG

**INVESTIGANDO FUNÇÕES EXECUTIVAS E EXPERIÊNCIA TRADUTÓRIA
NA LITERALIDADE EM TRADUÇÃO**

PORTO ALEGRE

2019

PATRÍCIA HELENA FREITAG

**INVESTIGANDO FUNÇÕES EXECUTIVAS E EXPERIÊNCIA TRADUTÓRIA
NA LITERALIDADE EM TRADUÇÃO**

Dissertação de Mestrado em Psicolinguística apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicolinguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Ingrid Finger

PORTO ALEGRE

2019

CIP - Catalogação na Publicação

Freitag, Patricia Helena
Investigando funções executivas e experiência
tradutória na literalidade em tradução / Patricia
Helena Freitag. -- 2019.
176 f.
Orientador: Ingrid Finger.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Estudos da Tradução. 2. Efeitos cognitivos da
tradução. 3. Funções executivas. 4. Experiência
tradutória. 5. Tradução literal e convencionalidade.
I. Finger, Ingrid, orient. II. Título.

PATRÍCIA HELENA FREITAG

**INVESTIGANDO FUNÇÕES EXECUTIVAS E EXPERIÊNCIA TRADUTÓRIA
NA LITERALIDADE EM TRADUÇÃO**

Dissertação de Mestrado em
Psicolinguística apresentada como
requisito parcial para a obtenção do título
de Mestre em Psicolinguística pelo
Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul.

Porto Alegre, 25 de outubro de 2019

Aprovado em: de de

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Fabio Alves da Silva Junior
UFMG

Profa. Dra. Rozane Rodrigues Rebechi
UFRGS

Prof. Dr. Ubiratã Kickhöfel Alves
UFRGS

AGRADECIMENTOS

Sou muito feliz por ter pessoas na minha vida que me incentivaram e me apoiaram durante o curso e a escrita desta dissertação. Deixo aqui meus agradecimentos:

Ao meu namorado, Tiago, por ficar genuinamente feliz com cada uma das minhas conquistas e me apoiar incansavelmente em momentos de tristeza ou frustração, me ajudando a pensar em saídas para qualquer situação;

À minha mãe, Catarina, por me apoiar durante esses dois anos, tanto em questões práticas quanto de formas carinhosas;

Às minhas irmãs, Ana e Marina, ao meu cunhado, Raphael, ao meu pai, Paulo, e ao meu padrasto, Roberto, por terem compreendido minhas ausências e incentivarem meus estudos;

À minha sogra, Conceição, e ao meu sogro, João, por me receberem sempre com um sorriso e palavras queridas;

À minha orientadora, Ingrid Finger, por acreditar no meu potencial e no meu projeto, por contribuir com todo o seu conhecimento e por me tratar com carinho e de forma humanizada;

Aos professores da banca, Fabio Alves, Rozane Rodrigues Rebechi e Ubiratã Kickhöfel Alves, por aceitarem o convite e dedicarem tempo precioso para contribuir com este trabalho;

Ao meu amigo Christian, que dedicou muitas horas a me ajudar na elaboração das tarefas no programa PsychoPy;

A todos os tradutores que aceitaram o convite para participar da pesquisa descrita nesta dissertação;

Às minhas amigas, especialmente a Gabriela e a Natália, com quem compartilhei momentos importantes para desopilar;

E a todas as outras pessoas que contribuíram de alguma forma para este trabalho.

Obrigada!

RESUMO

As funções executivas (FEs) são mecanismos cognitivos que regulam o desempenho dos indivíduos em tarefas complexas. Um paradigma importante de pesquisa no bilinguismo envolve a noção de vantagem cognitiva, na qual experiências bilíngues específicas resultam na adaptação de determinadas FEs. Os tradutores se diferenciam dos demais bilíngues por manterem suas línguas ativadas por longos períodos, tendo que controlá-las de maneira específica, o que impõe alta demanda cognitiva. Pressupõe-se aqui que as FEs têm relação com o desempenho tradutório. O objetivo desta pesquisa foi investigar a relação entre literalidade na tradução em textos do inglês para o português, FEs e experiência tradutória em um grupo de tradutores. As FEs investigadas foram: *updating* (atualização das informações na memória de trabalho), controle inibitório (inibição de respostas automáticas) e *shifting* (alternância entre regras). Os aspectos da experiência tradutória investigados foram: tempo de experiência, tempo de empresa e dedicação semanal. Participaram da pesquisa 49 tradutores com diferentes níveis de experiência tradutória, que preencheram um Questionário de Histórico da Linguagem e Atividade Tradutória e realizaram as tarefas *Letter Memory* (*updating*), *Stroop* (controle inibitório), *Number-Letter* (*shifting*) e uma Tarefa de Tradução com combinações convencionais em inglês cuja tradução literal não era a possibilidade mais convencional em português. Esta pesquisa se baseou no pressuposto de que a capacidade de *updating* está associada ao monitoramento das duas línguas do tradutor, o controle inibitório está associado à inibição das estruturas do inglês durante a escrita do texto-alvo em português, e *shifting* está associado à capacidade de alternar entre os sistemas linguísticos das duas línguas durante a realização da tradução. Como hipóteses da pesquisa, previa-se que tradutores com melhor desempenho nas tarefas de *updating*, controle inibitório e *shifting* utilizariam combinações mais convencionais e menos literais nas traduções. Investigou-se, ainda, se essas FEs e variáveis de experiência tradutória poderiam explicar o grau de literalidade em tradução. A análise estatística não revelou associação entre *updating* e literalidade nem entre controle inibitório e literalidade, mas revelou associação entre *shifting* e literalidade, que se deu no sentido contrário à expectativa, ou seja, houve associação entre melhor habilidade de *shifting* e traduções com maior grau de literalidade. Esses resultados podem indicar que os tradutores não alternam entre as línguas de trabalho, mas as mantêm constantemente

ativadas e as controlam de maneiras específicas. Quanto à experiência tradutória, a análise estatística não revelou associação significativa entre tempo de experiência e literalidade, mas revelou associação entre tempo de empresa e literalidade e entre dedicação semanal e literalidade, o que sugere que experiências recentes e intensas no contexto da tradução parecem impactar em maior grau o desempenho tradutório em comparação com experiências mais antigas. Constatou-se também que um modelo de regressão com as FEs e variáveis de experiência tradutória explicou 43% da variação na literalidade com significância estatística, apesar de apenas uma das variáveis ter contribuído significativamente para o modelo. Essa pesquisa colabora para o entendimento dos fatores que influenciam no uso de convencionalidade e literalidade na tradução por um viés cognitivo.

Palavras-chave: Estudos da Tradução. Efeitos cognitivos do bilinguismo. Funções executivas. Updating. Controle inibitório. Shifting. Experiência tradutória. Literalidade. Convencionalidade.

ABSTRACT

Executive functions (EFs) are cognitive mechanisms that regulate performance of individuals in complex tasks. An important research paradigm in bilingualism studies involves the concept of cognitive advantage, in which specific bilingual experiences result in the adaptation of certain EFs. Translators are different from other bilinguals in that they keep both their languages active for long periods, controlling them in a unique way, which places high cognitive demands. Therefore, it is assumed here that EFs are associated with translation performance. The goal of this study was to investigate the relationship between translation literality in English to Portuguese translations, EFs and translation experience among a group of translators. The investigated EFs were: updating (of information in working memory), inhibitory control (inhibiting automatic responses) and shifting (between rules). The aspects of translation experience investigated were: months of experience, months of working for a translation company and hours dedicated to translation per week. There were 49 participants (translators with varying levels of experience), who filled a language history and translation experience questionnaire, completed a Letter Memory task (to evaluate updating), a Stroop task (to evaluate inhibitory control), a Number-Letter task (to evaluate shifting) and a translation task containing conventional word combinations in English whose literal translation was possible, but not the most conventional possibility in Portuguese. This research was based on the assumption that updating is associated to the monitoring of the two languages of the translator, inhibitory control is associated to inhibiting English structures during the writing of the target-text in Portuguese, and shifting is associated to the ability to switch between the linguistic systems during translations tasks. As research hypothesis, predictions were that translators with better performance in updating, inhibitory control and shifting tasks would produce more conventional and less literal combinations in translations. It was also investigated if these EFs, together with variables of translation experience, could explain the degree of translation literality. Results show no association between updating and literality nor between inhibitory control and literality, although they show association between shifting and literality, which was in the opposite direction from the prediction, i.e. better shifting ability was associated to more literal translations. These results may indicate translators do not shift between languages, instead they keep both of them highly activated and control them in a unique way. With respect to experience in translation,

results showed no association between months of experience and literality, but showed an association between months of working for a translation company and literality, as well as the amount of hours dedicated to translation per week and literality, suggesting that recent and intense experiences in translation seem to impact more in translation performance in comparison to older experiences. It was also found that a regression model with EFs and variables of translation experience explained 43% of variability in literality, with statistical significance, but only one of the variables contributed significantly to the model. This research contributes to a deeper understanding of the cognitive factors that influence the use of conventionality and literality in translation.

Keywords: Translation Studies. Cognitive effects of bilingualism. Executive functions. Updating. Inhibitory control. Shifting. Translation experience. Literality. Conventionality.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1 — Modelo tripartite de Baddeley e Hitch (1974) | 27 |
| Figura 2 — Modelo de Baddeley | 28 |
| Figura 3 — Categorização entre literal e não literal no estudo de Płońska | 76 |
| Figura 4 — Exemplo de alinhamento inglês-espanhol | 79 |
| Figura 5 — Fluxo da tarefa <i>Letter-Memory</i> | 97 |
| Figura 6 — Fluxo da tarefa <i>Stroop</i> | 98 |
| Figura 7 — Fluxo da tarefa <i>Number-Letter</i> | 100 |
| Figura 8 — Configuração nas pesquisas nos <i>corpora</i> (1) | 103 |
| Figura 9 — Configuração nas pesquisas nos <i>corpora</i> (2) | 104 |
| Figura 10 — Configuração nas pesquisas nos <i>corpora</i> (3) | 104 |
| Figura 11 — Teclado usado na coleta | 125 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| Quadro 1 — Processos de controle de acordo com o contexto interacional | 43 |
| Quadro 2 — Modalidades de tradução de Aubert | 73 |
| Quadro 3 — Os 20 itens usados para analisar a literalidade em tradução | 106 |
| Quadro 4 — Campos a serem preenchidos na questão 16 do QHLAT | 131 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-----|
| Tabela 1 — Resultados das tarefas de FEs | 120 |
| Tabela 2 — Resultados da Tarefa de Tradução | 120 |
| Tabela 3 — Matriz de correlações | 121 |
| Tabela 4 — Resumo do modelo de regressão | 134 |
| Tabela 5 — ANOVA do modelo de regressão | 134 |
| Tabela 6 — Coeficientes do modelo de regressão | 136 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-----------|---|
| CMT | Capacidade de Memória de Trabalho |
| DP | Desvio padrão |
| FEs | Funções Executivas |
| HCA | Hipótese do Controle Adaptativo |
| L1 | Primeira língua aprendida, língua-mãe |
| L2 | Língua adicional, aprendida após a L1 |
| \bar{x} | Média |
| MI | Mutual Information |
| MT | Memória de Trabalho |
| QHLAT | Questionário de Histórico da Linguagem e Atividade Tradutória |
| TCLE | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido |
| TR | Tempo de resposta |

APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

SUMÁRIO

| | | |
|--------|--|-----|
| 1. | INTRODUÇÃO | 15 |
| 2. | REFERENCIAL TEÓRICO..... | 21 |
| 2.1 | Funções executivas | 21 |
| 2.1.1. | <i>Updating</i> | 25 |
| 2.1.2. | <i>Controle inibitório</i> | 30 |
| 2.1.3. | <i>Shifting</i> | 32 |
| 2.2 | Controle em bilíngues | 34 |
| 2.2.1 | Controle de duas ou mais línguas por tradutores e intérpretes | 38 |
| 2.2.2 | Hipótese do Controle Adaptativo..... | 42 |
| 2.2.3 | Estudos anteriores sobre tradução e funções executivas..... | 45 |
| 2.3 | <i>Priming</i> | 60 |
| 2.4 | Literalidade na tradução | 68 |
| 2.4.1 | Definição de literalidade | 69 |
| 2.4.2 | Medição da literalidade..... | 72 |
| 2.4.3 | Hipótese da tradução literal..... | 81 |
| 2.5 | Convencionalidade..... | 83 |
| 3. | O ESTUDO..... | 88 |
| 3.1. | Objetivos e hipóteses..... | 89 |
| 3.2. | Participantes..... | 90 |
| 3.3. | Recrutamento | 91 |
| 3.4. | Instrumentos | 92 |
| 3.4.1. | <i>Questionário de Histórico da Linguagem e Atividade Tradutória</i> | 93 |
| 3.4.2. | <i>Tarefas de funções executivas</i> | 95 |
| 3.4.3. | <i>Tarefa de Tradução</i> | 101 |
| 3.5. | Procedimentos de coleta | 110 |
| 3.6. | Procedimentos de análise de dados | 110 |
| 4. | RESULTADOS E DISCUSSÃO | 112 |
| 4.1. | Descrição da amostra..... | 112 |
| 4.2. | Relação entre <i>updating</i> e literalidade..... | 121 |
| 4.3. | Relação entre controle inibitório e literalidade | 123 |
| 4.4. | Relação entre <i>shifting</i> e literalidade | 126 |
| 4.5. | Relação entre tempo de experiência tradutória e literalidade..... | 128 |
| 4.6. | Relação entre tempo de trabalho em empresa de tradução e literalidade..... | 129 |

| | |
|---|-----|
| 4.7. Relação entre horas dedicadas à tradução por semana e literalidade | 131 |
| 4.8. Modelo de regressão para explicar variabilidade na literalidade | 133 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 143 |
| REFERÊNCIAS..... | 150 |
| APÊNDICES | 167 |
| APÊNDICE A — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | 167 |
| APÊNDICE B — CONVITE PARA TRADUTORES PROFISSIONAIS | 168 |
| APÊNDICE C — CONVITE PARA ALUNOS DE TRADUÇÃO | 169 |
| APÊNDICE D — CARTAZ DE DIVULGAÇÃO..... | 170 |
| APÊNDICE E — AUTORIZAÇÃO DE GRUPO FECHADO | 171 |
| APÊNDICE F — QUESTIONÁRIO | 173 |
| APÊNDICE G — TEXTOS DA TAREFA DE TRADUÇÃO | 176 |

1. INTRODUÇÃO

Segundo Weingart (2010), a ciência do século XIX e XX visava à especialização. Acreditava-se que a maneira mais adequada de estudar um fenômeno era usando as premissas, ferramentas e metodologia da respectiva área. Isso gerou uma grande fragmentação do conhecimento, a ponto de fazer com que os cientistas de diferentes áreas não compreendessem que um mesmo fenômeno pode ser estudado a partir de diferentes pontos de vista. No século XXI, os conceitos de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade começaram a ganhar força, pois constatou-se que é importante entender diferentes aspectos de um mesmo fenômeno, em oposição a investigá-lo por um ponto de vista único. Segundo Japiassu (1976, p. 74), “a interdisciplinaridade se caracteriza pela *intensidade das trocas* entre os especialistas e pelo *grau de integração real* das disciplinas, no interior de um projeto específico de pesquisa”. Já a transdisciplinaridade refere-se à aplicação de conhecimentos de diferentes disciplinas por um mesmo pesquisador em seus estudos para compreender um fenômeno. Conforme Piaget (1972 apud ZAVALA; AXT, 2017, p. 5), a transdisciplinaridade “não se contentaria em atingir as interações ou reciprocidades entre pesquisas especializadas, mas situaria essas ligações no interior de um sistema total, sem fronteiras estáveis entre essas disciplinas”.

Um exemplo do resultado dessa mudança de pensamento na ciência foi a revolução cognitiva, que uniu áreas como Psicologia, Computação, Linguística e Neurociência, entre outras. Como Miller (2003) relata, havia algo de interdisciplinar no ar em 1960, e o futuro seria palco para a coordenação de conhecimentos entre áreas para permitir a compreensão de processos cognitivos. Hoje, há campos de estudo muito profícuos que só existem devido à interdisciplinaridade e à transdisciplinaridade, como a Psicologia Cognitiva, a Neuropsicologia e a Psicolinguística.

A transdisciplinaridade é chave no presente estudo, que lança mão de conceitos e métodos de investigação da Psicologia Cognitiva, Psicolinguística, Estudos da Tradução, Linguística de Corpus e Estudos Processuais da Tradução. A Psicologia Cognitiva fornece a base para entender as funções executivas, que são construtos que formam o aparato cognitivo humano. A Psicolinguística é usada para investigar o processamento da linguagem em alunos de tradução e tradutores profissionais, considerando que esses indivíduos têm uma experiência linguística única. Os Estudos da Tradução fornecem informações sobre o conceito de

literalidade. A Linguística de Corpus traz o conceito de convencionalidade e os índices para medi-la. Por fim, os Estudos Processuais da Tradução contribuem com a tecnologia necessária para observar o processo de traduzir de cada participante.

Como afirmam Ferreira, Schwieter e Gile (2015), a disciplina Estudos da Tradução desenvolveu-se através de estudos com os mais diversos métodos de pesquisa, abordagens e teorias, alimentando-se da Psicolinguística e das Ciências Cognitivas. Segundo os autores, “a constante diversidade e a investigação cada vez mais aprofundada de diversos aspectos da tradução e da interpretação estão naturalmente associados à interdisciplinaridade”¹ (FERREIRA; SCHWIETER; GILE, 2015, p. 7, tradução nossa). No presente estudo, essa tendência interdisciplinar foi aplicada na investigação da relação entre funções executivas, experiência tradutória e literalidade na tradução. Mais especificamente, o objetivo geral foi investigar a relação entre o grau de literalidade usado em traduções do inglês para o português, três aspectos cognitivos (*updating*, controle inibitório e *shifting*) e três aspectos da experiência tradutória (tempo de experiência, tempo de empresa e dedicação semanal) em um grupo de falantes nativos do português.

Investigar essa relação é importante porque nem todas as escolhas do tradutor podem ser explicadas somente com base em sua formação, nas estratégias conscientes que utiliza, nas teorias em que se baseia ou na experiência que acumulou. A tarefa de traduzir exige diferentes tipos de conhecimento, como o conhecimento linguístico e terminológico de diversas áreas e o conhecimento cultural dos países onde as línguas de trabalho são faladas. Além disso, exige treinamento, pois é uma atividade complexa, que envolve diversas subtarefas, como leitura, escrita e tomada de decisão (DE GROOT, 2000). Para conseguir dar conta disso, os tradutores lançam mão de diferentes processos cognitivos complexos envolvendo mecanismos como a atenção, a memória de trabalho e as funções executivas. Nesse contexto, é essencial conhecer melhor o funcionamento desses processos cognitivos a fim de entender o efeito que eles exercem no desempenho tradutório. O estudo do desempenho tradutório pode ser avaliado em relação à precisão de sentidos, correção gramatical e muitos outros aspectos. No presente trabalho, por razões de escopo, avaliou-se apenas o grau de literalidade na tradução.

¹ No original: “The continued diversity and ever-deepening exploration of various aspects of translation and interpreting are naturally associated with interdisciplinarity”.

Nos Estudos da Tradução, a discussão sobre tradução literal² *versus* tradução livre iniciou na Idade Antiga, com a teorização de Cícero (106 a 43 a.C.), que separava o modo *ut interpretes* (isto é, traduzir literalmente, até o ponto da incompreensão) do *ut orator* (isto é, traduzir com foco nas ideias, estilo e impacto, para atingir o público pretendido) (ROBINSON, 2001). Já na Idade Média, a principal distinção passou a ser entre textos religiosos e profanos. Acreditava-se que era essencial que os textos religiosos fossem traduzidos literalmente, pois assim manteriam a fidelidade ao texto original. Durante os últimos dois mil anos, a preferência por tradução literal ou livre variou como um pêndulo. Nessa dicotomia, ora acreditava-se que as traduções deveriam ser literais para garantir a fidelidade do original, ora acreditava-se que deveriam ser livres, com foco no significado do texto e em sua função (ALBIR, 2011).

Hoje, com o acúmulo de estudos sobre equivalência sintática, semântica, pragmática e estilística, sabe-se que tanto a estratégia literal quanto a livre são usadas em um mesmo texto, em diferentes proporções. Desse modo, a polarização tem sido abandonada em favor de uma visão que considera os diferentes graus de divergência entre o texto-fonte e o texto-alvo³. Por exemplo, Aubert (1998) propõe um modelo de análise de traduções com modalidades de traduções organizadas a partir do “grau zero” de tradução (ou mais literal, no qual o texto-alvo se assemelha muito ao texto-fonte) até o grau mais elevado de tradução (ou mais livre, no qual o texto-alvo se distancia muito do texto-fonte). Segundo o autor, seu modelo tem como finalidade a “geração de dados quantitativos [...] passíveis de tratamento estatístico” (AUBERT, 1998, p. 102). Ou seja, é um modelo que não considera que a tradução de um texto deva ser classificada como totalmente literal ou totalmente livre, mas que essas duas formas de traduzir podem ser intercaladas no mesmo texto, sendo que existem diferentes graus de literalidade.

Nesse cenário, surge o interesse em investigar o que leva os tradutores a produzir traduções mais literais ou mais livres. Além disso, é um tema extremamente relevante e sempre atual, considerando que o mercado de trabalho da tradução exige

² Nesta dissertação, usamos o termo “tradução literal” para nos referirmos a traduções que são estruturalmente parecidas com o texto na língua-fonte. Essa semelhança estrutural pode se dar na sintaxe (por exemplo, ordem de adjetivos e substantivos), ortografia e em outras esferas. Além disso, partimos do pressuposto de que existem diferentes níveis de literalidade, ou seja, traduções mais literais e menos literais. A seção 2.4 apresenta uma contextualização acerca deste termo.

³ Nesta dissertação, usamos o termo “texto-fonte” para nos referirmos ao texto em determinada língua que o tradutor deve passar para outra língua e usamos o termo “texto-alvo” para nos referirmos ao produto dessa atividade, ou seja, o texto traduzido.

traduções que soem naturais, como se tivessem sido originalmente escritas na língua-alvo, e não como textos traduzidos. É comum que o tradutor entregue seu trabalho para avaliação pelo cliente e, mesmo que a tradução não contenha erros gramaticais, terminológicos ou de significado, muitos clientes ficam insatisfeitos com o texto e exigem uma reescrita mais livre. O revisor de textos traduzidos encontra diariamente frases que não soam naturais, mesmo quando os tradutores são profissionais de longa data ou têm formação específica em tradução. Considerando que a experiência e a formação são importantes para a produção de traduções com expressões que soam naturais e são convencionais na língua-alvo, e que mesmo tradutores experientes e com formação às vezes acabam utilizando a literalidade em alguns momentos em que seria melhor evitá-la, é essencial investigar outros fatores que expliquem o uso da literalidade.

A previsão deste estudo era a de que, além da experiência tradutória, as funções executivas também estivessem associadas ao grau de literalidade nas traduções. O controle inibitório é uma das funções executivas investigadas aqui e, dentre outros processos, envolve a habilidade de inibir estímulos irrelevantes durante a execução de uma tarefa. Considerando que a atividade tradutória envolve a leitura do texto-fonte para a escrita imediata do texto-alvo, e pressupondo que as estruturas e expressões usadas no texto-fonte podem influenciar as escolhas no texto-alvo, previa-se que tradutores com melhor controle inibitório conseguiriam inibir as estruturas formais e expressões do texto-fonte e pensar em estruturas e expressões mais naturais e convencionais na língua-alvo. Outra função executiva que prevíamos que teria influência sobre as escolhas tradutórias era o *shifting*, que é a capacidade de alternar entre conjuntos de regras de forma bem-sucedida. Na atividade tradutória, o tradutor precisa alternar entre os padrões (ou regras) da língua-fonte e da língua-alvo, usando os conhecimentos da língua-fonte para entender o texto-fonte e os conhecimentos da língua-alvo para produzir o texto-alvo, sem deixar que os conhecimentos de uma língua interfiram na tarefa que devem realizar com a outra língua. Previa-se que tradutores com melhor capacidade de *shifting* conseguiriam fazer escolhas tradutórias baseadas nos padrões e conhecimentos da língua-alvo, se despreendendo da língua-fonte e fazendo escolhas mais naturais. Uma terceira função executiva investigada foi o *updating*, que é a habilidade de atualizar informações na memória de trabalho. Considerando que durante a atividade tradutória o tradutor lê constantemente novas informações na língua-fonte e então as passa para a

língua-alvo, é plausível que tenha que estar sempre atualizando quais informações são novas e quais já foram traduzidas. Dessa forma, previa-se que, além da experiência tradutória e da formação em tradução, as funções executivas também estivessem associadas ao grau de literalidade em traduções.

Essas previsões se basearam no pressuposto de que as duas línguas do bilíngue estão sempre em interação (COLOMÉ, 2001; COSTA, 2005; GROSJEAN, 1989; HERMANS *et al.*, 2011; HOSHINO; THIERRY, 2011; KROLL *et al.*, 2008). Nesta dissertação, o termo “bilíngue” é usado para se referir ao falante de duas ou mais línguas, e “bilinguismo” para se referir ao conhecimento que um falante tem de duas ou mais línguas. Ainda que as pesquisas em multilinguismo (ou plurilinguismo) considerem e investiguem as diferenças entre saber duas ou mais línguas, essas considerações não estão no escopo deste trabalho. O uso intercambiável de “bilinguismo” e “multilinguismo” é bem aceito nos estudos do bilinguismo (FERREIRA; SCHWIETER, 2017)⁴. Além disso, nesta dissertação, considera-se que falantes bilíngues não precisam ser igualmente fluentes em todas as línguas que conhecem (GROSJEAN, 1989).

Os tradutores são considerados um tipo específico de bilíngue, pois utilizam as duas línguas de trabalho de uma forma diferente que os demais bilíngues (KROLL; DUSSIAS; BAJO, 2018). Ressalta-se que as menções a tradução neste estudo se referem apenas à tradução escrita de uma língua-fonte para uma língua-alvo. Para fins de comparação, principalmente na revisão da literatura, são feitas algumas menções à interpretação simultânea, que consiste em ouvir enunciados em uma língua-fonte e produzi-los oralmente em uma língua-alvo. Porém, o foco deste estudo recai sobre tradução escrita.

Após esta breve introdução à presente dissertação, o próximo capítulo apresenta o referencial teórico utilizado para embasar a investigação relatada aqui. Esse capítulo contém cinco seções que revisam aspectos importantes da literatura. Na primeira seção, são apresentadas as definições de três funções executivas, já que os objetivos desta dissertação envolviam investigar a relação entre essas funções executivas e a literalidade em tradução. Na segunda seção, é introduzida a ideia de controle em bilíngues, procurando explicitar o que tornaria o controle linguístico nesses falantes diferente do controle em monolíngues e abordando a possibilidade de

⁴ Para uma discussão sobre os termos bilinguismo e multilinguismo, ver Zimmer, Finger e Scherer (2008).

esse controle linguístico envolver mecanismos cognitivos de domínio geral. Na terceira seção, é apresentado o conceito de *priming*, utilizado nesta dissertação como possível explicação para a produção de traduções literais, visto que o efeito de *priming* consiste na tendência de repetir padrões observados, e a tradução literal também pode ser vista como a tendência de repetir um padrão do texto-fonte no texto-alvo. Dessa forma, a tradução literal pode ser vista como um procedimento-padrão resultante do *priming*, ou seja, resulta de um efeito normal do aparato cognitivo. Na quarta seção, o conceito de literalidade é mais bem definido, sua mensuração é debatida e, por fim, há uma discussão mais embasada sobre tradução literal como procedimento-padrão resultante do aparato cognitivo. A quinta e última seção do referencial teórico apresenta o conceito de convencionalidade, adotado nesta dissertação no contexto da tradução.

No capítulo seguinte, o estudo empírico que deu origem a esta dissertação é apresentado em detalhes, iniciando pelos objetivos e hipóteses e passando para os participantes, recrutamento, descrição dos instrumentos utilizados na coleta, dos procedimentos da coleta e da análise dos dados.

Depois, o capítulo Resultados e Discussão apresenta os resultados dos testes estatísticos de maneira organizada, juntamente com uma retomada das hipóteses e uma discussão que tenta esclarecer conclusões relevantes com base neste estudo para a área dos Estudos da Tradução a partir de um viés cognitivo.

Por fim, são apresentadas as considerações finais, onde há uma breve retomada dos principais pressupostos, do delineamento do estudo e dos resultados e contribuições para a área, além de uma discussão sobre as limitações do estudo, indicando recomendações para estudos futuros que investiguem a relação entre funções executivas, experiência tradutória e aspectos que caracterizam o processo tradutório.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Nas seções deste capítulo, são apresentados conceitos, debates e pesquisas importantes que forneceram a base teórica e metodológica para a realização do estudo empírico que deu origem a esta dissertação. Primeiramente, são apresentadas as definições das três funções executivas medidas nesta pesquisa, com referências a como elas são mensuradas e a estudos anteriores que investigaram esses construtos em grupos de tradutores. Em seguida, é apresentada uma discussão sobre o controle das duas línguas do bilíngue e, mais especificamente, do tradutor, considerando que esse é um contexto único de bilinguismo. Depois, há uma seção sobre *priming* linguístico, contendo sua definição, os paradigmas de pesquisa mais comuns e argumentos para utilizar os conhecimentos dessa área neste estudo. Então, uma seção de literalidade aprofunda os conceitos de literalidade, as formas de medi-la e a relevância para os estudos atuais de tradução. Encerrando o referencial teórico, a última seção apresenta o conceito da convencionalidade, fenômeno utilizado para quantificar a literalidade neste estudo.

2.1 Funções executivas

As funções executivas (FEs) são construtos da Psicologia Cognitiva e se referem a “uma família de processos mentais *top-down*⁵ de controle usados quando agir de maneira automática, instintiva ou que recorre à intuição seria imprudente, insuficiente ou impossível⁶” (DIAMOND, 2013, p. 136, tradução nossa). Esses mecanismos de controle são de domínio geral, ou seja, são mecanismos básicos de qualquer operação cognitiva, e não mecanismos específicos ao processamento linguístico. Nessa perspectiva, pressupõe-se que as FEs utilizadas em processos cognitivos gerais, como aprendizado lógico e operações matemáticas, por exemplo, também são utilizadas na compreensão e produção da linguagem.

⁵ Os indivíduos processam informações de duas formas: *bottom-up* (ascendente) e *top-down* (descendente). O processamento *bottom-up* é acionado por dados, inicia por informações recebidas pelos sentidos e “sobe” até o cérebro. Por outro lado, o processamento *top-down* é iniciado no cérebro, em forma de pensamentos, utiliza informações armazenadas previamente e “desce” até os sentidos. (STERNBERG; STERNBERG, 2016)

⁶ No original: “Executive functions (EFs): a collection of top-down control processes used when going on automatic or relying on instinct or intuition would be ill-advised, insufficient or impossible”.

As FEs são usadas em ações do nosso cotidiano, como quando fazemos planos, solucionamos problemas e resolvemos conflitos. Para realizar qualquer ação, diversos processos cognitivos são ativados (MIYAKE *et al.*, 2000), sendo que eles podem envolver mais de uma FE. Por exemplo, para “fazer planos”, mesmo que seja um plano simples como cozinhar uma refeição, é preciso ativar processos que ajudem a manter o foco no objetivo, organizar o sequenciamento das etapas do processo (calcular a quantidade de insumos para cada prato, decidir quanto à panela mais apropriada para cada prato, determinar qual alimento demora mais e deve ser cozido primeiro), recordar etapas já cumpridas (se as pessoas foram convidadas, se os insumos foram comprados), ignorar distrações (o bichinho de estimação em volta pedindo comida) etc. Todos os processos mediados pelas FEs interagem entre si e há diferentes maneiras de entender como essa organização ocorre, por isso existem diversos modelos teóricos na literatura que foram desenhados para abarcar essa complexidade de processos cognitivos. Esses modelos podem ser agrupados no que se conhece por modelos de “construto único” ou modelos de “múltiplos processos”, que são discutidos a seguir (KLUWE-SCHIAVON; VIOLA; GRASSI-OLIVEIRA, 2012)⁷.

Os chamados Modelos de Construto Único pressupõem a existência de um construto cognitivo principal como sendo o gerenciador de todos os processos cognitivos vinculados ao lobo frontal. O lobo frontal é a região do cérebro que desempenha papel fundamental no planejamento, controle cognitivo e execução de movimentos (GAZZANIGA; IVRY; MANGUN, 2014). Na visão dos Modelos de Construto Único, todas as FEs constituem um único sistema e são fruto de um mesmo mecanismo de controle com recursos limitados, ou seja, o mecanismo usado para inibir estímulos é o mesmo usado para pensar de maneira flexível; portanto, se um indivíduo realizar uma tarefa que exige esses dois processos, os recursos do sistema geral de FEs deverão ser distribuídos entre essas duas demandas. Nessa perspectiva de construto único, tarefas que medem diferentes componentes das FEs devem

⁷ Kluwe-Schiavon, Viola e Grassi-Oliveira (2012) incluem na categoria de Modelos de Construto Único o Modelo de Memória de Trabalho de Baddley e Hitch (1974) e o Sistema Atencional Supervisor (SAS) de Norman e Shallice (1986), entre outros e, na categoria de Modelos de Múltiplos Processos, a Teoria da Complexidade Cognitiva e Controle de Zelazo e Frye (1997) e as Sete Funções Atencionais propostas por Stuss (2000), entre outros. Não está no escopo desta dissertação discutir cada um dos modelos, apenas esclarecer a divisão entre o que são Modelos de Construto Único e Modelos de Múltiplos Processos. Para saber mais sobre cada modelo, recomendamos a leitura de Kluwe-Schiavon, Viola e Grassi-Oliveira (2012) e referências lá citadas.

apresentar correlação entre si, já que utilizam recursos do mesmo mecanismo cognitivo (MIYAKE *et al.*, 2000).

Por outro lado, os Modelos de Múltiplos Processos assumem que os processos de controle executivo derivam de funções primárias do córtex pré-frontal e não possuem apenas uma função unitária que seria específica, em vez disso subjazem um conjunto de aspectos cognitivos que são interligados, mas distinguem-se uns dos outros. Nesses modelos, entende-se que as FEs são mecanismos independentes e separados em alguma medida. Nessa perspectiva de independência das FEs, tarefas que medem diferentes FEs não devem apresentar correlação entre si, já que utilizam recursos de mecanismos separados (MIYAKE *et al.*, 2000).

Um dos modelos mais utilizados em pesquisas psicolinguísticas envolvendo adultos é o de Miyake *et al.* (2000), de cunho bastante empírico e que será detalhado abaixo, adotado como base teórica para esta dissertação por ser usado com frequência em estudos que relacionam tradução e cognição. Além disso, é um modelo que permite a medição de funções executivas específicas, o que é útil para pesquisas que investiguem processos específicos de controle, como nesta dissertação. Os estudos sobre os tipos de FEs desenvolvidos por Diamond (2013) também são referenciados neste trabalho por fornecerem uma discussão teórica mais abrangente das principais FEs. Apesar das divergências entre os modelos existentes, Diamond (2013) afirma que parece haver relativo consenso quanto à existência de três FEs principais: memória de trabalho (MT), inibição e flexibilidade cognitiva. Para a autora, memória de trabalho é a capacidade de “manter informações na mente e trabalhar mentalmente com elas⁸”; inibição é a capacidade de “controlar a atenção, o comportamento, os pensamentos e/ou as emoções próprias para dominar uma predisposição interna ou estímulo externo forte⁹” (DIAMOND, 2013, p. 136, tradução nossa); e flexibilidade cognitiva é a capacidade de “mudar de perspectiva ou abordagem em relação a um problema ou a flexibilidade de adaptar-se a novas demandas, regras ou prioridades¹⁰” (DIAMOND, 2013, p. 137, tradução nossa). Além disso, a autora afirma que o construto “inibição” também é chamado de “controle

⁸ No original: “[...] holding information in mind and mentally working with it”.

⁹ No original: “Inhibition (inhibitory control): controlling one’s attention, behavior, thoughts, and/or emotions to override a strong internal predisposition or external lure”.

¹⁰ No original: “[...] changing perspectives or approaches to a problem, flexibly adjusting to new demands, rules, or priorities”.

inibitório” e que o construto “flexibilidade cognitiva” também é chamado de “flexibilidade mental” e “*shifting*”, dependendo do modelo teórico adotado.

Miyake *et al.* (2000), por sua vez, utilizam os termos “*updating*”, “inibição” e “*shifting*” para delimitar as FEs em seu estudo. Para os autores, *updating* se refere às funções de monitoramento e atualização das representações na memória de trabalho, *shifting* se refere à alternância entre estados mentais ou tarefas, e inibição se refere à inibição de respostas imediatas. Ainda que Diamond (2013) e Miyake *et al.* (2000) abordem as mesmas FEs, eles focam aspectos diferentes delas. É possível afirmar, a nosso ver, que os autores estão tratando das mesmas FEs se considerarmos que “memória de trabalho”, “controle inibitório” e “flexibilidade cognitiva” podem ser subdivididos em processos, mas que esses processos em si não constituem outras FEs. Por exemplo, pelo menos dois aspectos da MT são vastamente investigados na literatura: capacidade de memória de trabalho (CMT) ou função de armazenamento da MT e atualização da MT. A CMT se refere à quantidade de itens que um indivíduo consegue manter ativos e em estado de fácil recuperação (ENGLE, 2001). Já a atualização da MT, ou *updating*, se refere à capacidade de o indivíduo esquecer itens irrelevantes e atualizar as informações disponíveis na MT. Da mesma forma, as FEs “controle inibitório” e “flexibilidade cognitiva” também podem ser subdivididas em subprocessos.

Quanto à MT, Miyake *et al.* (2000) investigam apenas o aspecto de *updating*, ou seja, a atualização de representações na memória de trabalho, ao passo que Diamond (2013) abrange o armazenamento e a manipulação das informações no geral, levando em conta a atualização, o reordenamento, a incorporação de novas informações etc. Quanto ao controle inibitório, Miyake *et al.* (2000) se concentram na inibição de respostas imediatas mediante um estímulo externo, enquanto Diamond (2013) leva em conta diferentes tipos de inibição, inclusive de vontades e predisposições internas. Por fim, quanto a *shifting*, Miyake *et al.* (2000) focam na alternância constante e rápida entre duas regras de uma tarefa, enquanto Diamond (2013) engloba tanto essa capacidade de alternar entre regras quanto a habilidade de “pensar fora da caixa”, de maneiras novas e com outros pontos de vista. A partir das considerações acima, pode-se afirmar que Miyake *et al.* (2000) se concentram em processos específicos das FEs, ao passo que Diamond (2013) reconhece esses processos, embora busque também características em comum que permitam investigá-los como construtos cognitivos mais abrangentes.

Nas seções a seguir, trataremos de cada um dos processos das FEs conforme abordados por Miyake *et al.* (2000). Esse detalhamento foi necessário para embasar as hipóteses do estudo desta dissertação, uma vez que se investigou a associação desses processos específicos com literalidade em tradução.

2.1.1. Updating

O primeiro construto medido por Miyake *et al.* (2000) é o *updating*, que se refere à habilidade de o indivíduo atualizar as informações na memória de trabalho (MT). A MT é, em si mesma, um construto da Psicologia Cognitiva, apresentado em mais detalhes nos próximos parágrafos. Neste momento, é importante ressaltar que há um consentimento na literatura de que a MT envolve armazenamento temporário e manipulação de informações, com capacidade limitada.

Ao contrário da memória de longo prazo, que tem capacidade de armazenar informações e eventos por tempo indeterminado, sem que haja limite de quantidade, as informações processadas pela memória de trabalho são em número limitado de itens, e o armazenamento ocorre por apenas segundos ou minutos. Por ser a MT de capacidade tão limitada, é necessário que estejamos sempre substituindo informações irrelevantes, para que haja espaço para as informações relevantes para o momento. Se levarmos em conta uma aplicação linguística desse construto, por exemplo, em um diálogo é necessário armazenar as palavras da frase do interlocutor até que a frase faça sentido, mas depois disso é preciso que o indivíduo abra espaço para ouvir e interpretar a nova enunciação do interlocutor ou para produzir as próprias palavras em uma frase estruturada. Simplesmente não faria sentido memorizar todas as palavras de um diálogo, pois isso traria uma sobrecarga cognitiva desnecessária e não contribuiria em nada para a interação comunicativa. Dessa forma, pode-se dizer que a capacidade limitada da memória de trabalho não é uma limitação real, mas, ao contrário, trata-se da maneira que o aparato cognitivo tem de gerenciar as informações e possibilitar o acesso e a manipulação rápidos das informações mais relevantes no momento.

Nesse contexto, a função de *updating* tem a ver com manipular ativamente as informações, em vez de armazená-las passivamente (MIYAKE *et al.* 2000). Assim, ter uma capacidade de armazenamento maior que a média da população (ou seja, conseguir armazenar mais itens na MT que os demais indivíduos) pode não ser tão

vantajoso quanto ter a função de atualização mais desenvolvida. Em outras palavras, é justamente essa capacidade de atualizar as informações por meio do esquecimento de informações irrelevantes para abrir espaço para informações relevantes que mais contribui para um uso eficaz da MT na vida diária.

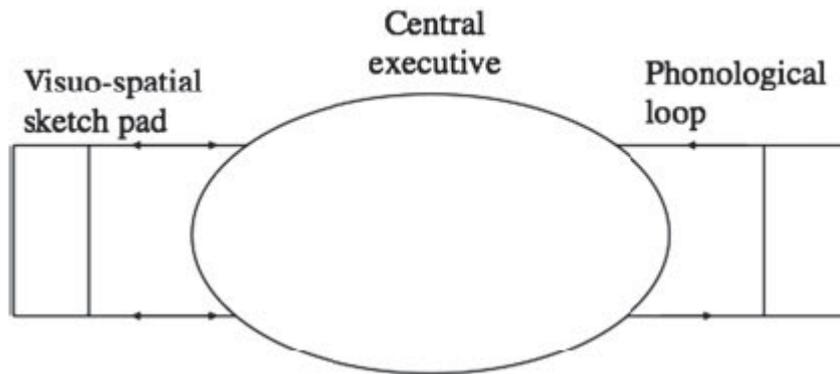
O termo “memória de trabalho” pode causar alguma confusão ao leitor leigo, pois não se trata simplesmente de um repositório de memórias. O conceito de MT como um construto independente surgiu a partir dos estudos sobre a memória de curto prazo, justamente porque os pesquisadores passaram a observar que ter uma memória de armazenamento de curto prazo não dava conta de explicar como os indivíduos são capazes de manipular informações rapidamente a fim de executar tarefas. Como afirma Izquierdo (2011, p. 27), “muitos não consideram a memória de trabalho como um verdadeiro tipo de memória, mas como um sistema gerenciador central que mantém a informação ‘viva’ pelo tempo suficiente para poder eventualmente entrar ou não na Memória propriamente dita”. O autor explica que, para realizar esse gerenciamento, a MT recebe as informações da tarefa, verifica se são novas e relevantes, seleciona o que pode ser aprendido e compara as informações novas com outras já armazenadas na memória de longo prazo. Resumidamente, Izquierdo (2011, p. 25) afirma que a memória de trabalho “serve para manter durante alguns segundos, no máximo poucos minutos, a informação que está sendo processada no momento, e o que fizemos ou onde estávamos no momento anterior”. Isso significa que a MT tem duas funções: armazenamento temporário e processamento de informações (BADDELEY, 1992), em oposição à memória de curto prazo, cuja função é apenas armazenar informações. Assim como Miyake *et al.* (2000), Izquierdo (2011) ressalta o gerenciamento e a manipulação das informações relevantes para o momento como a essência da MT.

Há diversos modelos de MT. Os mais renomados são o Modelo Multicomponencial proposto inicialmente por Baddeley e Hitch (1974), com aprimoramentos ao longo dos anos (BADDELEY 2000, 2015; BADDELEY; HITCH, 2019), o Modelo Atencional de Cowan (1988, 1999, 2001, 2016, 2017) e o Modelo Atencional de Engle (2001, 2002, 2018). O foco do Modelo Atencional de Cowan e do Modelo Atencional de Engle é a atenção executiva, e esses modelos assumem que a MT não é dividida em subcomponentes¹¹.

¹¹ Não é do escopo desta dissertação fazer uma revisão extensa dos modelos de memória de trabalho, pois foi investigado apenas o aspecto de *updating*, seguindo o Modelo Multicomponencial de Baddeley.

O Modelo de Baddeley, por sua vez, é dividido em subcomponentes, que serão apresentados em maior detalhe a seguir. No trabalho seminal de 1974, Baddeley e Hitch propuseram a primeira versão do modelo, composto por um sistema principal, o executivo central, e dois sistemas subsidiários, chamados de esboço visuoespacial e de *loop* fonológico, conforme mostra a Figura 1.

Figura 1 — Modelo tripartite de Baddeley e Hitch (1974)

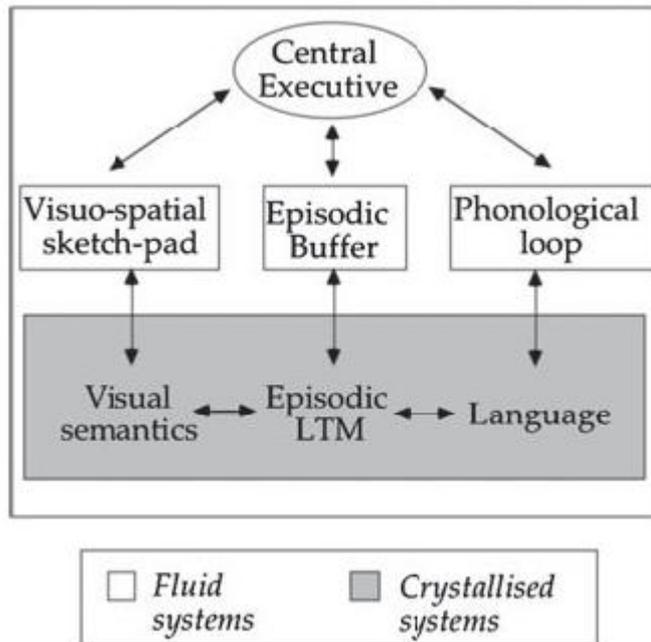


Fonte: Baddeley (2012, p. 6)

Nesse modelo, o *loop* fonológico (*phonological loop*) possui um componente chamado de ensaio subvocal (*subvocal rehearsal*), por meio do qual as informações verbais vistas ou ouvidas são ensaiadas para que não sejam perdidas (BADDELEY, 2003). Por sua vez, o esboço visuoespacial (*visuo-spatial sketchpad*) é o componente usado para reter e processar informações visuais e espaciais, como o próprio nome sugere (BADDELEY, 2003). Esses dois subsistemas encarregados de armazenar informações por tempo limitado são ligados e gerenciados pelo sistema principal, o executivo central (*central executive*), que tem a função de coordenar o processamento decidindo quando a capacidade limitada da MT deve ativar um ou outro subsistema e como eles devem se relacionar. O executivo central não tem, em si, capacidade de armazenamento, sendo encarregado apenas do processamento das informações e do gerenciamento dos recursos, estando mais ligado ao controle da atenção.

Com o decorrer do tempo, Baddeley fez aprimoramentos à sua proposta inicial do modelo, incluindo mais um componente importante, o *buffer* episódico (*episodic buffer*) (BADDELEY, 2000), além de ligações com os sistemas cristalizados, conforme aparece na Figura 2.

Figura 2 — Modelo de Baddeley



Fonte: Baddeley (2012, p. 16)

O *buffer* episódico serve como ligação entre os sistemas de processamento de diferentes códigos (visual, espacial, fonológico etc.), pois armazena informações de episódios nesses diferentes códigos. Por exemplo, acreditava-se que o *loop* fonológico armazenasse informações verbais auditórias e o esboço visuoespacial informações visuais, como imagens. Porém, entre outros problemas, essa separação dos subsistemas não permitia dar conta de palavras escritas, que eram apresentadas visualmente, mas envolviam informações verbais que dependiam de um código fonológico. Dessa forma, o *buffer* episódico foi proposto como um sistema de armazenamento temporário que usa um código multidimensional para criar representações com base nas informações da percepção.

Assim, o executivo central, o *buffer* episódico, o *loop* fonológico e o esboço visuoespacial são os sistemas fluidos, ou seja, que não são alterados durante a aprendizagem, em comparação com os sistemas cristalizados que, na reformulação de 2000 do modelo, passaram a ser considerados como sendo aqueles que acumulam conhecimentos de longo prazo. Essa ligação entre a MT e os sistemas cristalizados é um aspecto importante no modelo de Baddeley, uma vez que a MT, inicialmente, processa as informações recebidas no momento, verifica a relevância das informações, verificando se são novas e/ou se relacionam com outras já armazenadas

na memória de longo prazo, para que a partir daí o indivíduo possa determinar seu plano de ação e desempenhar a tarefa.

Uma das funções do executivo central da MT é aspecto de *updating*, investigado na presente dissertação e que diz respeito à habilidade de constantemente receber novas informações, selecionar as informações relevantes para a tarefa e o objetivo, analisar as informações que já estão na memória de trabalho, remover as informações que não são mais relevantes e substituí-las pelas informações novas e relevantes. Esses procedimentos são necessários porque, como mencionamos, a MT tem capacidade limitada, podendo lidar apenas com um número limitado de informações. Segundo Cowan (2001), a capacidade média de adultos é de 3 a 5 *chunks* (agrupamentos inteligentes de itens). Nesse sentido, a capacidade de armazenamento e recordação da MT é importante, mas a capacidade de esquecimento também é, já que permite a manutenção dos itens que devem permanecer de fácil acesso na MT com base no objetivo atual.

As tarefas escolhidas por Miyake *et al.* (2000) para medir *updating* foram a *Keep Track Task* (na qual os participantes veem sequencialmente itens de algumas categorias previamente estabelecidas e precisam recordar o último item apresentado de cada categoria), a *Letter Memory Task* (na qual os participantes veem letras sequencialmente e precisam recordar as últimas quatro letras apresentadas) e a *Tone Monitoring Task* (na qual os participantes ouvem sequencialmente estímulos de tons altos, médios ou baixos e precisam informar quando o quarto estímulo de cada tipo é apresentado). Todas essas tarefas exigem o monitoramento e a constante atualização de informações na MT, ou seja, a simples memorização dos estímulos não é suficiente para garantir um bom desempenho, pois é preciso processar e relacionar os itens, identificando sua ordem e quantidade. Ainda que as tarefas acima envolvam informações de naturezas diferentes (categorias, letras e tons), elas demandam alguns dos mesmos processos: monitoramento e atualização.

Nos Estudos da Tradução, a habilidade de *updating* é investigada principalmente nos estudos em que se busca comprovar possíveis vantagens cognitivas de tradutores e intérpretes em relação a outros tipos de bilíngues¹². Por vantagens cognitivas, entende-se que a atividade de traduzir e interpretar impõe altas demandas de *updating*, o que acarretaria maior desenvolvimento desse mecanismo

¹² Estudos que seguem essa linha de investigação (DONG; LIU, 2016; HENRARD; VAN DAELE, 2017) são descritos na seção 2.2.3.

cognitivo em relação a outros indivíduos bilíngues que não desempenham a mesma atividade. Esses estudos baseiam-se no fato de que durante a interpretação simultânea o intérprete está produzindo texto oral na língua-alvo enquanto compreende texto oral na língua-fonte e recebe novas informações, tendo que constantemente atualizar as informações em sua MT. No caso da tradução, assume-se que o tradutor também precisa gerenciar quais informações do texto-fonte ele já traduziu e quais ainda precisam ser traduzidas. Os estudos nessa linha pressupõem que, pelo fato de esses processos envolvidos na tradução e na interpretação ocorrerem muito rapidamente e por muitas horas durante a tarefa tradutória, altas demandas de gerenciamento de informações são impostas no processamento da MT.

2.1.2. Controle inibitório

O segundo construto medido por Miyake *et al.* (2000) é a inibição de respostas automáticas, que se refere à capacidade de inibir deliberadamente respostas automáticas ou predominantes a estímulos quando isso é necessário para o cumprimento da tarefa ou do objetivo atual. É importante ressaltar que a inibição de respostas automáticas não é o único tipo de controle inibitório existente, pois além da inibição de estímulos internos o controle inibitório pode envolver a inibição de estímulos externos. Por exemplo, um estímulo interno pode ser uma vontade repentina e intensa de fazer algo que não é socialmente aceitável, como passar o dedo no merengue do bolo para dar uma provinha antes de se cantar parabéns para o aniversariante. Nesse caso, é preciso usar o autocontrole ou autorregulação, que pode ser considerado um tipo de controle inibitório, dependendo do modelo teórico assumido. Já o controle inibitório de um estímulo externo pode envolver a necessidade de focar na atividade relevante para o momento, inibindo, assim, quaisquer estímulos que possam atrapalhar o desempenho ótimo na tarefa específica. Por exemplo, quando se está lendo um livro no transporte público, é preciso inibir distrações, como diálogos entre outros passageiros, ruídos do veículo, de buzinas e de pneus, bem como cheiros estranhos e pessoas encostando em você. Existem ainda outros tipos de controle inibitório, dos quais não trataremos, mas que podem ser encontrados em Diamond (2013).

É importante ressaltar que Miyake *et al.* (2000) investigam apenas um tipo de controle inibitório, que envolve a supressão intencional e controlada de respostas automáticas internas. Nesse tipo de controle, o indivíduo sabe de antemão o tipo de estímulo que deve suprimir e decide fazê-lo conscientemente. Não se trata de um controle baseado em reação não planejada. Ainda que façam essa opção, Miyake *et al.* (2000) salientam que essas funções de controle inibitório são construtos cognitivos separados, ainda que possam apresentar convergências. Ou seja, alguns processos possivelmente são similares entre todos os tipos de controle inibitório, mas a natureza dos estímulos e a presença ou não de intencionalidade, entre outros aspectos, podem acarretar diferenças significativas entre os tipos de controle inibitório, justificando sua investigação separadamente. Para retomada rápida, os autores passam a chamar a inibição de respostas automáticas simplesmente de “inibição”. Nesta dissertação, entretanto, optou-se por usar o termo “controle inibitório” por ser este o termo mais empregado nos estudos que investigam a relação entre esse construto e as atividades de tradução e interpretação. Salienta-se que, embora a opção pelo termo “controle inibitório” possa consistir em uma generalização não prevista por Miyake *et al.* (2000), considerou-se necessário fazê-lo nesta dissertação para garantir a consistência terminológica ao longo do trabalho, bem como para facilitar a compreensão e relação com estudos mencionados na revisão de literatura que investigam algum tipo de controle inibitório. Vale ressaltar que o construto que Miyake *et al.* (2000) denominam “inibição” também é chamado por outros autores de “controle de interferências” (*interference control*) ou “atenção seletiva” (*selective attention*) (DIAMOND, 2013), pois envolve direcionar a atenção a estímulos específicos e ignorar estímulos irrelevantes ou distratores que possam vir a interferir negativamente na manutenção de um objetivo.

As tarefas escolhidas por Miyake *et al.* (2000) para medir o controle inibitório foram a *Stroop Task* (envolvendo a inibição do traço verbal de estímulos, focando a cor), a *Antisaccade Task* (envolvendo a inibição de uma dica visual exibida em uma posição oposta à posição do estímulo-alvo) e a *Stop-Signal Task* (envolvendo a inibição da ação de categorizar itens apresentados somente quando um som específico for emitido). Todas essas tarefas exigem inibir uma resposta automática, ainda que a natureza do estímulo inibido varie em cada uma delas.

Na literatura que investiga o controle inibitório em tradutores e/ou intérpretes, uma pergunta de pesquisa testada com frequência é em que medida o controle da

língua necessário para tarefas de tradução e interpretação resultaria, em longo termo, em maior controle inibitório (DONG; LIU, 2016; HENRARD; VAN DAELE, 2017). Os pesquisadores que tentam comprovar essa hipótese partem do pressuposto de que a tradução e a interpretação são atividades que exigem a inibição de determinados aspectos linguísticos da língua do texto-fonte, considerando a não seletividade das línguas na mente do bilíngue¹³. Ou seja, as duas línguas do bilíngue estão sempre em interação e, para garantir o uso bem-sucedido de uma delas, é preciso inibir a outra. Os estudos que tentam confirmar essa hipótese são apresentados na subseção 2.2.3.

2.1.3. *Shifting*

O terceiro construto medido por Miyake *et al.* (2000) é a função de *shifting*, que se refere à capacidade de alternar entre estados mentais, regras ou operações. Essa função envolve pelo menos dois processos: o de desligar-se de um conjunto de regras e o de envolver-se em outro conjunto de regras. Miyake *et al.* (2000) ressaltam que o processo de se desligar de um conjunto de regras também pode envolver algum tipo e grau de controle inibitório. Isso pode ocorrer porque quando um indivíduo realiza uma ação (por exemplo, decidir se uma forma é um quadrado ou um círculo) e depois passa a realizar uma segunda ação (por exemplo, decidir se um círculo é vermelho ou azul), talvez seja necessário também inibir a primeira regra e não simplesmente envolver-se na segunda regra. Miyake *et al.* (2000) afirmam que, na literatura, esse construto também é chamado de “atenção alternada” (*attention switching*) e “alternância de tarefas” (*task switching*). Nesta dissertação, optou-se por utilizar “*shifting*” para fins de consistência.

As tarefas escolhidas por Miyake *et al.* (2000) para medir este construto foram a *Plus-Minus* (envolvendo as regras “somar” e “subtrair”), a *Number-Letter* (envolvendo as regras “identificar se é par ou ímpar” e “identificar se é vogal ou consoante”) e a *Local-Global* (envolvendo as regras “responder a estímulo local” ou “responder a estímulo global”). Todas essas tarefas incluem duas regras ou operações que devem ser realizadas de acordo com o estímulo, sendo que as tarefas variam em

¹³ Kroll, Bobb e Wodniecka (2006) defendem a não seletividade das línguas durante a produção de enunciados. As autoras afirmam que podem existir condições que restringem a produção em determinada língua, bem como condições que permitem a interação livre entre as línguas, embora concluam que a natureza fundamental do sistema linguístico é ser não seletivo.

termos de operação, podendo ser necessário realizar uma operação primordialmente matemática (*Plus-Minus*), verbal (*Number-Letter*) ou visual (*Local-Global*).

As tarefas de *shifting* costumam ser divididas em três blocos. Os primeiros dois blocos são os chamados *single-task blocks* ou *pure blocks*, traduzidos como “blocos de tarefa única” ou “blocos puros”, porque envolvem o emprego de apenas uma regra. No primeiro bloco da tarefa *Number-Letter*, por exemplo, os participantes devem identificar se os números são pares ou ímpares, enquanto no segundo bloco, precisam identificar se as letras são vogais ou consoantes. No terceiro bloco, chamado de *mixed block* e traduzido como “bloco misto”, os participantes precisam alternar entre as duas regras da tarefa. No caso da *Number-Letter*, os participantes precisam ora identificar se os números são pares ou ímpares, ora identificar se as letras são vogais ou consoantes. Assim, o bloco misto envolve dois tipos de estímulo: *switch trials*, ou “estímulos de alternância”, nos quais a regra muda em relação ao estímulo anterior e o participante deve responder ao estímulo usando uma nova regra, e *non-switch trials*, ou “estímulos de repetição”, nos quais a regra não muda em relação ao estímulo anterior e o participante precisa responder ao estímulo usando a mesma regra. Os participantes costumam levar mais tempo para responder aos estímulos nos blocos mistos, pois a necessidade de alternar entre as regras impõe custos maiores de processamento em relação aos blocos puros. Da mesma forma, os participantes costumam levar mais tempo para responder aos estímulos de alternância do que aos estímulos de repetição, pois a necessidade de trocar de regra impõe custos maiores do que a necessidade de manter a regra.

Segundo Rubin e Meiran (2005), as tarefas de *shifting* podem ser usadas para obter diferentes índices: (a) *shift/switching cost* (traduzido aqui como “custo de *shifting*”); (b) *mixing cost* (traduzido aqui como “custo de mistura”); e (c) *alternation cost* (traduzido aqui como “custo de alternância”). De acordo com esses autores, o custo de *shifting* é a diferença entre a média dos tempos de resposta (TRs) dos estímulos de alternância no bloco misto e a média dos TRs dos estímulos de repetição também no bloco misto; o custo de mistura é a diferença entre a média dos TRs dos estímulos de repetição do bloco misto e a média dos TRs dos estímulos nos blocos puros (que são todos estímulos de repetição); e, por fim, o custo de alternância é a diferença entre a média dos TRs dos estímulos de alternância do bloco misto e a média dos TRs dos estímulos nos blocos puros (que são todos estímulos de repetição). Miyake *et al.* (2000) medem apenas o terceiro deles, o custo de alternância,

mas o chamam de *shift cost*. Para fins de consistência com o estudo de Miyake *et al.* (2000), que serviu de base para esta dissertação, optou-se por usar a mesma forma de medição (média dos TRs dos estímulos de alternância do bloco misto menos a média dos TRs dos estímulos nos blocos puros) e por chamá-la de custo de *shifting*¹⁴.

Assim como ocorre com *updating* e controle inibitório, os pesquisadores que investigam a relação entre a habilidade de *shifting* e a cognição de tradutores e intérpretes (DONG; LIU, 2016; HENRARD; VAN DAELE, 2017) tentam verificar em que medida a prática de tradução e interpretação afeta, em longo prazo, a habilidade de *shifting*. O raciocínio, nesse caso, é que tanto a tradução quanto a interpretação exigem a alternância rápida, constante e por muitas horas entre duas línguas (DIAMOND; SHREVE, 2019), o que tornaria esses profissionais um tipo específico de bilíngue, especializado em *shifting*. De acordo com esse raciocínio, a habilidade de alternância entre duas línguas pode ser transferida para a habilidade de alternância entre dois estados mentais em geral (HENRARD; VAN DAELE, 2017), considerando que as FEs são mecanismos de domínio geral. Esses estudos serão analisados na seção 2.2.3.

Finalmente, como pode ser observado nesta breve exposição sobre *updating*, controle inibitório e *shifting*, a maioria dos estudos que investigam a relação entre FEs e as atividades de traduzir e interpretar buscam evidências de que as demandas de controle sobre as duas línguas de trabalho que caracterizam a prática cotidiana desses profissionais podem vir a contribuir para que eles se tornem um tipo específico de bilíngue, com mecanismos cognitivos distintos em comparação com indivíduos com outras experiências bilíngues. Na próxima seção, o controle em bilíngues e em tradutores é discutido em mais detalhes.

2.2 Controle em bilíngues

O falante de qualquer língua está sempre tomando decisões linguísticas: deve adequar o registro de acordo com o interlocutor (por exemplo, não utiliza o mesmo modo de falar com colegas de trabalho ou com o chefe e com amigos), deve identificar qual uso os seus interlocutores estão fazendo de palavras polissêmicas, deve selecionar a palavra mais adequada em meio a diversos sinônimos etc. Assim, todos

¹⁴ Mais detalhes da tarefa são apresentados na subseção 3.4.2.

os usos da linguagem requerem determinados tipos de controle linguístico. O mesmo ocorre no caso de falantes bilíngues, em que a L1 e a L2¹⁵ interagem constantemente entre si, pois as duas línguas do bilíngue não são sistemas separados e independentes (GROSJEAN, 1989; GARCÍA, 2009). Devido a essa interação, o controle linguístico impõe demandas específicas nos falantes bilíngues.

As duas línguas do bilíngue estão sempre ativas, mesmo quando o contexto de uso envolve apenas uma das línguas que o bilíngue conhece (GROSJEAN, 1997). Na literatura, isso é chamado de coativação ou ativação paralela, e os resultados de diversos estudos sugerem que ela ocorre em vários níveis linguísticos, ou seja, na sintaxe (HATZIDAKI; BRANIGAN; PICKERING, 2011), no léxico (COLOMÉ, 2001; COSTA; CARAMAZZA; SEBASTIÁN-GALLES, 2000; GUO; PENG, 2006, STARREVELD; DE GROOT; ROSSMARK, 2014) e na fonologia (MACIZO, 2016; MARIAN; SPIVEY, 2003). Como resultado, o controle linguístico envolvido na manipulação dos sistemas linguísticos é mais complexo nos bilíngues do que em monolíngues. Traxler (2012) lança mão de um exemplo simples para ilustrar como a complexidade aumenta: em termos de seleção lexical, quando um monolíngue está produzindo um enunciado, ele tem um conjunto de sinônimos para os conceitos que deseja expressar. Já no caso de bilíngues, as possíveis traduções para cada um desses sinônimos ampliam o conjunto de palavras que estão à disposição do falante e que podem ser selecionadas para serem usadas na interação, o que torna a complexidade da seleção lexical muito maior em bilíngues em comparação a monolíngues. Este é apenas um exemplo de como a complexidade do controle difere nesses dois grupos.

Traxler (2012) coloca a seguinte pergunta: se os bilíngues conseguem se comunicar adequadamente e não percebem a influência de uma língua na outra com frequência, como é possível afirmar que as duas línguas estão em interação? Essa informação pode ser esclarecida, por exemplo, pelos estudos de acesso lexical que demonstram o efeito cognato (COSTA; CARAMAZZA; SEBASTIAN-GALLES, 2000). Em estudos desse tipo, as palavras são apresentadas em uma língua, por exemplo, o inglês, e podem ser cognatas ou não de outra língua, por exemplo, o português. As palavras cognatas são aquelas que têm ortografia idêntica ou similar em duas línguas e que mantêm o mesmo significado nas duas línguas. Exemplos entre o par de línguas

¹⁵ Nesta dissertação, usamos L1 para nos referirmos à primeira língua adquirida por um indivíduo e usamos L2 para nos referirmos a qualquer língua adicional que ele tenha adquirido.

português e inglês são piano-piano, curva-curve e acidental-accidental. Em estudos desse tipo, os participantes costumam responder mais rapidamente quando as palavras são cognatas do que quando os estímulos não são cognatos. Isso leva a crer que as duas línguas estão sempre ativas, mesmo quando apenas uma delas está sendo usada em uma tarefa ou é exigida pelo contexto interacional. Essa diferença no tempo de reação ao estímulo ocorre no nível de milissegundos, por isso muitas vezes essa diferença é imperceptível no cotidiano. Entretanto, mesmo que pequena, tal diferença serve para comprovar que, se uma das línguas estivesse completamente desativada, o efeito cognato não estaria presente quando o indivíduo realiza a tarefa.

Um interesse de pesquisa atual é investigar se a demanda mais alta por controle linguístico em bilíngues tem efeitos em mecanismos cognitivos de domínio geral em estudos que buscam provar ou refutar a hipótese da vantagem bilíngue. A vantagem bilíngue consiste no pressuposto de que conhecer e usar duas línguas resulta em melhor desenvolvimento do controle executivo, em reserva cognitiva (STERN, 2009), melhor consciência metalinguística e outras vantagens em relação aos falantes monolíngues. Esses pesquisadores postulam que o mecanismo de controle usado no bilinguismo não é exclusivamente linguístico (BAENE *et al.*, 2005; BRANZI *et al.*, 2016), ou seja, o mecanismo utilizado para selecionar as palavras da língua correta para dada situação enunciativa seria o mesmo mecanismo utilizado em outros tipos de controle presentes da vida cotidiana. Os achados a esse respeito são inconsistentes, sendo que diversos estudos apresentam resultados que sugerem a existência de vantagem bilíngue (BIALYSTOK; BARAC, 2013; BIALYSTOK *et al.*, 2004; COSTA; HERNÁNDEZ; SEBASTIÁN-GALLÉS, 2008; COSTA *et al.* 2009; DE CAT; GUSNANTO; SERRATRICE, 2018; PEAL; LAMBERT, 1962), mas outros não encontram vantagem alguma (GATHERCOLE *et al.*, 2014; KOUSAIE; PHILLIPS, 2012; PAAP; GREENBERG, 2013, PAAP; SAWI, 2014; PRIOR; GOLLAN, 2013, VON BASTIAN *et al.*, 2016)¹⁶.

A grande quantidade de estudos que investiga a existência de uma possível vantagem bilíngue a partir da persistência de resultados inconsistentes nas pesquisas tem levado alguns pesquisadores a questionarem a razão para essa inconsistência. Algumas possíveis explicações levantadas têm sido relacionadas a diferenças metodológicas entre os estudos comparados, controle inadequado na seleção de

¹⁶ Para uma revisão abrangente desses estudos, ver Antoniou (2019) e Valian (2015).

participantes e viés tendencioso em publicar apenas estudos com resultados positivos (BRUIN; TRECCANI; DELLA SALA, 2015; PAAP, 2014). Tem sido ressaltado, ainda, que é possível que a experiência bilíngue proporcione vantagens, mas que talvez seja difícil isolar esse efeito positivo em decorrência de outros fatores que também podem contribuir para mudanças cognitivas, como a prática de exercício físico e a influência do nível de escolaridade e do status socioeconômico dos participantes (VALIAN, 2015). Assim, já é difícil identificar e controlar todas as variáveis de experiência linguística que diferenciam os falantes bilíngues para poder investigar as possíveis vantagens cognitivas do bilinguismo, mas essa dificuldade é elevada ainda mais quando consideramos que também é preciso identificar e controlar outros tipos de experiências, que não são linguísticas, para que elas não interfiram nos resultados.

Os estudos que tentam verificar a existência de uma vantagem bilíngue não são os únicos sujeitos à dificuldade de controlar variáveis confundidoras entre os participantes, uma vez que isso ocorre em qualquer tipo de estudo que envolva falantes bilíngues. Uma forma de reduzir parte dessa variabilidade tem sido estudar grupos específicos de bilíngues, com base no uso que fazem das suas duas línguas. Por exemplo, é possível investigar falantes bilíngues que cresceram ouvindo uma língua em casa, mas outra nas interações sociais fora de casa; professores de inglês que têm conhecimento formal da L2 e estão sempre atentos a influências da L1 pelos alunos; imigrantes cuja L1 não tem prestígio social na região ou país para o qual imigraram etc. Cada grupo distinto de bilíngues usa a L1 e a L2 em proporções diferentes, em contextos diferentes e de modos diferentes, para atingir objetivos distintos (GROSJEAN, 1989). Assim, é justamente o tipo e a qualidade de uso que se faz de duas línguas que está sendo mais investigado atualmente em estudos do bilinguismo.

Devido à enorme variabilidade que caracteriza os diferentes contextos de aquisição e uso das línguas, reconhece-se que o nível de ativação das duas línguas não é igual para todos os bilíngues nem é constante durante toda a vida de um mesmo falante bilíngue. Para dar conta dessa variabilidade, Grosjean (1997) apresenta a ideia de um *continuum* de ativação de línguas, o qual vai de um estado praticamente monolíngue (apenas uma das línguas está fortemente ativada) até um estado de alta coativação bilíngue (as duas línguas estão fortemente ativadas). Por exemplo, em contextos nos quais apenas uma língua costuma ser falada, como em uma casa onde os familiares costumam usar a língua materna para a comunicação, a ativação da L2

dos bilíngues provavelmente não estará intensificada. No entanto, em contextos nos quais um bilíngue costuma alternar entre duas línguas, como no caso de um profissional que participa de reuniões em que mais de uma língua pode ser usada, a ativação da L2 pode se intensificar. Assim, o contexto de uso das línguas determina a posição na qual um bilíngue se encontra em dado momento no *continuum*. O contexto de trabalho de tradutores e intérpretes envolve a compreensão de texto em uma língua e a produção em outra língua, fazendo com que esses profissionais passem muitas horas de suas vidas mais perto da extremidade do *continuum* que representa a coativação das duas línguas. Nessa linha, na próxima seção, são apresentadas considerações importantes sobre como essa experiência específica vivenciada por tradutores e intérpretes parece impor demandas de controle linguístico também específicas.

2.2.1 Controle de duas ou mais línguas por tradutores e intérpretes

Como discutido na seção anterior, o processo de aquisição e uso das línguas pelos bilíngues possui uma enorme variabilidade, que é determinada pelo contexto e frequência de uso das línguas pelo falante, podendo envolver maior ou menor ativação de uma ou mais línguas. Segundo Bangalore *et al.* (2016, p. 215, tradução nossa), a “atividade tradutória situa o bilíngue no extremo do estado bilíngue”¹⁷ no *continuum* de Grosjean (1997). Talvez por isso Kroll, Dussias e Bajo (2018, p. 61) referem-se à tradução e à interpretação como “formas extremas de bilinguismo”, podendo ser consideradas verdadeiras formas de “atletismo linguístico”, uma vez que os tradutores profissionais desempenham traduções diariamente por muitas horas, o que os diferencia de outros tipos de bilíngues. Possivelmente, essa forma de uso na qual as duas línguas permanecem fortemente ativadas por períodos prolongados impõe demandas de controle cognitivo diferentes daquelas que outros bilíngues vivenciam. Green e Abutalebi (2013), ao se aprofundarem na ideia de distintos contextos de ativação das línguas dos bilíngues, criaram a Hipótese do Controle Adaptativo, que será apresentada em detalhe na seção 2.2.2.

Assim como nos estudos cognitivos do bilinguismo, em que o nível de refinamento nas pesquisas está cada vez maior, com o intuito de verificar quais

¹⁷ No original: “Translation would situate the bilingual firmly towards the very extreme of the bilingual state”.

aspectos do bilinguismo de fato acarretam mudanças nos mecanismos cognitivos e quais são essas mudanças mais especificamente, nos estudos cognitivos da tradução o interesse em investigar como os diferentes tipos de tradução moldam as habilidades cognitivas também está ganhando força (DONG; LIU, 2016; HENRARD; DAELE, 2017; STACHOWIAK, 2014; STEAD; TRIPIER, 2016). Ainda que a tradução escrita, a edição de tradução automática, a interpretação simultânea, a interpretação de sinais e a interpretação consecutiva tenham semelhanças e costumem ser consideradas todas sob o “guarda-chuva da tradução”, alguns pesquisadores já afirmam que é preciso investigá-las também separadamente (FERREIRA; SCHWIETER, 2017), uma vez que, por envolverem alguns processos e etapas distintos, possivelmente também impõem demandas específicas de controle cognitivo.

Ao que sabemos, não existem ou existem poucos estudos investigando comparativamente essas formas de tradução em termos de demanda cognitiva, sendo que aqueles que existem normalmente focam em mostrar uma vantagem cognitiva em intérpretes simultâneos em relação a outros profissionais da tradução. Esses estudos pressupõem que a pressão temporal diferencia os intérpretes dos demais profissionais da tradução. Nessa linha, na presente dissertação, parte-se do pressuposto de que a interpretação simultânea molda a cognição de um modo específico, mas também se assume que cada forma de traduzir e interpretar envolve processos diferentes que, por consequência, podem impor demandas cognitivas distintas (FERREIRA; SCHWIETER, 2017) que moldarão a cognição de modos específicos. Dessa forma, não se busca confirmar ou refutar uma vantagem cognitiva em intérpretes nem em qualquer outro tipo de profissional da tradução. Ou seja, não se trata de investigar possíveis vantagens cognitivas, mas sim de tentar elucidar o que caracteriza as distintas maneiras de controlar as línguas no caso específico dos tradutores. Dessa forma, postula-se que o ponto de partida para qualquer pesquisa cognitiva em tradução deve ser inicialmente identificar os processos específicos característicos dos tipos de tradução de interesse para, em seguida, investigar em que medida a experiência adquirida com cada tipo de tradução pode vir a moldar a cognição de maneira única. Caso contrário, se as pesquisas com intérpretes continuarem tentando comprovar que a interpretação simultânea é a única experiência bilíngue que se destaca das outras em termos de cognição, é possível que se repita o mesmo equívoco que caracterizaram as últimas décadas de estudos cognitivos do bilinguismo, nos quais tentava-se comprovar que todos os bilíngues têm vantagens

cognitivas em relação a todos os monolíngues pelo simples fato de conhecerem outra língua. Essa generalização simplista deixou de ser aceita, e hoje concebe-se que não basta medir o conhecimento de L2, mas também é preciso considerar a frequência e os modos de uso das línguas se o interesse for observar os distintos tipos de controle envolvidos no contexto de uso bilíngue. Nessa mesma linha, em 2000, ao falar sobre as recomendações para futuras pesquisas, De Groot já ressaltava a importância de considerar as diferenças entre os vários tipos de tradução e interpretação, de modo a entender os diferentes processos cognitivos envolvidos, permitindo utilizar os construtos, as medições e os conhecimentos da Psicologia Cognitiva para lançar luz sobre esses processos específicos a cada modalidade de tradução.

É nesse contexto que se insere a pesquisa relatada na presente dissertação, cujo olhar recai principalmente sobre a tradução escrita, embora comparações com a interpretação simultânea sejam feitas sempre que necessário, visto que essas duas são as formas de tradução mais investigadas na literatura. Em termos de semelhanças entre esses dois tipos de contextos de uso das línguas, Kroll, Dussias e Bajo (2018, p. 69, tradução nossa) destacam que a característica unificadora entre as formas de tradução é que, “ao mesmo tempo que tradutores e intérpretes precisam compreender e reformular uma mensagem de uma língua para outra, também precisam manter as duas línguas relevantes ativas e alternar continuamente entre elas, enquanto evitam interferências”¹⁸.

Há evidências de que os tradutores mantêm as duas línguas de trabalho ativas durante a leitura do texto-fonte (CHRISTOFFELS; GANUSHCHAK; KOESTER, 2013; MACIZO; BAJO, 2005, RUIZ *et al.* 2008). Pelo fato de as duas línguas estarem sempre fortemente ativas, alguns pesquisadores sugerem que tradutores e intérpretes não aplicam os mesmos processos de inibição que os bilíngues utilizam quando estão em um contexto monolíngue. A ideia é que, em um contexto primordialmente monolíngue, o falante bilíngue inibe a língua que não está em uso, pois ela não tem papel algum naquele contexto comunicativo específico. Já tradutores e intérpretes trabalham por muitas horas em um contexto no qual precisam necessariamente usar as duas línguas, portanto precisam mantê-las ativadas. Nessa perspectiva, isso significaria

¹⁸ No original: “[...] while translators have to understand and reformulate a message from one language to another, they must also maintain the two relevant languages actively and switch continually between them, while avoiding interference”.

que o controle das duas línguas pelos tradutores não envolveria inibição de uma das línguas, mas sim outros processos de controle (KROLL; DUSSIAS; BAJO, 2018).

Kroll, Dussias e Bajo (2018) sugerem que tradutores e intérpretes usam em maior medida processos proativos de controle, tais como monitoramento, *updating*, *dual-tasking*¹⁹ e memória de trabalho. Segundo as autoras, “esses processos de controle proativo podem ajudar os tradutores a reduzir a interferência antes que ela ocorra”²⁰ (KROLL; DUSSIAS; BAJO, 2018, p. 72, tradução nossa). O controle proativo consiste em conhecer e manter o objetivo da tarefa em mente. Ao fazer isso, a função do controle proativo é suprimir as informações não relevantes para a tarefa antes mesmo de essas informações interferirem no seu desempenho. Isso quer dizer que o tradutor monitora continuamente as duas línguas que estão em uso, para conseguir selecionar a língua adequada para compreensão e para produção. O controle proativo, dessa forma, não inibe a interferência de uma língua na outra. Em vez disso, ele impede a interferência antes de ela ocorrer. De acordo com essa visão, o tradutor não utiliza os recursos de controle inibitório em maior medida que outros bilíngues, mas utiliza a memória de trabalho de uma forma especial, para monitorar e controlar proativamente as informações nas duas línguas de trabalho. Isso está de acordo com pesquisas que não encontraram melhor desempenho em tarefas de controle inibitório em grupos de intérpretes e tradutores em relação a outros falantes bilíngues (KÖPKE; NESPOULOUS, 2006; YUDES; MACIZO; BAJO, 2012), mas encontraram melhor desempenho desses participantes em algumas, mas não todas, tarefas de memória de trabalho (DONG; LIU, 2016; STEAD; TRIPIER, 2016). Ressalta-se que ainda há poucos estudos na área e que os resultados relatados não são consistentes, possivelmente porque as amostras são pequenas (STEAD; TRIPIER, 2016), envolvem intervenção de apenas um semestre letivo (DONG; LIU, 2016) ou contam com grupo-controle inadequado, como juntar intérpretes consecutivos e tradutores em um mesmo grupo-controle para investigar um grupo experimental de intérpretes simultâneos (BECKER *et al.* 2016).

Na seção 2.2.3, são apresentados em mais detalhes alguns desses estudos que investigam de que modo o uso específico das FEs durante a tradução pode vir a

¹⁹ Tarefas *dual-task* são aquelas nas quais os participantes precisam realizar duas tarefas simultaneamente, ou seja, a atenção precisa ser dividida para que ambas as tarefas possam ser solucionadas de forma eficaz.

²⁰ No original: The idea is that proactive control processes may help translators to reduce interference before it occurs.

moldar o aparato cognitivo de tradutores, ou seja, estudos que investigam se esses participantes apresentam uma capacidade ou uso diferente de recursos cognitivos em decorrência da experiência envolvendo a atividade tradutória. Antes disso, entretanto, na próxima seção, trataremos da Hipótese do Controle Adaptativo de Green e Abutalebi (2013), segundo a qual o controle linguístico exercido por falantes bilíngues varia de acordo com o contexto de uso das línguas, a partir da suposição de que tais diferenças de controle geram adaptações distintas no controle cognitivo dos bilíngues.

2.2.2 Hipótese do Controle Adaptativo

Segundo a Hipótese do Controle Adaptativo (HCA) de Green e Abutalebi (2013), o controle de duas línguas impõe maiores demandas cognitivas do que o controle de uma só língua. Essas altas demandas acabam por “treinar” o controle cognitivo dos bilíngues, fazendo com que ele se adapte a essas altas demandas. Ao atribuírem grande importância aos contextos interacionais, identificando-os como situações que geram demandas cognitivas diferentes, os autores propõem a existência de três contextos interacionais: (a) contexto de língua única, no qual uma única língua é usada em cada ambiente como, por exemplo, quando o bilíngue usa a L1 em casa e a L2 na escola; (b) contexto de duas línguas, no qual duas línguas são usadas em um mesmo ambiente, mas com pessoas diferentes, portanto cada enunciado é produzido em uma língua, mas a língua pode mudar a cada enunciado, dependendo do interlocutor com quem se está falando; e finalmente (c) contexto de intensa alternância, no qual o bilíngue alterna frequentemente entre duas línguas em um mesmo enunciado.

Para os autores, cada um desses contextos gera demandas bastante altas de processos específicos de controle e, como consequência, esses próprios processos de controle sofrem alguma adaptação. Em seu trabalho, Green e Abutalebi (2013) descrevem oito processos de controle linguístico em bilíngues, afirmando que a demanda para cada um deles varia de acordo com o contexto interacional no qual os falantes se encontram. No Quadro 1, constam os oito processos e a suposta demanda característica de cada um deles a partir do contexto interacional, em comparação às demandas sobre os mesmos processos no caso de interação entre falantes monolíngues.

Quadro 1 — Processos de controle de acordo com o contexto interacional

| <i>Processos de controle</i> | Contextos interacionais | | |
|---|--------------------------------|---------------------|----------------------------|
| | <i>Língua única</i> | <i>Duas línguas</i> | <i>Intensa alternância</i> |
| Manutenção do objetivo | + | + | = |
| Controle de interferência: monitoramento de conflito e supressão de interferência | + | + | = |
| Detecção de pista saliente | = | + | = |
| Inibição de resposta seletiva | = | + | = |
| Desengajamento em tarefa | = | + | = |
| Engajamento em tarefa | = | + | = |
| Planejamento oportunista | = | = | + |

+ indica que o contexto aumenta a demanda sobre determinado processo de controle (em intensidade maior quando em negrito); = indica que o contexto é neutro em seus efeitos.

Fonte: Traduzido de Green e Abutalebi (2013, p. 519).

Green e Abutalebi (2013, p. 516, tradução nossa) sugerem que, “se os processos de controle se adaptam às demandas dos processos envolvidos na seleção em enunciados, então este argumento constitui uma base para a expectativa de possíveis vantagens no controle cognitivo de tarefas não verbais”²¹. Ou seja, os autores se baseiam em uma ideia de treinamento dos processos de controle: quanto mais um contexto interacional exige de determinado processo, mais aprimorado seria o funcionamento desse processo. Assim, o uso levaria a uma mudança na cognição.

Henrard e Van Daele (2017) se baseiam na HCA para investigar como a interpretação moldaria o controle executivo, considerando que intérpretes se encaixam no contexto de duas línguas. No entanto, é possível que esse não seja o contexto interacional mais próximo à realidade de tradutores. O exemplo dado por Green e Abutalebi (2013) para o contexto interacional de duas línguas consiste em o bilíngue utilizar uma língua para se comunicar com um interlocutor e outra língua para se comunicar com outro interlocutor. Na tradução, entretanto, o profissional interage com o texto, não com um interlocutor, muito menos com dois ou mais interlocutores. Ou seja, o tradutor não está em um contexto comunicativo padrão, no qual ele próprio cria enunciados com novos sentidos; em vez disso, está em um contexto no qual o texto-fonte já está estabelecido, e é preciso reformular o mesmo sentido na língua-alvo. Além disso, ao explicar os contextos interacionais, Green e Abutalebi (2013) mencionam que, no contexto de duas línguas, os enunciados são produzidos

²¹ No original: “If control processes adapt to such demands then this argument provides a basis for expecting possible advantages in the cognitive control of nonverbal tasks”.

por inteiro em uma língua, e que a mistura de duas línguas em um enunciado cabe apenas ao contexto de intensa alternância. Sabe-se, contudo, que tradutores produzem o texto-alvo em partes chamadas de “unidades de tradução”, não em enunciados inteiros²². Ou seja, os tradutores não costumam ler uma frase inteira para somente então produzir a tradução dela por inteiro. Em vez disso, focam em unidades de tradução menores e vão alternando o foco de atenção entre a compreensão de porções do texto-fonte e a produção da porção equivalente do texto-alvo. Assim, é mais uma forma pela qual o contexto bilíngue de tradutores difere do contexto de duas línguas como apresentado por Green e Abutalebi (2013).

Pelas razões apontadas acima, talvez seja mais adequado classificar o contexto bilíngue de tradutores como o contexto de intensa alternância, já que nesse contexto os falantes podem misturar as duas línguas em um mesmo enunciado, embora essa classificação também não esteja livre de problemas. A mistura no contexto de intensa alternância se dá no nível da produção do enunciado, e tradutores precisam produzir o texto-alvo em uma só língua. Nos contextos de língua única e de duas línguas, as línguas estariam em uma relação de competição, enquanto no contexto de intensa alternância estariam em uma relação de cooperação (GREEN; ABUTALEBI, 2013), sendo misturadas na produção pelo falante. Outro problema para a classificação da atividade tradutória nos contextos interacionais é que, como mencionado no parágrafo anterior, a tradução não é uma interação da mesma forma que as demais interações de bilíngues. Dessa forma, é possível que nenhum dos contextos de Green e Abutalebi (2013) descreva bem a atividade tradutória, apesar de ser possível utilizar o modelo dos autores como base para a reflexão de quais processos de controle podem de fato estar envolvidos na tradução. A nosso ver, a literatura nos Estudos da Tradução se beneficiaria de um modelo similar ao de Green e Abutalebi que fosse capaz de tratar de modo mais específico as diferentes formas de interpretação e tradução.

Enquanto esse modelo específico à tradução não é desenvolvido, alguns pesquisadores têm se baseado na HCA, como dito acima, como base teórica que permita investigar como o uso de duas línguas em um contexto específico de tradução pode moldar o controle cognitivo desses profissionais. Na seção a seguir, tais estudos,

²² Para uma reflexão mais aprofundada, ver Alves (2004), que apresenta considerações importantes sobre como definir unidades de tradução, levando em conta aspectos linguísticos e cognitivos.

nos quais as funções executivas são os mecanismos de controle cognitivo investigados com mais frequência, são apresentados.

2.2.3 Estudos anteriores sobre tradução e funções executivas

Como afirmado anteriormente, ainda são escassos os estudos com foco na investigação de possíveis vantagens cognitivas resultantes da experiência bilíngue no trabalho de tradução e interpretação (FERREIRA; SCHWIETER, 2017). Encontramos apenas cinco estudos desse tipo envolvendo grupos de tradutores: Becker *et al.* (2016), Dong e Liu (2016), Henrard e Van Daele (2017), Stachowiak (2014) e Stead e Tripier (2016). A escassez é ainda maior quando o foco deixa de ser em como o uso de duas línguas na tradução molda as FEs e passa a ser em como as FEs colaboram para aspectos específicos do desempenho em tradução: encontramos apenas um trabalho nessa área, o de Rothe-Neves (2003). Nesta seção, esses estudos são apresentados e discutidos, com o intuito de informar as tarefas que têm sido usadas para medir FEs na literatura relevante para esta dissertação, bem como esclarecer as relações que têm sido postuladas entre FEs e tradução.

É interessante notar que, nos estudos que investigam se a experiência tradutória e interpretação resulta no desenvolvimento mais avançado de FEs, os tradutores normalmente não formam o grupo experimental, mas sim o grupo-controle. Supõe-se que isso se dê porque tais pesquisas geralmente focam as possíveis vantagens cognitivas apresentadas especificamente por intérpretes, a partir da hipótese de que a demanda cognitiva é maior na atividade desempenhada por esses profissionais do que em qualquer outro tipo de bilinguismo, principalmente devido à pressão temporal que caracteriza a interpretação simultânea. Nos próximos parágrafos, são apresentados os principais objetivos, resultados e conclusões desses estudos encontrados.

Em um estudo longitudinal, Dong e Liu (2016) investigam se o treinamento em tradução e em interpretação pode gerar vantagens cognitivas distintas, o que evidenciaria que demandas de controle cognitivo diferentes fazem com que os mecanismos de controle mais exigidos em cada contexto se desenvolvam de maneiras específicas. O estudo comparou o desempenho de 57 alunos de interpretação consecutiva, 43 alunos de tradução e 45 alunos de inglês geral, todos falantes nativos do chinês, com o objetivo de verificar os ganhos cognitivos de cada

tipo de treinamento. Os pesquisadores consideraram que o treinamento em interpretação consistia em um semestre de aulas de interpretação no primeiro grupo, o treinamento em tradução consistia em um semestre de aulas de tradução no segundo grupo, e o treinamento em inglês geral consistia em um semestre de aulas de inglês geral no terceiro grupo. A carga horária de cada curso era de 30 horas. Os participantes eram alunos de uma mesma universidade na China, matriculados em cursos de graduação diferentes (nenhum deles era aluno de cursos de Letras) e as disciplinas de interpretação, tradução e inglês geral eram eletivas.

Os participantes realizaram tarefas computadorizadas de *updating* (*N-back*), controle inibitório (*Stroop* de números) e *shifting* (*Color-Shape Switching*) no início e no final do semestre letivo. Na tarefa *N-back*, os participantes precisavam decidir se o quadrado azul exibido no momento estava na mesma posição que o quadrado azul apresentado dois estímulos antes, ou seja, precisavam atualizar constantemente na memória de trabalho (MT) as informações de localização espacial dos estímulos, utilizando a função *updating*. Na tarefa *Stroop* de números, os participantes precisavam decidir se o número de caracteres exibidos era par ou ímpar, sendo que os estímulos eram formados por dígitos ou cerquilhas, por exemplo: #####, 11111 ou 66666. Ou seja, os participantes precisavam inibir a natureza par ou ímpar dos dígitos para se concentrarem na natureza par ou ímpar da quantidade de caracteres, utilizando a função de controle inibitório. Finalmente, na tarefa *Color-Shape Switching*, os participantes viam dois tipos de estímulo: colorido (precisavam indicar se o círculo era vermelho ou verde) ou branco e preto (precisavam indicar se a forma era um círculo ou um triângulo). Ou seja, os participantes precisavam alternar entre duas regras, utilizando a função de *shifting*. As três tarefas foram aplicadas no pré-teste e no pós-teste. Porém, os pesquisadores decidiram adicionar outra tarefa, chamada WCST, no momento do pós-teste, para medir *shifting*, justificando essa decisão pelo fato de que outros estudos na literatura encontraram vantagem por parte de intérpretes nessa tarefa (YUDES; MACIZO; BAJO, 2011; DONG; XIE, 2014). A WCST consiste em ver cartas e organizá-las de acordo com três regras: quantidade de formas, tipo de formas e cor das formas. A regra em vigor mudava depois de alguns estímulos, e o participante não era avisado sobre essa mudança, por isso precisava perceber que a regra havia mudado e descobrir a nova regra, a partir do feedback dado pelo experimentador, usando sua habilidade de *shifting*.

Quanto aos resultados de Dong e Liu (2016), no teste de *updating*, tanto os alunos de tradução quanto os de interpretação obtiveram escores mais altos que os alunos de inglês geral ao final do semestre. Os autores interpretaram esses resultados como evidência de que o treinamento em tradução e em interpretação exige a atualização constante de informações, gerando maior eficácia no processo de *updating* da MT. Além disso, os intérpretes, mas não os tradutores, apresentaram vantagem em termos de menor tempo de reação em relação aos outros grupos na tarefa de *shifting*, resultado que foi explicado pelos autores como indicativo da existência de efeitos positivos da experiência de alternância muito rápida do foco entre duas línguas durante a prática de interpretação, por se tratar de uma tarefa que possui maior pressão temporal que a tradução. Por fim, nem tradutores nem intérpretes demonstraram melhor controle inibitório em relação aos bilíngues que cursaram o inglês geral, o que, a nosso ver, pode indicar que o processo mais importante na tradução é o de monitoramento por meio de *updating*, não o de inibição.

Com base nos resultados encontrados, Dong e Liu (2016) concluem que o treinamento em interpretação impõe altas demandas de processamento, pelo menos no início da formação, e que essa demanda está relacionada com o desenvolvimento do controle cognitivo de maneiras específicas nesses bilíngues. Os autores não destacam o mesmo com o treinamento em tradução, pois apesar de os alunos de tradução que participaram do estudo apresentarem melhor desempenho que os alunos de inglês geral, essa diferença foi muito pequena e não significativa. Por essa razão, os autores não consideram ter encontrado evidências de um desenvolvimento cognitivo específico como resultado da experiência tradutória.

Stead e Tripier (2016) também realizaram um estudo longitudinal para investigar vantagens cognitivas decorrentes do treinamento em interpretação, investigando tradutores como grupo-controle. Os autores investigaram o *loop* fonológico e o executivo central, componentes da MT segundo o modelo de Baddeley e Hitch (1974). Participaram da pesquisa um total de 15 alunos de interpretação e 14 alunos de tradução, que foram testados no início dos respectivos cursos de mestrado na Faculdade de Interpretação e Tradução da Universidade de Genebra e novamente após 8 ou 9 meses de curso, com o objetivo de avaliar possíveis melhorias de alcance de memória de trabalho em decorrência da prática envolvida nesses dois tipos específicos de bilinguismo. Os participantes de ambos os grupos eram de

nacionalidades diferentes e tinham L1 diferentes (alemão, inglês, espanhol, francês, italiano, russo e árabe).

No estudo de Stead e Tripier (2016), os participantes realizaram três tarefas, todas avaliando a capacidade de MT: *Digit Span*, *Operation Span* e *Dual N-back*. Na tarefa *Digit Span*, os participantes eram expostos a sequências de números e precisavam digitá-los quando solicitado. Os pesquisadores explicam que essa opção metodológica foi considerada mais adequada do que a utilização de tarefas envolvendo palavras, pois eliminava possíveis desvantagens linguísticas na amostra de participantes com diferentes L1. Segundo os autores ainda, essa tarefa mede o *loop* fonológico, pois para ter sucesso os participantes precisam armazenar os dígitos na memória fonológica, usando o sistema de ensaio subvocal, que faz parte do *loop* fonológico. Na tarefa *Operation Span*, os participantes eram expostos alternadamente a dois tipos de estímulos: sequências de letras a serem recordadas e operações matemáticas simples a serem resolvidas. No final de um conjunto de estímulos, os participantes clicavam nas letras que formavam a sequência que recordavam. Os pesquisadores explicam que a recordação de letras também envolve o *loop* fonológico, enquanto a resolução das operações matemáticas envolve o executivo central; portanto, essa tarefa mede esses dois componentes da MT. Por fim, na tarefa *Dual N-back*, os participantes eram expostos simultaneamente a um quadrado e uma letra, e precisavam decidir se a posição do quadrado e da letra eram iguais ao que tinham visualizado em 1, 2, 3 ou 4 estímulos anteriores (a quantidade de estímulos anteriores era informada na tela para o participante). Os pesquisadores explicam que essa tarefa mede o esboço visuoespacial da MT. A nosso ver, essa tarefa pode ser considerada como medida de atualização na MT, pois exige o processo constante de esquecer informações irrelevantes e focar em novas informações relevantes.

Quanto aos resultados, os dois grupos em Stead e Tripier (2016) apresentaram melhora significativa na tarefa *Digit Span* (que mede o *loop* fonológico) no pós-teste, mas não na *Operation Span* (que mede o *loop* fonológico e o executivo central). Na tarefa *Dual N-back* (que mede o esboço visuoespacial e, a nosso ver, *updating*), os autores relataram que a recordação das posições dos quadrados foi muito baixa em ambos os grupos, o que os levou a descartar esses dados e a analisar apenas a parte da recordação de letras. Nenhum dos dois grupos apresentou melhora significativa estatisticamente na tarefa *N-back*. Ou seja, na maioria das medidas, não foi encontrada melhora significativa em nenhum dos grupos nem diferença significativa

entre tradutores e intérpretes após o treinamento. Os autores atribuíram a falta de resultados significativos ao tamanho limitado da amostra (apenas 15 alunos de interpretação e 14 de tradução) e a um período de treinamento que talvez não tenha sido longo o suficiente para impactar a cognição de maneiras distintas nos diferentes grupos. No entanto, a melhora no *Digit Span* é interpretada pelos pesquisadores do estudo como uma possível confirmação de que tanto a tradução quanto a interpretação impõem altas demandas sob o *loop* fonológico, essencial na compreensão da linguagem. Como conclusão final, os autores rejeitam a hipótese de que o treinamento em interpretação tem impacto significativo na MT. A nosso ver, a melhora que os dois grupos apresentaram na tarefa *Digit Span*, que mede o *loop* fonológico, pode indicar que o treinamento em tradução e interpretação talvez resulte no desenvolvimento desse componente da MT devido às altas demandas de recordação de informações apresentadas na língua-fonte que devem ser traduzidas para a língua-alvo. É possível que outros estudos longitudinais com mais participantes no futuro possam comprovar ou refutar essa hipótese com mais segurança, a partir de resultados com significância estatística.

Assim como os dois estudos apresentados acima, Becker *et al.* (2016) investigaram se um grupo de 27 intérpretes simultâneos exibiam vantagem cognitiva distinta em comparação com um grupo-controle formado por 23 intérpretes consecutivos e tradutores. Porém, dessa vez o estudo não foi longitudinal, e sim transversal. Dessa forma, lembramos que as conclusões são feitas sobre os resultados dos grupos em dado momento, e não sobre os possíveis resultados de uma prática em tradução e interpretação. Em sua pesquisa, que consistia em verificar a existência de uma vantagem cognitiva em intérpretes em relação a outros profissionais da tradução, os autores basearam-se no pressuposto de que a pressão temporal na interpretação simultânea é o que torna a demanda cognitiva nessa atividade muito maior do que nas demais atividades envolvendo a tradução escrita ou falada.

Foram aplicadas uma tarefa de *shifting* (*Task Switching*) e uma de atenção dividida (*Dual-Task*). Na tarefa *Task Switching*, os participantes eram expostos a formas coloridas e precisavam decidir se cada estímulo era um círculo ou losango ou se era vermelho ou azul, de acordo com a dica que aparecia na tela, que indicava “FORMA” ou “COR”, respectivamente. Ou seja, os participantes precisavam usar a função de *shifting* para alternar entre as duas regras da tarefa. Na tarefa *Dual-Task*,

os participantes tinham uma subtarefa auditiva e outra visual, sendo que na subtarefa auditiva, os participantes eram expostos a tons e precisavam decidir se eles eram baixos, médios ou altos, ao passo que na subtarefa visual os participantes eram expostos a quadrados e precisavam decidir se eles eram pequenos, médios ou grandes, realizando as duas subtarefas ao mesmo tempo, usando sua atenção dividida.

Quanto aos resultados de Becker *et al.* (2016), na tarefa *Task Switching*, que avaliava a função de *shifting*, o grupo de intérpretes simultâneos teve menor custo de mistura, mas não menor custo de *shifting* que o grupo-controle²³, o que os autores interpretaram como melhor habilidade de *shifting* em intérpretes. Na tarefa *Dual-Task*, que avalia a atenção dividida, os intérpretes simultâneos tiveram tempos de resposta mais rápidos que o grupo-controle. Com base nesses resultados e conclusões dos autores, podemos inferir que a pressão temporal, argumento de alguns pesquisadores para a existência da vantagem cognitiva de intérpretes, pode demandar mais de alguns processos de controle cognitivo, mas não de todos os processos, como pode ser concluído a partir da ausência de diferença no custo de *shifting* entre os grupos pesquisados. A nosso ver, não é possível afirmar que os intérpretes apresentaram melhor habilidade de *shifting*, já que não foram melhores que o outro grupo em uma das medidas, justamente o custo de *shifting*. É interessante que os intérpretes tenham apresentado melhor desempenho na tarefa de atenção dividida, mas não no custo de *shifting*. Para nós, isso pode sugerir que a interpretação simultânea exige mais atenção dedicada simultaneamente à compreensão do texto-fonte e à produção do texto-alvo, ao passo que a tradução exige mais alternância rápida entre esses dois processos (ainda que possa haver certa diferença entre os tradutores, sendo que é possível que alguns, mas não todos, realizem essas duas etapas concomitantemente grande parte do tempo).

Na mesma linha que Becker *et al.* (2016), Henrard e Van Daele (2017) também investigaram a relação entre a experiência bilíngue e o controle executivo através de um estudo transversal. O objetivo dos autores era verificar se a interpretação gerava desenvolvimento específico de FEs, baseando-se no pressuposto de que são os

²³ Como descrito na seção 2.1.3, *custo de mistura* é a diferença entre a média dos tempos de resposta (TRs) dos estímulos de repetição do bloco misto e a média dos TRs dos estímulos nos blocos puros (que são todos de repetição), ao passo que *custo de shifting* é a diferença entre a média dos TRs dos estímulos de alternância no bloco misto e a média dos TRs dos estímulos de repetição também no bloco misto.

diferentes usos das duas línguas do bilíngue (e não o simples conhecimento de uma L2) que impõem demandas diferentes nas FEs, gerando desenvolvimentos distintos (GREEN; ABUTALEBI, 2013). O estudo envolveu três grupos de participantes: 60 intérpretes simultâneos, 60 tradutores e 60 monolíngues (considerados monolíngues mesmo morando em um país multilíngue, a Bélgica, e sendo expostos passivamente a outras línguas). Os participantes realizaram testes computadorizados para avaliar *updating* (*Letter Memory*), inibição de resposta automática (*Antissacádica*), resistência proativa à inibição (*Brown-Peterson*) e *shifting* (*Plus-Minus*), além de duas tarefas que mensuravam a velocidade do processamento da informação. Essas tarefas são descritas no parágrafo a seguir.

A tarefa *Letter Memory*, usada para medir *updating*, é muito similar à utilizada no estudo desta dissertação²⁴. Na tarefa *Antissacádica*, usada para medir inibição de resposta automática, os participantes eram expostos a um quadrado preto distrator em um dos lados da tela, seguido de uma seta no lado oposto da tela, sendo solicitados a informar a direção da seta. Para isso, os participantes precisavam inibir a reação automática de olhar para o quadrado distrator, pois, se olhassem para o quadrado, não teriam tempo de olhar para a seta, já que ela desaparecia rapidamente. Na tarefa *Brown-Peterson*, usada para medir resistência proativa à inibição, os participantes eram expostos a três consoantes a serem memorizadas e, então, a dígitos que deveriam ser reorganizados. Depois da reorganização, os participantes precisavam repetir as três consoantes exibidas antes da operação. Dessa forma, os participantes precisavam ser proativos em manter as letras em mente, resistindo à inibição por níveis de ativação cada vez mais baixos das informações das letras devido à tarefa distratora com dígitos. Na tarefa *Plus-Minus*, usada para medir *shifting*, os participantes respondiam três listas. Na primeira, viam números e precisavam somar três a cada número exibido. Na segunda, precisavam subtrair três a cada número exibido. Na terceira e última, precisavam alternar entre somar e subtrair três a cada número exibido. Assim, para realizar o último bloco, os participantes precisavam alternar entre duas regras, usando sua habilidade de *shifting*. Por fim, na tarefa de velocidade do processamento da informação, os participantes foram testados de duas formas, separadamente. Primeiro, deveriam clicar na barra de espaço do teclado o

²⁴ Para ver uma descrição, consulte a subseção 3.4.2.

mais rápido possível quando vissem uma cruz na tela. Depois, deveriam dizer a palavra “cruz” o mais rápido possível quando vissem uma cruz na tela.

Os resultados de Henrard e Van Daele (2017) mostraram desempenho superior dos intérpretes em relação aos tradutores em todas as tarefas, com exceção da tarefa de *shifting*, na qual intérpretes e tradutores tiveram desempenho semelhante, significativamente melhor do que monolíngues. Além disso, os intérpretes obtiveram escores mais altos que os monolíngues em todas as tarefas, e os tradutores demonstraram escores mais altos que os monolíngues nas tarefas de *shifting* e de resistência proativa à inibição. Os autores interpretam o fato de tradutores e intérpretes demonstrarem melhor desempenho nas tarefas de resistência proativa à inibição e de *shifting* em relação aos monolíngues como uma possível evidência do contexto de alta alternância entre as duas línguas de trabalho que caracteriza o uso das línguas no caso dos profissionais da tradução e interpretação. No entanto, parece-nos que não é possível fazer essa afirmação com confiança, uma vez que o resultado pode ter ocorrido simplesmente porque tradutores e intérpretes são bilíngues, e há evidências de que bilíngues têm melhor desempenho em tarefas de *shifting* em relação a monolíngues (BIALYSTOK, 2010; GARBIN *et al.*, 2010; PRIOR; MACWHINNEY, 2009; SOVERI; RODRIGUEZ-FORNELLS; LAINE, 2011). Para nós, a conclusão dos autores só poderia ser feita se houvesse um grupo-controle formado por bilíngues que não são nem intérpretes nem tradutores, o que permitiria isolar os possíveis efeitos do bilinguismo em relação aos possíveis efeitos da atividade de tradução ou interpretação. Dessa forma, a nosso ver, Henrard e Van Daele (2017) não conseguiram responder à pergunta de pesquisa que propuseram. Ainda assim, os autores concluíram que o contexto de experiência bilíngue dos profissionais da tradução e da interpretação, que, segundo eles, demanda alternância constante entre duas línguas, potencializa os processos de *shifting*, e que o melhor desempenho em tarefas de FEs por parte dos intérpretes indica uma vantagem cognitiva ainda maior por parte desse grupo. Nessa visão, a experiência específica com as atividades de tradução e interpretação gerariam desenvolvimento distinto das FEs.

Quanto à tarefa de resistência proativa à inibição em Henrard e Van Daele (2017), na qual intérpretes apresentaram escores melhores que tradutores e estes, por sua vez, apresentaram escores melhores que monolíngues, os autores concluem que o resultado pode ser atribuído ao fato de que a tarefa envolvia recordar três letras, que poderiam ser vistas como siglas. Dessa forma, a recordação de siglas, uma tarefa

comum no dia a dia do intérprete e do tradutor, estaria mais ligada a uma estratégia da profissão do que a uma demanda cognitiva específica. Porém, a nosso ver, pode existir outra explicação para esse resultado. É possível que os intérpretes precisem resistir proativamente ao esquecimento de informações que ouviram na língua-fonte, mas ainda não produziram na língua-alvo. Enquanto resistem a esse esquecimento, estão produzindo informações anteriores, que poderiam distraí-los das novas informações se eles não se dedicassem a manter as informações recebidas mais recentemente na memória. Nesse sentido, é possível que essa resistência proativa seja maior em intérpretes, que, se esquecessem de uma informação mais nova em decorrência de estarem colocando em palavras uma informação de segundos antes, não poderiam recuperar a nova informação de nenhuma maneira. Por outro lado, no caso de tradutores, essa recuperação seria possível por meio da verificação do texto-fonte, que permanece constante na tela do computador. Para fins de agilidade, os tradutores possivelmente aplicam a resistência proativa à inibição, pois podem ler um trecho longo e traduzi-lo por partes, tentando não esquecer de nenhuma das partes finais enquanto traduzem as partes iniciais. Porém, isso não é uma necessidade fundamental, pois os tradutores sempre podem voltar a ler o texto-fonte. Esse raciocínio seria uma explicação plausível para o fato de intérpretes terem apresentado melhor desempenho que tradutores na tarefa de resistência proativa à inibição.

Por fim, fechando os estudos que investigam como as atividades de interpretação e tradução podem resultar em desenvolvimentos específicos das FEs, Stachowiak (2014) investigou se intérpretes e tradutores apresentavam vantagem em *dual-tasking* em relação a monolíngues. Para isso, coletou dados de 5 intérpretes, 6 tradutores e 6 bilíngues em uma tarefa *dual-task*. Na tarefa empregada, os participantes eram solicitados a repetir continuamente o som “bla, bla, bla...” e, simultaneamente, decidir se as duas palavras em inglês exibidas na tela do computador eram sinônimas, clicando em “0” para não sinônimas e em “1” para sinônimas. Os tempos de resposta foram comparados à versão simples da tarefa (na qual os participantes deveriam decidir se duas palavras eram sinônimas, mas não precisavam ficar repetindo nenhum som concomitantemente), para verificar o custo que a tarefa dupla gerou na amostra. Os tempos de resposta para tradutores e intérpretes na tarefa *dual-task* foram muito menores que para bilíngues. Na comparação entre esses dois grupos de profissionais, os tempos de resposta foram

um pouco menores para intérpretes do que para tradutores. Segundo a autora, os resultados revelam que tanto tradutores quanto intérpretes demonstraram habilidades similares de realizar duas tarefas ao mesmo tempo, obtendo um desempenho melhor que os demais bilíngues, em consonância com os resultados de Becker *et al.* (2016). Para Stachowiak (2014), esse resultado sugere que os tradutores possivelmente apliquem algum grau de simultaneidade em sua atividade, por exemplo, ao produzir a tradução e monitorá-la ao mesmo tempo, ou ao produzir o texto-alvo e ler o texto-fonte ao mesmo tempo. Dessa forma, podemos concluir que a simultaneidade de tarefas é uma demanda que diferencia o uso que os tradutores e intérpretes fazem de suas duas línguas em comparação a outros bilíngues.

Como mencionado anteriormente, alguns pesquisadores tentam provar uma vantagem cognitiva dos intérpretes devido à experiência em interpretação, pois afirmam que a necessidade de ouvir frases em uma língua enquanto se produzem frases em outra língua impõe uma demanda distinta dos contextos de outros bilíngues, inclusive de tradutores. No entanto, para nós, os resultados de Stachowiak (2014) sugerem que a experiência tradutória também pode exigir a realização de duas tarefas simultaneamente, gerando alguns ganhos cognitivos similares em tradutores e intérpretes. A nosso ver, é possível que nem todos os tradutores utilizem essa estratégia de realizar mais de uma tarefa ao mesmo tempo, pois isso nem sempre é necessário. Por exemplo, é possível que para tradutores de literatura a pressão temporal seja menor, havendo um prazo mais extenso para a entrega da tradução de livros. Já para tradutores técnicos, que trabalham com entregas diárias para empresas de tradução, os prazos podem ser bem curtos, de horas ou minutos. Dessa forma, é possível que a pressão temporal nesse segundo grupo de tradutores faça com que eles precisem traduzir rapidamente, possivelmente realizando a leitura do texto-fonte enquanto simultaneamente digitam o texto-alvo. Na descrição que Stachowiak (2014) oferece dos tradutores em sua amostra, consta que esses profissionais traduzem pelo menos 80 horas por mês, portanto é plausível que sejam profissionais que recebem um volume alto de textos para traduzir diariamente, com prazos curtos, possivelmente aplicando estratégias de tarefas simultâneas.

Retomando os estudos rapidamente, notamos certa inconsistência nos resultados. Em relação à função de *updating*, os resultados de Dong e Liu (2016) demonstraram que tanto o treinamento em tradução quanto o em interpretação resultaram no desenvolvimento de *updating*, ao passo que Stead e Tripier (2016) não

encontraram melhoria em nenhum desses dois grupos. Em relação ao controle inibitório, os resultados de Dong e Liu (2016) não revelaram diferenças entre tradutores e intérpretes, ao contrário do que foi encontrado por Henrard e Van Daele (2017), cujos dados revelaram vantagens para os intérpretes. Por fim, em relação à função de *shifting*, a prática em interpretação gerou mais desenvolvimento dessa função do que a prática em tradução em Dong e Liu (2016), enquanto os resultados de Becker *et al.* (2016) e de Henrard e Van Daele (2017) não revelaram diferenças no custo de *shifting* entre tradutores e intérpretes. A nosso ver, a inconsistência nos resultados não necessariamente sugere que as atividades de tradução e de interpretação não apresentam demandas cognitivas específicas que moldam os mecanismos de controle de maneiras distintas. Em vez disso, a inconsistência pode ser resultado de limitações ou opções metodológicas diferentes entre os estudos. Nos próximos parágrafos, apresentamos algumas considerações sobre isso.

Em relação ao número de participantes, Stead e Tripier (2016) e Stachowiak (2014) tiveram grupos muito pequenos. É importante ressaltar que grupos pequenos geram maior risco de erro amostral, sendo mais difícil controlar efeitos de variáveis confundidoras quando a amostra é pequena. Amostras maiores evitam que possíveis variáveis confundidoras em alguns participantes enviesem os dados. Assim, resultados obtidos com amostras maiores são mais confiáveis e permitem melhor generalização para a população.

Quanto à seleção de tarefas, Dong e Liu (2016) utilizaram uma tarefa de *shifting* no pré-teste em seu estudo longitudinal, mas, no pós-teste, mantiveram essa tarefa e adicionaram outra para medir o mesmo construto. Os autores argumentaram que a nova tarefa era mais adequada, visto que outros estudos recentes a utilizavam. No entanto, tal escolha não permite comparar o desempenho dos participantes no pré-teste e no pós-teste na nova tarefa. Além disso, a nosso ver, o leitor do trabalho fica sem saber se pode confiar nos resultados da tarefa original.

Também é preciso considerar questões de constituição dos grupos experimentais e grupos-controle nesses estudos. Para investigar se o treinamento em tradução e o treinamento em interpretação geram vantagens cognitivas distintas, Dong e Liu (2016) selecionaram alunos de cursos variados que estavam cursando uma disciplina eletiva de tradução ou de interpretação de apenas 30 horas. Ou seja, os participantes eram alunos que dedicavam uma parte muito maior de seu tempo a outras disciplinas, e é possível que eles não se dedicassem à disciplina eletiva como

se dedicavam às obrigatórias. Dessa forma, parece-nos que os resultados de Dong e Liu (2016) não podem ser generalizados para treinamento tradicional em interpretação e tradução, nos quais os alunos estão matriculados em cursos específicos dessas atividades. Já Becker *et al.* (2016), para investigar se a prática em interpretação simultânea gera vantagens cognitivas diferentes de outros profissionais similares, incluíram intérpretes consecutivos e tradutores no mesmo grupo-controle. Os autores argumentaram que as atividades de intérpretes consecutivos e tradutores não contêm o componente da simultaneidade, tornando esse grupo homogêneo. No entanto, nós ressaltamos que é preciso lembrar que a tradução e a interpretação consecutiva envolvem processos diferentes e, possivelmente, ativam mecanismos cognitivos diferentes. Por exemplo, na interpretação consecutiva, o texto-fonte e o texto-alvo são falados, enquanto na tradução, são escritos. Essa diferença pode envolver processos diferentes de percepção.

Por fim, nos estudos longitudinais apresentados, é possível que o tempo entre o pré-teste e o pós-teste tenha sido curto demais para revelar ganhos cognitivos decorrentes das atividades de tradução e interpretação. Em Stead e Tripier (2016), esse intervalo foi de 8 a 9 meses e, em Dong e Liu (2016), foi de apenas 4 meses. Visto que tanto a tradução quanto a interpretação são atividades complexas e que, com treinamento, os praticantes podem tornar-se experientes e automatizar alguns processos, ressaltamos que é possível que a demanda de controle executivo seja diferente no decorrer da curva de aprendizado. Assim, a nosso ver, estudos longitudinais mais longos permitiriam tempo suficiente para ver com mais clareza o possível desenvolvimento que a tradução ou interpretação acarretam nas FEs de interesse, como também permitiriam verificar se esse desenvolvimento é constante ao longo dos anos, caso sejam realizadas medições entre o pré-teste e o pós-teste.

Considerando as possíveis consequências das opções metodológicas discutidas nos parágrafos anteriores, concluímos que os Estudos da Tradução podem se beneficiar de um número maior de pesquisas com maior rigor metodológico e que investiguem a adaptação de mecanismos cognitivos em decorrência da tradução e da interpretação. Por exemplo, critérios mais bem definidos para os grupos-controle poderiam ajudar a ressaltar as diferenças entre tradutores, intérpretes e outros tipos de bilíngues.

Além desses estudos que investigam possíveis vantagens no controle executivo de tradutores e intérpretes como resultados das demandas das atividades

tradutórias e de interpretação, também encontramos um estudo que investiga se as FEs influenciam no desempenho tradutório. A semelhança entre esses dois tipos de estudo é que ambos tratam da relação entre cognição e tradução. A diferença se dá na direção dessa relação: enquanto um dos tipos investiga como a atividade tradutória influencia no desenvolvimento das FEs, o outro investiga como as FEs influenciam no desempenho tradutório. Esta dissertação se enquadra no segundo tipo, pois investiga se as FEs influenciam na quantidade de traduções literais produzidas pelos participantes. Encontramos apenas um estudo desse tipo na literatura²⁵, que é apresentado nos próximos parágrafos.

Rothe-Neves (2003) relata um estudo de cunho exploratório, realizado desta forma por não haver estudos experimentais anteriores que investigassem a importância da MT para o desempenho em tradução. Assim, o pesquisador não apresentou uma hipótese a ser testada. O objetivo foi identificar quais medidas e hipóteses poderiam ser usadas em estudos que investiguem a relação entre MT e desempenho em tradução, bem como verificar se as relações entre MT e desempenho em tradução diferem entre tradutores iniciantes e profissionais. É importante ressaltar que por desempenho em tradução Rothe-Neves (2003) não se refere necessariamente à qualidade final do produto, mas sim a medidas de eficiência do processo de tradução. Segundo o pesquisador, tempos de execução menores na tarefa de tradução podem sugerir que o processo de traduzir é mais eficiente nesses participantes do que em participantes com tempos de execução maiores.

A pesquisa de Rothe-Neves (2003) mede não apenas tradução, mas também cópia, leitura e redação. Essas tarefas e medidas não foram descritas aqui, pois não têm relação direta com os objetivos desta dissertação. Da mesma forma, o pesquisador mede não só MT, mas também outras características de interesse para o estudo dele, tais como conhecimento de L2 e habilidades com computadores. Essas características também não têm relação direta com os objetivos desta dissertação, por isso não foram descritas aqui.

Participaram do estudo apenas 6 tradutores iniciantes e 6 tradutores profissionais, cuja L1 era o português brasileiro e a L2 era o inglês. As tarefas de MT

²⁵ Na verdade, existem outros estudos com alguma semelhança, que investigam a relação entre FEs e alguns aspectos da tradução. No entanto, utilizam tarefas de tradução de palavras isoladas, não de textos, como é o caso de Michael *et al.* (2011), que investigaram a relação entre a MT e a capacidade de resolver ambiguidade na tradução de palavras. Não inserimos estudos apenas com palavras nesta revisão de literatura, pois nosso objetivo é considerar a tradução de textos, não de palavras.

em Rothe-Neves (2003) foram retiradas da BAMT-UFMG (Bateria de Avaliação da Memória de Trabalho), adaptada de Salthouse e Babcock (1991) para o português brasileiro pela UFMG e validada por Wood *et al.* (2001). Rothe-Neves (2003) selecionou tarefas para medir três componentes da MT: velocidade de processamento, capacidade de armazenamento e coordenação de atividades. Para medir velocidade de processamento, as tarefas foram: Comparação de caracteres (os participantes viam dois conjuntos de caracteres e decidiam se eram iguais), Comparação de símbolos (os participantes viam dois conjuntos de símbolos e decidiam se eram iguais) e Compreensão de frases (os participantes liam frases e respondiam perguntas simples de compreensão, com três alternativas). Para medir capacidade de armazenamento, a tarefa foi: Listas de palavras (os participantes ouviam conjuntos com 3 a 11 palavras e, ao final, escreviam os itens que lembravam, em ordem). Por fim, para medir coordenação de atividade, as tarefas foram: Alcance de computação na escrita (os participantes ouviam frases seguidas de perguntas e marcavam a alternativa correta, enquanto simultaneamente memorizavam a última palavra da frase para, depois de algumas frases, escrever a lista das palavras em ordem) e Código (os participantes substituíam algarismos por símbolos, conforme a legenda) (essa última não faz parte da BAMT-UFMG).

Na tarefa Tradução de L1 para L2, os participantes viam uma unidade de tradução na tela (geralmente uma oração com verbo, segundo o autor) e deviam traduzi-la. Depois, clicavam na tecla F1 para passar para a próxima unidade de tradução, sendo que a unidade anterior desaparecia. Os trechos foram retirados da primeira página do romance Emma (AUSTEN, 1981). A tarefa gerou alguns índices passíveis de cálculo graças ao programa *Translog* (CENTER, s.a., s.p.), que registra todos os cliques feitos no teclado. Os índices foram: Taxa de Fluência – TF (tempo total de execução da tarefa menos o tempo de pausas), Tempo Médio de Toque – TM (taxa de fluência dividida pelo número total de caracteres digitados), Tempo Médio de Produção dos Caracteres – TP (tempo total da tarefa dividido pelo número final de caracteres), Tempo Médio por Oração – TO e Taxa de Correção – TC (quantidade de toques executados menos a quantidade de caracteres no final do texto).

Quanto à comparação entre grupos, os resultados de Rothe-Neves (2003) não revelaram diferença estatisticamente significativa em termos de MT e desempenho em tradução entre tradutores iniciantes e profissionais. Apesar de as diferenças não serem significativas, os tradutores iniciantes apresentaram números absolutos mais

altos em todas as medidas de MT e levaram menos tempo para finalizar a tarefa de tradução (conforme os índices TP e TO). No entanto, os tradutores profissionais digitaram mais rapidamente (conforme o índice TM). Ou seja, os profissionais digitaram mais rápido, mas levaram mais tempo no total. O pesquisador interpreta esses resultados como possível evidência de que os profissionais passaram mais tempo planejando as soluções tradutórias durante as pausas.

Quanto à correlação entre os componentes da MT e o desempenho em tradução, os resultados não indicaram muitas associações estatisticamente significativas. No grupo de tradutores iniciantes, não houve nenhuma correlação estatisticamente significativa entre as medidas de MT e as medidas de desempenho em tradução. No grupo de tradutores profissionais, por sua vez, houve correlação positiva entre as medidas do componente de velocidade de processamento da MT e diferentes medidas de desempenho em tradução. Rothe-Neves (2003) interpreta que esses resultados não indicam evidências que confirmem que a MT influencia o desempenho em tradução em tradutores iniciantes, mas que os resultados podem ser vistos como evidência de que a MT tem um papel importante no desempenho em tradução em tradutores profissionais. Entre os profissionais, aqueles com maior capacidade de MT realizaram traduções em menos tempo e precisaram de menos revisões, portanto foram mais eficientes.

Nesse contexto, interpretamos que os resultados de Rothe-Neves (2003) sugerem que, no início da carreira de tradução, os tradutores possivelmente ainda precisam dedicar grande parte de seus recursos cognitivos, inclusive de MT, para processos que ainda não estão automatizados. Assim, mesmo apresentando maior MT que tradutores profissionais, os iniciantes não apresentam desempenho mais eficiente porque ainda estão se especializando na atividade. Por outro lado, os tradutores profissionais já se especializaram e automatizaram alguns processos da tradução, liberando recursos de MT para processos que necessariamente demandam esforços, tal como utilizar pausas para planejar soluções para problemas de tradução.

Nesta dissertação, investigou-se a associação entre FEs, experiência tradutória e a quantidade de tradução literal produzida pelos participantes. Ainda que Rothe-Neves (2003) tenha estudado o desempenho em tradução por um viés processual, ao passo que a presente dissertação tenha feito isso por uma perspectiva do produto, os dois estudos se assemelham no sentido que tentam verificar se mecanismos cognitivos influenciam na tradução. No caso da presente dissertação,

pressupõe-se que a tradução literal seja um procedimento comum na tradução resultante da tendência de os indivíduos repetirem padrões aos quais foram expostos recentemente, sendo a tendência a repetir padrões uma parte natural da cognição humana. A isso se chama efeito de *priming*, relacionado aos sistemas de memória dos indivíduos. Nesse sentido, a tradução literal possivelmente provocada pelo efeito de *priming* nos parece ser um procedimento quase automático e que demanda menos esforço que traduções com estruturas mais distantes do texto-fonte. Assim, parece plausível que os tradutores utilizem FEs para gerenciar as situações em que a tradução literal é adequada, utilizando, por exemplo, o controle inibitório para inibir a influência de uma palavra ou estrutura de *prime* do texto-fonte no texto-alvo ou a função de *shifting* para alternar entre as línguas de compreensão e de produção, focando as regras de cada uma, evitando influência ou *priming* de uma na outra. Para embasar essa discussão, a próxima subseção apresenta o conceito de *priming* e tenta fazer relações entre *priming* e tradução literal.

2.3 *Priming*

Como afirmado no final da subseção anterior, a nosso ver, é possível que a tradução literal seja um procedimento-padrão em tradutores por possivelmente ser resultado de um efeito de *priming* do texto-fonte no texto-alvo. Sendo o *priming* um efeito natural da cognição humana, presumimos que os mecanismos cognitivos de controle do indivíduo desempenhem um papel importante em como o *priming* ocorre na tradução. Assim, apresentamos esta subseção sobre *priming*, com sua definição e explicação, para embasar considerações sobre a relação entre *priming* e tradução.

A memória está envolvida em tudo o que fazemos, e a tradução não é exceção. O tradutor precisa se lembrar de conceitos, fatos, eventos, possíveis equivalentes, significados do texto-fonte, entre tantos outros elementos. Hansen-Schirra, Nitzke e Oster (2017) afirmam que até mesmo a estratégia de traduzir literalmente tem relação com a memória. Para as autoras, quando um tradutor lê o texto-fonte, alguns elementos são ativados na língua-alvo devido ao efeito de *priming*, podendo gerar traduções literais, que são mais facilmente produzidas do que outras soluções tradutórias que exigem mais reformulação. O *priming* faz parte dos sistemas de memória, conforme será explicado nos próximos parágrafos.

A memória não é um repositório único de informações adquiridas ao longo da vida. Em vez disso, o ser humano tem um sistema de memórias composto por diferentes tipos e processos, mediados por mecanismos neurais distintos (GAZZANIGA; IVRY; MANGUN, 2014). Existem três processos principais: codificação, armazenamento e recuperação, que são modulados por diversos fatores, inclusive pelas emoções. Segundo Sternberg e Sternberg (2016), a codificação se refere ao processo de receber informações pelos sentidos e processá-las em representações que podem ser armazenadas na memória; o armazenamento se refere ao processo de guardar as informações codificadas ao longo do tempo; finalmente, a recuperação se refere ao processo de acessar as informações armazenadas previamente. Se pensarmos no aprendizado de novas palavras, por exemplo, quando um tradutor vê uma palavra que ainda não conhece, precisa buscar maneiras de entender o que ela significa, relacionando sua forma e sentido com conhecimentos prévios, sendo isso um processo de codificação. Depois, precisa memorizar essa palavra para usos futuros, sendo isso um processo de armazenamento. Por fim, quando o tradutor encontra novamente a palavra, ele precisa acessar na memória o significado e uso dela, sendo isso um processo de recuperação.

Quanto aos tipos de memória, uma classificação comum é dividir as memórias entre declarativas e não declarativas e seus subtipos. De acordo com Gazzaniga, Ivry e Mangun (2014), as memórias declarativas se referem a eventos e fatos sobre o próprio indivíduo ou sobre o mundo, sobre as quais o indivíduo normalmente tem consciência e pode explicar em palavras (daí o nome “declarativas”). Já as memórias não declarativas são aquelas que o indivíduo não consegue descrever completamente através de palavras e às quais não tem acesso consciente. *Priming* é um dos subtipos de memória não declarativa. Não é do âmbito desta dissertação expor e discutir os sistemas de memória em geral²⁶, mas sim focar na memória de *priming*, pois é ela que tem sido apontada como um dos efeitos cognitivos envolvidos no uso de traduções literais.

A memória de *priming* consiste na tendência de identificar mais rapidamente um estímulo igual ou semelhante a um estímulo anterior ou de repetir padrões semelhantes a estímulos anteriores (GAZZANIGA; IVRY; MANGUN, 2014). A exposição a determinado estímulo faz com que ele seja armazenado

²⁶ Para saber mais sobre outros tipos e processos de memória, recomenda-se a leitura de Gazzaniga, Ivry e Mangun (2014).

inconscientemente na memória, influenciando a forma como um estímulo posterior igual ou semelhante é identificado e processado. De acordo com a literatura na área, o estímulo anterior pode ser chamado de “*prime*”, e o estímulo posterior, de “alvo”. Sendo um tipo de memória não declarativa, o indivíduo muitas vezes não tem consciência de que o estímulo *prime* tem influência no processamento, inclusive às vezes não se lembra do *prime*. Assim, o efeito de *priming* é observado por meio de experimentos que medem em milissegundos se os participantes processam mais rapidamente estímulos repetidos ou semelhantes a estímulos anteriores.

As classificações dos tipos de *priming* apresentam pequenas diferenças. Por exemplo, Gazzaniga, Ivry e Mangun (2014) definem três tipos de *priming*: perceptual, conceitual e semântico, ao passo que Eysenck e Keane (2015) definem *priming* perceptual, conceitual e fonológico. Apresentamos a seguir as definições dos dois tipos que são os mais abrangentes, a nosso ver, e que podem abarcar subdivisões: perceptual e conceitual.

O *priming* perceptual ocorre com palavras, formas, imagens, rostos etc. A informação que fica gravada na memória de *priming* é de natureza estrutural e relativa à forma, por isso o nome perceptual, referente à percepção. Esse tipo de *priming* pode ser investigado, por exemplo, pela tarefa de preenchimento de fragmentos de palavras. Nela, os participantes passam por duas coletas de dados. No primeiro encontro, veem uma lista de palavras. No segundo, veem outra lista de palavras com algumas letras faltando. Algumas das palavras são as mesmas do primeiro encontro e outras são novas. Os participantes são solicitados a preencher os campos das letras que estão faltando, sendo que eles costumam preencher com mais rapidez e acurácia as letras em palavras vistas no primeiro encontro, mesmo que não se lembrem conscientemente de tê-las visto antes. Isso demonstra que a exposição anterior aos estímulos causa um efeito de facilitação, ou seja, demonstra o efeito de *priming*. Nessa tarefa, as palavras utilizadas não são relacionadas semanticamente entre si. A facilitação na recordação se dá simplesmente em relação à forma das palavras, no sentido que os participantes parecem ver algumas letras e “sentir” ou “prever” as próximas letras, com base nessa memória não declarativa. O efeito de *priming* encontrado nesse tipo de tarefa sofre muita redução quando os estímulos *prime* são apresentados pelo canal auditivo e as palavras a serem preenchidas são apresentadas pelo canal visual (GAZZANIGA; IVRY; MANGUN, 2014). Essa redução mostra que o fenômeno é específico à modalidade sensorial em que o *prime* foi

apresentado. Isso faz sentido porque, como afirmado no início do parágrafo, são os traços perceptuais que contribuem para o efeito. Os traços perceptuais recebidos pelo canal visual são diferentes daqueles recebidos pelo canal auditivo; assim, se o mesmo canal for usado na recepção e na recordação de um estímulo, mais traços serão compartilhados entre esses dois processos.

O *priming* conceitual ocorre com traços conceituais, ou seja, não diz respeito a traços formais, é de natureza conceitual. Esse tipo de *priming* dura pouco tempo.

A nosso ver, outros subtipos de *priming* investigados na literatura podem ser classificados dentro desses dois tipos. Para essa classificação, propomos levar em conta se os traços envolvidos são de natureza estrutural ou conceitual. Na Psicolinguística, por exemplo, são estudados, entre outros, o *priming* fonológico e o semântico.

O *priming* fonológico ocorre entre palavras com pronúncia idêntica ou similar. Um exemplo de estudo é o de Rastle e Brysbaert (2006), que usaram não palavras como estímulos *prime* (ex.: WRITCH), apresentados muito rapidamente, abaixo do limiar de consciência (*priming* subliminal), para investigar se a semelhança fonológica com o estímulo-alvo facilitaria seu processamento (ex.: RICH). Na análise, os pesquisadores observaram tempos de resposta menores para alvos fonologicamente semelhantes aos *primes* do que para alvos fonologicamente diferentes dos *primes*. A partir desses resultados, os autores consideraram, então, que esse efeito ocorreu devido a traços perceptuais, já que é improvável que os participantes tenham atribuído significado às não palavras.

Já o *priming* semântico ocorre quando a palavra *prime* e a alvo são diferentes, mas do mesmo campo semântico (GAZZANIGA; IVRY; MANGUN, 2014). Dessa forma, está associado não a traços perceptuais, mas sim conceituais. Por exemplo, em uma tarefa de decisão lexical, na qual é necessário decidir se a palavra-alvo é ou não uma palavra existente na língua portuguesa, a reação provavelmente será diferente se a palavra-alvo for semanticamente relacionada ao *prime*. Quando um participante é exposto à palavra *prime* ESCOLA e, depois a uma palavra-alvo, ele tende a responder mais rápido se a palavra-alvo tem ligação semântica com a *prime*, como PROFESSOR, em vez de uma palavra não relacionada, como ALMOFADA, ou não palavras, que não carregam significado, como ERPODALO.

Considerando as demandas da atividade tradutória, na qual o texto-fonte fica constantemente à disposição do profissional, supomos que é possível que os

processos envolvidos no ato de traduzir favoreçam o *priming* perceptual. A nosso ver, isso pode ocorrer porque, ao traduzir, o profissional é exposto a estruturas de palavras e frases apresentadas visualmente no texto-fonte e deve levar a mensagem para outra língua também no formato visual. Ou seja, o canal visual é utilizado tanto na interpretação do texto-fonte quanto na produção do texto-alvo. E, como apresentado mais acima, quando o estímulo *prime* é apresentado no mesmo canal que o alvo, o efeito de *priming* perceptual é mais forte, pois baseia-se nos traços estruturais dos estímulos.

Essa nossa pressuposição vai ao encontro do que Diamond e Shreve (2019) afirmam sobre a presença contínua do texto-fonte na tela do computador: ela pode acentuar a persistência involuntária dos elementos da língua-fonte. A nosso ver, os autores querem dizer que traços estruturais (ortográficos, sintáticos etc.) da língua-fonte permanecem na memória do tradutor sem que ele perceba. Assim, por mais que o profissional esteja consciente de que está realizando uma atividade que envolve carregar o significado (ou seja, traços semânticos) de uma língua para outra, ele também está carregando traços não semânticos. Dessa forma, podemos dizer que a posição de Diamond e Shreve (2019) pode ser explicada por meio do *priming* perceptual. Ou seja, as palavras e estruturas do texto-fonte podem ser consideradas como estímulos *prime*, os elementos da língua-fonte podem ser interpretados como os traços perceptuais, e a persistência involuntária pode ser entendida como o efeito de *priming* que, como visto acima, é a tendência de repetir padrões aos quais o indivíduo foi exposto recentemente, sem que ele tenha necessariamente consciência disso. Dessa forma, as traduções que repetem traços estruturais da língua-fonte na língua-alvo, mesmo que essas estruturas não sejam comuns na língua-alvo (ou seja, traduções literais), podem ser vistas como possíveis manifestações do efeito de *priming*.

Apesar de sugerirmos isso, os estudos de *priming* na tradução ainda são escassos. Um dos possíveis motivos é que os estudos de tradução com validade ecológica, ou seja, com condições as mais parecidas possíveis com a realidade do profissional da tradução, devem envolver textos inteiros, mas o controle de variáveis em textos é muito difícil. Nesse sentido, pesquisas com palavras são mais viáveis, pois é possível, ainda que trabalhoso, controlar classe gramatical, quantidade de letras, quantidade de sílabas e frequência de uso na língua geral, por exemplo. Além disso, quanto mais tempo a tarefa envolve (e esse é o caso de tarefas com texto em

oposição a tarefas com frases ou palavras), maior é o risco de os resultados refletirem também decisões conscientes dos indivíduos, não apenas o processamento online da linguagem. Assim, estudos sobre *priming* não são comuns em tradução, mas são realizados com frequência na Psicolinguística. Nessa área, é possível utilizar palavras ou frases como estímulos para investigar o efeito de *priming* em uma ou mais línguas. Dessa forma, as descobertas de estudos sobre *priming* na Psicolinguística podem ser utilizadas como base para investigações sobre efeitos do texto-fonte no texto-alvo nos Estudos da Tradução. Para embasar nossas considerações sobre *priming* na tradução, passamos agora para uma visão geral dos estudos sobre *priming* entre duas línguas na Psicolinguística.

Grey e Tagarelli (2018) apresentam uma visão geral dos estudos de *priming* em Psicolinguística. Quanto aos experimentos, os autores explicam que o *prime* costuma ser apresentado por um período inferior a 1.000 ms e que, após um período predeterminado, o alvo é apresentado e o participante deve fornecer uma resposta, que pode ser uma decisão ou uma afirmação. Por exemplo, o participante pode ter que decidir se o alvo é ou não uma palavra de determinada língua ou decidir se o alvo pertence a determinada categoria. Nesses estudos, a medida mais comum obtida é o tempo de resposta, que costuma ficar na casa dos milissegundos. Quanto às perguntas fundamentais, Grey e Tagarelli (2018) dizem que o paradigma de *priming* tem sido muito utilizado nas pesquisas de bilinguismo para saber se o efeito de *priming* é igual nas duas ou mais línguas de um falante e para investigar se os bilíngues têm um armazenamento compartilhado ou vários armazenamentos separados para as diferentes línguas e aspectos linguísticos.

Além dos tipos de *priming* apresentados mais acima nesta seção, os estudos em Psicolinguística investigam também outros tipos, como o *priming* sintático. Os estudos de *priming* sintático (também chamado de *priming* estrutural, em referência às estruturas sintáticas das línguas) investigam se a exposição a determinada estrutura sintática aumenta a probabilidade de os participantes produzirem enunciados com a mesma estrutura em vez de outra estrutura igualmente aceitável na língua (GREY; TAGARELLI, 2018). Muitos estudos já demonstraram o *priming* sintático em uma mesma língua (BERNOLET; COLLINA; HARTSUIKER, 2016; BOCK, 1986; FERREIRA, 2003; SCHEEPERS, 2003). Outros tantos já demonstraram esse mesmo fenômeno entre duas línguas no que diz respeito a estruturas específicas, como voz passiva (CHEN *et al.*, 2013; HARTSUIKER; PICKERING; VELTKAMP,

2004), ordem sujeito-verbo e verbo-sujeito (JENSEN; SJØRUP; BALLING, 2009), orações relativas (DESMET; DECLERCQ, 2006), objetos preposicionados e objetos duplos (SALAMOURA; WILLIAMS, 2007) e caso dativo (LOEBELL; BOCK, 2003; SALAMOURA; WILLIAMS, 2006)²⁷.

É importante observar que, embora muitos dos estudos de *priming* envolvam participantes não tradutores, os resultados obtidos podem ajudar a esclarecer investigações sobre a influência do texto-fonte no texto-alvo no processo tradutório. Conforme exposto por Kujamäki (2019), os estudos do desenvolvimento de competência tradutória que investigam esse tipo de influência na tradução podem ser divididos em duas correntes: estudos prescritivos e estudos descritivos. Os estudos prescritivos foram os mais abundantes por muitos anos e neles investiga-se a influência negativa do texto-fonte no texto-alvo. Por influência negativa, entende-se traduções que desviam do que é padrão, convencional e natural na língua-alvo devido à repetição de estruturas do texto-fonte (PYM, 2008). Nesses estudos, a influência do texto-fonte é sempre negativa, pois eles se baseiam no pressuposto de que evitar traduções literais, motivadas pela influência do texto-fonte, faz parte da competência tradutória. Tradutores semiprofissionais com essa visão tentam evitar as estruturas do texto-fonte mesmo quando elas são aceitáveis na língua-alvo, simplesmente por medo de interferências (KUSSMAUL, 1995). Um exemplo de estudo prescritivo, que avalia o produto, é o de Kujamäki (2019). A pesquisadora não chega a mencionar o termo “*priming*”, mas seu objetivo foi investigar como a influência do texto-fonte muda ao longo de um curso de tradução. No estudo longitudinal conduzido com 7 alunos de tradução na Finlândia, os participantes realizaram uma tradução do inglês (L2) para o finlandês (L1) no início do curso e outra ao final do curso, que tem duração de 3 anos. Kujamäki (2019) analisou as traduções, com foco especial nos trechos que continham traduções com a mesma estrutura do texto-fonte, os quais ela classificou em transferência positiva ou negativa. Os resultados revelaram que, na primeira coleta, 63,6% das traduções inadequadas ocorreram devido à influência de estruturas do texto-fonte. Ou seja, podemos dizer que esse resultado indica que no início do curso mais de metade das traduções inadequadas podem ser explicadas pela influência negativa do texto-fonte. Por outro lado, os resultados na segunda coleta ao final do

²⁷ Para saber mais sobre *priming* sintático entre duas línguas, recomenda-se a leitura de Van Gompel e Arai (2018).

curso demonstram uma redução da influência negativa do texto-fonte, pois apenas 46,9% das traduções inadequadas ocorreram por esse motivo.

Em oposição aos estudos prescritivos da tradução, os estudos descritivos da tradução começam a partir de Toury (1995), quando ele propôs que a influência do texto-fonte no texto-alvo deveria ser vista como um fenômeno mais abrangente, com duas dimensões: negativa e positiva. A influência negativa ocorre quando o uso das estruturas da língua-fonte na língua-alvo resulta em frases não convencionais, estranhas ao leitor. Ao passo que a influência positiva é, nas palavras que Pym (2008) usa em uma revisão sobre Toury (1995), invisível para o leitor da tradução, pois resulta no uso de estruturas e palavras naturais e convencionais na língua-alvo. De acordo com essa visão bidimensional de influência, os tradutores experientes não necessariamente precisam evitar a repetição de todas as estruturas presentes no texto-fonte, o que exigiria um esforço muito grande, já que significaria ir contra o efeito de *priming*, que é um fenômeno natural da cognição humana. Em vez disso, os tradutores precisam aproveitar os fragmentos que podem ser traduzidos seguindo a mesma estrutura do texto-fonte e identificar fragmentos que não podem (DIMITROVA, 2005), pois reter uma estrutura do texto-fonte para reutilizar no texto-alvo impõe menos demandas cognitivas do que reformular o fragmento e utilizar uma estrutura diferente no texto-alvo (BANGALORE *et al.*, 2016).

Um exemplo de estudo descritivo da tradução é o de Schaeffer e Carl (2014). Os pesquisadores utilizam a tecnologia de rastreamento ocular, que registra todos os movimentos oculares dos participantes enquanto eles realizam a tarefa desejada, para investigar se o esforço cognitivo²⁸ necessário para realizar traduções literais é diferente daquele exigido para traduções não literais. Ou seja, os autores não julgam sobre a tradução literal ser boa ou ruim. Em vez disso, partem do pressuposto de que as duas formas de traduzir (literal e não literal) ocorrem com frequência, mas são usadas em ocasiões diferentes e impõem esforço cognitivo distinto.

A partir desses estudos cognitivos da tradução, não apenas a tradução literal passa a ser vista como possibilidade aceitável, como também passa a ser considerada como o procedimento mais natural por alguns pesquisadores. Nessa linha, Bangalore *et al.* (2016) defendem que traduzir literalmente é o procedimento padrão entre

²⁸ Nos Estudos Processuais da Tradução, esforço cognitivo se refere à quantidade de informações e interações que podem ser processadas simultaneamente durante tarefas complexas, sendo que essa capacidade é limitada. (MARTÍN, 2004)

tradutores porque resulta de um efeito de *priming* do texto-fonte. Para esses autores, o efeito natural de *priming* faz com que a tradução literal seja a primeira opção que vem à mente do tradutor e exige menos esforço cognitivo que outras opções menos literais.

Como podemos observar, os pesquisadores que partem do pressuposto que a tradução literal é resultado do efeito de *priming* do texto-fonte no texto-alvo definem tradução literal como uma possibilidade de tradução estruturalmente similar ao texto-fonte, sendo aceitável e preferível às vezes, mas nem sempre. Nesta dissertação, partimos desse pressuposto e postulamos que a tradução literal é a primeira que vem à mente do tradutor devido ao efeito de *priming*. Com base nisso, investigamos se as funções executivas dos tradutores (que fazem parte da cognição humana tanto quanto a memória de *priming*) têm relação com a quantidade de traduções literais utilizadas. Assim, consideramos a tradução literal como procedimento natural resultante dos mecanismos cognitivos dos indivíduos. Ainda que essa visão de tradução literal tenha se popularizado entre pesquisadores que levam em conta o aspecto cognitivo, o termo “tradução literal” é um dos que mais varia na literatura dos Estudos da Tradução. Dessa forma, discutimos sobre a definição desse termo na próxima seção. Além disso, também apresentamos alguns métodos usados para medir o grau de literalidade em traduções. A revisão desses métodos foi necessária para que pudéssemos decidir como medir a literalidade em nosso estudo.

2.4 Literalidade na tradução

Na indústria dos serviços de tradução de hoje, os clientes esperam receber textos de alta qualidade e que soam naturais na língua-alvo, de forma que o público-alvo leia o texto e não consiga identificar que se trata de uma tradução. Ou seja, o leitor precisa ter a sensação de que o texto foi escrito originalmente na língua-alvo. Ao explicar essa expectativa, alguns clientes dizem que a tradução não pode ser literal, demonstrando que, para eles, uma tradução não natural equivale a uma tradução literal. Nesse contexto, a tradução literal enquanto procedimento não é bem vista, pois acredita-se que resulta em traduções de baixa qualidade (DIMITROVA, 2005).

Essa visão de que a tradução literal é inadequada condiz com a visão do filósofo grego Cícero, de dois mil anos atrás. Segundo Albir (2011), Cícero defendia que a

tradução não deveria ser feita *verbum pro verbo*, ou seja, palavra por palavra, mas sim *sensum pro sensum*, ou seja, com foco no sentido. Pode-se dizer que ele defendia a tradução livre em oposição à literal. Porém, isso nem sempre foi assim. Albir (2011) afirma que a forma de conceber o que é tradução muda de uma época para outra e de um teórico para outro. Em algumas épocas, a tradução literal é considerada mais adequada; já em outras, a tradução livre recebe maior prestígio.

Assim, algumas centenas de anos depois de Cícero, no século XVI, Erasmo de Roterdã, ao refletir sobre a tradução de escrituras sagradas, afirmou que preferia pecar por minúcia em excesso do que por licença em excesso, demonstrando uma preferência pela tradução literal (CHESTERMAN, 2016). Esses são apenas alguns exemplos que demonstram um movimento pendular entre os dois extremos da tradução (literal *versus* livre) durante centenas de anos. Chesterman (2016) relata que um dos primeiros teóricos a buscar “um caminho do meio” foi Dryden, em 1680, que advertia contra os perigos de utilizar em excesso a tradução literal ou a tradução livre.

Chesterman (2011) afirma, ainda, que não existe um limite claro entre o que é e o que não é uma tradução literal. Segundo o autor, o conceito de tradução literal só é útil quando usado para fins de comparação, ou seja, para avaliar o grau de literalidade em duas ou mais traduções. Essa avaliação levaria em conta a semelhança formal, ou de estruturas, entre o texto-fonte e o texto-alvo. Ou seja, de acordo com o teórico, não é possível dizer que uma tradução é literal; em vez disso, pode-se comparar diferentes traduções de um mesmo texto e dizer que uma tradução é formalmente mais próxima do texto-fonte que outra.

Partindo da contribuição de Chesterman (2011), pode-se dizer que os extremos da dicotomia entre tradução literal *versus* livre estão sendo substituídos por uma ideia de *continuum* de literalidade, ou seja, os textos podem ter diferentes graus de literalidade, não precisando ser totalmente literais nem totalmente livres. Nesse contexto, fica evidente a necessidade de discutir o que é literalidade e como é possível medi-la, tanto para fins de teorização e pesquisa, quanto para fins de controle de qualidade no mercado de trabalho. Nas próximas seções, portanto, são apresentadas algumas das definições mais importantes desse conceito, bem como três métodos de medição de literalidade encontrados na literatura.

2.4.1 Definição de literalidade

Segundo Chesterman (2016, p. 8), “‘tradução literal’ é um termo infeliz: para alguns significa “palavra por palavra” e, portanto, agramatical; para outros significa ‘a tradução gramatical mais próxima ao texto-fonte possível, que provavelmente não soará natural’”²⁹. O autor atenta para o fato de que, apesar das diferenças, esses dois conceitos de tradução literal têm como foco a proximidade do texto-alvo com a forma do texto-fonte. Apesar de não definir o termo “forma”, Chesterman (2016) menciona que as estratégias de tradução relacionadas à sintaxe do texto são usadas para manipular a forma. Assim, pode-se dizer que a forma diz respeito às regras sintáticas e estruturas da língua. O teórico fornece sua própria definição de tradução literal como a “máxima proximidade à forma do texto-fonte, mas garantindo a gramaticalidade no texto-alvo”³⁰ (CHESTERMAN, 2016, p. 94, tradução nossa). Na mesma linha, Dimitrova (2005, p. 53, tradução nossa) também se baseia na questão gramatical para explicar o termo, e afirma que tradução literal é “um fragmento do texto-alvo estrutural e semanticamente moldado com base no fragmento do texto fonte, respeitando as regras gramaticais da língua-alvo”³¹.

Antes disso, os primeiros teóricos modernos da tradução não mencionavam forma e gramática em suas definições de tradução literal. Em vez disso, era muito frequente o uso do termo “palavra por palavra” para explicar o conceito da literalidade, possivelmente por ser de fácil compreensão. Por exemplo, Catford (1978) define tradução literal como um tipo de tradução que fica entre a tradução livre (feita no nível da frase) e a tradução palavra por palavra (feita no nível da palavra). Já para Newmark (1981), a tradução literal equivale àquela produzida palavra por palavra. O autor afirma que, contanto que o efeito de equivalência seja mantido com a tradução literal, esse método de tradução é não só o melhor, mas o único válido.

Com base nessa grande diferença de interpretações do termo “tradução literal”, fica evidente que um estudo que envolva literalidade na tradução deve, antes de tudo, definir esse conceito e como ele será operacionalizado. Neste trabalho, entende-se como tradução literal aquela que é estruturalmente parecida com a língua-fonte, mais especificamente, aquela que mantém no texto-alvo a mesma ordem de palavras

²⁹ No original: “Literal” is an unfortunate term: for some it means “word-for-word and therefore ungrammatical, like a linguist’s gloss”; for others it means “the closest possible grammatical translation, probably not sounding very natural”.

³⁰ No original: “maximally close to the SL form, but nevertheless grammatical”.

³¹ No original: “[...] a TT fragment which is structurally and semantically modelled upon the ST fragment while respecting TL grammatical constraints”.

presente no texto-fonte, bem como as mesmas classes gramaticais e grafia similar ou com o mesmo sentido em dicionários de uso geral. Além disso, partimos do pressuposto de que existem diferentes níveis de literalidade, ou seja, traduções mais literais e menos literais. Por exemplo, “*better chances*” pode ser traduzido como “melhores chances”, “chances melhores”, “mais chances” etc. A opção “melhores chances” segue a mesma ordem do texto-fonte e usa a tradução dicionarizada de “*better*”, portanto é mais literal do que livre, ao passo que “mais chances” mantém a mesma ordem do texto-fonte, mas não usa a tradução dicionarizada de “*better*”, o que já a distancia do texto-fonte, tornando-a menos literal que a primeira opção.

No momento da escrita do projeto desta dissertação, definiu-se que o termo “tradução literal” seria utilizado, mas vale mencionar o termo “tradução-padrão”, com o qual nos familiarizamos no decorrer das leituras para a fundamentação teórica deste trabalho. Halverson (2019) propõe o uso do termo “tradução-padrão” nos estudos cognitivos da tradução para se referir a traduções que são escolhidas com mais rapidez, facilidade e frequência que outras, pois demandam menos esforço cognitivo. A pesquisadora afirma que a tradução-padrão caracteriza uma fase da produção tradutória na qual os tradutores trabalham de maneira ininterrupta. Nesse sentido, podemos dizer que existe uma proximidade grande entre o que estamos tratando como tradução literal e o conceito de tradução-padrão de Halverson (2019), uma vez que nos interessamos pela tradução que requer baixo esforço de elaboração devido ao alto grau de semelhança estrutural com o texto-fonte.

Vale ressaltar também que, nesta dissertação, a literalidade foi analisada apenas no nível de combinações específicas de palavras, como “*celebrate a birthday*”. Essa delimitação foi feita porque nosso interesse era observar como os tradutores lidam com a convencionalidade em combinações de palavras. Ou seja, queríamos investigar se, ao lerem palavras que costumam “andar juntas” (FIRTH, 1957) os tradutores tendiam a usar traduções literais e menos convencionais (ex.: “celebrar um aniversário”) ou traduções livres e mais convencionais (ex.: “comemorar um aniversário”). Não encontramos na literatura nenhuma forma específica de medir o grau de literalidade em combinações de palavras. Na verdade, encontramos apenas três métodos que se propunham a medir a literalidade em tradução de alguma forma. A nosso ver, há poucos métodos porque os elementos em uma tradução podem ser vistos por diferentes ângulos e, portanto, o mesmo método não é suficiente e adequado para todas as pesquisas. Apresentamos a seguir os três métodos

encontrados, que foram levados em conta em nossa decisão de como medir a literalidade no estudo desta dissertação.

2.4.2 Medição da literalidade

Como afirmado na seção 2.3, os Estudos da Tradução com uma abordagem cognitiva vêm mostrando que a tradução literal é um processo natural que funciona bem em fragmentos de texto nos quais as duas línguas de trabalho compartilham estruturas, permitindo que a forma do texto-fonte seja mantida no texto-alvo sem perda de sentido nem de naturalidade. Em estudos de literalidade nos quais se deseja descrever ou investigar sobre como e quando a tradução literal é usada, é essencial definir o método de medição da literalidade. Esta dissertação se encaixa em estudos desse tipo, pois o objetivo foi investigar a relação entre a literalidade em tradução, funções executivas e experiência tradutória. Dessa forma, precisamos ter uma forma objetiva de quantificar a literalidade. A seguir, são descritos três métodos de medição da literalidade: as Modalidades de tradução de Aubert (AUBERT, 1998), o Método de Płońska (PŁOŃSKA, 2016) e o Método de Carl e Schaeffer (SCHAEFFER; CARL, 2014; CARL; SCHAEFFER, 2017). Foram os únicos métodos objetivos de medição da literalidade que encontramos na literatura dos Estudos da Tradução. Apresentamos esses métodos abaixo, que foram essenciais para as reflexões sobre como medir a literalidade nesta dissertação.

2.4.2.1 Modalidade de tradução de Aubert

O método de medição de literalidade proposto por Aubert (1998) foi desenvolvido enquanto ele lecionava aulas de tradução na graduação. Trata-se de um modelo descritivo, no qual “o grau de diferenciação linguística entre o texto original e o texto traduzido poderá ser medido e quantificado” (AUBERT, 1998, p. 102). Esse modelo é baseado nos procedimentos de Vinay e Darbelnet (1958), teóricos do comparativismo que descreveram procedimentos de tradução em escala de distância entre o texto-fonte e o texto-alvo. Aubert mantém em seu modelo a escala de diferenciação entre texto fonte e texto-alvo, porém seus objetivos são diferentes. Os procedimentos de Vinay e Darbelnet tinham finalidade pedagógica, para servir de referência na formação de tradutores, enquanto Aubert (1998) descreve as

modalidades de tradução com o objetivo de gerar dados quantitativos, passíveis de tratamento estatístico. O autor queria que seu modelo respondesse à seguinte pergunta: “Quantos % do texto original reaparecem no texto traduzido sob forma de determinada modalidade?” (AUBERT, 1998, p. 103). Para isso, o teórico selecionou a palavra gráfica como unidade textual, mas, como ele próprio esclarece, a análise não se atém à palavra isolada; em vez disso:

[...] cada palavra do texto original necessita, inicialmente, ser situada no contexto do sintagma, da oração e do contexto mais amplo em que ocorre e, somente depois, ser buscada no texto traduzido, em que pode reocorrer, de forma explícita, como palavra isolada, como sintagma nominal ou verbal, como morfema ou como paráfrase ou, ainda, de forma implicitada, condensada, sugerida por uma ou mais soluções na versão oferecida pelo tradutor. (AUBERT, 1998, p. 104)

O modelo é composto por 13 modalidades, resumidas no Quadro 2. Para ver as definições mais completas, juntamente com exemplos, consulte Aubert (1998).

Quadro 2 — Modalidades de tradução de Aubert

| Modalidade | Explicação |
|-------------------------------|---|
| Omissão | Ocorre quando uma informação no texto-fonte não pode ser reproduzida no texto-alvo, por exemplo, quando não há espaço. |
| Transcrição | É considerado o “grau zero” da tradução, pois consiste em segmentos que pertençam tanto à língua-fonte quanto à língua-alvo, como é o caso de números com dois dígitos em português e inglês, pois as duas línguas usam o mesmo sistema numérico. |
| Empréstimo | Um segmento do texto-fonte é reproduzido de maneira idêntica no texto-alvo, ainda que não seja dicionarizado na língua-alvo. É o caso de nomes não adaptados, como <i>Mary</i> . |
| Decalque | Uma palavra é emprestada da língua-fonte e sofre adaptações gráficas de acordo com as regras da língua-alvo, como é o caso de “ <i>abajur</i> ”, emprestado do francês <i>abat-jour</i> . |
| Tradução literal | Tradução que ocorre palavra-por-palavra, mantendo o mesmo número de palavras, as mesmas categorias gramaticais, a mesma ordem sintática e usando sinônimos interlinguísticos, como em: “ <i>Her name is Mary</i> ” e “Seu nome é Maria” (p. 106-107). |
| Transposição | Quando pelo menos um dos três primeiros critérios que definem a tradução literal deixa de ser satisfeito. |
| Explicitação/ implicitação | Quando uma informação implícita no texto-fonte é colocada como explícita no texto-alvo, ou quando uma informação explícita no texto-fonte é colocada como implícita no texto-alvo. |

| | |
|-------------------------|--|
| Modulação | Quando um segmento textual é traduzido com significado parcial ou totalmente diferente, mas significante igual, como em “Articles of Association” traduzido como “Contrato Social”. |
| Adaptação | Assimilação cultural na qual busca-se uma equivalência parcial e suficiente de sentido, como em “Hobgoblin” traduzido como “Saci-Pererê”. |
| Tradução intersemiótica | Quando imagens no texto-fonte são reproduzidas como material textual no texto-alvo, por exemplo, em documento que passou por tradução juramentada: “No canto superior esquerdo, brasão da Província de Ontário”. |
| Erro | Erros claros de tradução (não inclui traduções consideradas inadequadas ou não naturais). |
| Correção | Melhoria que o tradutor faz no texto-alvo para corrigir um erro factual ou linguístico no texto-fonte. |
| Acréscimo | Qualquer segmento textual inserido por vontade do tradutor e que não seja motivado por conteúdo implícito ou explícito no texto-fonte. |

Fonte: Autora, com base em Aubert (1998, p. 105-110).

Aubert (1998) explica que as Modalidades de Tradução podem ser usadas para analisar frases ou expressões isoladas, mas que são mais usadas para analisar textos mais longos. Os textos são analisados individualmente pelo pesquisador, que registra as ocorrências das modalidades usadas, sendo que uma mesma unidade textual pode conter uma ou mais modalidades, ou seja, as modalidades podem ocorrer em seu estado “puro” ou de forma “híbrida” (AUBERT, 1998, p. 110). Depois de apresentar o modelo, o autor descreve um estudo experimental e, com base nos resultados, conclui que, em traduções do inglês para o português, a tradução literal foi a modalidade usada com mais frequência entre os participantes.

As Modalidades de Tradução continuam a ser usadas em estudos brasileiros até hoje para a análise de tipologias textuais (CAMARGO, 2004), legendagens de fãs (NASCIMENTO, 2016), tradução literária de textos em português brasileiro para o inglês (WIDMAN; ZAVAGLIA, 2017) entre outras investigações. É um modelo que tem categorias claras, com grau de diferenciação crescente entre o texto-fonte e o texto-alvo, usadas para analisar produtos, ou seja, textos traduzidos em seu estado final.

2.4.2.2 *Método de Płońska*

O método de medição de literalidade de Płońska (2016) foi desenvolvido para ser aplicado em um estudo no qual a autora precisava identificar com precisão os trechos traduzidos literalmente pelos participantes. O objetivo do estudo era investigar se tradutores profissionais e alunos de tradução produziam textos com diferentes graus de literalidade. A hipótese era de que o aumento da experiência tradutória resultaria em uma diminuição no uso de traduções literais, ou seja, os tradutores profissionais produziram traduções menos literais do que os alunos de tradução. Participaram do estudo 19 tradutores profissionais, 22 alunos de tradução e 20 bilíngues não especializados em tradução. Todos tinham polonês como L1 e francês como L2.

Antes de apresentar a tarefa e os resultados, é importante mencionar que Płońska (2016) ressalta a dificuldade de operacionalizar a literalidade e atribui essa dificuldade parcialmente à inconsistência na definição do termo. Por isso, a autora inicia por definir o que é literalidade. Para ela, a tradução literal não pressupõe a preservação da ordem sintática das palavras; em vez disso, as regras sintáticas da língua-alvo são usadas na tradução literal para organizar os itens lexicais contidos no texto-fonte. Ou seja, a ordem das palavras não é considerada como um fator da literalidade.

Płońska (2016) explica, então, seu método. A Etapa 1 do método consiste em selecionar o texto que será usado no estudo. A Etapa 2 consiste em eleger um ou mais dicionários bilíngues no par de línguas de interesse e consultar e registrar todos os equivalentes dicionarizados para cada palavra no texto. A Etapa 3 consiste em imaginar e registrar o maior número possível de frases usando os equivalentes das palavras encontradas no dicionário, sendo que todas as frases devem respeitar as regras gramaticais e sintáticas da língua-alvo, mesmo que isso signifique não seguir a sintaxe do texto-fonte. O resultado da Etapa 3 é uma lista de traduções literais. A Etapa 4 consiste na coleta de dados, momento no qual os participantes traduzem o texto do estudo. A Etapa 5 consiste em comparar as traduções dos participantes com a lista de traduções literais gerada na Etapa 3, categorizando cada uma das palavras nas traduções dos participantes como “literal” ou “não literal”. A classificação “literal” deve ser usada quando a tradução do participante é igual a uma das traduções literais da lista, e a classificação “não literal” deve ser usada quando a tradução do participante é diferente de todas as traduções literais da lista. A Etapa 6 é a última, e

consiste na soma do total de traduções literais em cada texto traduzido. Esse índice é usado como medida de literalidade na tradução.

Płońska (2016) aplicou seu próprio método com os participantes de seu estudo. Eles traduziram um texto do francês (L2) para o polonês (L1) no software *Translog* (CENTER, s.a., s.p.; CARL, 2012). Era um artigo de revista contendo 365 palavras, sem termos técnicos especializados. Os participantes não podiam usar dicionários online, mas tiveram acesso aos dois dicionários bilíngues utilizados pela pesquisadora durante a elaboração da tarefa. Płońska (2016) realizou todas as etapas do método que propôs e passou para a análise de dados. Segundo a pesquisadora, os resultados indicam que os alunos de tradução produziram textos menos literais do que os tradutores profissionais. A hipótese do estudo era de que tradutores profissionais usavam menos tradução literal, portanto a hipótese não foi confirmada. A Figura 3 mostra um exemplo de como foi feita a análise das traduções no estudo. A coluna “Original text” mostra a frase do texto-fonte separada em linhas. As colunas ao lado mostram três possibilidades de tradução literal, resultantes da Etapa 3 do método. Por fim, as demais colunas mostram as traduções de dois participantes do estudo, já classificadas como literal ou não literal.

Figura 3 — Categorização entre literal e não literal no estudo de Płońska

| | Original text | Imaginary literal translation 1 | Imaginary literal translation 2 | Imaginary literal translation 3 | Participant 1 translation | Participant 2 translation |
|---|---------------------------------|---------------------------------|---------------------------------|---------------------------------|---|--|
| 1 | Vous [you] | Pani | Musi | Po | Musi lit. | Swoją lit. |
| 2 | devez [have to] | musi | pani | swoją | pani lit. | emeryturę lit. |
| 3 | personnellement [personally] | osobiście | osobiście | emeryturę | osobiście lit. | musi lit. |
| 4 | venir [come] | przyjechać | przyjechać | musi | zjawić się non-lit. [appear] | pani lit. |
| 5 | chercher [and fetch] | po | do Bulgarii | pani | w Bulgarii non-lit. [in Bulgaria] | odbierać non-lit. [collect] |
| 6 | votre [your] | swoją | po | przyjechać | po odbiór non-lit. [to collect] | osobiście lit. |
| 7 | retraite [pension] | emeryturę | swoją | osobiście | swojej non-lit. [your] | w Bulgarii. non-lit. [in Bulgaria] |
| 8 | en Bulgarie. [in Bulgaria] | do Bulgarii. | emeryturę. | do Bulgarii. | emerytury. non-lit. [pension] | |

Fonte: Płońska, 2016, p. 285

Assim como nas Modalidades de Tradução, o método de Płońska (2016) pode ser usado para analisar produtos, mas não processos. No entanto, é um método mais limitado do que o de Aubert (1998), uma vez que não leva em conta alterações de ordem sintática. Outra limitação do método de Płońska é a grande subjetividade, uma vez que se baseia em um ou mais dicionários e em listas de traduções imaginadas pelo pesquisador. Se as mesmas traduções fossem analisadas por pesquisadores diferentes usando dicionários diferentes, os dados obtidos provavelmente também seriam diferentes. Em pesquisas qualitativas, a confiabilidade de um método é um critério importante, pois o instrumento e o método usados para medir um fenômeno devem ser capazes de gerar dados consistentes.

2.4.2.3 *Método de Carl e Schaeffer*

Tanto o método de Aubert (1998) quanto o de Płońska (2016) para medir a literalidade de uma tradução foram desenvolvidos para analisar os produtos de traduções. No entanto, nos últimos anos, os Estudos Processuais da Tradução vêm crescendo e, nessa abordagem, o foco são os processos. Os estudos processuais investigam sobre esforço cognitivo, pausas, avanços, retornos, correções e outros elementos durante a realização das traduções. Para esse tipo de pesquisa, é vantajoso usar um método de medição de literalidade cujos dados possam ser relacionados com dados obtidos durante a atividade tradutória, como dados de rastreamento ocular ou de acionamento de teclas.

Carl e Schaeffer (2017) desenvolveram um método de medição de literalidade que atende a essa necessidade da abordagem dos Estudos Processuais da Tradução. Isso o difere dos métodos anteriores. O objetivo do método é permitir a medição de literalidade de modo a investigar a correlação com o esforço cognitivo da tradução. Os pesquisadores se baseiam nos modelos de Catford (1978), Ivir (1981), Toury (1995) e Tirkkonen-Condit (2005), afirmando que “todos esses modelos pressupõem que traduções palavra por palavra e literais são mais fáceis de produzir do que traduções com estruturas muito diferentes do texto-fonte”³² (CARL; SCHAEFFER, 2017, p. 82, tradução nossa).

³² No original: “All these models imply that word-for-word, one-to-one literal translation correspondences are easier to produce than translations that are structurally very different from the source text”.

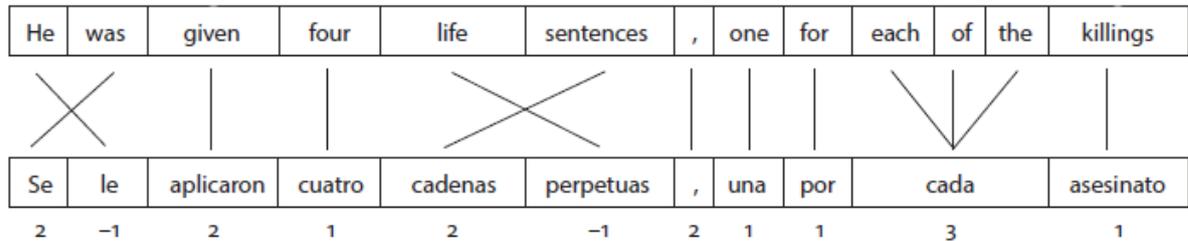
A hipótese dos pesquisadores é de que traduções que demandam mais esforço cognitivo demoram mais tempo para serem produzidas, ou seja, traduções mais livres exigem mais tempo do que traduções literais. Para investigar essa hipótese, o método de medição de literalidade precisa ser passível de aplicação durante o processo de tradução, permitindo investigar a relação com o tempo necessário para a tradução de cada trecho.

Carl e Schaeffer (2017) atentam para o fato de que a definição de literalidade é algo controverso e que influencia no método de medição escolhido. Por isso, iniciam definindo literalidade como uma medida que quantifica a similaridade entre o texto-fonte e o texto-alvo, composta por dois componentes: (1) a similaridade na ordem das palavras entre o texto-fonte e o texto-alvo e (2) o número de possíveis equivalentes diferentes para a mesma palavra. Os autores denominam “traduções absolutamente literais” aquelas que atendem a esses dois critérios, ou seja, a ordem das palavras no texto-fonte é idêntica à ordem das palavras no texto-alvo, e diversas traduções produzidas por diferentes tradutores não apresentam variações entre si.

Assim como Płońska (2016), Carl e Schaeffer (2017) consideram as diferentes possibilidades de tradução de cada palavra. No entanto, diferentemente de Płońska, que considera o número de possíveis traduções para uma palavra de acordo com um dicionário, Carl e Schaeffer consideram o número de possíveis traduções de acordo com um conjunto de traduções do mesmo texto. Eles explicam que a quantidade de diferentes traduções para uma mesma palavra ou expressão reflete a similaridade (ou diferença) dos sentidos e conceitos nas duas línguas. Ou seja, se o conceito for similar nas duas línguas e culturas, provavelmente haverá menos formas de traduzir determinada palavra, o que eles chamam de menor perplexidade.

A análise por este método começa pelo produto e, em seguida, os dados dessa análise são relacionados aos dados do processo (por exemplo, dados de rastreamento ocular durante a tarefa de tradução). Para avaliar o primeiro componente da literalidade, as traduções produzidas pelos participantes passam por um processo de alinhamento por computador e esse alinhamento é verificado e confirmado manualmente. Esse alinhamento permite a comparação das frases no texto-fonte com as frases traduzidas, registrando os deslocamentos por meio de números. Veja o exemplo a seguir, na Figura 4, retirado do trabalho publicado pelos autores.

Figura 4 — Exemplo de alinhamento inglês-espanhol



Fonte: Carl e Schaeffer, 2017, p. 87

Os deslocamentos são registrados de acordo com a quantidade de progressões ou regressões que a palavra sofreu na tradução. Por exemplo, na Figura 4, o pronome “He” foi traduzido como “le” e foi deslocado em duas unidades de progressão, ou seja, duas palavras para a direita. Já “was” foi traduzido como “Se”, e, em vez de ser posicionado após o pronome, houve uma inversão, na qual a tradução “Se” foi deslocada em duas unidades de regressão, ou seja, duas palavras para a esquerda. Esses números demonstram a reorganização sintática necessária na tradução. Quanto maior é o deslocamento da palavra, menos literal é a tradução, de acordo com o primeiro componente da literalidade de Carl e Schaeffer. Também é possível fazer uma média do valor dos deslocamentos das palavras para obter um índice para o texto como um todo.

Para o segundo componente da literalidade, que se refere à quantidade de possibilidades de tradução para uma palavra, Carl e Schaeffer expõem matematicamente os cálculos feitos; para ver as operações matemáticas, consulte Carl e Schaeffer (2017). Após a coleta de dados, eles levam em conta quantos equivalentes diferentes foram produzidos para uma mesma palavra no texto-fonte pelos diferentes participantes e quantas vezes cada um dos equivalentes foi usado. Dessa forma, conseguem verificar a probabilidade de determinado equivalente ser usado para uma palavra específica no texto-fonte. Os autores consideram as palavras com maior probabilidade de serem usadas como mais literais, e as com menos probabilidade de serem usadas como menos literais.

Assim, os autores verificam como o componente sintático (os fatores obtidos após o alinhamento das traduções) e o de perplexidade (número de possíveis equivalentes diferentes para a mesma palavra) se relacionam com traços de esforço cognitivo durante o processo de tradução, como fixações oculares. Carl e Schaeffer (2017) defendem seu método de medição de literalidade para observar a correlação

com o esforço de tradução. É importante ressaltar que os autores não deixam claro se os dois componentes podem gerar um índice composto. Pela nossa interpretação, o pesquisador deve eleger o componente de interesse e então aplicar a análise do componente sintático ou de perplexidade da literalidade. A nosso ver, isso é um problema, pois não permite fazer análises usando um índice único de literalidade que leve em conta os dois componentes propostos pelos autores.

A revisão dos três modelos neste estudo — Modalidades de Tradução de Aubert (1998), Método de Płońska (2016) e Método de Carl e Schaeffer (2017) —, evidencia uma característica unificadora entre eles: todos abandonam a polaridade entre tradução literal *versus* livre e favorecem a existência de diferentes graus de literalidade. Um mesmo texto pode conter alguns trechos traduzidos literalmente e outros traduzidos livremente.

Essa revisão evidencia que o método de medição ideal depende dos objetivos de cada estudo. Nos casos em que o estudo precisa de uma medição mais completa da literalidade e necessita apenas de dados do produto, é possível que as Modalidades de Tradução de Aubert (1998) sejam o método mais adequado. No entanto, para estudos que investigam o processo tradutório e utilizam equipamentos de rastreamento ocular, de acionamento de mouse ou de acionamento de teclado, o método mais adequado parece ser o de Carl e Schaeffer (2017).

As considerações sobre medição da literalidade são importantes para esta dissertação porque o estudo que orienta este trabalho, descrito no capítulo 3, investiga se as funções executivas e a experiência tradutória dos indivíduos têm relação com a quantidade de traduções literais usada por eles. A motivação para investigar esses possíveis fatores da literalidade foi a exigência do mercado de trabalho atual por traduções que soem naturais, como se tivessem sido escritas originalmente em português, e não como textos que passaram por tradução. Mesmo havendo essa exigência explícita por parte dos clientes, o revisor de textos traduzidos encontra diariamente frases que não soam naturais, mesmo quando os tradutores são profissionais experientes ou têm formação específica em tradução. Dessa forma, se os anos de experiência não parecem ser informação suficiente para entender por que alguns indivíduos produzem traduções aparentemente mais literais que outros, além de estabelecer uma definição para o termo literalidade e uma forma objetiva de medir esse construto, também é necessário identificar em que condições e momentos a tradução literal é aplicada. A hipótese da tradução literal, apresentada na subseção

2.4.3 abaixo, propõe uma visão dessas condições e momentos, desmistificando a tradução literal como estratégia aplicada apenas por profissionais iniciantes ou incapazes. Em um trabalho como o nosso, no qual medimos a literalidade e não necessariamente a consideramos algo negativo, essa desmistificação é importante.

2.4.3 Hipótese da tradução literal

Chesterman (2011, p. 24) introduz o termo “hipótese da tradução literal” para investigar um fenômeno que ele afirma ser bastante conhecido e estudado, ainda que não seja possível identificar uma fonte. A hipótese consiste na ideia de que, durante o processo tradutório, a primeira tradução que vem à mente é a tradução literal. A hipótese se baseia no “pressuposto de que os processos cognitivos do tradutor tendem a ser influenciados inicialmente por traços formais do texto-fonte”³³ (CHESTERMAN, 2011, p. 26, tradução nossa). Embora o autor não faça referência direta a construtos da Psicologia Cognitiva, a nosso ver, o pressuposto acima vai ao encontro da discussão sobre memória de *priming* na seção 2.3, que mostra que a exposição a uma estrutura linguística pode levar à produção dessa mesma estrutura. Nesse contexto, a hipótese da tradução literal faz sentido, pois a tradução literal pode ser entendida como a repetição de estruturas do texto-fonte no texto-alvo devido ao efeito de *priming*.

Chesterman (2011) faz referência ao termo “monitor cognitivo”, usado pela primeira vez por Toury (1995) para nomear o processo de tradução explicado por Ivir (1981). Para Ivir (1981), o tradutor começa a busca por equivalentes a partir das opções estruturalmente semelhantes ao texto-fonte e só pensa em outras possibilidades não estruturalmente semelhantes e possivelmente um pouco mais distantes em termo de significado quando a tradução literal não é adequada. Toury (1995) utiliza o termo monitor para fazer referência a esse componente que identifica quando a tradução literal não é adequada, mas não entra em detalhes sobre esse monitor, portanto o leitor não tem como saber se ele utiliza mecanismos cognitivos de domínio geral, como atenção, controle inibitório e memória de trabalho.

Tirkkonen-Condit (2005) revisita o Modelo Monitor, explicando-o um pouco mais. Ela afirma que, no modelo, a tradução literal é um procedimento-padrão, usado

³³ No original: “The underlying assumption is that the translator’s cognitive processes will tend to be influenced, initially, by formal features of the source text.”

até o momento em que um monitor cognitivo alerta quanto a um problema de tradução. A autora afirma que a função do monitor é disparar a tomada de decisão consciente para resolver um problema, ou seja, um trecho que não pode ser traduzido literalmente. Para ela, o monitor age abaixo do nível da consciência enquanto as traduções literais são feitas, e é ele que ativa a consciência quando uma dessas traduções não funciona bem. A autora afirma que um desafio de pesquisa é identificar o que compõe esse mecanismo monitor, pois isso ainda não foi investigado.

Em linha com a hipótese da tradução literal e com o Modelo Monitor, Dimitrova (2005), afirma que a tradução literal não deve ser totalmente evitada. Em vez disso, ela defende que os tradutores experientes sabem identificar os trechos de um texto que podem ser traduzidos literalmente e utilizam a etapa de revisão da tradução para modificar trechos excessivamente literais. Tirkkonen-Condit (2005) e Dimitrova (2005) afirmam que a tendência pelo uso de traduções literais é observada tanto em tradutores iniciantes quanto em tradutores experientes.

Dessa forma, a tradução literal deixa de ser vista como erro e deixa de ser considerada inadequada em todas as situações. Inclusive, o oposto passa a ser verdade: a tradução literal é considerada a primeira que vem à mente, o procedimento-padrão de tradução, que exige menos esforço dos indivíduos. Podemos dizer que essa visão ainda está restrita aos pesquisadores da tradução, visto que a opinião popular ainda considera a tradução literal um procedimento inadequado (como é possível constatar pelas diversas publicações jocosas na internet sobre traduções literais que deram errado, sendo comum dizerem que “até o Google Tradutor faria melhor”). Ou seja, como expusemos anteriormente, o termo “tradução literal” tem diversas definições entre os pesquisadores da tradução, mas ele assume uma aceção um tanto homogênea entre leigos, tais como empresas que encomendam traduções, leitores de traduções e qualquer pessoa que não tenha estudo teorias da tradução. Para leigos, a tradução literal consiste na tradução palavra por palavra com resultado insatisfatório em termos de significado ou estilo, o que pode ocorrer devido a vários fatores, como polissemia (uma palavra na língua-fonte tem dois equivalentes possíveis na língua-alvo, mas que são usados em contextos bem diferentes) e falsos cognatos (palavras com grafias parecidas na língua-fonte e na língua-alvo, mas com significados diferentes). A nosso ver, a hipótese da tradução literal e o Modelo Monitor ainda estão dando os primeiros passos, faltando muito para o desenvolvimento de um modelo completo que descreva quais são os mecanismos cognitivos acionados no

monitor e como eles são usados. Apesar disso, os estudos que tratam desses dois tópicos já estão fazendo sua contribuição importante ao retirar o *status* de inadequação da tradução literal como um todo, pelo menos entre linguistas.

Com base nessas considerações, assumimos que a tradução literal é um procedimento natural e comum entre tradutores e que ela muitas vezes gera traduções possíveis e adequadas. Certamente há situações em que ela não gera traduções adequadas, mas isso ocorre apenas em parte dos casos em que a tradução literal é usada, pois as traduções literais podem render traduções que soam naturais em alguns casos, mas não em outros. Assim, podemos analisar a literalidade por esse viés da naturalidade ou convencionalidade. Por exemplo, as palavras “*data suggest*” costumam aparecer juntas em artigos acadêmicos em inglês, e sua tradução literal “dados sugerem” também costuma aparecer em artigos em português. Podemos dizer que essas combinações de palavras em inglês e em português são corretas e convencionais. Já as palavras “*particularly popular*” costumam aparecer juntas em inglês, ao passo que sua tradução literal para o português não é tão comum: “particularmente popular”. Uma tradução menos literal seria mais convencional: “especialmente popular”. Assim, agora que estabelecemos que a tradução literal não necessariamente resulta em erro, mas que pode resultar em uma combinação pouco convencional de palavras, vamos aprofundar a discussão sobre o que é convencionalidade.

2.5 Convencionalidade

Como mencionado no final da seção anterior, a literalidade pode resultar em traduções convencionais ou não na língua-alvo. Demos dois exemplos de combinações de palavras convencionalizadas no inglês e suas traduções literais. Em um dos casos, a tradução literal resultou em uma combinação de palavras correta, mas não convencional em português (particularmente popular). No outro caso, resultou em uma combinação de palavras correta e convencional em português (dados sugerem). No estudo descrito no capítulo 3 desta dissertação, analisamos como algumas combinações de palavras convencionalizadas em inglês foram traduzidas em nossa amostra. Nesta seção, são apresentados os conceitos de “combinações de palavras” e “convencionalidade” usados nesta dissertação, que são relacionados à área da Linguística de *Corpus*.

A Linguística de *Corpus* é uma abordagem para o estudo empírico da língua (SARDINHA, 2004). Os estudos nessa área utilizam *corpora* para observar fenômenos regulares da língua. Os *corpora* são “conjuntos de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente” (SARDINHA, 2004, p. 3), ou seja, não são simples aglomerações de documentos de qualquer tipo, mas sim textos que foram agrupados seguindo critérios específicos para estudos linguísticos. Um dos critérios de seleção pode ser o gênero textual, uma vez que cada gênero tem suas especificidades e, portanto, suas convencionalidades. Por exemplo, se uma pesquisa tem como objetivo analisar padrões em textos acadêmicos, o *corpus* de estudo conterá apenas textos autênticos desse tipo, pois se contivesse outros textos, como publicações em redes sociais, os padrões revelados provavelmente não refletiriam o uso no contexto específico de interesse. Em um *corpus* de textos acadêmicos em português, parece plausível que encontrássemos os padrões “dados sugerem” e “resultados de pesquisas recentes”. Os mesmos padrões provavelmente não apareceriam ou não apareceriam com frequência em textos de outros gêneros, como receitas ou textos publicitários. As pesquisas baseadas em *corpus* dedicam-se à descrição de diversos fenômenos que ocorrem repetidamente, formando padrões. Esses padrões revelam a convencionalidade na língua.

O uso de *corpora* é extremamente útil na identificação desses padrões porque permite análises abrangentes. A intuição do falante nativo não é suficiente para determinar o que é convencional ou não (STUBBS, 1995), pois, apesar de um falante nativo ser capaz de mencionar algumas combinações de palavras comuns em determinado gênero ou situação, ele não consegue pensar em todas as combinações comuns nesse gênero nem consegue calcular a frequência dessas combinações, muito menos comparar estatisticamente a frequência delas entre diferentes gêneros.

Stewart (2000) define criatividade como o uso espontâneo e criativo da língua, e convencionalidade como a tendência a usar padrões repetidos na linguagem, e, assim, afirma que a convencionalidade na língua se opõe à criatividade. Fillmore (1979) utilizou o termo “falante ingênuo” para se referir ao indivíduo que pode conhecer as palavras e a gramática de uma língua, mas que desconhece o uso convencional dela. Assim, segundo o autor, o uso de combinações de palavras convencionais em uma língua revela o controle nativo que um indivíduo tem dela, pois demonstra conhecimento das formas de dizer realmente utilizadas.

Segundo Tagnin (2013), não há regras que descrevam como as palavras são combinadas, pois a convencionalidade ocorre pelo uso. Por exemplo, não há nenhuma regra gramatical que leve a maioria dos falantes do português brasileiro a usar “personalidade forte” em vez de “personalidade intensa”, mas um falante nativo provavelmente não usaria a segunda combinação de palavras, pois ela não é convencional. As combinações de palavras convencionalizadas existem pela tendência de determinadas palavras coocorrerem regularmente em dada língua (BAKER, 2018).

A combinação de palavras leva diferentes nomes dependendo da abordagem adotada e das classes gramaticais que as compõem, como “combinações lexicais”, “unidades fraseológicas” ou “combinatória léxica”, entre outros. A revisão dessas nomenclaturas, entretanto, foge ao escopo desta dissertação. Para os fins do presente trabalho, optou-se pelo termo “combinação de palavras” ou simplesmente “combinação” para fazer referência a duas ou mais palavras que coocorrem com frequência em um *corpus* de língua geral e que apresentam certa flexibilidade, permitindo algumas variações (por exemplo, “criticar duramente” pode ocorrer como “duramente criticado” ou “uma crítica dura”).

Existem diversos tipos e subtipos de combinações de palavras passíveis de observação por meio de *corpora*, como as colocações (envolvendo só palavras lexicais) e as coligações (envolvendo palavras lexicais e gramaticais). É possível que o processamento de diferentes tipos de combinações de palavras tenha suas especificidades. No entanto, não foi possível investigar os tipos de combinações separadamente no presente trabalho, pois seria inviável desenhar a Tarefa de Tradução contendo um número adequado de combinações de cada tipo.

As ferramentas da Linguística de *Corpus* oferecem diferentes métricas para a análise de palavras e combinações, sendo o *per mil* e o *mutual information* (MI) índices relevantes para esta dissertação. *Per mil* é a frequência com que determinada palavra ou combinação aparece a cada um milhão de palavras no *corpus*. Esse índice é importante quando a pesquisa utiliza dados de mais de um *corpus*, pois os *corpora* provavelmente serão de tamanhos diferentes e, assim, a frequência bruta não permite a comparação adequada. Dizer que há 100 ocorrências em um *corpus* de 1 milhão de palavras é bem diferente do que dizer que há 100 ocorrências em um *corpus* de 1 bilhão de palavras. Assim, o *per mil* fornece a frequência normalizada, ou seja, a

quantidade de ocorrências por milhão³⁴, permitindo comparações diretas entre *corpora* de diferentes tamanhos.

O índice MI é um cálculo matemático proposto por Church e Hanks (1990) que compara a probabilidade de encontrar duas palavras juntas com a probabilidade de encontrá-las separadas em um *corpus*. Segundo os autores, MIs maiores que zero demonstram que a probabilidade de as palavras aparecerem juntas é maior do que o acaso e, portanto, revelam uma verdadeira associação entre elas. Segundo Hunston (2002), o MI é o índice mais adequado para comparar *corpora* com tamanhos diferentes, e combinações com MI igual ou superior a 3 podem ser consideradas convencionais.

Quando um texto contém uma combinação não convencional de palavras, diz-se que ocorre a quebra de convencionalidade. Essa quebra pode ser usada como uma estratégia para criar humor (TAGNIN, 2005), chamar a atenção do leitor (NORD, 2018) e outros usos. Porém, se essas quebras ocorrem diversas vezes ao longo de uma tradução, sendo que o texto-fonte não contém as mesmas quebras, isso pode indicar um problema na tradução. Diversos fatores podem ser responsáveis por esse problema, como uma competência tradutória ainda em desenvolvimento ou conhecimentos de língua ainda escassos. Postula-se neste trabalho que um dos fatores responsáveis pela quebra de convencionalidade em combinações de palavras é o efeito de *priming* linguístico que os tradutores sofrem ao ler o texto-fonte.

Retomando a seção 2.3, o efeito de *priming* linguístico em bilíngues se caracteriza pela mudança no processamento ou pela repetição de uma estrutura em uma língua em decorrência da exposição recente à mesma estrutura em outra língua. Considerando a atividade de tradução, previu-se nesta pesquisa que as estruturas das combinações convencionais em inglês no texto-fonte influenciariam a produção de combinações de palavras em português no texto-alvo. Essa influência constitui-se na repetição da ordem, da classe gramatical ou de palavras semelhantes em português que geram uma quebra na convencionalidade em português. Por exemplo, ao ler a combinação convencional “*critically injured*”, previa-se que alguns participantes não conseguiriam evitar o efeito de *priming* linguístico e, como resultado, produziram a combinação não convencional “*criticamente ferido*” em vez da combinação

³⁴ A normalização pode ser feita também em outras unidades. Por exemplo, em vez de ocorrências por cada milhão de palavras, podem ser registradas as ocorrências a cada mil palavras. Isso depende da ferramenta usada e do tamanho do *corpus*.

convencional “gravemente ferido”. No capítulo 3, o estudo que deu base a esta dissertação é apresentado em detalhes.

3. O ESTUDO

Este estudo insere-se na interface entre a Psicolinguística e os Estudos da Tradução e investigou em que medida as funções executivas e a experiência tradutória explicam o grau de literalidade em traduções do inglês para o português brasileiro por falantes nativos do português brasileiro. Para tanto, alunos de tradução e tradutores profissionais foram convidados a fazer parte da amostra da pesquisa, que envolveu um Questionário de Histórico da Linguagem e Atividade Tradutória (QHLAT), tarefas de funções executivas (FEs) e uma Tarefa de Tradução de um texto do inglês (L2) para o português brasileiro (L1), desenhada especificamente para esta pesquisa.

Trata-se de uma pesquisa de cunho quase-experimental, uma vez que não foi possível realizar a seleção randômica dos participantes por não existir um banco de dados da população de tradutores que possa ser usado para tal seleção. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS sob o parecer nº 3.099.607.

Os dados passaram por testes de correlação bivariada e uma análise de regressão. Em análises de regressão, geralmente não se usam os termos “variável independente” e “variável dependente”, mas sim “variável de critério” e “variáveis explicativas”. Dessa forma, utilizamos essa nomenclatura para relatar o estudo.

Houve apenas uma variável de critério no estudo: “Literalidade em tradução”, que foi abreviada como “Literalidade” para retomada rápida. Essa variável foi medida através da Tarefa de Tradução e operacionalizada pela porcentagem de traduções literais usadas por cada participante. O estudo contou ainda com seis variáveis explicativas, sendo três referentes a FEs e três referentes à experiência tradutória. Além disso, ainda que as três variáveis de FEs pudessem ser analisadas em conjunto, por meio da criação de um escore composto, isso não era do interesse da pesquisa. Como discutido no referencial teórico, a atividade tradutória pode impor demandas diferentes sobre os mecanismos de controle cognitivo (KROLL; DUSSIAS; BAJO, 2018; DONG; LIU, 2016; HENRARD; DAELE, 2017; STACHOWIAK, 2014; STEAD; TRIPIER, 2016), portanto era nosso interesse verificar a contribuição de cada uma das FEs medidas pelo estudo. O mesmo é válido para a experiência tradutória: poder-se-ia elaborar um escore composto, mas isso não permitiria observar como cada um dos aspectos de interesse relacionam-se com a literalidade.

A primeira variável explicativa foi “*Updating*”, que se refere à habilidade de atualizar as informações na memória de trabalho (MT), esquecendo as informações que já não são mais relevantes e abrindo espaço para as informações importante para o momento (MIYAKE *et al.*, 2000). O *updating* foi medido pela tarefa *Letter Memory* e operacionalizado pela porcentagem de letras recordadas na tarefa, chamado de “Índice de *updating*”. A segunda variável explicativa foi “Controle inibitório”, que se refere à habilidade de inibir respostas automáticas (MIYAKE *et al.*, 2000) e foi medida através da tarefa *Stroop* e operacionalizada pelo Efeito *Stroop*. A terceira variável explicativa foi “*Shifting*”, que se refere à habilidade de alternar entre duas regras em determinada tarefa (MIYAKE *et al.*, 2000). *Shifting* foi medido pela tarefa *Number-Letter* e operacionalizado pelo custo de *shifting*.

A quarta variável explicativa foi “Tempo de experiência profissional em tradução”, abreviada como “Tempo de experiência”. Foi medida pelo QHLAT e operacionalizada pelos meses de experiência tradutória, tanto em empresa quanto como autônomo. A quinta variável explicativa foi “Tempo de experiência profissional em empresa de tradução”, abreviada como “Tempo de empresa”, medida pelo QHLAT e operacionalizada pelo total de meses que o participante trabalhou em empresas de tradução. A sexta e última variável explicativa foi “Dedicação semanal à tradução”, abreviada como “Dedicação semanal”, medida pelo QHLAT e operacionalizada pela média de horas que o participante dedicava à tradução por semana na época da coleta.

3.1. Objetivos e hipóteses

A presente pesquisa teve como objetivo geral investigar a relação entre o grau de literalidade usado em traduções do inglês para o português, três funções executivas (*updating*, controle inibitório e *shifting*) e três aspectos da experiência tradutória (tempo de experiência, tempo de empresa e dedicação semanal) em um grupo de falantes nativos do português. A partir desse objetivo geral, foram delineados os seguintes objetivos específicos:

- (A) Investigar a relação entre *updating* e literalidade.
- (B) Investigar a relação entre controle inibitório e literalidade.
- (C) Investigar a relação entre *shifting* e literalidade.

- (D) Investigar a relação entre tempo de experiência e literalidade.
- (E) Investigar a relação entre tempo de empresa e literalidade.
- (F) Investigar a relação entre dedicação semanal e literalidade.
- (G) Verificar a eficácia de um modelo de regressão da literalidade que conte como variáveis explicativas *updating*, controle inibitório, *shifting*, tempo de experiência, tempo de empresa e dedicação semanal.

As hipóteses apresentadas abaixo nortearam a pesquisa:

- (A) Esperava-se que participantes com maior Índice de *updating*, ou seja, maior porcentagem de letras recordadas na tarefa *Letter-Memory (updating)* produzissem traduções com menor Literalidade na Tarefa de Tradução.
- (B) Esperava-se que participantes com menor Efeito *Stroop* (controle inibitório) produzissem traduções com menor Literalidade na Tarefa de Tradução.
- (C) Esperava-se que participantes com menor Custo de *shifting* na tarefa *Number-Letter (shifting)* produzissem traduções com menor Literalidade na Tarefa de Tradução.
- (D) Esperava-se que participantes com mais Tempo de experiência produzissem traduções com menor Literalidade na Tarefa de Tradução.
- (E) Esperava-se que participantes com mais Tempo de empresa produzissem traduções com menor Literalidade na Tarefa de Tradução.
- (F) Esperava-se que participantes com mais Dedicação semanal produzissem traduções com menor Literalidade na Tarefa de Tradução.
- (G) Esperava-se que todas as seis variáveis explicativas juntas (*updating*, controle inibitório, *shifting*, tempo de experiência, tempo de empresa e dedicação semanal) explicassem grande parte da variância na Literalidade na Tarefa de Tradução.

3.2. Participantes

A amostra da pesquisa consistiu em 50 participantes, sendo alguns alunos de tradução e outros tradutores profissionais. Optou-se por coletar dados com esses diferentes níveis de experiência tradutória para que houvesse maior variedade no tempo de experiência tradutória entre os participantes da amostra, embora ser estudante ou profissional não tenha sido uma variável controlada na seleção dos

participantes. Além disso, para o último objetivo específico do estudo, utilizou-se a análise de regressão. Ressalta-se que esse tipo de análise não é usado para comparar grupos, sendo este mais um motivo para não dividir os participantes em grupos. Mesmo que fossem conduzidas duas análises de regressão, uma para alunos e outra para profissionais, perder-se-ia muito em significância estatística pelo baixo número de participantes que seria atribuído a cada grupo. Dessa forma, todas as análises foram realizadas considerando um só grupo.

Os critérios de seleção foram:

- estar cursando bacharelado em tradução **OU** ter graduação ou especialização em um curso de tradução **OU** exercer a tradução como principal profissão;
- trabalhar no par de línguas inglês e português;
- ter o português como L1.

3.3. Recrutamento

Todos os convites para participação na pesquisa, tanto por escrito quanto presencialmente, envolveram poucos detalhes sobre a pesquisa, para não influenciar no comportamento dos participantes no decorrer da coleta de dados. Ainda assim, os participantes receberam prioritariamente as informações principais sobre a pesquisa, como o tempo máximo previsto de coleta e o tipo de tarefas que eles seriam solicitados a realizar, bem como seus direitos como participantes.

O recrutamento dos alunos de graduação foi feito em sala de aula. Entrou-se em contato com os professores do Bacharelado em Letras da UFRGS que ministravam disciplinas com potenciais participantes (Inglês VI, Inglês VIII, Tradução III, Tradução IV) e combinou-se uma data e horário pertinentes para que o convite pudesse ser feito pessoalmente aos alunos. Na ocasião do convite, a pesquisadora de mestrado compartilhou os objetivos da pesquisa de maneira resumida, os critérios de participação, o tempo máximo previsto para a coleta, o local da coleta e a forma de entrar contato com a própria pesquisadora, bem como com a professora responsável pela pesquisa. Os participantes foram, ainda, informados que a participação era voluntária e ocorreria no horário livre dos alunos. Por fim, foram distribuídas cópias impressas da carta-convite (Apêndice C). Além do convite feito presencialmente em sala de aula, seis cópias do convite simplificado (Apêndice D) em

folha A4 foram afixadas em diferentes pontos do prédio de aulas do curso de Letras e do prédio administrativo do Instituto de Letras da UFRGS.

O recrutamento dos tradutores profissionais foi feito pela rede social Facebook e através de contato direto com profissionais que atuam de forma autônoma ou em empresas de tradução em Porto Alegre. A mesma mensagem foi utilizada nesses dois casos (Apêndice B). Quanto ao contato direto, foram feitos contatos particulares pela pesquisadora de mestrado, portanto não houve envolvimento de nenhuma instituição, grupo ou associação intermediária. Quanto à divulgação por Facebook, o convite foi feito em quatro grupos. Os grupos fechados do Facebook foram: “Tradutores e intérpretes de Porto Alegre” (TRADUTORES I. P. A., 2016, s.p.) e “Instituto de Letras UFRGS Campus do Vale” (INSTITUTO, 2017, s.p.). Quanto ao primeiro grupo fechado, a administradora do grupo foi contatada através da solicitação de aprovação conforme Apêndice E, e forneceu a aprovação para publicação do convite. Quanto ao segundo, a pesquisadora de mestrado enviou uma solicitação de divulgação para o e-mail da organização (divulgaletras@ufrgs.br), e a publicação foi feita pelos moderadores da página. Os grupos públicos do Facebook foram: “Tradutor ajuda Tradutor” (TRADUTOR, 2015, s.p.) e “Tradutores e Intérpretes Livres” (TRADUTORES I. L., 2016, s.p.). Quanto aos grupos públicos, não houve necessidade de obter aprovação, uma vez que as publicações são livres.

A partir dos convites realizados, os participantes voluntariamente entraram em contato com a pesquisadora de mestrado e agendaram a data, hora e o local da coleta, de acordo com sua conveniência.

3.4. Instrumentos

Os instrumentos utilizados para a realização da pesquisa foram: um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE, Apêndice A); um Questionário de Histórico da Linguagem e Atividade Tradutória; uma Tarefa de Tradução; a tarefa *Letter Memory* (que mede *updating*); a tarefa *Stroop* (que mede controle inibitório); e a tarefa *Number-Letter* (que mede *shifting*). Ressalta-se que foi conduzido um piloto com cinco pessoas que não poderiam fazer parte da amostra por não atenderem a pelo menos um dos critérios de seleção. Esse piloto permitiu realizar ajustes de configuração e desenho das tarefas. As tarefas em seu formato final, utilizado na coleta com a amostra, são apresentadas a seguir.

3.4.1. Questionário de Histórico da Linguagem e Atividade Tradutória

O Questionário de Histórico da Linguagem e Atividade Tradutória (QHLAT) (Apêndice F) destinou-se a coletar informações sobre o histórico da linguagem, contexto de uso do inglês e do português, proficiência autoavaliada em L2 (em uma escala de 0 a 5) e atividade tradutória. Foi dividido em duas partes: Histórico da Linguagem e Atividade Tradutória.

A primeira parte, Histórico da Linguagem, teve como base o questionário de Scholl e Finger (2013). Foram feitas algumas adaptações, visto que Scholl e Finger (2013) buscaram abarcar questões importantes para pesquisas sobre o bilinguismo, como idade de aquisição, domínios de uso e proficiência, ao passo que neste estudo era necessário coletar informações sobre um contexto de bilinguismo específico: a tradução. Dessa forma, para que a adição de questões sobre tradução não resultasse em um questionário muito extenso, nem todas as questões originais em Scholl e Finger (2013) foram mantidas. Por exemplo, em Scholl e Finger (2013), todas as questões sobre idade de aquisição, contexto de aquisição e contexto de uso contêm espaço para informações de três línguas adicionais. Optou-se por reduzir para o inglês apenas, pois essa era a língua de trabalho dos tradutores da amostra. Também havia uma questão sobre testes de proficiência no questionário original, mas optou-se por não mantê-la, já que os participantes deste estudo são especialistas em língua inglesa formados ou em formação. Foram mantidas as questões que poderiam fornecer informações importantes para este estudo, inclusive para verificar se algum resultado fora da curva nas tarefas poderia ser explicado pelo histórico do participante. Ou seja, algumas perguntas no questionário foram usadas como controle, por exemplo, a ordem de aquisição das línguas adicionais, o tempo de uso de inglês e de português em atividades diárias e a proficiência autoavaliada em inglês.

Na segunda parte, Atividade Tradutória, há perguntas para esclarecer o histórico de atividades relacionadas à tradução. Essa segunda parte é autoral, ela foi elaborada e compilada especialmente para este trabalho, ainda que contenha algumas questões baseadas em material existente de terceiros, como esclarecemos nos próximos parágrafos. A maioria das perguntas foi usada para a seleção dos participantes e não para compor variáveis. Por exemplo, perguntou-se se o participante estava cursando ou era formado em um curso de tradução, se a tradução

era a principal profissão do participante, se ele utilizava a língua inglesa para outra profissão, os tipos de ferramentas de auxílio à tradução usadas e os tipos de texto traduzidos com mais frequência.

A segunda parte do questionário também foi utilizada para compor as medidas de experiência tradutória. A variável “Tempo de experiência” foi baseada na pergunta 14 do QHLAT: “Há quanto tempo você traduz profissionalmente?”. Os participantes responderam em meses e anos, e o número foi convertido em total de meses para a análise. A variável “Tempo de empresa” foi baseada na pergunta 15 do QHLAT: “No total, por quanto tempo você trabalhou em empresas de tradução?”. Os participantes responderam em meses e anos, e o número foi convertido em total de meses para a análise. Por fim, a variável “Dedicação semanal” foi baseada na pergunta 16 do QHLAT: “Quantas horas por semana, em média, você dedica às formas de tradução à seguir?”. Os participantes responderam todas as opções, que envolviam as duas direções (inglês para português e português para inglês) e diferentes tipos de situações (tradução freelance, emprego CLT em empresa de tradução e trabalhos de disciplinas de tradução na faculdade). As horas de todas as opções foram somadas para gerar um único índice para a análise.

Além dessas questões, algumas afirmações do questionário do grupo PACTE (2017) também foram selecionadas e traduzidas para o português, sendo que os participantes foram solicitados a informar o grau de concordância com elas. Com o objetivo de construir um modelo de competência tradutória, o grupo PACTE foi fundado em 1997, tem sede na Universidade Autônoma de Barcelona e é liderado pela pesquisadora Amparo Hurtado Albir. Uma contribuição importante do Modelo de Competência Tradutória (PACTE, 2003) é a afirmação da necessidade de o tradutor adquirir conhecimentos declarativos e procedimentais específicos à tradução, pois considera-se que o domínio de duas línguas, embora essencial, não é considerado suficiente para que o indivíduo possa ser um bom tradutor. Assim, o modelo propõe alguns índices para medir conhecimentos específicos. As afirmações que selecionamos do material do PACTE para fazer parte do QHLAT dizem respeito a um desses índices, o Índice Dinâmico, que é usado para determinar o conhecimento implícito do indivíduo sobre a tradução, podendo ir de -1 (visão estática) a 1 (visão dinâmica). Para o PACTE, a visão dinâmica da tradução é aquela com foco no texto, na comunicação e na funcionalidade; ao passo que a visão estática é aquela com foco na estrutura formal, mais similar à tradução literal. Apesar de não ser um dos objetivos

do trabalho, consideramos importante a medição desse índice como controle, pois poderia ajudar a esclarecer possíveis resultados inesperados. Por exemplo, se nenhuma hipótese fosse confirmada, era útil ter o Índice Dinâmico para verificar se a visão que se tem da tradução é mais esclarecedora sobre o uso de traduções literais do que outros fatores. As afirmações foram agrupadas na questão 19 do QHLAT, porém nem todas as afirmações da questão são do PACTE, algumas foram criadas por nós. As afirmações utilizadas do PACTE (2017) foram: “O cliente condiciona a forma como o tradutor deve traduzir o texto”; “Ao traduzir um texto, o tradutor não deve se deixar influenciar pelo leitor-alvo”; “O mesmo texto deve ser traduzido de maneiras diferentes dependendo do público-alvo”; “O objetivo de toda tradução é produzir um texto-alvo o mais parecido possível em relação à forma do texto-fonte”; “Se o tradutor começar a traduzir o texto seguindo determinados critérios (p.ex. respeitando o formato do texto-fonte, adaptando o texto ao leitor-alvo etc.), esses critérios devem ser mantidos até o fim da tradução”; “O texto traduzido deve manter os parágrafos e a ordem das frases como no texto-fonte”; “Ao traduzir um texto técnico, a terminologia não é o maior problema”; “A maioria dos problemas de tradução pode ser resolvida com a ajuda de um bom dicionário”; “Quando o tradutor encontra uma palavra ou expressão que não conhece, o primeiro passo é tentar descobrir o significado usando o contexto”; e “Quando o tradutor encontra uma palavra ou expressão que não conhece, o primeiro passo é buscá-la em um dicionário bilíngue”.

3.4.2. Tarefas de funções executivas

Foram utilizadas três tarefas para avaliar FEs, sendo uma tarefa para medir cada função em separado (*updating*, controle inibitório e *shifting*). A tarefa *Letter-Memory* foi usada para medir o aspecto de *updating* da memória de trabalho, a tarefa *Stroop* foi usada para medir o controle inibitório, e a tarefa *Number-Letter* foi usada para medir a habilidade de *shifting*. Essas três tarefas foram escolhidas com base em Miyake *et al.* (2000), artigo citado com frequência em estudos que investigam a relação entre FEs e tradução ou interpretação, como em Henrard e Van Daele (2017). Miyake *et al.* (2000) conduziram uma análise fatorial sobre essas três FEs. Os autores utilizaram três tarefas para cada FE analisada, a fim de extrair o componente principal de cada uma delas. O objetivo do estudo era analisar as FEs em um estado mais puro, em vez de analisar resultados de tarefas específicas. Por

essa razão, os autores extraíram com sucesso esses componentes e demonstraram que as três tarefas de cada construto de fato mediam o mesmo construto, ainda que os resultados entre elas não tivessem correlação perfeita. Nesse contexto, optou-se por utilizar apenas uma tarefa para medir cada construto no presente estudo, reduzindo o tempo da coleta com cada participante.

As tarefas foram elaboradas e aplicadas por meio do programa *PsychoPy2*. (PEIRCE, 2018). Foram compostas por estímulos visuais, apresentados na tela de um notebook acessado apenas pelas pesquisadoras do estudo. Os participantes ficaram sentados em frente ao notebook, em posição que permitisse ler confortavelmente as instruções e visualizar os estímulos na tela. As respostas foram dadas por meio de um teclado USB com configuração em português, pois o teclado do notebook tinha configuração em outra língua e não permitia ajuste de altura. Todas as tarefas iniciavam com telas de instrução, apresentadas em português, seguidas de itens de prática, desenhados para garantir a compreensão dos participantes sobre a execução da tarefa. Nas próximas seções, serão fornecidos detalhes das tarefas de FEs empregadas no estudo.

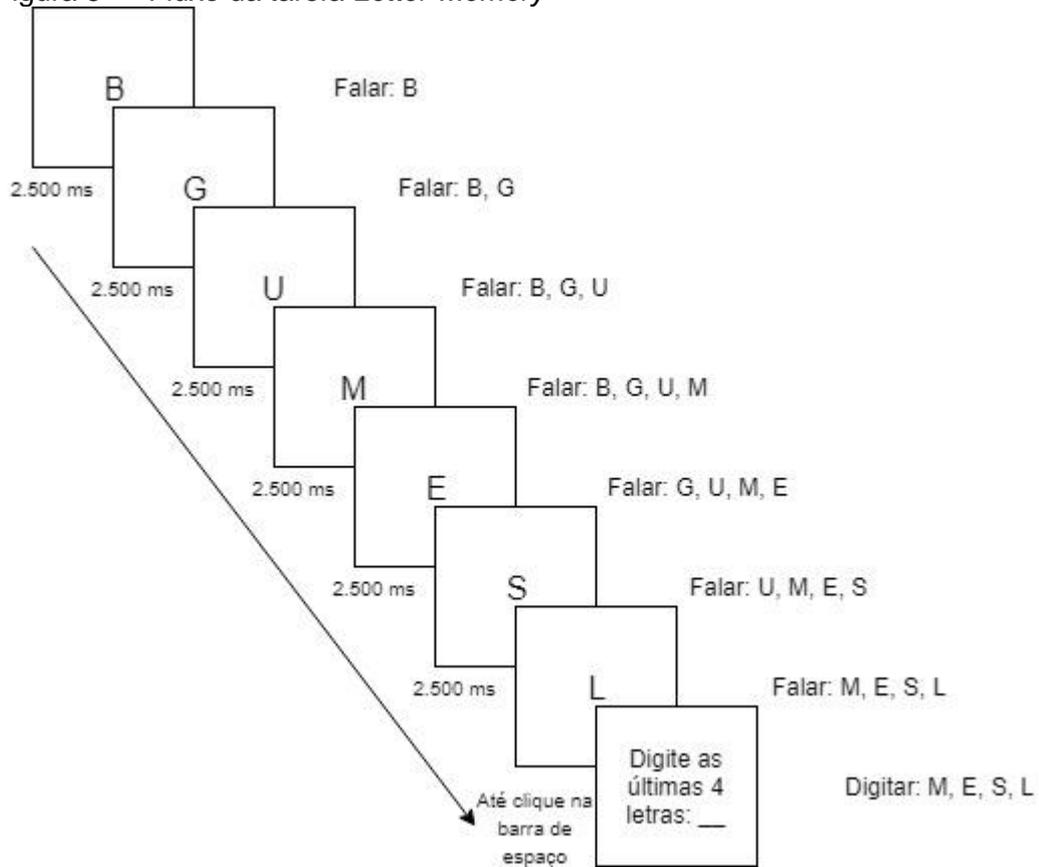
3.4.2.1. Letter-Memory

A tarefa *Letter-Memory* foi a escolhida para medir o aspecto de *updating* da MT, pois exige a atualização de informações, exigindo o esquecimento de letras que passam a ser desnecessárias e a recordação das letras mais recentes a cada momento. Nessa tarefa, era apresentada uma letra por vez no centro da tela, por 2.500 ms³⁵. Uma nova letra era apresentada imediatamente após o desaparecimento da anterior, até que a quantidade total de letras do conjunto fosse apresentada. A tarefa consistia em 12 conjuntos com 5, 7, 9 ou 11 letras, distribuídos aleatoriamente. Os participantes não eram informados sobre a quantidade de letras que seriam apresentadas em cada conjunto. A ordem das letras também era aleatória. Os participantes eram instruídos a repetir as últimas 4 letras em voz alta sempre que uma nova letra fosse apresentada, permitindo à pesquisadora verificar se todos os participantes estavam atualizando as informações a cada nova letra. Assim, os

³⁵ Em Miyake *et al.* (2000), as letras permaneciam 2.000 ms na tela. Porém, no piloto do presente estudo, verificou-se grande dificuldade em realizar a tarefa com esta duração do estímulo, por isso o tempo foi aumentado para 2.500 ms.

participantes precisavam esquecer as letras que precediam as 4 últimas letras. Após cada conjunto, era exibida uma tela solicitando que o participante digitasse as últimas 4 letras do conjunto e clicasse na barra de espaço para iniciar o próximo conjunto. A Figura 5 mostra o fluxo da tarefa.

Figura 5 — Fluxo da tarefa *Letter-Memory*



Fonte: Autora.

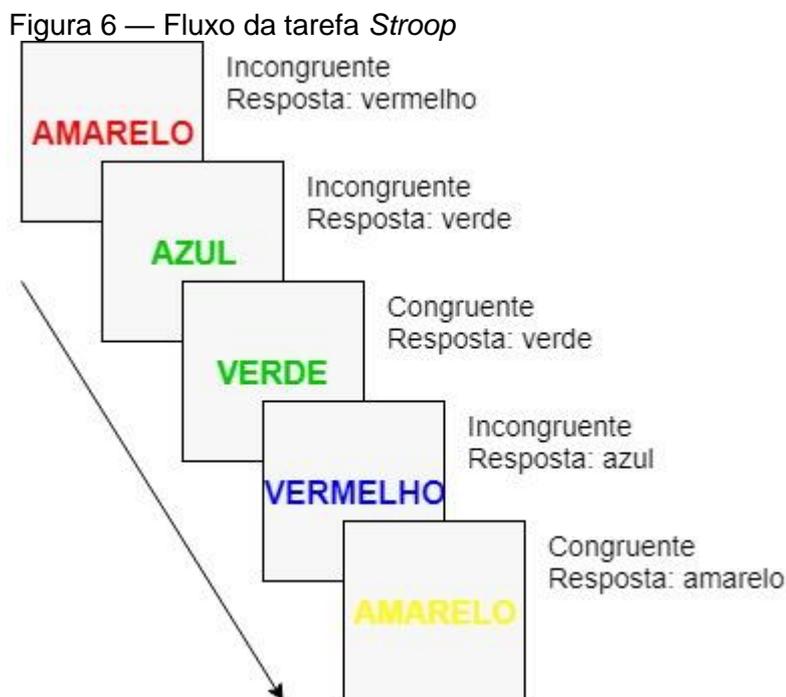
Para garantir que os participantes tivessem compreendido as instruções da tarefa, havia quatro conjuntos de prática com 5, 7, 9 e 11 letras, apresentados em ordem aleatória. Após os quatro conjuntos de prática, o participante podia tirar dúvidas antes de começar os conjuntos de teste.

As letras Y, W e K não foram usadas, pois não são comuns na língua portuguesa. Assim como em Miyake *et al.* (2000), a porcentagem de letras recordadas corretamente (de um total de 48 letras) foi utilizada como indicador de *updating*. Dessa forma, porcentagens altas são interpretadas com indicação de boa habilidade de *updating*.

3.4.2.2. Stroop

Na tarefa *Stroop*, nomes de cores (VERMELHO, AZUL, AMARELO e VERDE) eram exibidos no centro da tela do computador. Esses nomes de cores apareciam em diferentes cores de fonte (VERMELHO, AZUL, AMARELO e VERDE). Os estímulos podiam ser congruentes (por exemplo, nome VERMELHO na fonte vermelha) ou incongruentes (por exemplo, nome VERMELHO na fonte azul). Por meio de um teclado com adesivos coloridos, os participantes forneciam a resposta, que deveria ser a tecla correspondente à cor da fonte, não ao nome da cor escrita. Assim, os participantes precisavam inibir o traço semântico da palavra escrita, focando apenas a cor do estímulo. Portanto, esta tarefa foi adotada como medida de controle inibitório.

A prática continha 12 estímulos, e o experimento continha 64 estímulos, sendo 32 congruentes e 32 incongruentes. Os estímulos eram exibidos randomicamente e permaneciam na tela até o participante dar a resposta ou por 2.000 ms, o que ocorresse primeiro. Os participantes recebiam feedback, indicando se a resposta ao estímulo estava correta ou incorreta. A Figura 6 mostra o fluxo da tarefa.



Fonte: Autora.

Assim como em Miyake *et al.* (2000), os tempos de resposta dos acertos foram usados para compor o índice de controle inibitório, o Efeito *Stroop* (chamado de *Stroop effect* na literatura em língua inglesa), que é a média de tempos de resposta em estímulos incongruentes menos a média de tempos de resposta em estímulos congruentes. Quanto menor é o Efeito *Stroop*, considera-se que melhor é o controle inibitório, pois significa que o indivíduo não teve muita dificuldade em inibir o traço semântico, levando tempos similares para responder a estímulos congruentes e incongruentes.

É importante salientar que esta tarefa difere daquela aplicada em Miyake *et al.* (2000) em alguns aspectos, os quais podem ter afetado o resultado obtido. Primeiramente, na tarefa original os participantes davam as respostas oralmente, e elas eram gravadas pelo computador. Devido a limitações técnicas, não foi possível coletar as respostas oralmente, por isso foram utilizadas teclas com adesivos coloridos. A segunda diferença é que a tarefa original contava com estímulos congruentes, incongruentes e neutros. No estudo atual, não foram utilizados estímulos neutros, pois não estava claro para nós a função deles na época. A terceira e última diferença foi a redução do número de cores de seis para quatro, considerando que a tarefa poderia ficar mais complexa se envolvesse seis teclas de resposta. Os possíveis resultados dessas opções metodológicas são abordados na seção 4.3.

3.4.2.3. Tarefa Number-Letter

Na tarefa *Number-Letter*, escolhida para medir a habilidade de *shifting*, um quadrado com quatro quadrantes permanecia constantemente no centro da tela. Os estímulos, compostos por pares aleatórios de número e letra, eram exibidos em um quadrante por vez.

A tarefa foi separada em 3 blocos. Cada bloco iniciava com instruções, seguia para os estímulos de prática (10 estímulos nos blocos 1 e 2; 12 estímulos no bloco 3) e, por fim, seguia para os estímulos do experimento. Todos os estímulos ficavam na tela até que o participante desse a resposta ou por 5 segundos, o que ocorresse primeiro.

No bloco 1, um bloco puro, os estímulos eram apresentados alternadamente nos dois quadrantes superiores, e o participante devia indicar se o número era par (2, 4, 6 ou 8) ou ímpar (1, 3, 5 ou 7). Para indicar que o número era par, o participante

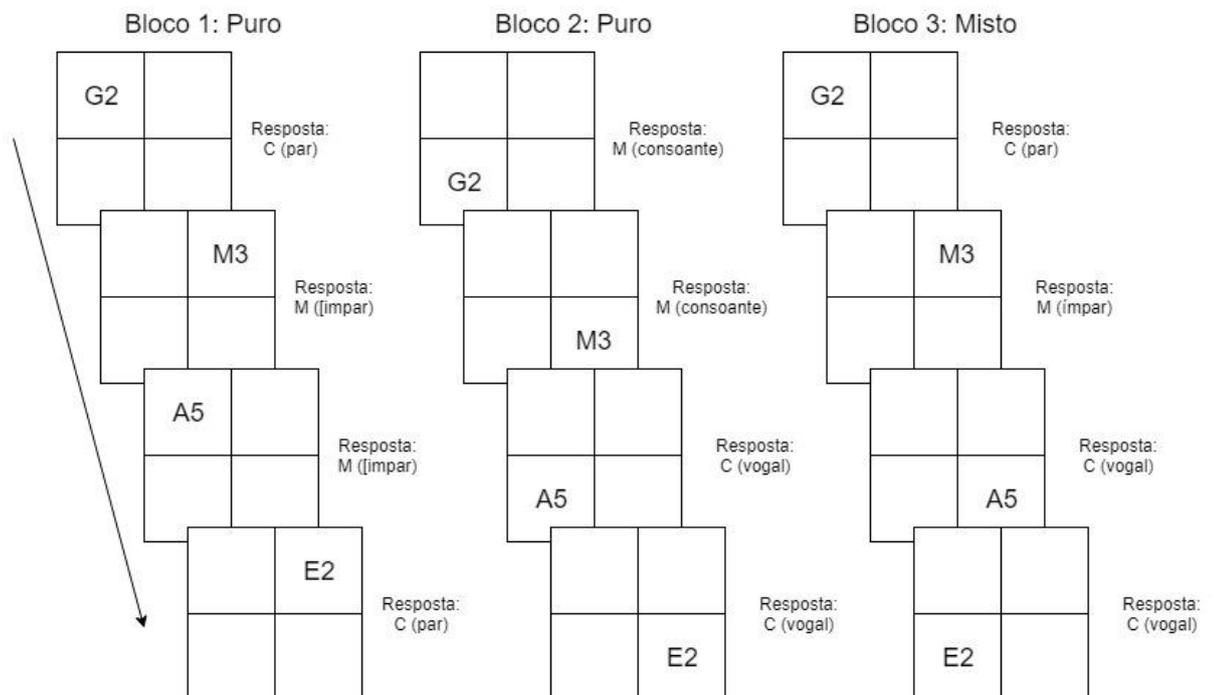
clicava na tecla C e, para indicar que era ímpar, clicava na tecla M. Este bloco continha 32 estímulos.

No bloco 2, também um bloco puro, os estímulos eram apresentados alternadamente nos dois quadrantes inferiores, e o participante indicava se a letra era uma vogal (A, E, I, U) ou uma consoante (G, M, R ou T). Para indicar que a letra era uma vogal, o participante clicava na tecla C e, para indicar que era consoante, clicava na tecla M. Este bloco continha 32 estímulos.

No bloco 3, um bloco misto, os estímulos eram apresentados sequencialmente no sentido horário, e o participante devia indicar se o número era par ou ímpar quando o estímulo aparecia nos dois quadrantes superiores e se a letra era vogal ou consoante quando o estímulo aparecia nos dois quadrantes inferiores. Este bloco continha 128 estímulos.

Todos os estímulos nos dois primeiros blocos e metade dos estímulos no terceiro bloco não exigiam a habilidade de *shifting*, pois envolviam a repetição de uma regra. Metade dos estímulos do terceiro bloco exigiam a habilidade de *shifting*, pois envolviam mudança de regra. A Figura 7 mostra o fluxo da tarefa.

Figura 7 — Fluxo da tarefa *Number-Letter*



Fonte: Autora.

Assim como em Miyake *et al.* (2000), os tempos de resposta dos acertos foram incluídos na análise para calcular o custo de *shifting*, composto pela média dos tempos de resposta em estímulos de alternância no terceiro bloco menos a média dos tempos de resposta nos estímulos do primeiro e segundo blocos, que eram todos estímulos de repetição. Quanto menor é o custo de *shifting*, melhor é considerada a habilidade de *shifting*, pois significa que o indivíduo não teve muita dificuldade em alternar entre as duas regras quando necessário, levando tempos similares para responder aos estímulos nos blocos puros e no bloco misto.

3.4.3. Tarefa de Tradução

A Tarefa de Tradução foi usada para medir a literalidade em tradução. O programa utilizado foi o *Translog II* (CENTER, s.a., s.p.; CARL, 2012), tanto para a elaboração da tarefa quanto para a coleta de dados.

A estrutura da tarefa consistiu em duas reportagens, sem terminologia técnico-científica, pois não era do interesse do estudo investigar terminologia ou fraseologia desse tipo, mas sim combinações de palavras convencionais no português brasileiro de uso geral. O primeiro texto continha 145 palavras e o segundo, 163 palavras. Os textos foram elaborados com base em frases de várias reportagens (BAIN & COMPANY, s.a.; BBC, 2018; BCJOBS.CA, 2008; BYRNES, 2018; CHAN; YAN, 2018; EDUN, 2018; GOLDBERG, 2018; POLITI, 2018; SHARE, s.a.; SMITH; BOYLE, 2018; SOLOMON, 2018; THONGNOI; YUSOF, 2018; TOOHEY, 2018). Essa manipulação foi necessária porque não foi possível encontrar nenhum texto que contivesse 20 combinações convencionais em inglês que atendessem aos critérios da tarefa. Os textos não foram criados do zero, pois isso comprometeria a convencionalidade das combinações de palavras, já que consistiria na criação de enunciados possíveis, mas não autênticos.

Estes foram os critérios de seleção das combinações de palavras em inglês, explicados em mais detalhes nos próximos parágrafos:

- Combinações em inglês com *mutual information* (MI) igual ou superior a 3
- Possibilidade de tradução literal e não literal
- Tradução literal com MI menor do que traduções não literais

Quanto ao primeiro critério, é importante ressaltar que o MI é um cálculo que compara a probabilidade de encontrar duas palavras juntas com a probabilidade de

encontrá-las separadas (CHURCH; HANKS, 1990). Combinações com MI igual ou superior a 3 podem ser consideradas convencionais (HUNSTON, 2002). Assim, optou-se por utilizar combinações de palavras em inglês com MI igual ou superior a 3, pois isso revela uma real associação entre as palavras.

Quanto ao segundo critério, para este estudo, as combinações convencionais em inglês deviam poder ser traduzidas tanto de maneira literal quanto livre, sem que houvesse prejuízo de significado nem violação de regras gramaticais, ou seja, a tradução literal não resultaria em erro. Um exemplo é a combinação “*dramatic change*”, que pode ser traduzida como “mudança dramática” sem acarretar problemas gramaticais ou de significado, mas que também pode ser traduzida de maneira mais livre e convencional, como “mudança drástica”, “grande mudança” ou “mudança radical”.

Por fim, quanto ao terceiro critério, a tradução literal devia gerar uma combinação de palavras com MI mais baixo do que o MI de possíveis traduções mais livres. Dessa forma, podemos dizer que a tradução literal gera uma combinação menos convencional do que a tradução livre nesses casos.

Assim, para a seleção das combinações de palavras, verificou-se o MI das combinações em *corpora* de língua portuguesa e inglesa. Para o português, utilizou-se o “Corpus do Português: NOW” (DAVIES, 2012-2019), composto por aproximadamente 1 bilhão de palavras, de 4 países de língua portuguesa, com textos de jornais e revistas publicados digitalmente desde 2012 até o presente. A busca permite o uso de filtros, inclusive de país, sendo possível fazer buscas em textos especificamente brasileiros. Para o inglês, utilizou-se o “NOW Corpus (*News on the Web*)” (DAVIES, 2010-2019), composto por aproximadamente 7,9 bilhões de palavras, de 20 países de língua inglesa, com textos de jornais e revistas publicados digitalmente desde 2010 até o presente. A busca nesse corpus também permite o uso de filtros. Esses *corpora* foram selecionados por serem compostos por textos do mesmo gênero entre si, bem como do mesmo gênero dos textos da Tarefa de Tradução deste estudo.

Outro critério levado em conta, mas não considerado obrigatório, foi o índice *per mil*, que se refere à quantidade de ocorrências da palavra por milhão de palavras no *corpus*, como descrito na seção 2.5. O *per mil* permite comparar a frequência relativa das combinações de palavras dentro de cada *corpus*. Enquanto o MI fornece uma medida de força de associação entre palavras, o *per mil* permite verificar se as

palavras são usadas com frequência. Por exemplo, a palavra “coroca” está fortemente associada à palavra “velha”, por isso tem MI muito alto (12,74 no Corpus do Português: NOW). No entanto, o *per mil* dela é 0,00, pois só ocorre 4 vezes em um *corpus* de mais de 1 bilhão de palavras. Assim, houve um caso (*carefully think*) em que a tradução literal (pensar cuidadosamente) teve MI mais alto que a tradução não literal (pensar bem). Nesse caso, verificou-se o *per mil* das duas opções de tradução, a fim de verificar qual das combinações era mais frequente no português. Para esse caso, o *per mil* (não o MI) foi o índice levado em conta para considerar a combinação convencional, uma vez que o *per mil* muito mais baixo da tradução literal indica que a tradução não literal desta combinação é mais frequente no português.

Todas as pesquisas necessárias para a criação da Tarefa de Tradução, abrangendo a pesquisa de notícias e a pesquisa das combinações convencionais nos dois *corpora*, foram realizadas em janeiro de 2019. Os sites dos dois *corpora* têm interface semelhante, portanto os procedimentos de pesquisa foram os mesmos. As pesquisas referentes às combinações de palavras foram feitas na aba “Collocates”, “SORTING” foi definido como “RELEVANCE” (a fim de exibir o MI) e, em “OPTIONS”, “DISPLAY” foi definido como “PER MIL+” e “GROUP BY” foi definido como “LEMMAS”. A janela dos colocados, ou seja, a distância antes ou depois da palavra de busca variou dependendo da combinação pesquisada, pois, como afirmam Church e Hanks (1990), o tamanho ideal de janela é diferente para cada caso. As Figuras 8, 9 e 10 ilustram essas definições usadas.

Figura 8 — Configuração nas pesquisas nos *corpora* (1)

Fonte: Site Corpus do Português: NOW.

Figura 9 — Configuração nas pesquisas nos *corpora* (2)

Sections Texts/Virtual **Sort/Limit** Options

SORTING RELEVANCE MUT INFO

MINIMUM FREQUENCY 10

Fonte: Site Corpus do Português: NOW.

Figura 10 — Configuração nas pesquisas nos *corpora* (3)

Sections Texts/Virtual Sort/Limit **Options**

HITS 100

KWIC 200

GROUP BY LEMMAS

DISPLAY PER MIL+

SAVE LISTS NO

Fonte: Site Corpus do Português: NOW.

Após a pesquisa de diversas combinações de palavras, foram selecionadas 20, que são apresentadas no Quadro 3, juntamente com as traduções literais e possíveis traduções livres e informações dos índices *per mil* e MI. As palavras de busca (no campo *Word/phrase*) estão sublinhadas na tabela, e as colocadas (*Collocates*) aparecem em itálico. Todas as traduções livres têm pelo menos uma opção com MI superior em relação às traduções literais. Idealmente, gostaríamos que as combinações em inglês e as combinações convencionais tivessem o índice *per mil* igual ou superior a 1, indicando frequência relativa no *corpus*, mas isso não foi considerado um critério de exclusão. As traduções livres são apenas possibilidades, mas qualquer tradução produzida pelos participantes que destoasse da tradução literal foi considerada uma tradução livre. Por exemplo, para a combinação de palavras “*powerful influence*”, considerou-se “poderosa influência” como tradução literal (MI 3,1) e previu-se o uso de “grande influência” (MI 3,71) e “forte influência” (MI 6,2) como traduções não literais, com base em pesquisas no Corpus do Português. Um participante utilizou “influência importante”, com MI mais baixo (1,16), mas que não deixa de ser um afastamento dos traços formais usados na combinação em inglês,

portanto trata-se de tradução não literal por não ter repetido o padrão do texto-fonte, ou seja, por não ter sido resultado de um efeito de *priming*.

Quadro 3 — Os 20 itens usados para analisar a literalidade em tradução

| Original | per mil | MI | Tradução literal | per mil | MI | Tradução não literal | per mil | MI |
|------------------------------------|----------------|-----------|--------------------------------------|----------------|-----------|---------------------------------------|----------------|-----------|
| <u>better chances</u> | 0,49 | 4,01 | <u>melhores chances</u> | 0,88 | 2,55 | <u>mais chance(s)</u> | 6,44 | 3,18 |
| <u>carefully think</u> | 1,16 | 3,32 | <u>pensar cuidadosamente</u> | 0,13 | 3,72 | <u>pensar bem</u> | 11,17 | 3,22 |
| <u>celebrate a birthday</u> | 6,96 | 8,32 | <u>celebrar o aniversário</u> | 0,63 | 8,52 | <u>comemorar o aniversário</u> | 1,89 | 9,48 |
| <u>commonly known</u> | 2,99 | 7,33 | <u>comumente conhecido</u> | 0,11 | 6,21 | <u>popularmente conhecido</u> | 3,16 | 10,63 |
| <u>continuous rain</u> | 0 | 4,47 | <u>chuva contínua</u> | 0,07 | 3,43 | <u>chuva persistente</u> | 0,08 | 6,06 |
| | | | | | | <u>chuva incessante</u> | 0,04 | 5,86 |
| | | | | | | <u>chuva constante</u> | 0,37 | 4,59 |
| <u>deliver results</u> | 2,42 | 4,33 | <u>entregar resultados</u> | 0,32 | 1,14 | <u>obter resultados</u> | 1,88 | 3,87 |
| | | | | | | <u>apresentar resultados</u> | 1,42 | 1,48 |
| <u>dramatic change</u> | 1,43 | 5,92 | <u>mudança dramática</u> | 0,14 | 4,02 | <u>mudança radical</u> | 2,04 | 7,27 |
| | | | | | | <u>grande mudança</u> | 2,49 | 1,28 |
| <u>encounter problems</u> | 1,37 | 3,5 | <u>encontrar problemas</u> | 0,31 | -0,73 | <u>enfrentar problemas</u> | 1,02 | 2,76 |
| <u>health insurance</u> | 11,7 | 7,96 | <u>seguro saúde</u> | 0,49 | 1,88 | <u>plano de saúde</u> | 13,58 | 5,44 |
| <u>in good health</u> | 1,51 | 7,01 | <u>em boa saúde</u> | 0,03 | 2,89 | <u>com boa saúde</u> | 0,21 | 5,68 |
| | | | | | | <u>com saúde</u> | 3,18 | 6,68 |
| | | | | | | <u>bem de saúde</u> | 1,10 | 2,51 |
| <u>know how to swim</u> | 24,6 | 7,18 | <u>saber como nadar</u> | 0,0 | 0,0 | <u>saber nadar</u> | 1,22 | 6,00 |
| <u>light rain</u> | 1 | 4,65 | <u>chuva leve</u> | 0,16 | 2,78 | <u>chuva fraca</u> | 1,82 | 7,81 |
| <u>lung infection</u> | 0,03 | 8,63 | <u>infecção do/no pulmão</u> | 0 | 1,21 | <u>infecção pulmonar</u> | 0,26 | 11,5 |
| <u>minor wounds</u> | 0,02 | 3,21 | <u>ferimentos menores</u> | 0,02 | 0 | <u>ferimentos leves</u> | 5,47 | 11,1 |
| | | | <u>ferimentos pequenos</u> | 0,03 | 0,64 | | | |

| | | | | | | | | |
|--------------------------------------|------|------|--------------------------------|------|------|---|--------------|--------------|
| <u>powerful influence</u> | 0,17 | 4,94 | <u>influência poderosa</u> | 0,02 | 3,1 | <u>grande influência forte influência</u> | 1,49 0,97 | 3,71 6,2 |
| <u>rescue team</u> | 1,94 | 4,7 | <u>time de resgate</u> | 0 | 0 | <u>equipe de resgate</u> | 3,39 | 6,32 |
| <u>severely criticize</u> | 0,32 | 6,14 | <u>criticar severamente</u> | 0,09 | 7,07 | <u>criticar duramente criticar fortemente</u> | 1,85 0,26 | 9,86 5,53 |
| <u>speak enthusiastically</u> | 0,01 | 4,58 | <u>falar entusiasticamente</u> | 0 | 0 | <u>falar com entusiasmo</u> | 0,09 | 3,24 |
| <u>strong indicator</u> | 0,28 | 3,78 | <u>forte indicador</u> | 0,07 | 1,31 | <u>indício forte sinal claro</u> | 1,63 1,36 | 6,03 4,34 |
| <u>team consists</u> | 1,35 | 3,34 | <u>equipe consiste</u> | 0,02 | -1 | <u>equipe formada equipe composta</u> | 2,82 1,58 | 3 3,02 |

Fonte: Autora.

Os dois textos usados na Tarefa de Tradução e contendo esses 20 itens de interesse constam no Apêndice G desta dissertação.

No momento da coleta, antes de iniciar a Tarefa de Tradução, os participantes liam as instruções em um arquivo PDF e tinham a oportunidade de esclarecer possíveis dúvidas. Por meio dessas instruções, os participantes eram informados de que a previsão de tempo para a Tarefa de Tradução era de 20 minutos, mas que poderiam utilizar mais ou menos tempo, se necessário. Também foram informados de que a pesquisadora de mestrado avisaria depois de decorridos 10 e 15 minutos, para que pudessem gerenciar o tempo da tarefa. Nas instruções também continha a informação de que, durante a Tarefa de Tradução, os participantes não poderiam acessar nenhum tipo de recurso, tais como dicionários, livros e internet. Ainda que isso comprometa em parte a validade ecológica da tarefa, uma vez que tradutores em contexto real utilizam esses recursos diariamente, essa decisão metodológica foi necessária para garantir que o índice de literalidade em tradução se referisse às traduções produzidas com base nos recursos cognitivos e conhecimentos linguísticos do próprio participante, e não com base em suas habilidades de pesquisa.

Depois de ler as instruções, os participantes realizavam a tradução no *Translog II* (CENTER, s.a., s.p.), sendo que a interface do programa foi configurada com duas colunas: na coluna da esquerda foram exibidos os textos em inglês e, na coluna da direita, os participantes inseriam as traduções em português brasileiro. Este programa registra todas as atividades de teclado e mouse durante a Tarefa de Tradução e tem recursos que permitem ver as regressões e as progressões, além dos trechos apagados ou copiados e colados, o que foi utilizado durante a análise de dados para garantir que os participantes utilizaram os mesmos procedimentos (por exemplo, não copiaram trechos do texto-fonte na tela dedicada ao texto-alvo).

Os textos traduzidos pelos participantes foram avaliados somente quanto à literalidade nos termos propostos neste estudo, ou seja, somente em relação à tradução das 20 combinações convencionais selecionadas. O índice de literalidade de cada participante se refere à porcentagem de traduções produzidas usando as soluções literais contidas no Quadro 3. Foram consideradas apenas as traduções finais desses 20 itens, isto é, mesmo que o tradutor tenha inserido e apagado outras traduções, a tradução final foi a utilizada no índice. Essa decisão metodológica foi tomada por ser esse o formato final das traduções que chegam aos clientes e ao público leitor. Uma possibilidade descartada foi analisar a primeira tradução inserida

para cada combinação. Em um primeiro momento, usar a primeira tradução parece permitir observar o processamento online das combinações de palavras. No entanto, nos parece que sem outras tecnologias associadas, como um rastreador ocular, não é possível fazer tal afirmação, uma vez que não é possível identificar para onde os participantes olharam durante as pausas. Ou seja, algumas pausas dos participantes podem ter sido usadas para refletir sobre determinadas combinações, outras para resolver outros problemas de tradução. Assim, se optássemos por analisar a primeira tradução, poderia haver inconsistência em relação ao que essa primeira tradução significa em cada caso. Ao optarmos pela tradução final, temos uma medida mais homogênea, pois todos os participantes tiveram a chance de fazer quaisquer ajustes que julgassem necessários. O índice final de cada participante, portanto, foi composto da seguinte forma: os textos de cada participante foram verificados em relação a cada um dos 20 itens, cujas traduções foram classificadas individualmente como “Literal”, quando eram iguais à tradução proposta na coluna Tradução literal no Quadro 3, ou como “Não literal” quando eram diferentes. A quantidade de classificações “Literal” sobre o total de 20 itens representou a porcentagem de literalidade do participante.

Outras medidas foram obtidas com base na Tarefa de Tradução, mas elas não foram consideradas variáveis explicativas. Em vez disso, foram usadas para descrever o comportamento da amostra. As medidas foram: “Duração da Tarefa de Tradução”; “Tempo antes das traduções”; “Alterações” e “Mudança na literalidade”. “Duração da Tarefa de Tradução” refere-se aos minutos dedicados à Tarefa de Tradução, conforme registrado pelo próprio programa *Translog II* (CENTER, s.a., s.p.). “Tempo antes das traduções” se refere à média das pausas feitas antes que os participantes começassem a digitar as traduções para cada uma das 20 combinações de palavras. O tempo de cada pausa foi obtido através do *Translog II* (CENTER, s.a., s.p.) para cada participante, depois foi feita a média desses valores. Essa medida pode ser usada para fazer reflexões sobre se as pausas são usadas para impedir que a primeira tradução, possivelmente literal, seja usada. “Alterações” foi o total de alterações feitas nas combinações de palavras. O *Translog II* (CENTER, s.a., s.p.) permitiu observar os casos em que os participantes mudaram a tradução para determinada combinação. Todas as alterações feitas por cada participante foram somadas para compor esta medida. Por fim, “Mudança na literalidade” se refere à diferença entre a porcentagem de literalidade considerando a tradução final do texto e a porcentagem de literalidade considerando a tradução inicial das combinações de

palavras. Essa medida permitiu observar se os participantes fizeram alterações que tornavam o texto-alvo mais próximo ou mais distante dos traços formais do texto-fonte.

3.5. Procedimentos de coleta

As coletas foram conduzidas individualmente, totalmente em português. No caso dos alunos do Bacharelado, foram realizadas na sala 220 do prédio administrativo do Instituto de Letras no Campus do Vale da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. No caso dos profissionais de tradução, o local da coleta foi decidido com base na disponibilidade desses profissionais, tendo ocorrido em bibliotecas, nas casas dos participantes ou na casa da pesquisadora de mestrado. Embora a aplicação sempre no mesmo local e horário garantisse maior controle, isso não foi possível, pois os horários disponíveis de alunos e profissionais são diferentes, assim como varia a facilidade de chegar a locais predeterminados. Assim, para evitar ônus aos participantes, as coletas foram ajustadas à melhor realidade deles, sempre garantindo ambientes silenciosos em todos os casos.

Todos os materiais foram aplicados no mesmo dia, iniciando com a leitura, esclarecimento e assinatura do TCLE. As tarefas foram aplicadas randomicamente, para evitar efeito de fadiga, porém o QHLAT sempre foi administrado após a Tarefa de Tradução, pois contém perguntas sobre a opinião dos participantes em relação a traduções literais, e isso poderia afetar as estratégias utilizadas na Tarefa de Tradução. O tempo total de coleta foi, em média, 70 minutos.

O QHLAT foi respondido em formato digital ou em papel, conforme a necessidade. Todos os demais instrumentos foram realizados sempre na forma digital, no mesmo notebook, ao qual apenas a pesquisadora de mestrado e a professora responsável têm acesso.

3.6. Procedimentos de análise de dados

Os dados obtidos pelo QHLAT e pelas tarefas aplicadas na coleta foram tabulados em uma planilha do Excel e analisados no programa SPSS (IBM, 2019). Os dados de um participante não foram tabelados e foram excluídos da análise, pois o participante realizou um procedimento diferente durante a Tarefa de Tradução, o que poderia comprometer a análise.

Quanto à limpeza dos dados, algumas ações foram tomadas. Na tarefa *Stroop*, que mede controle inibitório, as respostas incorretas foram desconsideradas da análise, como é o padrão na literatura. Os participantes que apresentaram Efeito *Stroop* negativo tiveram esse escore zerado, o que é explicado em mais detalhes na seção 4.3. Na tarefa *Number-Letter*, que mede *shifting*, as respostas incorretas foram desconsideradas da análise, como é o padrão na literatura.

Foram feitos testes relacionados a cada objetivo do estudo. Para os seis primeiros objetivos, que consistiam em investigar a relação entre literalidade na tradução e algumas variáveis, utilizou-se o teste de correlação bivariada, cuja significância foi testada usando duas extremidades. Para o último objetivo, foi conduzida uma análise de regressão múltipla. No próximo capítulo, são apresentados os resultados obtidos, juntamente com a discussão desses resultados a partir dos objetivos da pesquisa. Em todos os testes, considerou-se que houve significância estatística quando $p \leq 0,05$.

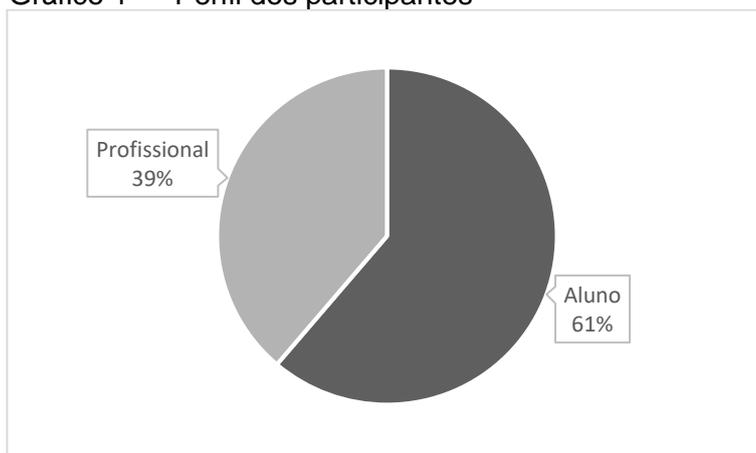
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, são apresentados e discutidos os resultados do estudo. Na primeira seção, é feita uma descrição da amostra. Nas seções seguintes, são apresentados e discutidos os resultados das análises de correlações bivariadas referentes aos seis primeiros objetivos específicos, ou seja, discute-se como cada uma das funções executivas (FEs) e das medidas de experiência tradutória se relacionaram individualmente com a literalidade em tradução na amostra do estudo. Por fim, na última seção, são apresentados e discutidos os resultados da análise de regressão, utilizada para verificar a eficácia de um modelo de regressão envolvendo FEs e variáveis de experiência tradutória juntas para explicar a variabilidade no uso de traduções literais.

4.1. Descrição da amostra

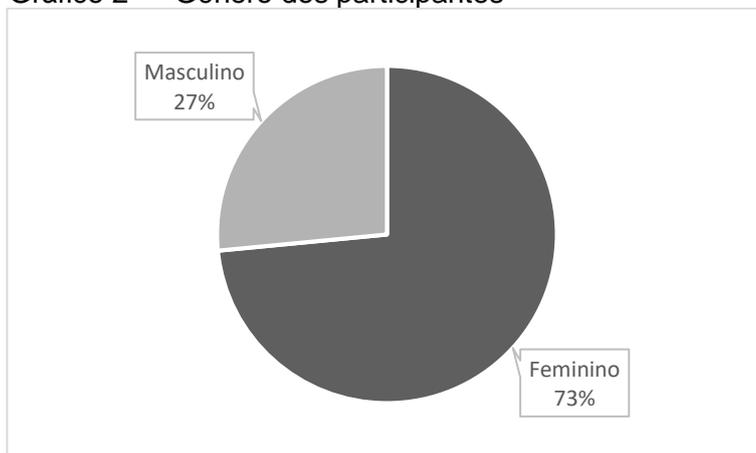
Participaram da coleta 50 tradutores, sendo 30 alunos e 20 profissionais. Optou-se por mantê-los como um só grupo, como informado na seção 3.2, porque o interesse deste estudo era investigar a relação que algumas FEs e a experiência tradutória têm com a literalidade na tradução, portanto era importante que os participantes apresentassem variação nesses quesitos. Os dados de 1 tradutor profissional foram descartados, pois na Tarefa de Tradução ele copiou todo o texto-fonte no espaço destinado à tradução antes de iniciar a tarefa, tornando o processo de tradução diferente em relação aos procedimentos adotados pelos demais participantes. Assim, a amostra final foi de 49 participantes, sendo 30 (61,2%) alunos e 19 (38,8%) profissionais, 36 (73,5%) do sexo feminino e 13 (26,5%) do sexo masculino, 39 (79,6%) destros e 10 (20,4%) canhotos, com 20,0 a 58,0 anos de idade ($\bar{X} = 28,5$; DP = 8,0).

Gráfico 1 — Perfil dos participantes



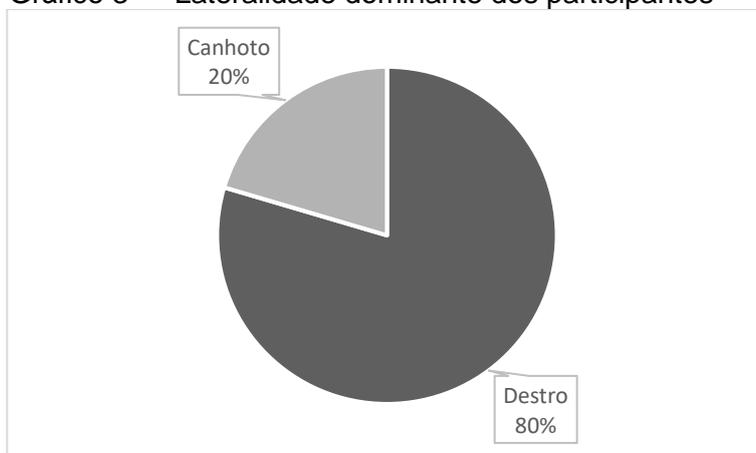
Fonte: Autora.

Gráfico 2 — Gênero dos participantes



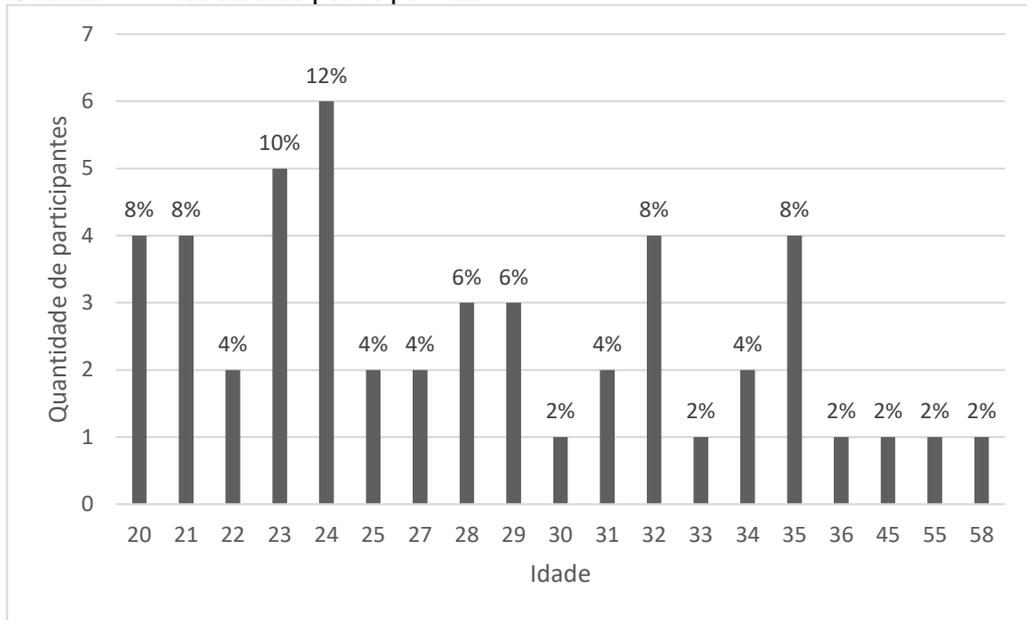
Fonte: Autora.

Gráfico 3 — Lateralidade dominante dos participantes



Fonte: Autora.

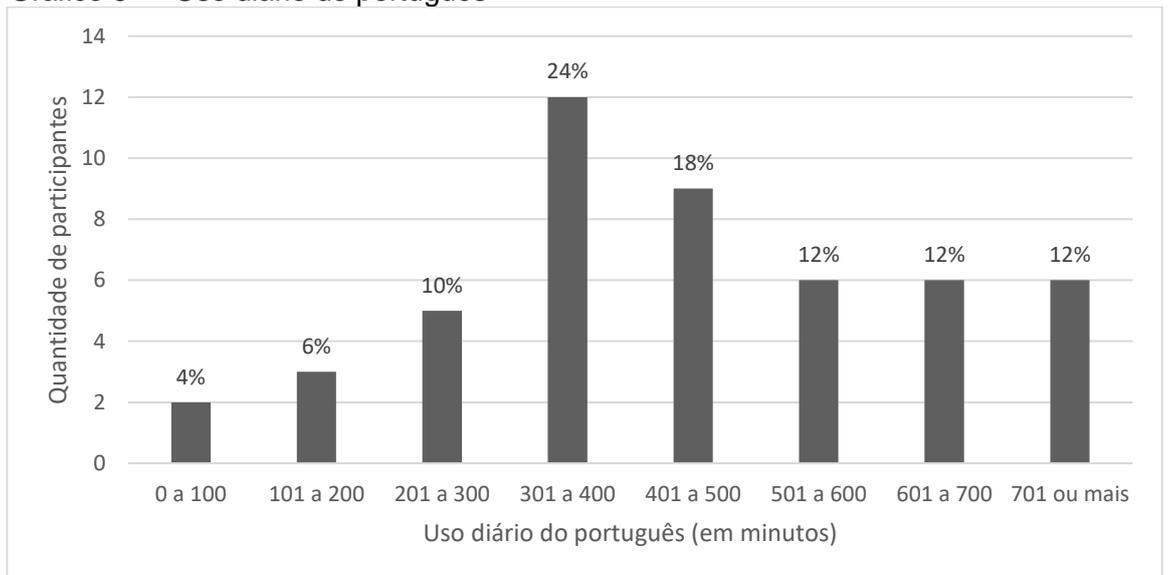
Gráfico 4 — Idade dos participantes



Fonte: Autora.

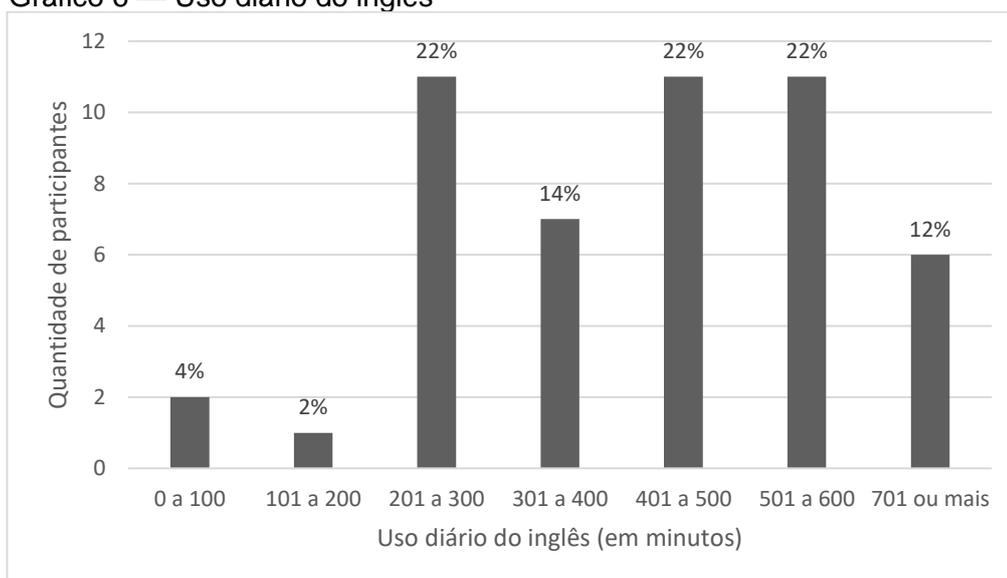
Quanto ao uso que fazem das duas línguas de interesse, os participantes na amostra relataram usar português de 75 a 810 minutos por dia ($\bar{X} = 444,7$; DP = 193,6) e inglês de 75 a 780 minutos por dia ($\bar{X} = 434,8$; DP = 181,9) em atividades não relacionadas à tradução, tais como ouvir música, assistir televisão e ler.

Gráfico 5 — Uso diário do português



Fonte: Autora.

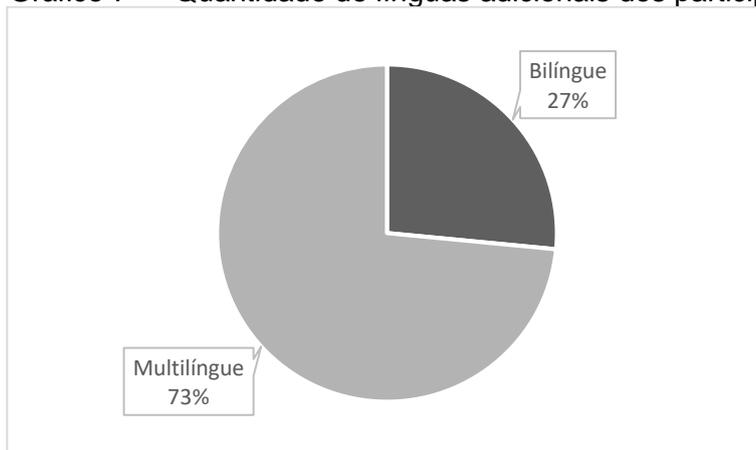
Gráfico 6 — Uso diário do inglês



Fonte: Autora.

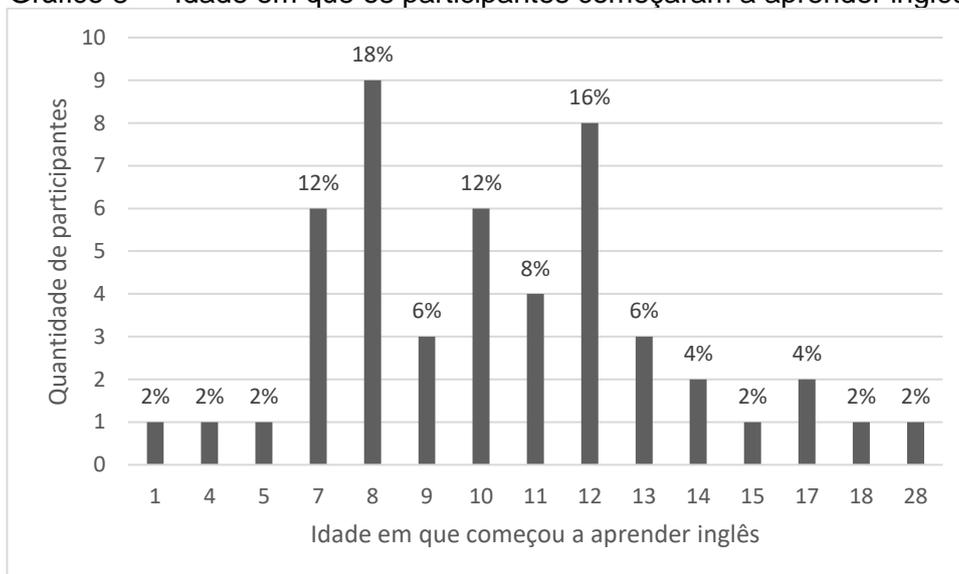
Quanto ao histórico linguístico relacionado a línguas adicionais, entre os participantes na amostra, 13 (26,5%) eram bilíngues e 36 (73,5%) multilíngues, sendo que começaram a aprender inglês entre 1 e 28 anos ($\bar{X} = 10,4$; $DP = 4,2$), classificaram de 3 a 5 seu nível de proficiência leitora em inglês ($\bar{X} = 4,9$; $DP = 0,4$) e de 0 a 4,75 sua proficiência global em outra L2 ($\bar{X} = 1,6$; $DP = 1,4$). Quanto à proficiência leitora em inglês, percebe-se que a amostra é homogênea, pois nenhum participante classificou seu nível de proficiência como muito baixo, baixo ou razoável, sendo que a grande maioria classificou seu nível como proficiente. Quanto ao conhecimento de outras línguas adicionais, a maioria dos participantes tem algum conhecimento em outras línguas adicionais além do inglês, mas menos da metade considera seu nível de proficiência como bom, muito bom ou proficiente.

Gráfico 7 — Quantidade de línguas adicionais dos participantes



Fonte: Autora.

Gráfico 8 — Idade em que os participantes começaram a aprender inglês



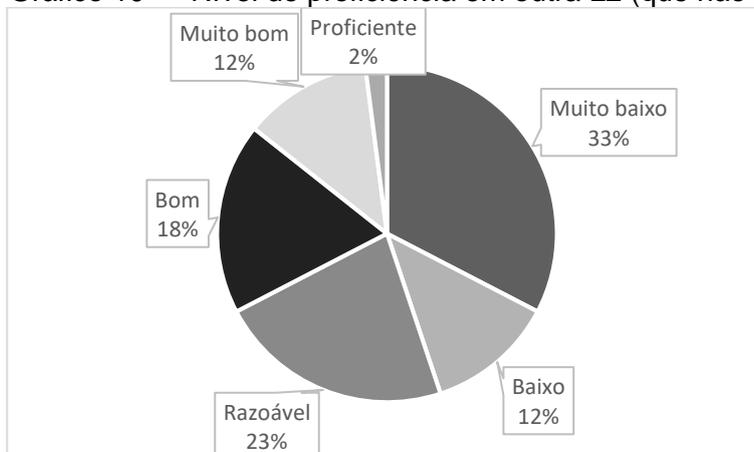
Fonte: Autora.

Gráfico 9 — Nível de proficiência leitora em inglês



Fonte: Autora.

Gráfico 10 — Nível de proficiência em outra L2 (que não o inglês)



Fonte: Autora.

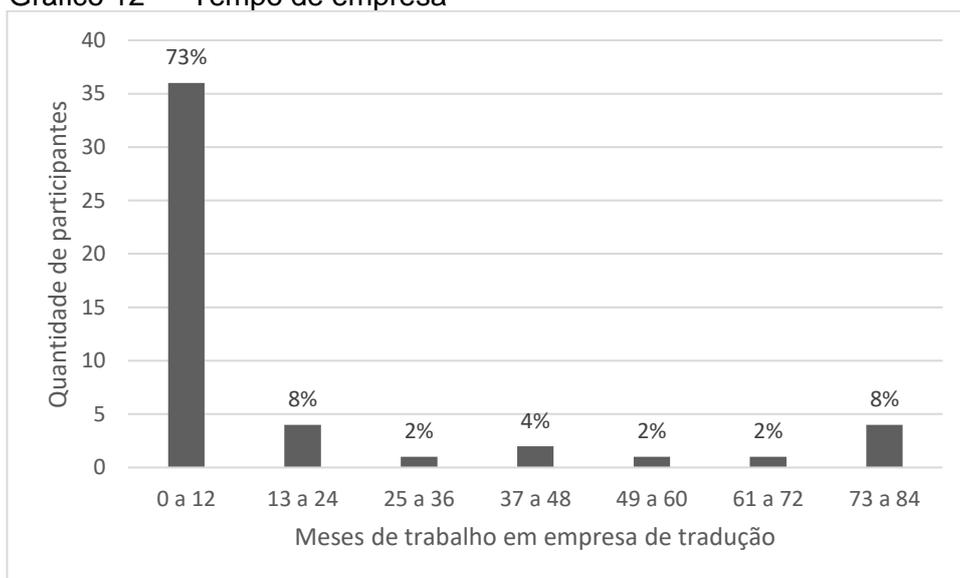
Quanto à experiência tradutória, os participantes na amostra tinham de 0 a 420 meses de experiência profissional em tradução ($\bar{X} = 45,4$; $DP = 79,4$). Esse valor inclui todo tipo de experiência profissional, seja em empresa, seja como autônomo. Além disso, os participantes trabalharam no total de 0 a 80 meses em empresas de tradução ($\bar{X} = 13,61$; $DP = 24,6$). Percebe-se que mais da metade tem no máximo 1 ano de experiência no geral e em empresa de tradução. Essa grande quantidade de participantes com pouca experiência era algo esperado, uma vez que a amostra consistiu em 61% de alunos de tradução. Também é relevante o fato de terem mais participantes com no máximo 1 ano de empresa do que no máximo 1 ano de experiência no geral, o que pode refletir o grande número de profissionais autônomos que nunca trabalharam em empresas de tradução. Por fim, os participantes traduziam de 0 a 49 horas por semana ($\bar{X} = 20,1$; $DP = 16,2$) na época da coleta e demonstraram ter índice dinâmico de -0,1 a 0,8 ($\bar{X} = 0,4$; $DP = 0,2$). A predominância de valores positivos de índice dinâmico revela que os participantes da amostra têm uma visão mais dinâmica que estática sobre a tradução. Ou, seja, veem a tradução como um evento comunicativo com uma função, em vez de uma tradução mais literal.

Gráfico 11 — Tempo de experiência



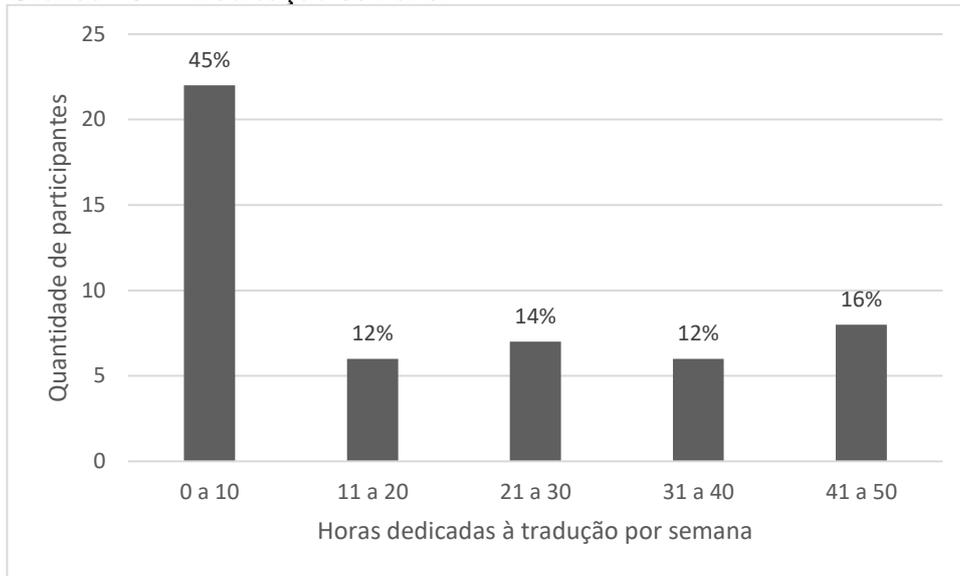
Fonte: Autora.

Gráfico 12 — Tempo de empresa



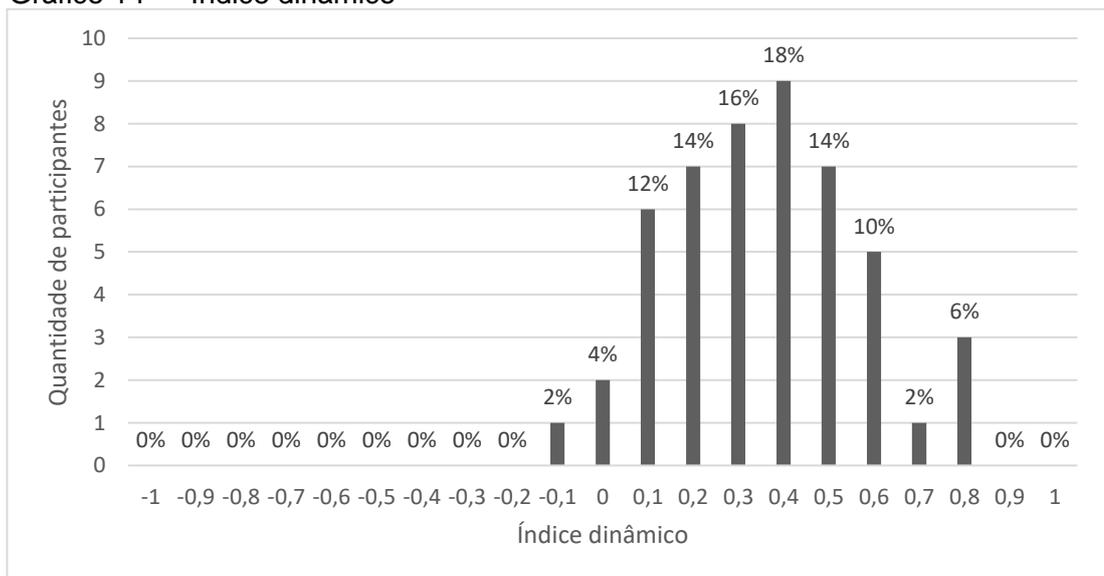
Fonte: Autora.

Gráfico 13 — Dedicção semanal



Fonte: Autora.

Gráfico 14 — Índice dinâmico



Fonte: Autora.

Os dados obtidos por meio das tarefas de FEs indicam que os participantes da amostra tiveram Índice de *updating* de 56,3% a 100% ($\bar{X} = 85,2$; DP = 9,4) na tarefa *Letter Memory*, que mede *updating*; Efeito *Stroop* de 0,000³⁶ a 0,196 ($\bar{X} = 0,044$; DP = 0,0423) na tarefa *Stroop*, que mede controle inibitório; e Custo de *shifting* de

³⁶ Na verdade, alguns participantes tiveram Efeito *Stroop* negativo, o que é discutido na seção 4.3.

0,240 a 1,469 ($\bar{X} = 0,727$; DP = 0,283) na tarefa *Number-Letter*, que mede *shifting*. A Tabela 1 ilustra esses dados de descrição da amostra.

Tabela 1 — Resultados das tarefas de FEs

| | Mínimo | Máximo | Média | Desvio padrão |
|----------------------------------|--------|--------|--------|---------------|
| Índice de <i>updating</i> | 56,25% | 100% | 85,16% | 9,37% |
| Efeito <i>Stroop</i> | 0,000 | 0,196 | 0,044 | 0,042 |
| Custo de <i>shifting</i> | 0,240 | 1,4685 | 0,726 | 0,283 |

Fonte: Autora.

Os dados obtidos por meio da Tarefa de Tradução indicam que os participantes levaram de 8,3 a 31,1 minutos para realizar a Tarefa de Tradução ($\bar{X} = 20,9$; DP = 4,1), produziram traduções com 0 a 65% de literalidade ($\bar{X} = 27,9$; DP = 15,4), fizeram de 0 a 14 alterações nas traduções dos itens de interesse ($\bar{X} = 5,24$; DP = 3,6), apresentaram média de pausas de 0,4 a 3,9 segundos antes de começar a digitar as traduções para os itens de interesse ($\bar{X} = 1,9$; DP = 0,8) e, por meio das alterações nos itens de interesse, reduziram até 20% e aumentaram até 5% da literalidade nos itens de interesse ($\bar{X} = -7,9$; DP = 7,1). É interessante notar que alguns participantes não fizeram nenhum ajuste ou correção nas traduções dos itens de interesse, enquanto outros chegaram a fazer 14 alterações. Isso demonstra diferenças no comportamento de revisão dos participantes. Além disso, após alterações, as traduções de alguns participantes ficaram mais literais do que na primeira tradução. Isso parece contraintuitivo, uma vez que na leitura final espera-se que os tradutores se concentrem na convencionalidade do texto e se desprendam dos traços formais do texto-fonte. É possível que dados de rastreamento ocular pudessem revelar se os participantes que fizeram revisões que deixaram o texto mais literal olharam mais para o texto-fonte, o que explicaria a influência dos traços formais. A Tabela 2 ilustra esses dados de descrição da amostra em relação à Tarefa de Tradução.

Tabela 2 — Resultados da Tarefa de Tradução

| | Mínimo | Máximo | Média | Desvio padrão |
|--------------------------------------|--------|--------|---------|---------------|
| Duração da Tarefa de Tradução | 8,250 | 31,083 | 20,930 | 4,139 |
| Porcentagem de literalidade | 0% | 65% | 27,94% | 15,45% |
| Alterações | 0 | 14 | 5,24 | 3,643 |
| Tempo antes das traduções | 0,425 | 3,851 | 1,916 | 0,839 |
| Mudança na literalidade | -20% | 5% | -7,883% | 7,149% |

Fonte: Autora.

Nas próximas seções, são apresentadas as análises para cada um dos objetivos específicos do estudo. A Tabela 3 consiste na matriz de correlação com os dados discutidos nas próximas seções. Ressalta-se que a matriz de correlação é resultado de análises de correlações bivariadas entre duas variáveis. Os resultados desse tipo de análise geram resultados entre -1 e 1, chamados de coeficiente de correlação de Pearson, simbolizados pela letra *r* nesta dissertação. Valores positivos indicam correlação positiva entre duas variáveis. Ou seja, quando uma das variáveis aumenta, a outra também aumenta. Por exemplo, na Tabela 3, a correlação entre Dedicção semanal e Tempo de empresa é 0,609, indicando que quando os participantes relataram ter trabalhado mais meses em empresas de tradução, também dedicavam mais horas à tradução por semana. Por outro lado, valores negativos indicam correlação negativa entre duas variáveis. Ou seja, quando uma das variáveis aumenta, a outra diminui. Por exemplo, na Tabela 3, a correlação entre Tempo de empresa e Literalidade é -0,555, indicando que quando os participantes relataram ter trabalhado mais meses em empresas de tradução, produziram traduções menos literais. Coeficientes de correlação mais perto do -1 ou do 1 indicam correlação forte, ao passo que coeficientes de correlação mais perto do 0 indicam correlação fraca.

Tabela 3 — Matriz de correlações

| | | Índice de <i>updating</i> | Efeito <i>Stroop</i> | Custo de <i>shifting</i> | Tempo de experiência | Tempo de empresa | Dedicção semanal | Literalidade |
|---------------------------|----------|---------------------------|----------------------|--------------------------|----------------------|------------------|------------------|---------------|
| Índice de <i>updating</i> | <i>r</i> | 1 | -0,139 | -0,210 | 0,091 | 0,220 | 0,007 | -0,120 |
| | <i>p</i> | | 0,342 | 0,148 | 0,536 | 0,128 | 0,960 | 0,412 |
| Efeito <i>Stroop</i> | <i>r</i> | -0,139 | 1 | -0,131 | 0,031 | -0,131 | -0,146 | 0,145 |
| | <i>p</i> | 0,342 | | 0,368 | 0,833 | 0,368 | 0,316 | 0,321 |
| Custo de <i>shifting</i> | <i>r</i> | -0,210 | -0,131 | 1 | 0,033 | 0,129 | 0,167 | -0,310 |
| | <i>p</i> | 0,148 | 0,368 | | 0,821 | 0,376 | 0,252 | 0,030 |
| Tempo de experiência | <i>r</i> | 0,091 | 0,031 | 0,033 | 1 | 0,322 | 0,338 | -0,098 |
| | <i>p</i> | 0,536 | 0,833 | 0,821 | | 0,024 | 0,018 | 0,503 |
| Tempo de empresa | <i>r</i> | 0,220 | -0,131 | 0,129 | 0,322 | 1 | 0,609 | -0,555 |
| | <i>p</i> | 0,128 | 0,368 | 0,376 | 0,024 | | 0,000 | 0,000 |
| Dedicção semanal | <i>r</i> | 0,007 | -0,146 | 0,167 | 0,338 | 0,609 | 1 | -0,520 |
| | <i>p</i> | 0,960 | 0,316 | 0,252 | 0,018 | 0,000 | | 0,000 |
| Literalidade | <i>r</i> | -0,120 | 0,145 | -0,310 | -0,098 | -0,555 | -0,520 | 1 |
| | <i>p</i> | 0,412 | 0,321 | 0,030 | 0,503 | 0,000 | 0,000 | |

Fonte: Autora.

4.2. Relação entre *updating* e literalidade

O primeiro objetivo específico do estudo era verificar a relação entre *updating* e literalidade na tradução. Esperava-se que os participantes com melhor desempenho

na tarefa *Letter-Memory*, ou seja, com maior porcentagem de letras recordadas (representado pelo Índice de *updating*), produziram traduções com menor porcentagem de literalidade na Tarefa de Tradução. Essa expectativa se baseava em Kroll, Dussias e Bajo (2018), que sugeriram que o tradutor utiliza mais processos de controle proativos do que os demais bilíngues devido à coativação constante das línguas, sendo que um dos processos de controle proativo seria o *updating*. Ou seja, a partir dessa visão, os tradutores possivelmente não inibem a língua-alvo quando estão lendo o texto-fonte, nem inibem a língua-fonte quando estão produzindo o texto-alvo. Em vez disso, manipulam, por meio da MT, as informações relevantes das duas línguas de trabalho.

Além disso, trabalhos que sugerem que os tradutores mantêm as duas línguas de trabalho ativas durante a leitura do texto-fonte (CHRISTOFFELS; GANUSHCHAK; KOESTER, 2013; MACIZO; BAJO, 2005, RUIZ *et al.* 2008) vão ao encontro dessa ideia de controle por meio da MT. Para ilustrar, 90% dos participantes do presente estudo concordaram parcial ou totalmente com a frase “Enquanto leio o texto-fonte, já penso simultaneamente sobre como vou traduzi-lo”, presente no QHLAT. Ou seja, se os tradutores leem o texto-fonte em inglês enquanto digitam o texto-alvo em português, é possível que nenhuma das línguas esteja sendo inibida pelo controle inibitório, ao mesmo tempo que as informações das duas podem estar sendo manipuladas concomitantemente na MT.

Por meio de uma análise de correlação bivariada, verificou-se que o relacionamento entre Índice de *updating* e literalidade na tradução foi negativo, fraco e não estatisticamente significativo ($r = -0,12$, $p = 0,412$). A direção da relação encontrada condiz com o esperado, pois indica que quanto melhor foi o desempenho na tarefa de *updating* (representado pelo maior Índice de *updating*), menor foi o uso de traduções literais. No entanto, a correlação foi muito fraca e ficou longe da significância estatística. Assim, este estudo não permitiu afirmar com confiança que existe uma associação entre *updating* e literalidade em tradução.

É possível que a fraqueza da correlação e a falta de significância estatística tenham ocorrido por erro amostral ou pela falta de controle em algumas variáveis. Por exemplo, é possível que os tradutores que estão em formação, fazendo os primeiros trabalhos de sua carreira, ainda não tenham automatizado alguns processos de tradução, sendo necessário alocar recursos cognitivos da MT para lidar com esses processos. Enquanto isso, é possível que os tradutores com mais experiência já

tenham automatizado muitos processos e tenham mais recursos da MT livres para lidar com a tradução das combinações de palavras. Também é possível supor que a função cognitiva *updating* esteja associada a alguns aspectos do desempenho tradutório, mas não especificamente à literalidade. Ainda que os resultados deste estudo não tenham demonstrado uma correlação estatisticamente significativa entre *updating* e literalidade, futuros estudos envolvendo medições de diferentes tipos de controle proativo e diferentes aspectos do desempenho tradutório ajudariam a esclarecer as associações importantes entre esses elementos nas atividades tradutórias.

4.3. Relação entre controle inibitório e literalidade

O segundo objetivo específico deste estudo era verificar a relação entre controle inibitório e literalidade na tradução. Como descrito na seção 3.4, o controle inibitório foi medido pela tarefa *Stroop*, cujo índice final é o Efeito *Stroop*, composto pela média de tempo de resposta em estímulos incongruentes subtraída pela média de tempo de resposta em estímulos congruentes. Considerando que os estímulos incongruentes exigem do participante um esforço maior de controle inibitório, uma vez que é preciso inibir o traço semântico do estímulo e se concentrar apenas na cor do estímulo, o Efeito *Stroop* deveria ser sempre positivo. No entanto, 10 participantes (20%) apresentaram Efeito *Stroop* negativo. Essa porcentagem alta de Efeito *Stroop* negativo pode refletir inadequação no desenho ou na aplicação da tarefa, o que é discutido abaixo em mais detalhes. Por serem valores negativos, constatou-se que a tarefa não impôs o controle inibitório esperado pelos estímulos incongruentes, pelo menos não nesses 10 participantes. Assim, para evitar a exclusão dos participantes, já que outros dados deles ainda podiam ser utilizados, optou-se por zerar esses valores negativos.

Esperava-se que os participantes com melhor desempenho na tarefa *Stroop*, ou seja, com menor Efeito *Stroop*, demonstrando melhor controle inibitório, produzissem traduções com menor porcentagem de literalidade na Tarefa de Tradução. Essa expectativa se baseou no nosso pressuposto de que tradutores utilizam o controle inibitório para reduzir a ativação de representações da língua-fonte durante a produção da tradução na língua-alvo, com base na ideia de Henrard e Van Daele (2017), que fizeram essa afirmação em relação a intérpretes. Ou seja,

esperava-se que os participantes sofressem efeito de *priming*, que consiste na repetição de uma estrutura presente em um estímulo recente, devido à presença contínua do texto-fonte na tela do computador (DIAMOND; SHREVE, 2019). Segundo Bangalore *et al.* (2016), esse efeito de *priming* faz com que a tradução literal seja a primeira opção que vem à mente do tradutor. Dessa forma, os participantes teriam que usar seu controle inibitório para inibir os traços formais do texto-fonte, ou seja, inibir uma tradução literal.

Por meio de uma análise de correlação bivariada, verificou-se que o relacionamento entre Efeito *Stroop* e literalidade na tradução foi positivo, fraco e não estatisticamente significativo ($r = +0,15$, $p = 0,321$). O relacionamento positivo encontrado condiz com a expectativa inicial, pois significa que, quando o Efeito *Stroop* aumenta, ou seja, quando há menor controle inibitório, a literalidade também aumenta. Porém, a força do efeito foi muito fraca e ficou muito longe da significância.

A ausência da associação significativa entre os resultados obtidos pelos participantes na tarefa de controle inibitório e os escores de literalidade na tradução condiz com as ideias de Kroll, Dussias e Bajo (2018), que postulam que o controle linguístico desempenhado na tradução não envolve a inibição reativa, uma vez que as duas línguas estão constantemente fortemente ativadas. Assim, os tradutores utilizariam outros processos de controle para selecionar as palavras e estruturas da língua certa, controles mais proativos, como de monitoramento, *updating*, *dual-tasking* e memória de trabalho (como discutido na seção 2.2.1). Talvez possamos dizer que esse resultado está de acordo com o Modelo Monitor (TIRKKONEN-CONDIT, 2015), no qual afirma-se que a tradução literal é um procedimento-padrão, mas explica-se que é usado até o momento em que um monitor cognitivo alerta quanto a um problema de tradução. Ou seja, podemos interpretar que o monitor cognitivo usado para alertar sobre problemas de tradução não depende de controle inibitório, mas sim de habilidades de monitoramento das informações na MT.

Outra explicação plausível é que as escolhas metodológicas realizadas possam ter prejudicado a possibilidade de a tarefa medir de fato o controle inibitório. Na tarefa *Stroop* original, os participantes forneciam as respostas oralmente. Essa tarefa é muito utilizada em pesquisas de diferentes áreas e, em alguns casos, é adaptada para a realidade do pesquisador. Recentemente os estudos têm aplicado a tarefa de forma que a resposta seja dada por meio de teclas do computador, solicitando que o participante utilize, por exemplo, uma tecla para indicar qual cor aparece. No estudo

atual, optou-se por uma adaptação similar: foram colados adesivos coloridos em algumas teclas do teclado, indicando as cores das possíveis respostas, conforme ilustra a Figura 11. Quando as respostas são dadas oralmente, o traço verbal dos estímulos necessariamente precisa ser inibido, ou seja, é difícil olhar para um nome de cor e não falar ele em voz alta. Porém, quando as respostas são dadas por meio de um teclado, é possível que esse traço verbal não receba tanta ativação, por isso não exija tanto esforço para inibição.

Figura 11 — Teclado usado na coleta



Fonte: Autora.

Outro problema de desenho da tarefa foi a redução na quantidade de cores: na tarefa usada por Miyake *et al.* (2000), os estímulos aparecem em até seis cores. Porém, como as respostas no estudo desta dissertação precisavam ser dadas por teclas, optou-se por reduzir o número de cores para quatro, para evitar confusões entre as teclas. Essa opção pode ter reduzido o controle necessário para a realização da tarefa.

O último problema de desenho da tarefa foi o fato de que foram inseridos apenas estímulos congruentes e incongruentes, não tendo sido inseridos estímulos neutros (asteriscos coloridos). No momento do desenho da tarefa, não estava claro o papel desses estímulos neutros, por isso optou-se por não usá-los. No entanto, sabe-se agora que eles são necessários para aumentar a complexidade da tarefa, bem como para fornecer outros índices além do Efeito *Stroop*.

Durante a coleta, os comentários relevantes foram anotados em um diário de coleta. Após a leitura desses comentários, constatou-se que muitos participantes neste estudo relataram que acharam a tarefa fácil e que não se sentiram influenciados pelo nome da cor, pois tentaram não focar a palavra escrita, apenas a cor da fonte

(alguns relataram mirar o olhar para o canto da tela, deixando que a cor da palavra no centro da tela aparecesse no campo periférico da visão, onde seria possível ver a cor, mas não ler a palavra). Alguns também relataram que acharam a tarefa simples, pois consistia em simplesmente combinar a cor que aparecia na tela com a cor que aparecia no teclado. Dessa forma, o resultado da tarefa *Stroop* não é confiável neste estudo, pois alguns participantes não precisaram inibir o traço verbal do estímulo. Assim, a diferença entre os estímulos incongruentes e os estímulos congruentes pode não demonstrar o custo de inibir o traço verbal do estímulo, pelo menos não na resposta de alguns participantes. O fato de 20% dos participantes terem Efeito *Stroop* negativo reforça essa suposição. Ainda assim, os outros 80% dos participantes tiveram Efeito *Stroop* positivo, portanto é possível que a tarefa tenha medido o controle inibitório em alguns participantes.

Para não restar dúvidas, foi conduzida uma análise de correlação bivariada entre o Efeito *Stroop* e a literalidade apenas com os participantes que apresentaram Efeito *Stroop* positivo. Ainda assim, a correlação foi baixa ($r = 0,17$), portanto é possível que realmente não haja relação linear entre controle inibitório e literalidade, ou a aplicação da tarefa comprometeu os dados de todos os participantes, em diferentes medidas.

Assim, no presente estudo, não foi possível responder com confiança se existe uma associação entre as duas variáveis. Ainda que alguns pesquisadores apontem para a ideia de que o controle inibitório em tradutores não é mais desenvolvido que em bilíngues em geral porque a tradução impõe demandas maiores em outros processos de controle (KROLL; DUSSIAS; BAJO, 2018), ainda não está claro quais processos de controle são estes, nem se sabe se eles estão associados ao desempenho tradutório no geral ou a questões específicas da tradução, como a literalidade. Assim, os estudos cognitivos da tradução ainda precisam de mais pesquisas envolvendo tarefas para medir diferentes tipos de processos de controle, inclusive controle inibitório, e tarefas para medir diferentes aspectos do desempenho tradutório.

4.4. Relação entre *shifting* e literalidade

O terceiro objetivo específico deste estudo era verificar a relação entre *shifting* e literalidade na tradução. Esperava-se que os participantes com melhor desempenho

na tarefa *Number-Letter*, ou seja, com menor Custo de *shifting*, produzissem traduções com menor porcentagem de literalidade na Tarefa de Tradução. Essa expectativa se baseou no pressuposto de que as línguas dos bilíngues estão sempre em coativação (GROSJEAN, 1997), inclusive durante atividades de tradução (IBÁÑEZ; MACIZO; BAJO, 2010). Como os tradutores ainda precisam separar de alguma forma a língua usada na compreensão e a usada na produção, mesmo com as duas línguas ativas, então o mecanismo de controle pode ser o *shifting*, que permite alternar o foco de atenção entre as duas. De acordo com esse raciocínio, o mecanismo não poderia ser o controle inibitório, pois se as línguas estão ativadas ao mesmo tempo durante a tradução, então nenhuma delas está sendo inibida (KROLL; DUSSIAS; BAJO, 2018). Se considerarmos que a habilidade de *shifting* é de domínio geral, então os resultados na tarefa *Number-Letter*, que se referem à capacidade de alternar entre as duas regras da tarefa, podem ser interpretados como indicando também a capacidade de alternar entre as regras linguísticas relevantes nos momentos de compreensão e nos de produção durante a tradução, evitando influência de uma língua na outra.

Por meio de uma análise de correlação bivariada, verificou-se que o relacionamento entre Custo de *shifting* e Literalidade na tradução foi negativo, fraco e estatisticamente significativo ($r = -0,31$, $p = 0,030$). Esses resultados surpreendem porque demonstram direção de correlação contrária à expectativa. Esperava-se que participantes com melhor capacidade de alternar entre as duas regras da tarefa *Number-Letter* também tivessem melhor capacidade de alternar entre os sistemas linguísticos das duas línguas de trabalho, evitando o efeito de *priming*, observável pela tradução literal. Assim, quanto melhor fosse o desempenho na tarefa *Number-Letter*, ou seja, quanto menor fosse o Custo de *shifting*, menos traduções literais seriam produzidas, ou seja, menor seria a porcentagem de literalidade na tradução, o que revelaria correlação positiva.

Entretanto, os resultados da análise indicam que quanto maior foi o custo de *shifting*, menor foi a porcentagem de literalidade. Uma das possíveis explicações para os resultados é que a coativação da língua-fonte e da língua-alvo durante a atividade tradutória não exige alternância entre as duas línguas. Nesse sentido, o tradutor não precisaria alternar entre as duas línguas, mas sim desempenhar outros processos de controle através dos quais ele manipularia as duas línguas simultaneamente. Como proposto por Kroll, Dussias e Bajo (2018), esses processos podem envolver

dual-tasking, que é justamente a capacidade de realizar duas tarefas ao mesmo tempo, e não de alternar rapidamente entre elas. Assim, a habilidade de *shifting* poderia ser, inclusive, prejudicial durante a atividade tradutória, uma vez que impediria a ativação simultânea das duas línguas de trabalho. Esse funcionamento explicaria a correlação negativa encontrada entre *shifting* e literalidade. Assim, tradutores que usam menos a alternância entre as duas línguas possivelmente são aqueles que conseguem manipular melhor as duas línguas simultaneamente.

Sobre o desenho e aplicação da tarefa, observou-se que, durante as coletas, a escolha pela barra de espaço para o participante passar para os conjuntos seguintes depois de dar sua resposta levou a alguns erros, ainda que poucos, pois em algumas situações o participante quis clicar nas teclas C, V, B, N ou M, mas clicou sem querer na barra de espaço. Isso ocorreu em 2 ocasiões no total, portanto não teve impacto significativo nos dados. Ainda assim, em estudos futuros, recomenda-se utilizar uma tecla mais afastada das letras para o comando descrito.

4.5. Relação entre tempo de experiência tradutória e literalidade

O quarto objetivo específico deste estudo era verificar a relação entre as variáveis Tempo de experiência e Literalidade. Para mensurar o Tempo de experiência, foi levada em conta a questão 14 do QHLAT: “Há quanto tempo você traduz profissionalmente?”. Os participantes responderam em anos e meses, e os valores foram convertidos em meses. Os participantes foram informados de que deviam computar todas as atividades tradutórias profissionais para as quais foram remunerados, ou seja, tanto trabalho em empresa de tradução quanto trabalho como autônomo. Esperava-se que os participantes com mais Tempo de experiência produzissem traduções com menor Literalidade na Tarefa de Tradução. Nessa discussão, vale recorrer à análise feita por Dimitrova (2005), que desmistifica a crença de que a tradução literal é um erro cometido apenas por tradutores iniciantes ao afirmar que, na verdade, a tradução literal é um procedimento aplicado por tradutores de todos os níveis de experiência, com a diferença que tradutores profissionais sabem identificar melhor quais trechos podem ser traduzidos literalmente sem perda de sentido ou convencionalidade e quais não podem. Com base nisso, partindo da ideia de que as combinações de palavras contidas na Tarefa de Tradução renderiam traduções pouco convencionais se traduzidas literalmente, esperava-se que os

tradutores com mais experiência evitassem mais o uso de tradução literal nos 20 itens de interesse.

Uma análise de correlação bivariada revelou que o relacionamento entre Tempo de experiência e Literalidade foi negativo, fraco e não significativo estatisticamente ($r = -0,10$, $p = 0,503$). Apesar de a relação estar na direção esperada, ou seja, quanto mais Tempo de experiência menor foi a Literalidade, a correlação entre as duas variáveis foi muito fraca. Isso pode ter ocorrido por diversos motivos, dentre eles porque o QHLAT não foi capaz de obter este dado de maneira consistente entre os participantes, ou porque o tempo de experiência realmente não é algo que influencie na literalidade em tradução. Quanto à incapacidade de o QHLAT obter este dado de maneira consistente, 9 alunos relataram ter até 6 meses de experiência, 4 relataram ter até 1 ano e 3 relataram ter até 1,5 anos. Porém, não foi possível identificar a intensidade e consistência dessa experiência. É possível que, por serem alunos de graduação, esse tempo de experiência relatado pode se referir a trabalhos esporádicos durante a graduação. Ressalta-se que 1 ano de trabalhos esporádicos, por exemplo, resultariam em uma experiência bem diferente de 1 ano de trabalho por 8 horas diárias, que é o padrão em empresas de tradução.

Além disso, ainda sobre a inconsistência de medição dessa variável, 4 (21%) dos tradutores profissionais relataram que a tradução não é a principal profissão deles. Ainda que 1 deles tenha se formado no bacharelado em tradução e 3 deles tenham feito especialização em tradução, essa atividade é secundária no dia a dia deles. Assim, é possível que a variável Tempo de experiência para esses profissionais não meça o mesmo que para os demais profissionais, uma vez que, no total, tradutores com outras profissões dedicam menos tempo à tradução do que profissionais que realizam traduções como a única ou a principal atividade.

4.6. Relação entre tempo de trabalho em empresa de tradução e literalidade

O quinto objetivo específico deste estudo era verificar a relação entre as variáveis Tempo de empresa e Literalidade. Para mensurar o Tempo de empresa, foi levada em conta a questão 15 QHLAT: “No total, por quanto tempo você trabalhou em empresas de tradução?”. Os participantes responderam em anos e meses, e os valores foram convertidos em meses. Esperava-se que os participantes com mais Tempo de empresa produzissem traduções com menor Literalidade na Tarefa de

Tradução. Essa expectativa se baseou no fato que, atualmente, os clientes que encomendam traduções para empresas de traduções têm expectativas altas sobre a qualidade das traduções. É comum esses clientes enviarem feedback criticando as traduções por elas estarem “muito literais”, e dizerem que desejam traduções que soem naturais, como se o texto tivesse sido escrito originalmente na língua-alvo. Essa requisição dos clientes é compreensível se considerarmos que a tradução automática é um recurso que tem melhorado muito nos últimos anos, mas que é conhecido por deixar a desejar no quesito naturalidade.

A nosso ver, o Tempo de empresa se diferencia do Tempo de experiência e da Dedicção semanal por um aspecto importante: nas empresas, os tradutores recebem feedback com frequência, o que não ocorre com a mesma intensidade com tradutores autônomos. A variável Tempo de empresa é a única que consegue isolar a experiência específica no ambiente empresarial. Considerando que os tradutores em empresas de tradução recebem feedback frequente nesse estilo, é possível que eles tenham desenvolvido uma consciência maior sobre a necessidade de produzir traduções com palavras e estruturas que soem convencionais. Ou seja, o feedback sobre a qualidade da tradução pode ter servido de estímulo externo como motivação para uma alteração de comportamento tradutório, diferenciando os tradutores que trabalham em empresa dos tradutores que trabalham em casa. Se isso for verdade, quanto mais Tempo de empresa os tradutores da amostra tivessem, menor Literalidade eles deveriam usar.

Uma análise de correlação bivariada revelou que a correlação entre Tempo de empresa e Literalidade foi negativa, moderada e estatisticamente significativa ($r = -0,56$, $p < 0,001$). Esse resultado condiz com a expectativa expressa no parágrafo anterior, pois revela que, nessa amostra, quanto mais tempo de empresa os tradutores relataram ter, menos traduções literais eles produziram. É interessante que simplesmente ter mais tempo de experiência profissional não tenha indicado essa mesma relação, o que aponta para o fato de que a experiência como autônomo e a experiência como funcionário em empresa produzem efeitos diferentes no comportamento do tradutor. Além da questão da inconsistência na medida Tempo de experiência, como explicado na seção anterior, isso pode ter ocorrido porque muitos tradutores trabalham como autônomos, não estando tão sujeitos a situações comuns em empresas de tradução, como feedbacks regulares exigindo traduções que soem naturais, que podem contribuir para um esforço consciente em evitar construções literais quando elas não soam tão naturais.

Esse resultado surpreende por ter sido mais significativo do que todas as funções executivas investigadas neste estudo. É possível que, pelo menos nos primeiros anos de carreira, as funções executivas dos tradutores tenham menos relação com o grau de literalidade usado por eles do que aspectos específicos da experiência adquirida em tradução. Os dados da correlação mostrada nesta subseção sugerem que um dos grandes motivadores para que os tradutores produzam traduções com combinações convencionais e que soem naturais na língua-alvo é a experiência em empresas de tradução, possivelmente pelo feedback explícito fornecido pelos clientes que encomendam traduções.

4.7. Relação entre horas dedicadas à tradução por semana e literalidade

O sexto objetivo específico deste estudo era verificar a relação entre as variáveis Dedicção semanal e Literalidade. Para mensurar a Dedicção semanal, foi levada em conta a questão 16 QHLAT: “Quantas horas POR SEMANA, em média, você dedica às formas de tradução a seguir?”. Os participantes respondiam todas as opções do Quadro 4.

Quadro 4 — Campos a serem preenchidos na questão 16 do QHLAT

| | Inglês para português | Português para inglês |
|--|-----------------------|-----------------------|
| Projetos freelance | ___ horas | ___ horas |
| Trabalho CLT em empresa de tradução | ___ horas | ___ horas |
| Trabalhos para disciplinas da faculdade/cursos | ___ horas | ___ horas |
| Outro: | ___ horas | ___ horas |

Fonte: Autora.

Todos esses contextos de tradução, nas duas direções, foram levados em conta porque representam o uso da língua no contexto da tradução. Ou seja, conhecimentos específicos de tradução do inglês para o português ou do português para o inglês não eram o foco. O importante nessa questão era captar quantas horas por semana os profissionais dedicavam à atividade tradutória em geral, considerando que qualquer uma delas envolve a visualização do texto-fonte na tela e a digitação do texto-alvo na mesma tela, manipulando as duas línguas simultaneamente. Para compor a variável Dedicção semanal, foram somadas as horas indicadas em todos os campos da tabela.

Esperava-se que os participantes com mais Dedicção semanal produzissem traduções com menor Literalidade na Tarefa de Tradução. Essa expectativa se baseou na afirmação de Kroll, Dussias e Bajo (2018) sobre os tradutores profissionais realizarem traduções diariamente por muitas horas, o que os diferenciaria de outros tipos de bilíngues. As autoras chegam a fazer uma analogia para o contexto de uso dos tradutores dizendo que é como “atletismo linguístico”. Esse uso constante das duas línguas impõe altas demandas de controle cognitivo e, considerando a Hipótese do Controle Adaptativo de Green e Abutalebi (2013), esse uso pode fazer com que os mecanismos de controle se adaptem à realidade do falante. Apesar de não termos investigado os processos de controle de Green e Abutalebi (2013), pressupomos que participantes que dedicassem mais horas à tradução teriam vivenciado mais o contexto específico de tradução, com altas demandas cognitivas, e suas capacidades de controle teriam se adaptado. Como resultado, evitariam com mais eficiência o efeito de *priming* nas traduções das combinações de palavras analisadas no estudo, produzindo traduções menos literais.

Uma análise de correlação bivariada revelou que a correlação entre Dedicção semanal e Literalidade foi negativa, moderada e significativa estatisticamente ($r = -0,52, p < 0,001$). Esse resultado condiz com a expectativa expressa no parágrafo anterior, pois revela que quanto mais horas por semana eram dedicadas à tradução, menos literais foram as traduções produzidas. Uma das explicações para esse resultado é que o uso frequente e contínuo de duas línguas no contexto de tradução, que envolve alto controle cognitivo, possa ter feito com que os participantes adaptassem seus mecanismos de controle e pudessem identificar quando a primeira tradução que vem à mente, ou seja, a tradução literal, resultado de um efeito de *priming* dos traços formais do texto-fonte, não é a ideal, pois resulta em uma combinação em português que não é convencional. Ainda assim, ressalta-se que a análise de correlação não indica causa e efeito, pois outras variáveis não medidas podem ser as responsáveis pelos resultados. A correlação quer dizer que Dedicção semanal e Literalidade estão ligados, mas algo externo a elas pode causar essa ligação. Dessa forma, apresentamos aqui outra possibilidade de explicação: maior Dedicção semanal pode estar relacionada à menor Literalidade simplesmente porque os tradutores passaram mais horas se especializando na atividade, portanto já conhecem problemas comuns de tradução e sabem lidar com eles. Assim, o maior

nível de experiência poderia ser a variável responsável pela correlação encontrada entre as duas variáveis.

De qualquer forma, a correlação encontrada aqui é relevante porque indica que a tradução por muitas horas semanalmente levou os tradutores a lidarem melhor com a convencionalidade. Assim, tradutores que queiram aperfeiçoar suas habilidades de tradução podem seguir o ditado popular “é fazendo que se aprende”. Além disso, clientes que busquem profissionais para realizar traduções também podem levar em conta o contexto atual dos tradutores, valorizando aqueles que se dedicam exclusivamente à tradução, visto que os resultados aqui indicam que são eles que produzem traduções que soam mais naturais, pois conseguem produzir traduções convencionais mesmo quando os traços formais de combinações de palavras em inglês poderiam causar efeito indesejável de *priming* que resultaria em tradução literais e pouco convencionais.

4.8. Modelo de regressão para explicar variabilidade na literalidade

O sétimo e último objetivo específico deste estudo era verificar a eficácia de um modelo de grau da literalidade cujas variáveis explicativas fossem *updating*, controle inibitório, *shifting*, tempo de experiência profissional em tradução, tempo de trabalho em empresa de tradução e horas dedicadas à tradução por semana. Esperava-se que o modelo contendo as medidas obtidas nas tarefas *Letter-Memory* (Índice de *updating*), *Stroop* (Efeito *Stroop*), *Number Letter* (Custo de *Shifting*) e no QHLAT (Tempo de experiência, Tempo de empresa e Dedicção semanal) explicasse parte da variabilidade da literalidade na Tarefa de Tradução.

O objetivo dessa análise vem de uma necessidade pessoal de minha realidade como revisora. As empresas de tradução têm fluxos de trabalho que visam garantir a qualidade das traduções entregues para os clientes. Esse fluxo é composto de, entre outras etapas, uma etapa de tradução e uma de revisão da tradução. Além disso, as empresas preferem contar com tradutores formados e experientes. Porém, não é incomum que mesmo esses tradutores formados e experientes produzam traduções que são corretas, mas que não soam naturais. Isso gera reclamações por parte dos clientes, que afirmam que as traduções estão muito literais. Se não é a formação nem os anos de experiência que levam os tradutores a produzirem traduções mais naturais, então o que seria? O presente estudo tenta responder essa pergunta, buscando

correlações entre funções executivas, experiência tradutória e literalidade. Porém, as correlações indicam apenas se há ou não relação entre as variáveis explicativas e a literalidade, mas não indica quanto elas colaboram para a literalidade. Ou seja, por meio das correlações, constatou-se que existe correlação entre Custo de *shifting* e Literalidade, Tempo de empresa e Literalidade, e Dedicção semanal e Literalidade. No entanto, não é possível saber qual dessas variáveis influencia mais na literalidade, seria o Custo de *shifting*, o Tempo de empresa ou a Dedicção semanal? A análise de regressão visa responder essa pergunta, informando quão importante cada uma dessas variáveis é para a literalidade.

No momento da idealização dessa análise de regressão como um dos objetivos desta dissertação, não estava claro para nós que todas as variáveis explicativas usadas no modelo deveriam necessariamente ter correlação com a variável de critério, ou seja, com a Literalidade. Isso é discutido mais adiante nesta seção. O modelo foi gerado por meio de uma análise de regressão múltipla no SPSS. Os resultados são apresentados a seguir.

Tabela 4 — Resumo do modelo de regressão

| Modelo | R | R² | R² ajustado | Erro padrão da estimativa |
|---------------|----------|----------------------|-------------------------------|----------------------------------|
| 1 | 0,657 | 0,432 | 0,351 | 12,457 |

Fonte: Resultados no SPSS.

Tabela 5 — ANOVA do modelo de regressão

| Modelo | | Soma dos Quadrados | df | Quadrado Médio | Z | Sig. |
|---------------|-----------|---------------------------|-----------|-----------------------|----------|-------------|
| 1 | Regressão | 4952,769 | 6 | 825,461 | 5,319 | 0,000 |
| | Resíduo | 6517,546 | 42 | 155,180 | | |
| | Total | 11470,315 | 48 | | | |

Fonte: Resultados no SPSS.

Como mencionado acima, as análises de regressão são uma extensão das análises de correlação, no sentido que a correlação indica se existe ou não uma relação entre duas variáveis e a direção dessa relação, ao passo que a regressão vai um pouco além: permite explicar quanto a variável de critério muda quando uma unidade da variável explicativa muda, ou seja, revela em que medida cada variável explicativa é responsável por mudanças na variável de critério. Assim, é possível verificar a ordem de importância das variáveis explicativas. Por isso, é importante lembrar que as variáveis Índice de *updating*, Efeito *Stroop* e Tempo de experiência,

usadas como explicativas nesse modelo, não apresentaram correlação com a Literalidade nas análises de correlação bivariada, conforme descrito nas seções 4.2, 4.3 e 4.5. Apesar de essas variáveis não terem apresentado correlação individualmente com a Literalidade, na análise de regressão analisa-se a correlação cumulativa de todas as variáveis explicativas com a Literalidade. Observou-se que essa correlação cumulativa foi moderada ($R = 0,657$, $p < 0,001$), o que indica que as alterações em todas as variáveis explicativas estão associadas a uma alteração na Literalidade. Quando as variáveis explicativas mudam, a Literalidade muda de maneira relativamente previsível. Se a correlação fosse perfeita, ou seja, se $R = 1,0$, então poderíamos dizer que quando as variáveis explicativas mudassem, a Literalidade mudaria de maneira totalmente previsível e proporcional.

O R^2 indica que as variáveis explicativas foram capazes de explicar 43% da variância na literalidade na amostra. Ou seja, os participantes da amostra usaram traduções literais em diferentes medidas, e nós podemos usar as variáveis explicativas deste modelo para entender 43% da variância nesse uso de traduções literais. Assim, ainda há 57% da variância em literalidade que não podem ser explicados pelas variáveis explicativas do modelo. Análises futuras com outras variáveis devem ser realizadas para saber que fatores dão conta dessa porção da variância que não conseguimos explicar com este modelo. No momento, não temos evidências que apontem para outras variáveis, mas sugerimos algumas que poderiam ser estudadas: motivação (os participantes se sentem motivados a produzir um texto muito bom?), autoconfiança (os participantes se sentem confiantes para ousar e se desligar do texto-fonte?), conhecimento formal sobre convencionalidade (os participantes sabem o que é convencionalidade e sobre seu papel na tradução?), quantidade de leitura (os participantes leem bastante e estão em contato com combinações de palavras convencionais?) etc.

O R^2 é o resultado que considera a amostra do estudo. Para generalizar os resultados para a população, considera-se o R^2 ajustado (DANCEY; REIDY, 2006). Nesse caso, o modelo passou a explicar apenas 35% da variância considerando a população de tradutores. Ainda que existam 65% de variância não explicados, esses 35% já indicam que as FEs e a experiência tradutória têm um papel importante para a literalidade em tradução.

Os coeficientes das variáveis representam a mudança que uma variável explicativa causa na variável de critério quando todas as outras permanecem estáveis.

Por exemplo, se considerarmos que as variáveis explicativas Índice de *updating*, Efeito Stroop, Custo de *shifting*, Tempo de experiência e Tempo de empresa fossem controlados na amostra, então o aumento de uma unidade em Dedicção semanal (que é, nesse caso, 1 hora a mais dedicada à tradução por semana), provavelmente estará associado a uma diminuição de 0,3% na Literalidade (pois o coeficiente de Dedicção semanal é -0,293). Assim, os coeficientes indicam como cada variável explicativa isolada contribuiu para uma alteração na variável de critério. Na Tabela 6 são apresentados os coeficientes de cada variável explicativa no modelo.

Tabela 6 — Coeficientes do modelo de regressão

| Modelo | Coeficientes não padronizados | | Coeficientes padronizados | T | Sig. | 95,0% Intervalo de Confiança para B | |
|---------------------------|-------------------------------|-------------|---------------------------|--------|-------|-------------------------------------|-----------------|
| | B | Erro padrão | | | | Beta | Limite inferior |
| 1 (Constante) | 59,146 | 20,175 | | 2,932 | 0,005 | 18,430 | 99,861 |
| Índice de <i>updating</i> | -0,166 | 0,208 | -0,100 | -0,796 | 0,431 | -0,586 | 0,254 |
| Efeito Stroop | 1,205 | 44,041 | 0,003 | 0,027 | 0,978 | -87,672 | 90,083 |
| Custo de <i>shifting</i> | -12,969 | 6,691 | -0,238 | -1,938 | 0,059 | -26,472 | 0,534 |
| Tempo de experiência | 0,027 | 0,025 | 0,138 | 1,098 | 0,279 | -0,023 | 0,076 |
| Tempo de empresa | -0,225 | 0,097 | -0,359 | -2,321 | 0,025 | -0,421 | -0,029 |
| Dedicção semanal | -0,293 | 0,146 | -0,307 | -2,009 | 0,051 | -0,587 | 0,001 |

Fonte: Elaborada pela autora com base na saída do SPSS.

O Índice de *updating* tem coeficiente de regressão de -0,17 na amostra. Portanto, quando o Índice de *updating* aumentou em 1 unidade (ou seja, em 1%, já que o Índice de *updating* foi apresentado como a porcentagem de letras recordadas na tarefa *Letter Memory*), a Literalidade diminui em 0,17 unidades (que também deve ser lido como porcentagem, já que a literalidade foi apresentada como porcentagem de traduções literais). Ou seja, quanto melhor foi a capacidade de atualizar informações na MT por meio da habilidade de *updating*, menos traduções literais os participantes usaram. Isso confirma a afirmação de Kroll, Dussias e Bajo (2018) sobre tradutores usarem processos de controle proativo, como o monitoramento e a MT, para manipular o uso simultâneo das duas línguas de trabalho, usando-as adequadamente na compreensão na língua-fonte e na digitação na língua-alvo. Apesar de o coeficiente de regressão ser de -0,17 na amostra, se quisermos prever como ele se comporta na população de tradutores em geral, é possível afirmar com 95% de confiança que o coeficiente da população está entre -0,59 e 0,25. Tal intervalo

de confiança, com valores negativos e positivos, não permite afirmar que a inclinação da regressão populacional é negativa como na amostra. Ou seja, na amostra, um aumento em *updating* está associado a uma diminuição na literalidade, mas na população o aumento em *updating* pode estar associado tanto a um aumento quanto a uma diminuição na literalidade. O valor de p é 0,431, portanto não demonstra significância estatística. Assim, apesar de a variável *updating* explicar um pouco da variância em Literalidade, ela não está explicando muito, portanto não está fazendo uma contribuição significativa para o modelo. Em outras palavras, isso quer dizer que existem outros motivos que contribuem muito mais para a variância na Literalidade.

O Efeito *Stroop* (que mede controle inibitório) tem um coeficiente de regressão de 1,2 na amostra. Isso quer dizer que, quando o Efeito *Stroop* aumentou em uma unidade (lembrando que Efeito *Stroop* alto indica dificuldade em inibir traços irrelevantes de estímulos, portanto revela menor controle inibitório), a literalidade aumentou em 1,2%. Ou seja, parece que o controle inibitório ajuda a evitar o *priming* que resulta no uso de traduções literais. Porém, ao observarmos o coeficiente da população, e não só da amostra, é possível afirmar com 95% de confiança que o coeficiente da população está entre -87,672 e 90,083. Ou seja, isso não é muito útil, pois não é possível prever a relação entre Efeito *Stroop* e literalidade para a população em geral com um intervalo de confiança tão gigante. Além de ser grande, o intervalo de confiança envolve valores positivos e negativos, o que torna impossível afirmar que a inclinação da regressão populacional é positiva como na amostra (ou seja, na amostra, um aumento no Efeito *Stroop* está associado a um aumento na literalidade, mas na população o aumento no efeito *Stroop* pode estar associado tanto a um aumento quanto a uma diminuição na literalidade). O intervalo de confiança indica que é possível que, na população, tradutores com Efeito *Stroop* mais alto em uma unidade produzam traduções 87% menos literais ou 90% mais literais do que tradutores com Efeito *Stroop* mais baixo em uma unidade. Ou seja, não permite afirmar que o controle inibitório tem relação alguma com a literalidade na população. De certa maneira, tais resultados conversam com o que é demonstrado por Dong e Liu (2016). Esses pesquisadores conduziram um estudo para verificar se a experiência em tradução resultava em melhor habilidade de controle inibitório como resultado da necessidade de inibir o texto-fonte ao digitar o texto-alvo. Dong e Liu (2016) não encontraram melhoria no controle inibitório após um período predeterminado de atividade tradutória, sugerindo que a tradução não envolve a inibição do texto-fonte como eles

esperavam. Com base nas conclusões de Dong e Liu (2016), nosso resultado não surpreende, pois o coeficiente de controle inibitório em nosso estudo não revelou nenhuma contribuição do controle inibitório para a literalidade, sugerindo que a inibição do texto-fonte pode não ser o processo utilizado para evitar traduções literais. O valor de p é 0,978, portanto está muito longe da significância estatística. Dessa forma, podemos afirmar que o controle inibitório não está fazendo uma contribuição significativa para o modelo, ou seja, não ajuda a explicar por que alguns participantes produziram mais traduções literais que outros.

O Custo de *shifting* tem um coeficiente de regressão de -12,97 na amostra. Portanto, quando o Custo de *shifting* aumentou em uma unidade na amostra, a literalidade diminuiu em 12,97%. Isso quer dizer que os participantes com melhor habilidade de *shifting*, ou seja, que levaram menos tempo para alternar entre as duas regras da tarefa *Number-Letter*, produziram traduções mais literais. Se considerarmos que a tradução consiste em alternar entre as regras do sistema da língua-fonte e as do sistema da língua-alvo (DIAMOND; SHREVE, 2019), então esse resultado é inesperado, pois participantes com melhor *shifting* (ou seja, com menor Custo de *shifting*) deveriam conseguir evitar a repetição dos traços formais do texto-fonte (ou seja, evitar o *priming*) e produzir traduções mais livres. Como isso não ocorreu, o resultado pode indicar que tradutores não alternam entre as línguas, em vez disso, usam processos de manipulação simultânea das duas (KROLL; DUSSIAS; BAJO, 2018). Apesar de o coeficiente de regressão ser de -12,97 na amostra, se quisermos prever como ele se comporta na população de tradutores em geral, é possível afirmar com 95% de confiança que o coeficiente da população está entre -26,472 e 0,534. Assim como nos casos anteriores, tal intervalo de confiança inclui valores positivos e negativos, não permitindo afirmar com confiança que a inclinação da regressão populacional é negativa como na amostra. Ou seja, na amostra, um aumento no Custo de *shifting* (que significa uma habilidade de *shifting* mais baixa) está associado a uma diminuição na literalidade, mas na população o aumento no Custo de *shifting* pode estar associado tanto a um aumento quanto a uma diminuição na literalidade, impedindo qualquer previsão útil sobre o papel do *shifting* no uso de traduções literais pela população. O valor de p é 0,06, demonstrando que não há significância estatística na contribuição de *shifting* para explicar por que alguns tradutores usam mais tradução literal que outros.

O Tempo de experiência tem um coeficiente de regressão de 0,03 na amostra. Portanto, quando o tempo de experiência tradutória aumentou em um mês, a literalidade aumentou em 0,03%. Isso significa dizer que quanto mais tempo de experiência os participantes relataram ter, mais traduções literais eles produziram. Isso é contraintuitivo, uma vez que o uso de traduções menos literais, gerando combinações de palavras mais convencionais no português, geralmente é visto como uma habilidade de tradutores mais experientes. No entanto, como explicado na seção 4.5, é possível que o Tempo de experiência não seja uma medida muito útil, já que dois tradutores com 5 anos de experiência podem ter tido experiências com características bem distintas. Por exemplo, se um deles tem outra profissão principal e faz trabalhos de tradução esporádicos há 5 anos como *freelancer*, ele terá menos experiência que outro tradutor que trabalhe com traduções 8 horas por dia, diariamente, há 5 anos. Apesar de o coeficiente de regressão ser de 0,03 na amostra, se quisermos prever como ele se comporta na população de tradutores em geral, é possível afirmar com 95% de confiança que o coeficiente da população está entre -0,023 e 0,076. Mais uma vez, o intervalo de confiança envolvendo valores negativos e positivos não permite afirmar com confiança que a inclinação da regressão populacional é positiva como na amostra. Ou seja, na amostra, um aumento nos meses de experiência está associado a um aumento na literalidade, mas na população o aumento nos meses de experiência pode estar associado tanto a um aumento quanto a uma diminuição na literalidade. O valor de p é 0,279, demonstrando que não há significância estatística na contribuição de Tempo de experiência para explicar por que alguns tradutores usam mais tradução literal que outros.

O Tempo de empresa tem um coeficiente de regressão de -0,23 na amostra. Portanto, quando o Tempo de empresas aumentou em um mês, a Literalidade diminuiu em 0,23%. Isso quer dizer que tradutores que trabalharam por mais tempo em empresas de tradução conseguiram traduzir as combinações de palavras no estudo desta dissertação de maneira mais livre em comparação aos tradutores com menos tempo de empresa. Assim, parece que ter esse tipo de experiência contribuiu para o melhor uso de convencionalidade em tradução. Apesar de o coeficiente de regressão ser de -0,23 na amostra, se quisermos prever como ele se comporta na população de tradutores em geral, é possível afirmar com 95% de confiança que o coeficiente da população está entre -0,421 e -0,029. Esse intervalo de confiança é pequeno e os valores são todos negativos, o que nos permite prever que, para a população, sempre

que houver aumento nos meses em empresa de tradução, haverá diminuição na porcentagem de literalidade. Ainda que não saibamos dizer exatamente em quanto a literalidade diminuirá, provavelmente será um valor entre 0,42 e 0,02%. O valor de p é 0,025, demonstrando que há significância estatística na contribuição de Tempo de empresa para explicar por que alguns tradutores usam mais tradução literal que outros.

Por fim, Dedicção semanal tem um coeficiente de regressão de -0,30 na amostra. Portanto, quando a Dedicção semanal aumenta em uma unidade, a Literalidade diminui em 0,30%. Isso quer dizer que a cada hora a mais dedicada por semana à tradução, os participantes da amostra produziram traduções 0,30% menos literais. Assim, parece que dedicar mais tempo consistentemente à atividade de tradução permite aos tradutores produzirem traduções com linguagem mais convencional. Apesar de o coeficiente de regressão ser de -0,30 na amostra, se quisermos prever como ele se comporta na população de tradutores em geral, é possível afirmar com 95% de confiança que o coeficiente da população está entre -0,587 e 0,001. Esse intervalo de confiança é pequeno e os valores são praticamente todos negativos, o que nos permite prever que, para a população, quando houver aumento nas horas dedicadas à tradução por semana, haverá diminuição na porcentagem de literalidade. Ainda que não saibamos dizer exatamente em quanto a literalidade diminuirá, provavelmente será um valor até 0,58%. O valor de p é 0,051, demonstrando que há marginalmente significância estatística na contribuição de Dedicção semanal para explicar por que alguns tradutores usam mais tradução literal que outros.

Além de olharmos para o coeficiente de cada variável e para os intervalos de confiança, podemos olhar para a coluna Beta, que mostra os valores de B como desvios-padrão. Isso permite comparar a importância de cada variável explicativa nesse modelo para explicar a variância da literalidade. Os valores mais afastados do zero são os mais importantes para o modelo. Nesse caso, a ordem de importância foi: Tempo de empresa, Dedicção semanal, Custo de *shifting*, Tempo de experiência, Índice de *updating* e, por fim, Efeito *Stroop*. Ou seja, Custo de *shifting*, Tempo de experiência, Índice de *updating* e Efeito *Stroop* não colaboram muito para o modelo, porque não explicam nada ou quase nada do por que alguns tradutores usam mais tradução literal. Ao passo que Tempo de empresa e Dedicção semanal, que são as

variáveis com Beta mais afastado de zero, são as que mais explicam por que alguns tradutores usaram mais traduções literais que outros.

A interpretação desses resultados indica que o modelo em si é significativo estatisticamente. Porém, quando observados os coeficientes individuais das variáveis explicativas, fica evidente que apenas o Tempo de empresa e a Dedicção semanal estão contribuindo de maneira relevante e significativa estatisticamente para o modelo, sendo os únicos que explicam porque alguns tradutores usaram mais traduções literais que outros. Nos próximos parágrafos são discutidas algumas das razões pelas quais as outras variáveis explicativas não contribuíram para o modelo.

Segundo Dancey e Reidy (2006), só faz sentido conduzir uma regressão linear quando existe uma relação linear entre cada variável explicativa e a variável de critério. A relação linear nada mais é do que a correlação negativa ou positiva entre duas variáveis, e quer dizer que a mudança na variável explicativa altera em incrementos previsíveis a variável de critério. Assim, apesar de o último objetivo específico deste estudo ser verificar a eficácia de um modelo de regressão da literalidade usando seis variáveis explicativas pelas quais nos interessávamos, nem todas elas eram adequadas para a análise de regressão, pois não apresentaram correlação com a variável de critério, ou seja, com a porcentagem de literalidade, como apresentado nas subseções 4.2, 4.3, 4.4 e 4.5. As variáveis que não apresentaram correlação foram “Tempo de experiência”, “Índice de *Updating*” e “Efeito *Stroop*”. As que apresentaram correlação foram “Tempo de empresa”, “Dedicção semanal” e “Custo de *shifting*”. Não é à toa que essas últimas foram as que contribuíram significativamente para o modelo ou chegaram perto disso.

Dancey e Reidy (2006) também ressaltam para o fato de que é preciso ter um número suficiente de participantes para conduzir uma análise de regressão. Os autores afirmam que esse número varia na literatura, mas que um bom cálculo seria:

$$N \geq 104 + \text{número de variáveis explicativas}$$

De acordo com esse cálculo, o estudo atual precisaria ter uma amostra de 110 participantes, pois conta com seis variáveis explicativas. É possível que tal amostra aumentasse a significância estatística das análises, principalmente em relação às três variáveis que mais contribuíram para o modelo apresentado. Infelizmente não foi possível atingir esse número de participantes, pois coletamos dados com todas as pessoas que tinham disponibilidade durante os meses de coleta.

É importante ressaltar que a análise de regressão linear é usada para prever como as variáveis explicativas possivelmente influenciam na variável de critério. Não é uma análise destinada apenas a descrever uma amostra. Assim, usamos a regressão para verificar como o Índice de *updating*, o Efeito *Stroop*, o Custo de *shifting*, o Tempo de experiência, o Tempo de empresa e a Dedicção semanal podem prever a Literalidade usada por tradutores. Essa investigação é relevante para pelo menos duas situações. A primeira delas é que as empresas de tradução desejam contar com colaboradores que, além de terem domínio das línguas de trabalho e saberem usar as ferramentas de auxílio à tradução, também produzam traduções que soem naturais, com estruturas convencionais na língua-alvo. A formação em cursos de graduação e especialização em tradução nem sempre garante que o profissional produza traduções que pareçam ter sido escritas originalmente na língua-alvo. Assim, esta análise de regressão aponta para outros fatores que os empregadores podem avaliar no momento de contratar um profissional, quais sejam Tempo de empresa e Dedicção semanal, pois demonstrou-se que eles colaboram para a produção de traduções mais naturais.

O segundo motivo para a relevância deste estudo está relacionado ao primeiro, e é a contribuição que faz para a formação de tradutores. Os cursos de graduação e especialização em tradução normalmente buscam preparar profissionais para o mercado de trabalho. A tradução é constantemente influenciada pelos avanços tecnológicos rápidos, primeiro representados pelos computadores e editores de texto, depois pelas ferramentas de auxílio à tradução, bases terminológicas, navegadores de pesquisa e, finalmente, pela tradução automática. Essas inovações mudam o conjunto de conhecimentos e habilidades que o tradutor precisa ter, portanto os cursos de formação em tradução precisam estar a par dessas mudanças para poder orientar a formação da melhor maneira possível. Esta análise mostrou que o Tempo de empresa e a Dedicção semanal são importantes para promover traduções que soam naturais e convencionais. Portanto, essa informação pode ajudar as instituições a moldarem currículos que envolvam bastante prática (aumentando a dedicação semanal dos tradutores em formação) e incentivar estágios em empresas de tradução (aumentando o tempo de experiência em empresa dos tradutores em formação).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tradução é uma atividade que tem sido cada vez mais auxiliada por tecnologias nas últimas décadas. No início, se beneficiou dos primeiros editores de texto, depois de ferramentas de auxílio à tradução, bases terminológicas, mecanismos de busca e, finalmente, mais recentemente, da tradução automática. Apesar dos benefícios que a tradução automática possa ter trazido, ela também mudou as expectativas dos clientes que encomendam traduções. Como a tecnologia tem sido bem-sucedida em traduzir diversos tipos de textos, agora não basta que a tradução humana gere um texto gramaticalmente correto contendo o significado do texto-fonte. Em vez disso, espera-se que os tradutores humanos justamente façam o que as máquinas não conseguem. Uma das coisas que os tradutores humanos podem fazer para se destacar é garantir que suas traduções soem naturais, como se o texto tivesse sido escrito originalmente na língua-alvo. A isso chamamos de convencionalidade, que pode ser observada em diferentes níveis do texto.

Neste trabalho, a convencionalidade foi observada no nível da combinação de palavras. Por exemplo, uma combinação de palavras comum em inglês é “*celebrate a birthday*”. Ainda que a tradução literal “celebrar um aniversário” seja correta e aceita em português, a tradução menos literal “comemorar um aniversário” é muito mais comum, ou seja, muito mais convencional.

Nem sempre os tradutores conseguem atingir essa expectativa de produzir textos convencionais, mesmo quando têm formação específica na área e anos de experiência tradutória. Isso suscita a questão: o que faz os tradutores produzirem traduções mais ou menos convencionais? Uma das possíveis explicações é o efeito de *priming*, que consiste na tendência em repetir um padrão visto recentemente (GAZZANIGA; IVRY; MANGUN, 2014). Segundo essa ideia, a presença contínua do texto-fonte na tela do computador pode fazer com que os traços formais persistam na memória implícita do tradutor (DIAMOND; SHREVE, 2019), levando-o a repetir esses traços formais na língua-alvo quando isso não resulta em erro gramatical ou de significado.

Podemos dizer que a tradução que segue os traços formais do texto fonte é uma tradução literal. Portanto, com base na ideia de *priming*, a tradução literal pode ser considerada um procedimento-padrão (BANGALORE *et al.*, 2016). Isso explicaria por que tanto tradutores iniciantes quanto profissionais tendem a produzir traduções

literais (TIRKKNONEN-CONDIT, 2005; DIMITROVA, 2005). Sendo, então, a tradução literal fruto de *priming*, que é um efeito natural da memória, surge a pergunta: é possível que alguns profissionais consigam controlar melhor as línguas e evitar esse efeito?

Para tentar começar a responder esta pergunta, este estudo investigou se as funções executivas (que são processos de controle cognitivo) e a experiência tradutória influenciam na quantidade de traduções literais usadas para combinações de palavras convencionais. O estudo quase-experimental envolveu 49 tradutores, com diferentes níveis de experiência. Investigou-se a relação entre o grau de literalidade nas traduções dos participantes, três funções executivas (*updating*, controle inibitório e *shifting*) e três aspectos da experiência tradutória (tempo de experiência, tempo de empresa e dedicação semanal).

Existem estudos que partem do pressuposto que as altas demandas de controle linguístico envolvidas nas tarefas tradutórias resultem no desenvolvimento específico dos mecanismos de controle cognitivo em tradutores (DONG; LIU, 2016; HENRARD; DAELE, 2017; STACHOWIAK, 2014; STEAD; TRIPIER, 2016). Se a demanda de controle linguístico é maior entre tradutores, gerando esse desenvolvimento dos mecanismos de controle cognitivo, então é possível que tradutores com melhor controle cognitivo consigam impedir o efeito de *priming* com mais eficiência, por isso investigamos o papel das funções executivas na literalidade em tradução. Quanto à experiência tradutória, partimos do pressuposto que a experiência tradutória leva a traduções mais convencionais porque é uma atividade como qualquer outra, na qual pode-se praticar para melhorar.

O primeiro objetivo era investigar a relação entre *updating* e literalidade. Esperava-se que participantes com melhor desempenho na tarefa de *updating* produzissem traduções menos literais, baseando-se na afirmação de Kroll, Dussias e Bajo (2018), sobre os tradutores provavelmente usarem mais controle proativo do que reativo em sua atividade, como a monitoramento de informações, ou seja *updating*. Uma análise de correlação bivariada não revelou a associação esperada. É possível que essa associação não tenha sido confirmada por erro amostral ou falta de controle em relação a algumas variáveis. Por exemplo, é possível que tradutores iniciantes precisem alocar recursos da memória de trabalho para lidar com processos que os tradutores mais experientes já automatizaram. Portanto, a memória de trabalho pode estar sendo usada para funções diferentes entre os participantes da amostra.

O segundo objetivo era investigar a relação entre controle inibitório e literalidade. Esperava-se que participantes com Efeito *Stroop* mais altos, ou seja, com controle inibitório mais baixo, produzissem traduções com maior grau de literalidade. Essa expectativa se baseou no pressuposto de que a tradução exige a inibição de determinados aspectos linguísticos da língua do texto-fonte, uma vez que ambas as línguas do bilíngue estão sempre ativas. Uma análise de correlação bivariada não revelou a associação esperada. Entretanto, o resultado não é confiável, pois a tarefa apresentou alguns problemas de desenho e aplicação, tais como eliminação dos estímulos neutros e facilitação das respostas devido ao uso de adesivos coloridos no teclado.

O terceiro objetivo era investigar a relação entre *shifting* e literalidade. Esperava-se que menores Custos de *shifting* (ou seja, maior habilidade de *shifting*) estariam associados à produção de traduções com menor porcentagem de literalidade. Essa expectativa se baseou no pressuposto que tradutores são bilíngues especializados em alternar entre duas línguas, pois ora leem o texto-fonte na língua-fonte e ora escrevem o texto-alvo na língua-alvo (KROLL; DUSSIAS; BAJO, 2018). Uma análise de correlação bivariada revelou associação, mas no sentido contrário do esperado. A correlação no sentido contrário sugere que tradutores não alternam a ativação das duas línguas quando passam da leitura para a produção textual, e vice-versa. Em vez disso, é provável que mantenham ambas ativadas sempre, usando outros processos de controle na tradução, tais como *updating*, monitoramento e *dual-tasking*, o que precisa ser investigado no futuro.

O quarto objetivo era investigar a relação entre tempo de experiência em tradução e literalidade. Esperava-se que quanto mais tempo o participante tivesse de experiência, menos traduções literais ele usaria. Uma análise de correlação bivariada não revelou a associação esperada. Uma das explicações pode ser que tempos de experiência iguais entre dois participantes podem ter sido experiências muito diferentes. Por exemplo, dois participantes podem ter dito que têm 5 anos de experiência, mas um deles tem outra profissão principal e traduz esporadicamente, enquanto outro traduz diariamente há cinco anos e considera a tradução sua profissão principal.

O quinto objetivo era investigar a relação entre tempo de trabalho em empresa de tradução e literalidade. Esperava-se que quanto mais tempo o participante tivesse

trabalhado em empresa, menos traduções literais ele usaria. Uma análise de correlação bivariada comprovou essa associação.

O sexto objetivo era investigar a relação entre as horas de dedicação semanal à tradução e literalidade. Esperava-se que quanto mais horas por semana o participante dedicasse à tradução, menos traduções literais ele usaria. Uma análise de correlação bivariada comprovou essa associação. Esses últimos três resultados indicam que experiências recentes e intensas no contexto da tradução têm mais efeitos na literalidade do que experiências antigas.

O sétimo e último objetivo consistia em verificar a eficácia de um modelo de regressão da literalidade com variáveis de FEs e experiência tradutória como explicativas, por meio de uma análise de regressão múltipla. Constatou-se que o modelo contendo “Índice de *Updating*”, “Efeito *Stroop*”, “*Shifting*”, “Tempo de experiência”, “Tempo de empresa” e “Dedicação semanal” como variáveis explicativas para a variável de critério “Literalidade” explicou 43% (R^2) da variância na literalidade na amostra, com significância estatística ($p \leq 0,001$). Ou seja, essas variáveis juntas explicam 43% dos motivos pelos quais alguns tradutores produziram mais traduções literais que outros. No entanto, verificou-se que apenas as variáveis explicativas “Meses de empresa” e “Dedicação semanal” tiveram coeficiente de regressão (-0,23; -0,29) com significância estatística ($p = 0,025; 0,05$), permitindo afirmar que um mês a mais de trabalho em empresas de tradução foi associado a 0,23% a menos de literalidade na amostra e uma hora a mais de dedicação semanal foi associado a 0,29% menos de literalidade. Os coeficientes padronizados (Beta) também indicam que estas são as variáveis que mais contribuíram para o modelo, ou seja, as que mais explicaram por que alguns participantes produziram traduções mais literais que outros. Contudo, devido à ausência de significância estatística para os coeficientes das demais variáveis explicativas no modelo, conclui-se que são necessárias mais pesquisas envolvendo um conhecimento mais aprofundado sobre esse teste estatístico.

Essa investigação com análise de regressão foi relevante para pelo menos duas situações: auxiliar empresas de tradução a buscarem tradutores no perfil que elas desejam e auxiliar instituições de ensino a elaborar currículos que preparem melhor o tradutor para o mercado de trabalho. Os resultados dessa análise ajudam empresas de tradução no sentido que os clientes atualmente esperam que as traduções que eles encomendam soem naturais. Dessa forma, saber que profissionais

com mais tempo de trabalho em empresas e com mais horas de dedicação semanal à tradução produzem traduções mais convencionais ajuda o empregador na seleção dos candidatos. Os resultados da análise também ajudam as instituições de formação de tradutores porque apontam para duas medidas válidas para preparar o tradutor para o mercado de trabalho: incentivar a realização de várias horas de tradução durante a formação e também estimular os alunos a fazer estágio de tradução em empresas.

Outra contribuição deste trabalho foi a discussão sobre como o conceito de tradução literal vem mudando, principalmente com os estudos que levam em conta a cognição do tradutor. Mostrou-se que a influência de traços formais do texto pode ser positiva, porque permite traduções com menos esforço, ou negativa, quando resulta em construções inadequadas na língua-alvo (TOURY, 1995). Partindo dessa ideia de que existem casos em que a tradução literal funciona bem e economiza esforço (BANGALORE *et al.*, 2016), o tradutor experiente deixa de ser visto como aquele que evita traduções literais no geral e passa a ser aquele que sabe identificar quando a tradução literal pode ou não ser usada (DIMITROVA, 2005).

Quanto às limitações do estudo, primeiramente, o estudo poderia se beneficiar de uma análise de rastreamento ocular, principalmente no que diz respeito à observação do tempo imediatamente anterior à escrita das combinações convencionais. Esse dado foi obtido neste estudo por meio do programa *Translog II* (CENTER, s.a., s.p.), que permite calcular os tempos de pausa e os tempos entre ações de interesse de pesquisa. Porém, não é possível ter certeza se durante as pausas o participante estava focando em determinado trecho envolvendo combinações convencionais ou se as pausas foram realizadas porque o participante estava realizando outras ações, como relendo e revisando sua própria produção. O rastreamento ocular informaria melhor como os participantes usaram essas pausas antes das traduções das combinações convencionais.

Além disso, o rastreamento ocular permitiria um maior controle sobre a aplicação da tarefa *Stroop*, já que alguns participantes relataram focar em um ponto da tela para evitar de ler a palavra. Segundo Miyake *et al.* (2000), uma das possíveis razões para a baixa confiabilidade dos resultados de tarefas de FEs é que os participantes utilizam diferentes estratégias, portanto as tarefas nem sempre medem somente o processo de controle executivo esperado, mas também essas diferentes estratégias usadas pelos participantes. Supõe-se que o rastreamento ocular permitiria

verificar se os participantes mantiveram os olhos fixos nos estímulos apresentados no centro da tela.

Ainda em relação à tarefa *Stroop*, relatamos nesta dissertação que algumas alterações na tarefa *Stroop* acarretaram resultados não confiáveis, inclusive com Efeito *Stroop* negativo em 20% da amostra. Todas as alterações neste estudo e possíveis explicações de como elas afetaram negativamente os resultados foram descritos. Dessa forma, uma possibilidade para estudos futuros, para pesquisadores interessados em aumentar o rigor metodológico de tarefas, é investigar se diferentes desenhos da tarefa *Stroop* podem gerar resultados distintos, e qual dos desenhos é o mais adequado para medir o controle inibitório.

Em segundo lugar, este estudo também poderia se beneficiar de um computador de pesquisa mais moderno, pois isso permitiria que as respostas da tarefa *Stroop* fossem dadas oralmente pelos participantes, em vez de por meio de teclas. A resposta via oral eliminaria a possível facilitação de fornecer as respostas por teclas, pois forçaria o envolvimento do canal verbal no momento da resposta, garantindo que houvesse algo a ser inibido pelo participante.

Outra limitação do estudo refere-se ao número de participantes, principalmente de tradutores profissionais. Ainda que a legislação brasileira não permita remunerar participantes por sua participação em pesquisas, é importante ressaltar que a comunidade científica tem demonstrado cada vez mais preocupação em fazer pesquisas com alta validade ecológica, ou seja, que reproduzam as condições do contexto real do participante da melhor maneira possível. No caso de tradutores profissionais, a realização de tarefas de tradução em pesquisas equivale à atividade profissional que realizam. Por isso, a remuneração pela participação promoveria maior validade ecológica.

Ainda que os resultados do estudo desta dissertação não tenham revelado uma associação clara entre funções executivas e literalidade em tradução, ainda há muito espaço para investigação. É possível que o presente estudo não tenha demonstrado grande influência das FEs nos efeitos de *priming* em traduções de combinações de palavras porque esta tenha sido uma operacionalização muito limitada da literalidade. A literalidade neste estudo foi investigada apenas no nível da combinação de palavras convencionalizada. Considerando o referencial teórico que pressupõe que as traduções podem ir de um extremo literal até um extremo não literal e que diversos elementos do texto-fonte podem causar efeito de *priming* nos tradutores, então outros

aspectos podem ser observados em relação à literalidade das traduções do inglês para o português, tais como ordem de adjetivos e substantivos (*beautiful house* → bonita casa/casa bonita), advérbios terminados em *-ly* (*most importantly* → o mais importante é), verbos modais (*it may be necessary* → talvez seja necessário), adjetivos em sequência (*lovely tiny new watch* → relógio novo, pequenino e fofo/novo relógio, que era pequeno e fofo etc.), entre tantos outros. Estudos que investiguem esses e outros aspectos em conjunto poderão trazer resultados mais robustos sobre a relação entre literalidade e FEs.

Além disso, alguns estudos têm tentado demonstrar que a atividade tradutória (e principalmente a interpretação) impõem demandas específicas sobre o controle executivo, especialmente sobre *updating*, controle inibitório e *shifting* (DONG; LIU, 2016; HENRARD; VAN DAELE, 2017; STEAD; TRIPIER, 2016), gerando a adaptação desses mecanismos cognitivos. No entanto, os resultados ainda não são conclusivos, e alguns pesquisadores sugerem que a tradução impõe demandas maiores em outros processos de controle (KROLL; DUSSIAS; BAJO, 2018). Ainda não está claro quais processos de controle são estes, nem se sabe se eles estão associados ao desempenho tradutório no geral ou a questões específicas da tradução, como a literalidade. Esta dissertação lançou luz sobre a necessidade de investigar tradutores como um tipo específico de bilíngue, especialmente em relação a como a atividade tradutória molda os mecanismos cognitivos de maneira única. Assim, estudos futuros poderiam investigar sobre a relação entre tradução e processos específicos de controle, inclusive levando em conta a Hipótese do Controle Adaptativo de Green e Abutalebi (2013), que lista oito processos de controle, que podem ser usados em maior ou menor grau dependendo do contexto de bilinguismo. Um possível caminho a seguir poderia ser investigar se esses processos são usados em contextos de tradução, definir como medi-los e então aplicá-los em pesquisas com tradutores.

REFERÊNCIAS

- ALBIR, Amparo Hurtado. **Traducción y Traductología: Introducción a la Traductología**. 5. ed. Madrid: Cátedra, 2011.
- ALVES, Fabio. Tradução, cognição e tecnologia: investigando a interface entre o desempenho do tradutor e a tradução assistida por computador. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 14, p. 185-209, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6481/5975>. Acesso em: 18 dez. 2017.
- ANTONIOU, Mark. The Advantages of Bilingualism Debate. **Annual Review Of Linguistics**, [s.l.], v. 5, n. 1, p. 395-415, 14 Jan. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1146/annurev-linguistics-011718-011820>. Acesso em: 19 mar. 2019.
- AUBERT, Francis Henrik. Modalidades de tradução: teoria e resultados. **Tradterm**, [s.l.], v. 5, n. 1, p. 99-128, 18 jun. 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.tradterm.1998.49775>. Acesso em: 07 out. 2018.
- AUSTEN, Jane. **Emma**. New York: Bantam Books, 1981.
- BADDELEY, Alan. Working Memory. **Science**, [s.l.], v. 255, n. 5044, p. 556-559, 31 Jan. 1992. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1126/science.1736359>. Acesso em: 18 dez. 2017.
- BADDELEY, Alan. The episodic buffer: a new component of working memory? **Trends In Cognitive Sciences**, [s.l.], v. 4, n. 11, p. 417-423, Nov. 2000. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S1364-6613\(00\)01538-2](https://doi.org/10.1016/S1364-6613(00)01538-2). Acesso em: 04 jan. 2018.
- BADDELEY, Alan. Working memory and language: an overview. **Journal Of Communication Disorders**, [s.l.], v. 36, n. 3, p. 189-208, maio 2003. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.1016/s0021-9924\(03\)00019-4](http://dx.doi.org/10.1016/s0021-9924(03)00019-4). Acesso em: 29 jun. 2018.
- BADDELEY, Alan. Working Memory: Theories, Models, and Controversies. **Annual Review Of Psychology**, [s.l.], v. 63, n. 1, p.1-29, 10 jan. 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1146/annurev-psych-120710-100422>. Acesso em: 25 jul. 2018.
- BADDELEY, Alan. Working Memory in Second Language Learning. *In*: WEN, Zhisheng (edward); MOTA, Mailce Borges; MCNEILL, Arthur (Ed.). **Working Memory in Second Language Acquisition and Processing**. Bristol, Buffalo e Toronto: Multilingual Matters, 2015. Cap. 1. p. 17-28.
- BADDELEY, Alan; HITCH, Graham. Working Memory. **Psychology Of Learning And Motivation**, [s.l.], v. 8, p. 47-89, 1974. Elsevier. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.1016/s0079-7421\(08\)60452-1](http://dx.doi.org/10.1016/s0079-7421(08)60452-1). Acesso em: 10 ago. 2017.

BADDELEY, Alan; HITCH, Graham. The phonological loop as a buffer store: An update. **Cortex**, [s.l.], v. 112, p. 91-106, Mar. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.cortex.2018.05.015>. Acesso em: 05 ago. 2019.

BAENE, Wouter de *et al.* Brain Circuit for Cognitive Control Is Shared by Task and Language Switching. **Journal Of Cognitive Neuroscience**, [s.l.], v. 27, n. 9, p. 1752-1765, Set. 2015. MIT Press - Journals. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1162/jocn_a_00817. Acesso em: 05 abr. 2017.

BAIN & COMPANY. Bain Resume Sample. **Consulting Fact**, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <http://www.consultingfact.com/blog/bain-resume-sample/>. Acesso em: 09 jan. 2019.

BAKER, Mona. **In other words**: a coursebook on translation. 3. ed. London: Routledge, 2018.

BANGALORE, Srinivas *et al.* Syntactic Variance and Priming Effects in Translation. *In*: CARL, Michael; BANGALORE, Srinivas; SCHAEFFER, Moritz (Ed.). **New Directions in Empirical Translation Process Research**: Exploring the CRITT TPR-DB. Cham: Springer International Publishing, 2016. Cap. 10. p. 211-238. (New Frontiers in Translation Studies).

BBC. Thailand cave: Museum and film in the works for Tham Luang. **BBC News**, [s.l.], 12 July 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-44803386>. Acesso em: 08 jan. 2019.

BCJOBS.CA team. Preparing your resume for a sales and marketing career. **BCJobs.ca**, [s.l.], 01 Dec. 2008. Disponível em: <https://www.bcjobs.ca/blog/preparing-your-resume-for-a-sales-and-marketing-career/>. Acesso em: 09 jan. 2019.

BECKER, Maxi *et al.* Simultaneous interpreters vs. professional multilingual controls: Group differences in cognitive control as well as brain structure and function. **Neuroimage**, [s.l.], v. 134, p. 250-260, July 2016. Elsevier BV. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.neuroimage.2016.03.079>. Acesso em: 07 out. 2018.

BERNOLET, Sarah; COLLINA, Simona; HARTSUIKER, Robert J. The persistence of syntactic priming revisited. **Journal Of Memory And Language**, [s.l.], v. 91, p. 99-116, Dec. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jml.2016.01.002>. Acesso em: 15 abr. 2019.

BIALYSTOK, Ellen. Global–local and trail-making tasks by monolingual and bilingual children: Beyond inhibition. **Developmental Psychology**, [s.l.], v. 46, n. 1, p. 93-105, jan. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/a0015466>. Acesso em: 24 mar. 2019.

BIALYSTOK, Ellen *et al.* Bilingualism, Aging, and Cognitive Control: Evidence From the Simon Task. **Psychology And Aging**, [s.l.], v. 19, n. 2, p. 290-303, 2004.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/0882-7974.19.2.290>. Acesso em: 09 out. 2017.

BIALYSTOK, Ellen *et al.* Bilingual Minds. **Psychological Science In The Public Interest**, [s.l.], v. 10, n. 3, p. 89-129, Dec. 2009. SAGE Publications. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/1529100610387084>. Acesso em: 07 set. 2017.

BIALYSTOK, Ellen; BARAC, Raluca. Cognitive Effects. *In*: GROSJEAN, François; LI, Ping (Ed.). **The Psycholinguistics of Bilingualism**. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2013. Cap. 9. p. 192-2013.

BOCK, J. Kathryn. Syntactic persistence in language production. **Cognitive Psychology**, [s.l.], v. 18, n. 3, p. 355-387, July 1986. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.1016/0010-0285\(86\)90004-6](http://dx.doi.org/10.1016/0010-0285(86)90004-6). Acesso em: 15 abr. 2019.

BRANZI, Francesca M. *et al.* On the overlap between bilingual language control and domain-general executive control. **Acta Psychologica**, [s.l.], v. 166, p. 21-30, May 2016. Elsevier BV. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.actpsy.2016.03.001>. Acesso em: 09 dez. 2018.

BRUIN, Angela de; TRECCANI, Barbara; DELLA SALA, Sergio. Cognitive Advantage in Bilingualism: an example of publication bias? **Psychological Science**, [s.l.], v. 26, n. 1, p. 99-107, 4 Dec. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/0956797614557866>. Acesso em: 01 nov. 2018.

BYRNES, Kelly. A peek behind the curtain of Tesla's culture reveals it's missing one key ingredient: warmth. **Observations Blog**, [s.l.], 02 July 2018. Disponível em: <https://voyagecg.com/observations/2018/7/2/a-peek-behind-the-curtain-of-teslas-culture-reveals-its-missing-one-key-ingredient-warmth>. Acesso em: 07 jan. 2018.

CAMARGO, Diva Cardoso de. Uma análise de semelhanças e diferenças na tradução de textos técnicos, jornalísticos e literários. **D.E.L.T.A.**, [s.l.], v. 20, n. 1, p. 1-25, 01 jun. 2004. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/28875/S0102-44502004000100001.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 nov. 2018.

CATFORD, J. C. **A Linguistic Theory of Translation: An Essay in Applied Linguistics**. 5. ed. Oxford: Oxford University Press, 1978.

CARL, Michael. Translog - II: a Program for Recording User Activity Data for Empirical Reading and Writing Research. *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE ON LANGUAGE RESOURCES AND EVALUATION, EUROPEAN LANGUAGE RESOURCES ASSOCIATION (ELRA), 8, 2012, Turkey. **Proceedings**, p. 4108-4112.

CARL, Michael; SCHAEFFER, Moritz. Measuring translation literality. *In*: JAKOBSEN, Arnt Lykke; MESA-LAO, Bartolomé (Ed.). **Translation in Transition: Between cognition, computing and technology**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2017. Cap. 3. p. 81-105.

CENTER FOR RESEARCH AND INNOVATION IN TRANSLATION AND TRANSLATION TECHNOLOGY. **TRANSLOG-II**. Versão 2.0.1.224. Disponível em: <https://sites.google.com/site/centretranslationinnovation/translog-ii>. Download em: 06 ago. 2018.

CHAN, Eric Ian; YAN, Holly. They're Alive! But How Do We Get the Boys Out of the Cave? **UNRESERVED MEDIA**, [s.l.], 03 July 2018. Disponível em: <https://www.unreservedmedia.com/thailand-cave-chiang-rai-boys-rescue/>. Acesso em: 07 jan. 2019.

CHEN, Baoguo *et al.* Is word-order similarity necessary for cross-linguistic structural priming? **Second Language Research**, [s.l.], v. 29, n. 4, p. 375-389, Nov. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0267658313491962>. Acesso em: 15 abr. 2019.

CHESTERMAN, Andrew. Reflections on the literal translation hypothesis. *In*: ALVSTAD, Cecilia; HILD, Adelina; TISELIUS, Elisabet (Ed.). **Methods and Strategies of Process Research**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2011. p. 23-35.

CHESTERMAN, Andrew. **Memes of Translation: The spread of ideas in translation theory**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2016. (Benjamins Translation Library). Revised edition.

CHRISTENSEN, Larry B.; JOHNSON, R. Burke; TURNER, Lisa A. **Research Methods, Design, and Analysis**. 12. ed. England: Pearson Education Limited, 2014. Global Edition.

CHRISTOFFELS, Ingrid K.; GANUSHCHAK, Lesya; KOESTER, Dirk. Language conflict in translation: An ERP study of translation production. **Journal Of Cognitive Psychology**, [s.l.], v. 25, n. 5, p. 646-664, Aug. 2013. Informa UK Limited. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/20445911.2013.821127>. Acesso em: 18 set. 2017.

CHURCH, Kenneth Ward; HANKS, Patrick. Word association norms, mutual information, and lexicography. **Computational Linguistics**, [s.l.], v. 16, n. 1, p. 22-29, Mar. 1990.

COLOMÉ, Àngels. Lexical Activation in Bilinguals' Speech Production: Language-Specific or Language-Independent? **Journal Of Memory And Language**, [s.l.], v. 45, n. 4, p. 721-736, Nov. 2001. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1006/jmla.2001.2793>. Acesso em: 05 jun. 2019.

COSTA, Albert. Lexical Access in Bilingual Production. *In*: KROLL, Judith F. DE GROOT, Annette M.B. (Ed.). **Handbook of bilingualism: Psycholinguistic Approaches**. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 308-325.

COSTA, Albert *et al.* On the bilingual advantage in conflict processing: Now you see it, now you don't. **Cognition**, [s.l.], v. 113, n. 2, p. 135-149, nov. 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.cognition.2009.08.001>. Acesso em: 09 ago. 2018.

COSTA, Albert; CARAMAZZA, Alfonso; SEBASTIAN-GALLES, Nuria. The cognate facilitation effect: Implications for models of lexical access. **Journal Of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition**, [s.l.], v. 26, n. 5, p. 1283-1296, 2000. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/0278-7393.26.5.1283>. Acesso em: 05 jun. 2019.

COSTA, Albert; HERNÁNDEZ, Mireia; SEBASTIÁN-GALLÉS, Núria. Bilingualism aids conflict resolution: Evidence from the ANT task. **Cognition**, [s.l.], v. 106, n. 1, p. 59-86, jan. 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.cognition.2006.12.013>. Acesso em: 13 maio 2018.

COWAN, Nelson. Evolving Conceptions of Memory Storage, Selective Attention, and Their Mutual Constraints Within the Human Information-Processing System. **Psychological Bulletin**, [s.l.], v. 104, n. 2, p. 163-191, Sept. 1988. Disponível em: <http://psycnet.apa.org/buy/1989-00336-001>. Acesso em: 07 out. 2018.

COWAN, Nelson. An embedded-processes model of working memory. *In*: MIYAKE, Akira; SHAH, Priti (Ed.). **Models of Working Memory: Mechanisms of Active Maintenance and Executive Control**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. Cap. 3. p. 62-101.

COWAN, Nelson. The magical number 4 in short-term memory: A reconsideration of mental storage capacity. **Behavioral And Brain Sciences**, [s.l.], v. 24, n. 1, p. 87-114, Feb. 2001. Cambridge University Press (CUP). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/s0140525x01003922>. Acesso em: 07 out. 2018.

COWAN, Nelson. The many faces of working memory and short-term storage. **Psychonomic Bulletin & Review**, [s.l.], v. 24, n. 4, p. 1158-1170, 28 Nov. 2016. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.3758%2Fs13423-016-1191-6>. Acesso em: 25 jul. 2018.

COWAN, Nelson. Working Memory: The Information You Are Now Thinking of. *In*: BYRNE, John H. (Ed.). **Learning and Memory: A Comprehensive Reference**. 2. ed. [s.l.]: Elsevier, 2017. p. 147-161.

DANCEY, Chritine P.; REIDY, John. **Estatística sem matemática para Psicologia: Usando SPSS para Windows**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DAVIES, Mark. Corpus do Português: NOW. **Brigham Young University**, 2012-2019. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org/now/>. Acesso em: 01 a 30 de jan. 2019.

DAVIES, Mark. NOW Corpus (News on the Web). **Brigham Young University**, 2010-2019. Disponível em: <https://www.english-corpora.org/now/>. Acesso em: 01 a 30 de jan. 2019.

DE CAT, Cecile; GUSNANTO, Arief; SERRATRICE, Ludovica. Identifying a Threshold for the Executive Function Advantage in Bilingual Children. *Studies In*

Second Language Acquisition, [s.l.], v. 40, n. 1, p. 119-151, 13 fev. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/s0272263116000486>. Acesso em: 08 mar. 2018.

DE GROOT, Annette M. B. A Complex-skill Approach to Translation and Interpreting. *In*: TIRKKONEN-CONDIT, Sonja; JÄÄSKELÄINEN, Riita (Ed.). **Tapping and mapping the processes of translation and interpreting: outlooks on empirical research**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2000. p. 53-68. (Benjamins Translation Library).

DESMET, Timothy; DECLERCQ, Mieke. Cross-linguistic priming of syntactic hierarchical configuration information. **Journal Of Memory And Language**, [s.l.], v. 54, n. 4, p. 610-632, May 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jml.2005.12.007>. Acesso em: 15 abr. 2019.

DIAMOND, Adele. Executive Functions. **Annual Review Of Psychology**, [s.l.], v. 64, n. 1, p. 135-168, 3 Jan. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1146/annurev-psych-113011-143750>. Acesso em: 28 fev. 2018.

DIAMOND, Bruce J.; SHREVE, Gregory M. Translation, Interpreting, and the Bilingual Brain: Implications for Executive Control and Neuroplasticity. *In*: SCHWIETER, John W. (Ed.). **The Handbook of the Neuroscience of Multilingualism**. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2019. Cap. 24. p. 485-507.

DIJKSTRA, Ton; GRAINGER, Jonathan; VAN HEUVEN, Walter J. B. Recognition of Cognates and Interlingual Homographs: The Neglected Role of Phonology. **Journal Of Memory And Language**, [s.l.], v. 41, n. 4, p. 496-518, Nov. 1999. Elsevier BV. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1006/jmla.1999.2654>. Acesso em: 10 nov. 2018.

DIMITROVA, Birgitta Englund. **Expertise and Explicitation in the Translation Process**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005. (Benjamins Translation Library).

DONG, Yanping; LIU, Yuhua. Classes in Translating and Interpreting Produce Differential Gains in Switching and Updating. **Frontiers In Psychology**, [s.l.], v. 7, p. 1-11, 30 Aug. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2016.01297>. Acesso em: 07 out. 2018.

DONG, Yanping; XIE, Zhilong. Contributions of second language proficiency and interpreting experience to cognitive control differences among young adult bilinguals. **Journal Of Cognitive Psychology**, [s.l.], v. 26, n. 5, p. 506-519, 12 jun. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/20445911.2014.924951>. Acesso em: 29 abr. 2018.

EDUN, Joseph. Thai cave boys finally rescued after 18 days. **ABH PRESS**, [s.l.], 12 July 2018. Disponível em: <https://abhpress.wordpress.com/2018/07/12/thai-cave-boys-finally-rescued-after-18-days/>. Acesso em: 08 jan. 2019.

ENGLE, Randall W. What Is Working Memory Capacity? *In*: Ill, H. L. Roediger *et al* (Ed.). **Science conference series: The nature of remembering: Essays in honor of**

Robert G. Crowder. Washington, DC: American Psychological Association, 2001. p. 297-314. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/10394-016>. Acesso em: 25 jul. 2018.

ENGLE, Randall W. Working Memory Capacity as Executive Attention. **Current Directions In Psychological Science**, [s.l.], v. 11, n. 1, p. 19-23, Feb. 2002. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1111/1467-8721.00160>. Acesso em: 04 jan. 2018.

ENGLE, Randall W. Working Memory and Executive Attention: A Revisit. **Perspectives On Psychological Science**, [s.l.], v. 13, n. 2, p. 190-193, Mar. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/1745691617720478>. Acesso em: 03 abr. 2018.

EYSENCK, Michael W.; KEANE, Mark T. **Cognitive Psychology: A student's handbook**. 7. ed. Sussex: Psychology Press, 2015.

FERREIRA, Victor S. The persistence of optional complementizer production: Why saying “that” is not saying “that” at all. **Journal Of Memory And Language**, [s.l.], v. 48, n. 2, p. 379-398, Feb. 2003. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.1016/s0749-596x\(02\)00523-5](http://dx.doi.org/10.1016/s0749-596x(02)00523-5). Acesso em: 15 abr. 2019.

FERREIRA, Aline; SCHWIETER, John W. Translation and Cognition: An Overview. *In*: SCHWIETER, John W.; FERREIRA, Aline (Ed.). **The Handbook of Translation and Cognition**. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2017. Cap. 1. p. 3-17.

FERREIRA, Aline; SCHWIETER, John W.; GILE, Daniel. The position of psycholinguistic and cognitive science in translation and interpreting: An introduction. *In*: FERREIRA, Aline; SCHWIETER, John W. (Ed.). **Psycholinguistic and Cognitive Inquiries into Translation and Interpreting**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2015. Cap. 1. p. 3-15. (Benjamins Translation Library).

FILLMORE, Charles J. Innocence: A Second Idealization for Linguistics. **Annual Meeting Of The Berkeley Linguistics Society**, [s.l.], v. 5, p. 63-76, 18 July 1979. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3765/bls.v5i0.3255>. Acesso em: 16 abr. 2018.

FIRTH, John Rupert. **Papers in linguistics 1934-1951**. London: Oxford University, 1957.

GARBIN, G. *et al.* Bridging language and attention: Brain basis of the impact of bilingualism on cognitive control. **Neuroimage**, [s.l.], v. 53, n. 4, p. 1272-1278, dez. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.neuroimage.2010.05.078>. Acesso em: 13 fev. 2019.

GARCÍA, Ofelia. **Bilingual education in the 21st century: A global perspective**. Malden: Basil/Blackwell, 2009.

GATHERCOLE, Virginia C. Mueller *et al.* Does language dominance affect cognitive performance in bilinguals? Lifespan evidence from preschoolers through older adults on card sorting, Simon, and metalinguistic tasks. **Frontiers In Psychology**, [s.l.], v.

5, p. 1-14, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2014.00011>. Acesso em: 13 ago. 2018.

GAZZANIGA, Michael S.; IVRY, Richard B.; MANGUN, George R. **Cognitive Neuroscience: The Biology of the Mind**. 4. ed. New York: W. W. Norton & Company, 2014.

GOLDBERG, Jacob. Health precaution delays Thai cave boys' reunion with parents. **The Guardian**, Mae Sai, 09 July 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2018/jul/09/health-precaution-delays-thai-cave-boys-reunion-with-parents>. Acesso em: 07 jan. 2019.

GREEN, David W. Mental control of the bilingual lexico-semantic system. **Bilingualism: Language and Cognition**, [s.l.], v. 1, n. 2, p. 67-81, Aug. 1998. Cambridge University Press (CUP). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/s1366728998000133>. Acesso em: 05 mai. 2019.

GREEN, David W.; ABUTALEBI, Jubin. Language control in bilinguals: The adaptive control hypothesis. **Journal Of Cognitive Psychology**, [s.l.], v. 25, n. 5, p. 515-530, 24 May 2013. Informa UK Limited. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/20445911.2013.796377>. Acesso em: 02 fev. 2019.

GREY, Sarah; TAGARELLI, Kaitlyn M. Psycholinguistic Methods. *In: PHAKITI, Aek et al* (Ed.). **The Palgrave Handbook of Applied Linguistics Research Methodology**. London: Palgrave Macmillan, 2018. Cap. 14. p. 287-312.

GROSJEAN, François. Neurolinguists, beware! The bilingual is not two monolinguals in one person. **Brain And Language**, [s.l.], v. 36, n. 1, p. 3-15, Jan. 1989. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.1016/0093-934x\(89\)90048-5](http://dx.doi.org/10.1016/0093-934x(89)90048-5). Acesso em: 03 jun. 2018.

GROSJEAN, Francois. The bilingual individual. **Interpreting International Journal Of Research And Practice In Interpreting**, [s.l.], v. 2, n. 1-2, p. 163-187, 1997. John Benjamins Publishing Company. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1075/intp.2.1-2.07gro>. Acesso em: 28 out. 2018.

GUO, Taomei; PENG, Danling. Event-related potential evidence for parallel activation of two languages in bilingual speech production. **Neuroreport**, [s.l.], v. 17, n. 17, p. 1757-1760, Nov. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1097/01.wnr.0000246327.89308.a5>. Acesso em: 05 jun. 2019.

HALVERSON, Sandra L. 'Default' translation: a construct for cognitive translation and interpreting studies. *In: Translation, Cognition and Behavior*. v. 2 n. 2. pp. 187-210. 2019.

HANSEN-SCHIRRA, Silvia; NITZKE, Jean; OSTER, Katharina. Predicting cognate translation. *In: HANSEN-SCHIRRA, Silvia; CZULO, Oliver; HOFMANN, Sascha* (Ed.). **Empirical modelling of translation and interpreting**. Berlin: Language Science Press, 2017. Cap. 1. p. 3-22. (Translation and Multilingual Natural Language Processing).

HARTSUIKER, Robert J.; PICKERING, Martin J.; VELTKAMP, Eline. Is Syntax Separate or Shared Between Languages? Cross-Linguistic Syntactic Priming in Spanish-English Bilinguals. **Psychological Science**, [s.l.], v. 15, n. 6, p. 409-414, June 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1111/j.0956-7976.2004.00693.x>. Acesso em: 15 abr. 2019.

HATZIDAKI, Anna; BRANIGAN, Holly P.; PICKERING, Martin J. Co-activation of syntax in bilingual language production. **Cognitive Psychology**, [s.l.], v. 62, n. 2, p. 123-150, Mar. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.cogpsych.2010.10.002>. Acesso em: 28 set. 2018.

HENRARD, Sébastien; VAN DAELE, Agnès. Different Bilingual Experiences Might Modulate Executive Tasks Advantages: Comparative Analysis between Monolinguals, Translators, and Interpreters. **Frontiers In Psychology**, [s.l.], v. 8, p. 1-11, 10 Nov. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01870>. Acesso em: 07 out. 2018.

HERMANS, Daan *et al.* Lexical activation in bilinguals' speech production is dynamic: How language ambiguous words can affect cross-language activation. **Language And Cognitive Processes**, [s.l.], v. 26, n. 10, p.1687-1709, dez. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/01690965.2010.530411>. Acesso em: 17 mar. 2018.

HOSHINO, Noriko; THIERRY, Guillaume. Language selection in bilingual word production: Electrophysiological evidence for cross-language competition. **Brain Research**, [s.l.], v. 1371, p.100-109, jan. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.brainres.2010.11.053>. Acesso em: 02 nov. 2017.

HUNSTON, Susan. **Corpora in Applied Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

IBÁÑEZ, A. J.; MACIZO, P.; BAJO, M. T. Language access and language selection in professional translators. **Acta Psychologica**, [s.l.], v. 135, n. 2, p.257-266, out. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.actpsy.2010.07.009>. Acesso em: 27 set. 2018.

IBM. **SPSS Statistics Subscription**. Versão 25, 2019. Disponível em: <https://www.ibm.com/br-pt/products/spss-statistics>. Download em: 21 abr. 2019.

INSTITUTO DE LETRAS UFRGS CAMPUS DO VALE. **Página do Facebook**. Criada em: 21 maio 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/iletrasufrgs/>. Acesso em: 10 dez. 2018.

IVIR, Vladimir. Formal Correspondence vs. Translation Equivalence Revisited. **Poetics Today**, [s.l.], v. 2, n. 4, p. 51-59, 1981. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1772485>. Acesso em: 16 nov. 2018.

IZQUIERDO, Iván. **Memória**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1976.

JENSEN, Kristian Tangsgaard Hvelplund; SJØRUP, Annette C.; BALLING, Laura Winther. Effects of L1 syntax on L2 translation. **Methodology, Technology and Innovation in Translation Process Research**. Copenhagen: **Samfundslitteratur**, p. 319-338, 2009.

KLUWE-SCHIAVON, Bruno; VIOLA, Thiago Wendt; GRASSI-OLIVEIRA, Rodrigo. Modelos teóricos sobre construto único ou múltiplos processos das funções executivas. **Revista Neuropsicologia Latinoamericana**, [s.l.], v. 4, n. 2, p. 29-34, abr. 2012. Disponível em: http://www.neuropsicolatina.org/index.php/Neuropsicologia_Latinoamericana/article/view/106/80. Acesso em: 12 set. 2018.

KÖPKE, Barbara; NESPOULOUS, Jean-Luc. Working memory performance in expert and novice interpreters. **Interpreting International Journal Of Research And Practice In Interpreting**, [s.l.], v. 8, n. 1, p. 1-23, 2006. John Benjamins Publishing Company. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1075/intp.8.1.02kop>. Acesso em: 18 set. 2018.

KOUSAIE, Shanna; PHILLIPS, Natalie A. Conflict monitoring and resolution: Are two languages better than one? Evidence from reaction time and event-related brain potentials. **Brain Research**, [s.l.], v. 1446, p. 71-90, mar. 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.brainres.2012.01.052>. Acesso em: 07 jun. 2018.

KROLL, Judith F. *et al.* Language selection in bilingual speech: Evidence for inhibitory processes. **Acta Psychologica**, [s.l.], v. 128, n. 3, p. 416-430, jul. 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.actpsy.2008.02.001>. Acesso em: 08 dez. 2017.

KROLL, Judith F.; BOBB, Susan C.; WODNIECKA, Zofia. Language selectivity is the exception, not the rule: Arguments against a fixed locus of language selection in bilingual speech. **Bilingualism: Language and Cognition**, [s.l.], v. 9, n. 2, p. 119-135, 22 June 2006. Cambridge University Press (CUP). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/s1366728906002483>. Acesso em: 08 mar. 2018.

KROLL, Judith F.; DUSSIAS, Paola E.; BAJO, María Teresa. Language Use Across International Contexts: Shaping the Minds of L2 Speakers. **Annual Review Of Applied Linguistics**, [s.l.], v. 38, p. 60-79, Sept. 2018. Cambridge University Press (CUP). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/s0267190518000119>. Acesso em: 09 nov. 2018.

KUJAMÄKI, Minna. Source text influence in student translation: results of a longitudinal study. **The Interpreter And Translator Trainer**, [s.l.], p. 1-18, 20 May 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/1750399x.2019.1615166>. Acesso em: 15 abr. 2019.

KUSSMAUL, Paul. **Training the Translator**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995. (Benjamins Translation Library).

LOEBELL, Helga; BOCK, Kathryn. Structural priming across languages. **Linguistics**, [s.l.], v. 41, n. 4, p. 791-824, 2003. Disponível em: <https://www.degruyter.com/view/j/ling.2013.51.issue-jubilee/ling-2013-0042ad.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2019.

MACIZO, Pedro. Phonological coactivation in the bilinguals' two languages: Evidence from the color naming task. **Bilingualism: Language and Cognition**, [s.l.], v. 19, n. 2, p. 361-375, 10 Apr. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/s136672891500005x>. Acesso em: 05 jun. 2019.

MACIZO, Pedro; BAJO, M. Teresa. Memoria de Trabajo y Traducción. **Cognitiva**, [s.l.], v. 17, n. 1, p. 29-53, 1 Feb. 2005. Informa UK Limited. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1174/0214355053114790>. Acesso em: 25 set. 2018.

MARIAN, Viorica; SPIVEY, Michael. Bilingual and monolingual processing of competing lexical items. **Applied Psycholinguistics**, [s.l.], v. 24, n. 2, p. 173-193, June 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/s0142716403000092>. Acesso em: 05 jun. 2019.

MICHAEL, Erica B. *et al.* Individual Differences in the Ability to Resolve Translation Ambiguity across Languages. **Vial**, Vigo, n. 8, p. 79-97, 2011. Disponível em: <https://revistas.webs.uvigo.es/index.php/vial/article/view/42>. Acesso em: 07 abr. 2019.

MILLER, George A. The cognitive revolution: a historical perspective. **Trends In Cognitive Sciences**, [s.l.], v. 7, n. 3, p. 141-144, Mar. 2003. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.1016/s1364-6613\(03\)00029-9](http://dx.doi.org/10.1016/s1364-6613(03)00029-9). Acesso em: 08 mar. 2018.

MIYAKE, Akira *et al.* The Unity and Diversity of Executive Functions and Their Contributions to Complex "Frontal Lobe" Tasks: A Latent Variable Analysis. **Cognitive Psychology**, [s.l.], v. 41, n. 1, p. 49-100, Aug. 2000. Elsevier BV. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1006/cogp.1999.0734>. Acesso em: 07 out. 2018.

NASCIMENTO, Ana Katarinna Pessoa do. As modalidades de tradução na legendagem de fã. **Tradução em Revista**, [s.l.], n. 20, p. 1-17, 06 dez. 2016. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/26809/26809.PDFXXvmi=>. Acesso em: 18 nov. 2018.

NEWMARK, Peter. **Approaches to Translation (Language Teaching Methodology Senes)**. Oxford: Pergamon Press. 1981.

NORD, Christiane. **Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained**. 2. ed. London: Routledge, 2018.

NORMAN, Donald A.; SHALLICE, Tim. Attention to action. In: **Consciousness and self-regulation**. Boston, MA: Springer. 1986. p. 1-18.

PAAP, Kenneth R. The role of componential analysis, categorical hypothesising, replicability and confirmation bias in testing for bilingual advantages in executive functioning. **Journal Of Cognitive Psychology**, [s.l.], v. 26, n. 3, p. 242-255, 27 fev. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/20445911.2014.891597>. Acesso em: 09 out. 2018.

PAAP, Kenneth R.; GREENBERG, Zachary I. There is no coherent evidence for a bilingual advantage in executive processing. **Cognitive Psychology**, [s.l.], v. 66, n. 2, p. 232-258, Mar. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.cogpsych.2012.12.002>. Acesso em: 17 out. 2018.

PAAP, Kenneth R.; SAWI, Oliver. Bilingual advantages in executive functioning: problems in convergent validity, discriminant validity, and the identification of the theoretical constructs. **Frontiers in psychology**, v. 5, p. 962, 2014.

PACTE. Building a translation competence model. In: ALVES, Fabio (Ed.). **Triangulating translation: perspectives in process-oriented research**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2003, 43-66. (Benjamins Translation Library).

PEAL, Elizabeth; LAMBERT, Wallace E. The relation of bilingualism to intelligence. **Psychological Monographs: General and Applied**, [s.l.], v. 76, n. 27, p. 1-23, 1962. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/h0093840>. Acesso em: 05 mar. 2018.

PEIRCE, Jonathan. **PsychoPy2**. Versão 1.90.3. 03 July 2018. Disponível em: <https://github.com/psychopy/psychopy/releases/tag/1.90.3>. Download em: 16 out. 2018.

PŁOŃSKA, Dagmara. Problems of Literality in French-Polish Translations of a Newspaper Article. In: CARL, Michael; BANGALORE, Srinivas; SCHAEFFER, Moritz (Ed.). **New Directions in Empirical Translation Process Research: Exploring the CRITT TPR-DB**. Cham: Springer International Publishing, 2016. Cap. 13. p. 279-291. (New Frontiers in Translation Studies).

POLITI, Daniel. Video Shows Thai Boys Trapped in Cave Are in Good Spirits as Complicated Rescue Looms. **SLATE**, [s.l.], 04 July 2018. Disponível em: <https://slate.com/news-and-politics/2018/07/video-show-thai-boys-trapped-in-cave-are-in-good-spirits-as-complicated-rescue-looms.html>. Acesso em: 06 jan. 2019.

PRIOR, Anat; GOLLAN, Tamar H. The elusive link between language control and executive control: A case of limited transfer. **Journal Of Cognitive Psychology**, [s.l.], v. 25, n. 5, p. 622-645, ago. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/20445911.2013.821993>. Acesso em: 06 abr. 2019.

PRIOR, Anat; MACWHINNEY, Brian. A bilingual advantage in task switching. **Bilingualism: Language and Cognition**, [s.l.], v. 13, n. 2, p. 253-262, 17 dez. 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/s1366728909990526>. Acesso em: 26 abr. 2019.

PYM, Anthony. On Toury's laws of how translators translate. In: PYM, Anthony; SHLESINGER, Miriam; SIMEONI, Daniel (Ed.). **Beyond Descriptive Translation**

Studies: Investigations in homage to Gideon Toury. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2008. Cap. 23. p. 311-328. (Benjamins Translation Library).

RASTLE, Kathleen; BRYSSBAERT, Marc. Masked phonological priming effects in English: Are they real? Do they matter? **Cognitive Psychology**, [s.l.], v. 53, n. 2, p. 97-145, set. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.cogpsych.2006.01.002>. Acesso em: 16 abr. 2019.

ROBINSON, Douglas. Literal translation. In: BAKER, Mona (Ed.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. London: Routledge, 2001. p. 125-127.

ROTHE-NEVES, Rui. The influence of working memory features on some formal aspects of translation performance. In: ALVES, Fabio (Ed.). **Triangulating Translation: Perspectives in process oriented research**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2003. p. 97-119. (Benjamins Translation Library).

RUBIN, Orit; MEIRAN, Nachshon. On the Origins of the Task Mixing Cost in the Cuing Task-Switching Paradigm. **Journal Of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition**, [s.l.], v. 31, n. 6, p. 1477-1491, 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/0278-7393.31.6.1477>. Acesso em: 28 jun. 2019.

RUIZ, C. *et al.* Activation of lexical and syntactic target language properties in translation. **Acta Psychologica**, [s.l.], v. 128, n. 3, p. 490-500, July 2008. Elsevier BV. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.actpsy.2007.08.004>. Acesso em: 27 jun. 2018.

SALAMOURA, Angeliki; WILLIAMS, John N. Lexical activation of cross-language syntactic priming. **Bilingualism: Language and Cognition**, [s.l.], v. 9, n. 3, p. 299-307, 20 Oct. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/s1366728906002641>. Acesso em: 15 abr. 2019.

SALAMOURA, Angeliki; WILLIAMS, John N. Processing verb argument structure across languages: Evidence for shared representations in the bilingual lexicon. **Applied Psycholinguistics**, [s.l.], v. 28, n. 4, p. 627-660, 28 Sept. 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/s0142716407070348>. Acesso em: 15 abr. 2019.

SALTHOUSE, Timothy A.; BABCOCK, Renee L. Decomposing adult age differences in working memory. **Developmental Psychology**, [s.l.], v. 27, n. 5, p. 763-776, set. 1991. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/0012-1649.27.5.763>. Acesso em: 14 ago. 2017.

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de Corpus**. Barueri: Manole, 2004.

SCHAEFFER, Moritz; CARL, Michael. Measuring the cognitive effort of literal translation processes. In: **Proceedings of the EAACL 2014 Workshop on Humans and Computer-assisted Translation**. 2014. p. 29-37.

SCHEEPERS, Christoph. Syntactic priming of relative clause attachments: persistence of structural configuration in sentence production. **Cognition**, [s.l.], v. 89,

n. 3, p. 179-205, Oct. 2003. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.1016/s0010-0277\(03\)00119-7](http://dx.doi.org/10.1016/s0010-0277(03)00119-7). Acesso em: 15 abr. 2019.

SHARE, Jacob. Interview Q&A: Tell Me How You Handled A Difficult Situation at Work. **Live Career**, [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.livecareer.com/interview/questions/tell-me-how-you-handled-a-difficult-situation>. Acesso em: 10 jan. 2019.

SCHOLL, A. P.; FINGER, I. Elaboração de um questionário de histórico da linguagem para pesquisas com bilíngues. **Nonada: Letras em Revista**, v. 2, n. 21, 2013.

SMITH, Nicola; BOYLE, Danny. Thai cave rescue success as all 12 boys and football coach saved after 18-day ordeal. **The Telegraph**, Chiang Rai, 10 July 2018. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/news/2018/07/10/divers-prepare-rescue-last-five-thais-trapped-cave-officials/>. Acesso em: 06 jan. 2019.

SOLOMON, Feliz. The Global Crew That Rescued A Soccer Team. **MAGZTER**, Mae Sai, 24 Dec. 2018. Disponível em: <https://www.magzter.com/articles/12427/319523/5c13978566551>. Acesso em: 06 jan. 2019.

SOVERI, Anna; RODRIGUEZ-FORNELLS, Antoni; LAINE, Matti. Is There a Relationship between Language Switching and Executive Functions in Bilingualism?: Introducing a within group analysis approach. **Frontiers In Psychology**, [s.l.], v. 2, p.1-8, 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2011.00183>>. Acesso em: 16 mar. 2019.

STACHOWIAK, Katarzyna *et al.* Mind's not lazy: On multitasking in interpreters and translators. **Konińskie Studia Językowe**, v. 2, n. 3, p. 293-313, 2014.

STARREVELD, Peter A. *et al.* Parallel language activation during word processing in bilinguals: Evidence from word production in sentence context. **Bilingualism: Language and Cognition**, [s.l.], v. 17, n. 2, p. 258-276, 26 July 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/s1366728913000308>. Acesso em: 05 jun. 2019.

STEAD, Andrew; TRIPIER, Coralie. **A Longitudinal Study of the Evolution of Working Memory amongst Interpreting and Translation Students at the FTI, University of Geneva**. 2016. 40 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Interprétation de Conférence, Faculté de Traduction Et D'interprétation, Département D'interprétation, Université de Genève, Genève, 2016.

STERN, Yaakov. Cognitive reserve. **Neuropsychologia**, [s.l.], v. 47, n. 10, p. 2015-2028, ago. 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.neuropsychologia.2009.03.004>. Acesso em: 04 fev. 2018.

STERNBERG, Robert J.; STERNBERG, Karin. **Psicologia cognitiva**. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2016. Tradução da 7ª edição norte-americana.

STEWART, Dominic. Conventionality, creativity and translated text: The implications of electronic corpora in translation. *In*: OLOHAN, Maeve (Ed.). **Intercultural Faultlines: Research Models in Translation Studies I: Textual and Cognitive Aspects**. Manchester: St. Jerome Publishing, 2000. Cap. 6. p. 73-91.

STUBBS, Michael. Collocations and semantic profiles: on the cause of the trouble with quantitative studies. **Functions Of Language**, [s.l.], v. 2, n. 1, p.23-55, 1995. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1075/fo1.2.1.03stu>. Acesso em: 15 ago. 2019.

STUSS, Donald T. Frontal lobes and attention: Processes and networks, fractionation and integration. **Journal Of The International Neuropsychological Society**, [s.l.], v. 12, n. 2, p. 261-271, mar. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/s1355617706060358>. Acesso em: 09 jan. 2018.

TAGNIN, Stella E. O. O humor como quebra da convencionalidade. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, [s.l.], v. 5, n. 1, p. 247-257, 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1984-63982005000100013>. Acesso em: 18 mar. 2019.

TAGNIN, Stella E. O. **O jeito que a gente diz**: combinações consagradas em inglês e português. Barueri: Disal, 2013.

THONGNOI, Jitsiree; YUSOF, Zaihan Mohamed. Thai cave rescue: Boys in good spirits as they wave for cameras in hospital. **The Straits Times**, [s.l.], 12 July 2018. Disponível em: <https://www.straitstimes.com/asia/se-asia/boys-in-good-spirits-as-they-wave-for-cameras-in-hospital>. Acesso em: 06 jan. 2019.

TIRKKONEN-CONDIT, Sonja. The Monitor Model Revisited: Evidence from Process Research. **Meta: Journal des traducteurs**, [s.l.], v. 50, n. 2, p. 405-414, 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7202/010990ar>. Acesso em: 13 nov. 2018.

TOOHEY, Paul. Watch live: Four boys taken to hospital after cave rescue, operation to resume later. **Herald Sun**, Chiang Rai, 09 July 2018. Disponível em: <https://www.heraldsun.com.au/news/world/thai-cave-rescue-perfect-conditions-to-save-cavetrapped-soccer-team-might-not-last/news-story/e98f360f471f437d91375d8351060fa8>. Acesso em: 07 jan. 2019.

TOURY, Gideon. **Descriptive Translation Studies and beyond**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995. (Benjamins Translation Library).

TRADUTOR AJUDA TRADUTOR. **Grupo do Facebook**. Criado em: 27 jun. 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/1590253254569889/>. Acesso em: 10 dez. 2018.

TRADUTORES E INTÉRPRETES DE PORTO ALEGRE. **Grupo do Facebook**. Criado em: 27 ago. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/1677220475932298>. Acesso em: 10 dez. 2018.

TRADUTORES E INTÉRPRETES LIVRES. **Grupo do Facebook**. Criado em: 03 set. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/1269605136417973/>. Acesso em: 10 dez. 2018.

TRAXLER, Matthew J. **Introduction to Psycholinguistics: Understanding Language Science**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2012.

VALIAN, Virginia. Bilingualism and cognition. **Bilingualism: Language and Cognition**, [s.l.], v. 18, n. 1, p. 3-24, 27 Nov. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/s1366728914000522>. Acesso em: 13 out. 2018.

VAN GOMPEL, Roger P. G.; ARAI, Manabu. Structural priming in bilinguals. **Bilingualism: Language and Cognition**, [s.l.], v. 21, n. 3, p. 448-455, 5 Oct. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/s1366728917000542>. Acesso em: 15 abr. 2019.

VINAY, Jean-Paul; DARBELNET, Jean. **Comparative Stylistics of French and English: A methodology for translation**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995. Tradução de Juan C. Sager e M. J. Hamel da versão de 1958.

VON BASTIAN, Claudia C.; SOUZA, Alessandra S.; GADE, Miriam. No evidence for bilingual cognitive advantages: A test of four hypotheses. **Journal Of Experimental Psychology: General**, [s.l.], v. 145, n. 2, p.246-258, fev. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/xge0000120>. Acesso em: 07 abr. 2019.

WEINGART, Peter. A short history of knowledge formations. *In*: FRODEMAN, Robert *et al* (Ed.). **The Oxford Handbook of Interdisciplinarity**. Oxford: Oxford University Press, 2010. Cap. 1. p. 3-14.

WIDMAN, Julieta; ZAVAGLIA, Adriana. Domesticação e estrangeirização em duas traduções para o inglês de *A paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector. **Cadernos de Tradução**, [s.l.], v. 37, n. 1, p. 90-118, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2017v37n1p90>. Acesso em: 18 nov. 2018.

WOOD, Guilherme Maia de Oliveira *et al*. Validação da Bateria de Avaliação da Memória de Trabalho (BAMT-UFMG). **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [s.l.], v. 14, n. 2, p. 325-341, 2001. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79722001000200008>. Acesso em: 14 set. 2017.

YUDES, Carolina; MACIZO, Pedro; BAJO, Teresa. The Influence of Expertise in Simultaneous Interpreting on Non-Verbal Executive Processes. **Frontiers In Psychology**, [s.l.], v. 2, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2011.00309>. Acesso em: 23 abr. 2018.

YUDES, Carolina; MACIZO, Pedro; BAJO, Teresa. Coordinating comprehension and production in simultaneous interpreters: Evidence from the Articulatory Suppression Effect. **Bilingualism: Language and Cognition**, [s.l.], v. 15, n. 2, p. 329-339, 24 Aug. 2012. Cambridge University Press (CUP). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/s1366728911000150>. Acesso em: 23 jul. 2018.

ZAVALA, Armando; AXT, Margarete. A inter(trans)disciplinaridade no jogo educacional de construção de cidades Città. **Renote**, [s.l.], v. 15, n. 2, 10 Jan. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22456/1679-1916.79257>. Acesso em: 05 jun. 2018.

ZELAZO, Philip David; FRYE, Douglas. Cognitive complexity and control: A theory of the development of deliberate reasoning and intentional action. **Language structure, discourse, and the access to consciousness**, v. 12, p. 113-153, 1997.

ZIMMER, Márcia C.; FINGER, Ingrid; SCHERER, Lilian. Do bilinguismo ao multilinguismo: intersecções entre a psicolinguística e a neurolinguística. **Revel**, [s.l.], v. 6, n. 11, p. 1-28, ago. 2008. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_11_do_bilinguismo_ao_multilinguismo.pdf. Acesso em: 05 jul. 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
 PESQUISADORA: Patrícia Helena Freitag
 PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Profa. Dra. Ingrid Finger
 Participante nº _____



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O projeto de pesquisa **Investigando funções executivas e experiência tradutória na literalidade em tradução** insere-se nos estudos de psicolinguística e tem como objetivo verificar a relação entre funções executivas e tradução. Para tanto, analisará os dados de estudantes de tradução do curso de Bacharelado em Letras da UFRGS com habilitação Inglês-Português e tradutores profissionais no par inglês e português para esclarecer o papel das funções executivas e da experiência tradutória no desempenho tradutório.

Os participantes que aceitarem o convite responderão um questionário em papel e caneta sobre sua experiência linguística e experiência tradutória, realizarão a tradução do inglês para o português de um texto breve no computador e realizarão três tarefas computadorizadas para medir três funções executivas: memória de trabalho, controle inibitório e flexibilidade cognitiva.

A identidade do participante será mantida em sigilo, conforme Resolução CNS 510/2016. Os resultados obtidos serão armazenados em um banco de dados para posterior análise e discussão. A previsão do armazenamento dos dados é de, no mínimo, 5 anos. Você pode não se beneficiar diretamente desta pesquisa, no entanto, acreditamos que sua participação no estudo possa ajudar a ampliar nossa compreensão da realidade cognitiva específica do bilinguismo no contexto de tradução, o que pode ser útil na formação de tradutores. Quanto aos riscos, a participação na pesquisa não deve ocasionar nenhum dano moral aos participantes, no entanto, devido à duração das atividades (90 minutos), alguns participantes podem apresentar fadiga, desconforto ocular por olhar continuamente para a tela do computador, desconforto físico por permanecer sentado por muito tempo, cansaço mental ou ansiedade para responder rapidamente aos estímulos das tarefas. Esses riscos, caso se concretizem, serão de caráter passageiro, e não permanente. Caso você sinta algum destes ou qualquer outro desconforto, poderá interromper a coleta de dados a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo a minha participação neste projeto de pesquisa, pois fui informado(a), de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos e justificativa desta pesquisa, dos procedimentos a que serei submetido(a), dos riscos, desconfortos e benefícios e de informações sobre as tarefas que realizarei, todos acima listados. Fui, igualmente, informado(a):

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem justificativa, sem que isso me traga prejuízo;
- da garantia de que não serei identificado(a) quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa.

A pesquisadora responsável por este projeto de pesquisa é a professora Dra. Ingrid Finger (ingrid.finger@ufrgs.br, telefone institucional: 51-3308.6704; endereço institucional: gabinete nº 220 do Prédio Administrativo do Instituto de Letras do Campus do Vale da UFRGS). Quaisquer dúvidas podem ser sanadas junto à mestrandia Patrícia Helena Freitag (patriciafreitag@gmail.com, fone: 51-99120.7999) ou junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS (CEP/UFRGS: 51-3308.3738). O presente documento será assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa e outra com a pesquisadora.

Porto Alegre, ___/___/___

 Assinatura do participante

 Assinatura da responsável pela coleta de dados

APÊNDICE B — CONVITE PARA TRADUTORES PROFISSIONAIS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
 PESQUISADORA: Patrícia Helena Freitag
 PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Profa. Dra. Ingrid Finger



CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **Investigando funções executivas e experiência tradutória na literalidade em tradução**. Esta investigação insere-se nos estudos de psicolinguística e tem como **objetivo** verificar a relação entre funções executivas e tradução.

Para participar, **você deve ser tradutor** freelance ou CLT no **par inglês-português**, ter graduação OU pós-graduação OU especialização OU curso profissionalizante em tradução E ter o português brasileiro como língua materna.

Você será convidado(a) a responder a um questionário em papel e caneta sobre sua experiência linguística e tradutória, a realizar a tradução do inglês para o português de um texto breve no computador e a realizar três tarefas computadorizadas para medir estas funções executivas: memória de trabalho, controle inibitório e flexibilidade cognitiva.

A coleta será individual e ocorrerá no local de sua preferência na cidade de Porto Alegre ou região metropolitana, contanto que seja silencioso. A acadêmica de mestrado da equipe do projeto se deslocará até o local indicado na hora combinada no contato.

Para participar desta pesquisa, você deverá **autorizar e assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**. O consentimento pode ser retirado a qualquer momento.

A sua participação é **voluntária**, por isso você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira.

A sua identidade será mantida em sigilo, conforme Resolução CNS 510/2016. Os resultados obtidos serão armazenados em um banco de dados para posterior análise e discussão. A previsão do armazenamento dos dados é de, no mínimo, 5 anos.

Você pode não se beneficiar diretamente desta pesquisa, no entanto, acreditamos que sua participação no estudo possa ajudar a ampliar nossa compreensão da realidade cognitiva específica do bilinguismo no contexto de tradução, o que pode ser útil na formação de tradutores.

Quanto aos riscos, a participação na pesquisa não deve ocasionar nenhum dano moral aos participantes, no entanto, devido à duração das atividades (90 minutos), alguns participantes podem apresentar fadiga, desconforto ocular por olhar continuamente para a tela do computador, desconforto físico por permanecer sentado por muito tempo, cansaço mental ou ansiedade para responder rapidamente aos estímulos das tarefas. Esses riscos, caso se concretizem, serão de caráter passageiro, e não permanente. Caso você sinta algum destes ou qualquer outro desconforto, poderá interromper a coleta de dados a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

A pesquisadora responsável por este projeto de pesquisa é a professora Dra. Ingrid Finger (ingrid.finger@ufrgs.br, telefone institucional: 51-3308.6704; endereço institucional: gabinete nº 220 do Prédio Administrativo do Instituto de Letras do Campus do Vale da UFRGS). Quaisquer dúvidas podem ser sanadas junto à mestrandia Patrícia Helena Freitag (patriciafreitag@gmail.com, fone: 51-99120.7999) ou junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS (CEP/UFRGS: 51-3308.3738).

Agradeço imensamente por sua atenção.

Patrícia Helena Freitag

APÊNDICE C — CONVITE PARA ALUNOS DE TRADUÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
 PESQUISADORA: Patrícia Helena Freitag
 PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Profa. Dra. Ingrid Finger



CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **Investigando funções executivas e experiência tradutória na literalidade em tradução**. Esta investigação insere-se nos estudos de psicolinguística e tem como **objetivo** verificar a relação entre funções executivas e tradução.

Para participar, **você deve ser aluno(a) do Bacharelado em Letras com Habilitação Tradutor Inglês-Português**, ter sido aprovado(a) nas disciplinas **Tradução do Inglês I e Tradução do Inglês II** E ter o português brasileiro como língua materna.

Você será convidado(a) a responder a um questionário em papel e caneta sobre sua experiência linguística e tradutória, a realizar a tradução do inglês para o português de um texto breve no computador e a realização três tarefas computadorizadas para medir estas funções executivas: memória de trabalho, controle inibitório e flexibilidade cognitiva.

A coleta é individual e ocorre na sala 220 do prédio administrativo do Instituto de Letras no Campus do Vale da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Para participar desta pesquisa, você deverá **autorizar e assinar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**. O consentimento pode ser retirado a qualquer momento.

A sua participação é **voluntária**, por isso você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. A recusa em participar dessa pesquisa não acarretará qualquer penalidade.

A sua identidade será mantida em sigilo, conforme Resolução CNS 510/2016. Os resultados obtidos serão armazenados em um banco de dados para posterior análise e discussão. A previsão do armazenamento dos dados é de, no mínimo, 5 anos.

Você pode não se beneficiar diretamente desta pesquisa, no entanto, acreditamos que sua participação no estudo possa ajudar a ampliar nossa compreensão da realidade cognitiva específica do bilinguismo no contexto de tradução, o que pode ser útil na formação de tradutores.

Quanto aos riscos, a participação na pesquisa não deve ocasionar nenhum dano moral aos participantes, no entanto, devido à duração das atividades (90 minutos), alguns participantes podem apresentar fadiga, desconforto ocular por olhar continuamente para a tela do computador, desconforto físico por permanecer sentado por muito tempo, cansaço mental ou ansiedade para responder rapidamente aos estímulos das tarefas. Esses riscos, caso se concretizem, serão de caráter passageiro, e não permanente. Caso você sinta algum destes ou qualquer outro desconforto, poderá interromper a coleta de dados a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

A pesquisadora responsável por este projeto de pesquisa é a professora Dra. Ingrid Finger (ingrid.finger@ufrgs.br, telefone institucional: 51-3308.6704; endereço institucional: gabinete nº 220 do Prédio Administrativo do Instituto de Letras do Campus do Vale da UFRGS). Quaisquer dúvidas podem ser sanadas junto à mestrandia Patrícia Helena Freitag (patriciafreitag@gmail.com, fone: 51-99120.7999) ou junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS (CEP/UFRGS: 51-3308.3738).

Agradeço imensamente por sua atenção.

Patrícia Helena Freitag

APÊNDICE D — CARTAZ DE DIVULGAÇÃO

CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM UMA PESQUISA EM PSICOLINGÜÍSTICA



QUAL É O OBJETIVO DO ESTUDO?

Investigar a relação entre **funções executivas** e escolhas na **tradução**.



COMO É A PARTICIPAÇÃO?

Você vai responder um **questionário**, realizar três **tarefas computadorizadas** de funções executivas e **traduzir** um texto breve. A coleta é individual.



CRITÉRIOS DE PARTICIPAÇÃO

- Ser estudante ou graduado em **Bacharelado** em Letras, com Habilitação tradutor **português-inglês**
- Ter sido aprovado em **Tradução do Inglês I** e **Tradução do Inglês II**
- Ter o português brasileiro como língua materna

PARTICIPE E INCENTIVE A PESQUISA

ENTRE EM CONTATO COMIGO E AGENDE SUA COLETA.

MESTRANDA: PATRÍCIA HELENA FREITAG

PATRICIAFREITAG@GMAIL.COM | (51) 991207999

PROFESSORA RESPONSÁVEL:

PROFA. DRA. INGRID FINGER

INGRID.FINGER@UFRGS.BR

TELEFONE INSTITUCIONAL: (51) 33086704



View PDF

APÊNDICE E — AUTORIZAÇÃO DE GRUPO FECHADO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
 PESQUISADORA: Patrícia Helena Freitag
 PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Profa. Dra. Ingrid Finger



A/C: Administradora do grupo fechado do Facebook intitulado **Tradutores / Intérpretes**

SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE CONVITE

O projeto de pesquisa **Investigando funções executivas e experiência tradutória na literalidade em tradução** insere-se nos estudos de psicolinguística e tem como objetivo verificar a relação entre funções executivas e tradução. Para tanto, analisará os dados de tradutores no par inglês-português para esclarecer o papel das funções executivas e da experiência tradutória no desempenho tradutório.

Os participantes desta pesquisa serão estudantes de bacharelado em Letras da UFRGS e tradutores profissionais formados em Letras ou com curso profissionalizante, especialização ou pós-graduação em tradução. Os participantes deverão ter o português como língua materna. Aos tradutores profissionais, o convite para participação será feito por contatos pessoais das pesquisadoras e por publicação em grupo do Facebook.

Esta pesquisa é de cunho quase-experimental. Os participantes que aceitarem o convite responderão um questionário em papel e caneta sobre sua experiência linguística e tradutória, realizarão a tradução do inglês para o português de um texto breve no computador e realizarão três tarefas computadorizadas para medir três funções executivas: memória de trabalho, controle inibitório e flexibilidade cognitiva. No início da coleta, os participantes que aceitarem o convite deverão assinar o **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**. O consentimento poderá ser retirado a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

A coleta será individual e ocorrerá no local de preferência do participante na cidade de Porto Alegre ou região metropolitana, contanto que seja silencioso. A acadêmica de mestrado da equipe do projeto se deslocará até o local indicado na hora combinada com o participante.

A identidade do participante será mantida em sigilo, conforme Resolução CNS 510/2016. Os resultados obtidos serão armazenados em um banco de dados para posterior análise e discussão. A previsão do armazenamento dos dados é de, no mínimo, 5 anos. A participação é **voluntária**, por isso o participante não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira.

Os participantes podem não se beneficiar diretamente desta pesquisa, no entanto, acreditamos que a participação no estudo possa ajudar a ampliar nossa compreensão da realidade cognitiva específica do bilinguismo no contexto de tradução, o que pode ser útil na formação de tradutores.

Quanto aos riscos, a participação na pesquisa não deve ocasionar nenhum dano moral aos participantes, no entanto, devido à duração das atividades (90 minutos), alguns participantes podem apresentar fadiga, desconforto ocular por olhar continuamente para a tela do computador, desconforto físico por permanecer sentado

por muito tempo, cansaço mental ou ansiedade para responder rapidamente aos estímulos das tarefas. Esses riscos, caso se concretizem, serão de caráter passageiro, e não permanente. Caso o participante sinta algum destes ou qualquer outro desconforto, poderá interromper a coleta de dados a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Dessa forma, solicitamos a autorização da administração do grupo fechado do Facebook intitulado **Tradutores / Intérpretes** para a divulgação do convite para participação na pesquisa descrita acima, mediante assinatura deste documento.

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____ (nome completo), administradora do grupo fechado do Facebook intitulado **Tradutores / Intérpretes**, pelo presente documento, declaro que autorizo a divulgação do convite para participação na pesquisa **Investigando funções executivas e experiência tradutória na literalidade em tradução** no primeiro semestre de 2019, pois fui informado(a), de maneira clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos desta pesquisa, dos procedimentos a que os participantes serão submetidos, dos riscos, desconfortos e benefícios e das tarefas que serão realizadas, todos acima listados. Fui, igualmente, informado(a):

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- da liberdade de retirar o consentimento, sem justificativa e sem que isso me traga prejuízo;
- da garantia de que o nome e os dados pessoais dos membros do grupo serão mantidos em sigilo quando da divulgação dos resultados, e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
- da possibilidade de após a conclusão da pesquisa, receber uma devolutiva sobre os resultados da pesquisa, se solicitar à acadêmica de mestrado da equipe do projeto.

A pesquisadora responsável por este projeto de pesquisa é a professora Dra. Ingrid Finger (ingrid.finger@ufrgs.br, telefone institucional: 51-3308.6704; endereço institucional: gabinete nº 220 do Prédio Administrativo do Instituto de Letras do Campus do Vale da UFRGS). Quaisquer dúvidas podem ser sanadas junto à mestrandia Patrícia Helena Freitag (patriciafreitag@gmail.com, fone: 51-99120.7999) ou junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS (CEP/UFRGS: 51-3308.3738). O presente documento será assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com a administradora do grupo **Tradutores / Intérpretes** e outra com a pesquisadora responsável.

Porto Alegre, ____ / ____ / _____

Assinatura da administradora do grupo
Tradutores / Intérpretes

Assinatura da responsável pela coleta de dados

APÊNDICE F — QUESTIONÁRIO

Participante nº: Digite aqui. Data de hoje: Insira uma data.

Questionário de Histórico da Linguagem e Atividade Tradutória

Sexo: Feminino Masculino Lateralidade dominante:
 Data de nascimento: dia/mês/ano Destro(a) Canhoto(a)
 Cidade de nascimento: Digite aqui. Possui algum grau de daltonismo?
 E-mail: Digite aqui. Sim Não

Parte 1 – Histórico da Linguagem

1. Liste todas as línguas que você conhece na ordem em que foram adquiridas:

Língua 1 (língua materna): Digite aqui.

Língua 2: Digite aqui.

Língua 3: Digite aqui.

Língua 4: Digite aqui.

2. Informe a idade em que você:

Começou a aprender inglês: Escolha uma idade na lista.

Começou a utilizar inglês ativamente: Escolha uma idade na lista.

Tornou-se fluente em inglês: Escolha uma idade na lista.

3. Indique o quanto estes fatores contribuem/contribuíram para sua aprendizagem de inglês:

| | Não contribuiu | Contribuiu pouco | Contribuiu em boa medida | Foi essencial |
|--|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Interação com a família | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Interação com os amigos | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Leitura (revistas, livros, artigos etc.) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Assistir televisão, filmes, séries | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Ouvir música | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Uso da internet | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Curso de línguas | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Outro: Digite aqui. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

4. Informe o número de anos e meses que você passou em cada um destes ambientes:

| | Inglês | Outra: Digite a língua aqui. |
|--|--------------|------------------------------|
| País em que a língua é falada | anos e meses | anos e meses |
| Família em que a língua é falada | anos e meses | anos e meses |
| Escola/trabalho em que a língua é falada | anos e meses | anos e meses |

5. Estime em tempo o quanto você usa cada língua para as seguintes atividades em um dia de semana típico. A soma não pode ultrapassar 24 horas.

* Exceto leitura, escrita e fala de texto para realizar tradução.

| | Português | Inglês |
|---|-------------|-------------|
| Assistir TV, filmes, séries e outros vídeos | horas e min | horas e min |
| Ouvir música, podcasts e outros áudios | horas e min | horas e min |
| Jogar videogames e aplicativos | horas e min | horas e min |
| Ler (livros, revistas, jornais, artigos...)* | horas e min | horas e min |
| Escrever (mensagens, e-mails, blog, diário...)* | horas e min | horas e min |
| Falar (conversas, apresentações...)* | horas e min | horas e min |

6. Marque com um X seu nível de proficiência em cada habilidade em inglês:

| | Muito baixo | Baixo | Razoável | Bom | Muito bom | Proficiente |
|------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Leitura | <input type="checkbox"/> |
| Escrita | <input type="checkbox"/> |
| Produção oral | <input type="checkbox"/> |
| Compreensão oral | <input type="checkbox"/> |

7. Caso você domine outra língua, indique a língua e seu nível de proficiência. Língua: Digite aqui.

| | Muito baixo | Baixo | Razoável | Bom | Muito bom | Proficiente |
|------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| Leitura | <input type="checkbox"/> |
| Escrita | <input type="checkbox"/> |
| Produção oral | <input type="checkbox"/> |
| Compreensão oral | <input type="checkbox"/> |

Parte 2 – Atividade Tradutória

8. Você está cursando Bacharelado em Letras na UFRGS, Habilitação tradutor português-inglês?

Sim (vá para a pergunta 9) Não (vá para a pergunta 10)

9. Você cursou e foi aprovado nas disciplinas Tradução do Inglês I e Tradução do Inglês II?

Sim Não

10. Você recebeu formação específica em tradução? Marque “Sim” ou “Não” para cada opção. Quando marcar “Sim”, informe o ano de conclusão e a estimativa em horas do(s) curso(s).

| | | Ano de conclusão | Duração aprox. |
|--|---|-------------------|-------------------|
| Bacharelado em Letras (ênfase em tradução) | <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não | Escolha na lista. | Escolha na lista. |
| Especialização em tradução | <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não | Escolha na lista. | Escolha na lista. |
| Cursos livres em tradução | <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não | Escolha na lista. | Escolha na lista. |

11. Você tem graduação em outro curso? Sim Digite o curso aqui. Não

12. A tradução é sua principal profissão? Sim Não

13. Você tem outra profissão na qual utiliza a língua inglesa? Sim Digite a profissão aqui. Não

14. Há quanto tempo você traduz profissionalmente? anos e meses

15. No total, por quanto tempo você trabalhou em empresas de tradução? anos e meses

16. Quantas horas POR SEMANA, em média, você dedica às formas de tradução a seguir?

| | Inglês para português | Português para inglês |
|--|-----------------------|-----------------------|
| Projetos freelance | horas | horas |
| Trabalho CLT em empresa de tradução | horas | horas |
| Trabalhos para disciplinas da faculdade/cursos | horas | horas |
| Outro: Digite aqui. | horas | horas |

17. Ferramentas habituais de trabalho (marque todas que você utiliza diariamente para traduzir):

- PC/notebook
- Internet (glossários e dicionários bilíngues)
- Internet (*corpora*)
- Internet (mecanismos de pesquisa)
- Obras de referência (dicionários monolíngues, dicionários de regência, gramáticas etc.)
- Ferramentas de auxílio à tradução (SDL Trados Studio, Wordfast, XTM, Smartling etc.)

18. Que tipo de texto você mais traduz? Escolha até duas opções para cada direção.

| | Inglês para português | Português para inglês |
|--|--------------------------|--------------------------|
| Literário (romances, contos, ensaios etc.) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Científico (médico, químico, acadêmico etc.) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Publicidade (panfletos, anúncios etc.) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Audiovisual (dublagem, legendagem etc.) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Econômico (relatórios, orçamentos etc.) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Técnico (TI, engenharia etc.) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Jurídico (documentos legais etc.) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Negócios (cartas, termos etc.) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Juramentado (diversos documentos) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

19. Qual é a sua opinião sobre as perguntas a seguir? Marque UMA resposta para cada pergunta.

DT = Discordo Totalmente; DP = Discordo Parcialmente; CP = Concordo Parcialmente; CT = Concordo Totalmente

| | DT | DP | CP | CT |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| O cliente condiciona a forma como o tradutor deve traduzir o texto. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| O objetivo de toda tradução é produzir um texto-alvo o mais parecido possível em relação à forma do texto-fonte. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| O mesmo texto deve ser traduzido de maneiras diferentes dependendo do público-alvo. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| A maioria dos problemas de tradução pode ser resolvida com a ajuda de um bom dicionário. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Ao traduzir um texto técnico, a terminologia não é o maior problema. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| O texto traduzido deve manter os parágrafos e a ordem das frases como no texto-fonte. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Se o tradutor começar a traduzir o texto seguindo determinados critérios (p.ex. respeitando o formato do texto-fonte, adaptando o texto ao leitor-alvo etc.), esses critérios devem ser mantidos até o fim da tradução. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Quando o tradutor encontra uma palavra ou expressão que não conhece, o primeiro passo é buscá-la em um dicionário bilíngue. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Quando o tradutor encontra uma palavra ou expressão que não conhece, o primeiro passo é tentar descobrir o significado usando o contexto. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Ao traduzir um texto, o tradutor não deve se deixar influenciar pelo leitor-alvo. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Em alguns trechos é adequado traduzir literalmente, ou seja, palavra por palavra. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| As traduções literais nem sempre respeitam as regras gramaticais da língua-alvo. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| As traduções literais respeitam as regras gramaticais da língua-alvo, mas nem sempre soam naturais. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Enquanto você lê o texto-fonte, já pensa simultaneamente sobre como vai traduzi-lo. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| Com a exceção de provérbios, expressões idiomáticas e metáforas, a melhor maneira de traduzir sempre é palavra por palavra. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| O texto traduzido deve soar natural, ou seja, o leitor deve sentir que ele foi escrito originalmente na língua-alvo. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

APÊNDICE G — TEXTOS DA TAREFA DE TRADUÇÃO

TEXTO 1

The news story that dominated the world in 2018

In June 2018, a 12-boy soccer team and their coach decided to celebrate a teammate's birthday on an adventure into a cave in Thailand. Heavy rains flooded the cave and trapped them all inside. Two divers found them and treated minor wounds on some of the boys.

The boys did not know how to dive. The rescue team, which consisted of soldiers and expert divers, had to think carefully before deciding on the best course of action. Tech entrepreneur Elon Musk sent a mini-submarine to help, but his idea was severely criticized. When the oxygen level started to grow low and the risk of a lung infection commonly known as “cave disease” started to rise, the rescue team decided to act, even with the continuous light rain. The entire group was rescued, all in good health.

TEXTO 2

A great resume sells you to potential employers. Check out these tips to write a great resume.

1. Choose a template with a particular focus: use a chronological resume if you are not making a dramatic career change.
2. Putting a picture on their resume is a hot topic: it may help “put a name to a face,” but it wastes space.
3. Mention volunteer work: it is a strong indicator of genuine passion.
4. Show your problem-solving skills: briefly describe how you solved difficult problems you encountered in the past.
5. Describe the positive results you delivered and quantify your accomplishments to have better chances of being noticed.
6. Use the hobbies section to indirectly describe your personality: people make hiring decisions based 60% on skills and 40% on likability.
7. List references who speak enthusiastically about your skills: it can be a powerful influence on recruiters.
8. If specifically required, include salary information and bonuses of previous jobs, including health insurance.